

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

JULIANA MADDALENA DIAS

**Crianças e Favelas:
Percepções, Mediações e Sentidos**

Juiz de Fora, maio de 2010.

JULIANA MADDALENA DIAS

**Crianças e Favelas:
Percepções, Mediações e Sentidos**

Dissertação de Mestrado apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora por Juliana Maddalena Dias

Orientadora: Prof^a. Dra. Sonia Regina Miranda

Juiz de Fora, maio de 2010.

Dias, Juliana Maddalena.

Crianças e favelas : percepções, mediações e sentidos / Juliana Maddalena Dias. – 2010.

248 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.

1. Geografia – Estudo e ensino. 2. Favelas. I. Título.

CDU 91(07)

TERMO DE APROVAÇÃO

JULIANA MADDALENA DIAS

CRIANÇAS E FAVELAS: PERCEPÇÕES, MEDIAÇÕES E SENTIDOS

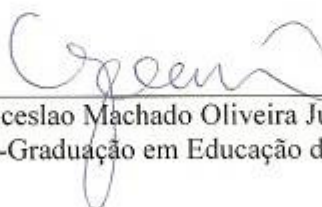
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pela seguinte banca examinadora:



Drª. Sonia Regina Miranda (orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF



Drª. Léa Stahlschmidt Pinto Silva
Programa de Pós-Graduação em Educação da UFJF



Dr. Wenceslao Machado Oliveira Junior
Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP

Juiz de Fora, 14 de maio de 2010

AGRADECIMENTOS

É chegado o tempo de sorrir e agradecer! Agradecer àqueles que me ajudaram na construção, no desenvolvimento e na apresentação dessa pesquisa. Cada um ao seu modo, com sua contribuição, seu olhar e todos com a torcida.

Agradeço a Deus por ter iluminado meus olhos neste encontro com a favela. Um encontro que passou a orientar meus caminhos, percepções e desejos de estudos e pesquisas. Um encontro que me fez carinhosamente ser conhecida como "a menina da favela". Um encontro repleto de encontros...

Agradeço ao meu pai Messias, à minha mãe Concetta e à minha irmã Isabela que desde o início quando minhas ideias ainda eram esboços já acreditavam e me apoiavam na busca da pesquisa. Um apoio que compreendeu até os momentos em que fomos privados da convivência em prol do exercício da escrita.

Agradeço ao meu amor Bruno que carinhosamente cuidou dos meus sentimentos nos bastidores da pesquisa. Um cuidado ao ouvir, falar e ao compreender meus desejos e anseios com este trabalho.

Agradeço ao grupo de estudos *Memória, História Ensinada e Saberes Escolares*, vinculado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, pelas reflexões que me proporcionaram e, principalmente, pelas decisões que me encorajaram tomar neste percurso. E não foram fáceis....

Agradeço aos membros dessa banca de defesa Professora Dr.^a Sonia Regina Miranda (Orientadora), professor Dr.^o Wenceslao Machado Oliveira Junior, professora Dr.^a Léa Stahlschmidt Pinto Silva, professora Dr.^a Maria Elena Ramos Simielli e professor Dr. Márcio Silveira Lemgruber, por me permitirem compartilhar minhas reflexões sobre favelas sob seus olhares atentos e cuidadosos com a segurança de quem já percorreu esse caminho.

Agradeço, preservando as identidades em nome da pesquisa, ao Colégio que me abriu as portas para ter contato com seu incrível universo de formação. À professora de Artes que gentilmente me doou os desenhos que se tornaram o grande objeto dessa pesquisa. E aos alunos pelas riquezas que comigo compartilharam através de seus desenhos e entrevistas.

Agradeço às minhas amigas que me permitiram ricas partilhas e por se tornarem grandes interlocutoras nos textos de minha vida. Em especial, agradeço à Clara, Estela, Flávia, Ju, Lelena, Mariana, Maria, e Manuella.

Agradeço à amiga Yara por me ajudar a dividir angústias, dúvidas e vitórias nesse intenso processo de Mestrado. Foram muitas as conversas, cafés, análises e reflexões que nos permitiam a sensação de viver o curso. Uma amiga para muitas caminhadas...

Agradeço a professora Dr^a Valéria Trevizani Burla de Aguiar por me inspirar sempre na busca pela ciência geográfica. Agradeço seus cafés recheados de conversas que me aproximaram ainda mais do ensino de Geografia. Um ensino que ela me mostrou, romper com as barreiras das distâncias ao aproximar pessoas e ideias de sua experiência.

Agradeço a minha orientadora Dr^a Sonia Regina Miranda. É! É preciso um ponto para respirar antes de agradecer-lá.... Agradeço a Sonia por escolher minha ideia de investigar favelas, ou melhor, por me escolher a partir de uma ideia. Sua escolha mudou minha vida! Agradeço a Sonia, professora de História, por me fazer reencontrar a Geografia Humanista e trazê-la ao encontro de minhas favelas. Agradeço a Sonia por fazer jus à sua atribuição de orientadora e por isso, em todos os momentos soube na medida e em tempo certo intervir em minha pesquisa. Agradeço por sua experiência que aguçou meus olhos para a leitura e meus ouvidos à escuta. Agradeço pelas conversas em que acolheu meus anseios e entendeu meu tempo de encontro no trabalho. Agradeço por sua força e segurança de quem caminha, ao me projetar à frente me fazendo acreditar que

é possível. Agradeço por sua incrível capacidade de enxergar pessoas, ideias e potenciais numa mistura que sempre leva o outro a crescer.

Lista de gráficos

G.1	Elementos dos 140 desenhos.....	87
G.2	Elementos de moradia nos 140 desenhos.....	91
G.3	Elementos de Transporte nos desenhos.....	100
G.4	Desenhos e Pichações.....	105
G.5	Tipos de pichações.....	105
G.6	As pessoas nos desenhos.....	110
G.7	Forma de representação das pessoas.....	110
G.8	Atitude das pessoas nos desenhos.....	110
G.9	Elementos de Violência.....	113
G.10	Elementos de Diversão.....	117
G.11	Elementos de Prestação de serviços.....	120
G.12	De onde os alunos conhecem a favela?.....	124
G.13	Em qual "programa" viu uma favela?.....	126
G.14	Favela tem cheiro de quê?.....	139
G.15	Qual cor a favela tem?.....	141
G.16	Qual o som da favela?.....	145
G.17	O que sentem quando pensam em favela?.....	148
G.18	As pessoas nos desenhos.....	190
G.19	Cotidiano dos moradores visto pelos alunos.....	191
G.20	O que tem de bom na favela?.....	218
G.21	Conheceria uma favela?.....	223

SUMÁRIO

1. Resumo.....	9
2. Uma trajetória em torno de um objeto: deslocamento de uma questão de prática docente a uma questão de pesquisa.....	11
3. Geografias e outros saberes diante de um objeto plural: Encontros e Desencontros com a Geografia na busca pela relação Espaço, Lugar e Identidade	37
4. Do contexto aos textos: o cenário trazido pelos desenhos.....	85
5. Os sentidos que orientam o sentido: a favela sentida pelos alunos...	137
5.1. "No Rio não pode porque lá tem favela...": os sentidos que despertam os medos.....	151
5.2. "Ah! Na favela tem muita festa": os sentidos da alegria no cotidiano da favela.....	189
5.3. "Fico triste e tenho vontade de ajudar essas pessoas": os sentimentos pela favela que levam os sujeitos à atitude.....	216
6. Ao final, algumas considerações.....	231
7. Referências.....	242

RESUMO

A temática da favela tem sido abordada no ensino de Geografia como um espaço de ausências, principalmente, de infraestrutura urbana. Existe um silenciamento da pluralidade presente entre os espaços e lugares de seus moradores, justamente, em uma disciplina que se coloca na busca por um olhar crítico na formação do cidadão. Todavia, o saber escolar não se configura como exclusiva mediação na construção da noção de favela pelos alunos. Neste sentido, se na cultura contemporânea são inúmeros os modos do sujeito tecer sua aprendizagem espacial, por que não investigar como as crianças percebem e concebem a ideia de favela? Ouvir os alunos para compreender aquilo que media suas experiências com o espaço favela proporciona uma reflexão acerca de uma temática que está posta a todos- na cidade, na TV, nas conversas- e, de modo espacial, suscita o debate em torno da formação de professores. Diante de muitas geografias e da pluralidade das favelas, esta pesquisa procurou com base na Geografia Humanista ouvir crianças a partir de seus desenhos para conhecer como esses atores sociais percebem os sentidos das favelas.

Palavras Chaves: favela, ensino de Geografia, aprendizagem espacial, cultura contemporânea, lugar

ABSTRACT

The issue of slums has been addressed in the teaching of geography as an area of absences, especially in urban infrastructure. There is a silencing of the plurality present between the spaces and places for its residents, just in a discipline that arises in the search for a critical look at the individual development. However, the school does not know how to setup exclusive mediation in the construction of the concept of slum students. In this sense, if in contemporary culture there are many ways to weave their learning of the subject space, why not investigate how children perceive and conceive the idea of slum? Listening to the students to understand what media their experiences with the slum area provides a reflection on a theme that is called the all-in town, on TV, in conversations, and, in space, raises the debate on the formation of teachers. Before many geographies and the plurality of slums, this research sought based on the Humanist Geography hear children from their drawings to know how they perceive the social meanings of the slums.

Keywords: slums, teaching geography, spatial learning, contemporary culture, place

Uma trajetória em torno de um objeto: o deslocamento de uma questão de prática docente a uma questão de pesquisa....

Um dia enquanto trabalhava a temática "Fatores de localização industrial", questionava os alunos sobre os motivos que levaram uma multinacional a ter escolhido uma cidade do interior e não uma grande cidade para sua sede. Foi quando um aluno imediatamente levantou a mão e com um olhar de quem tinha a resposta disse: "Esta empresa jamais poderia ir para o Rio de Janeiro porque lá ela ia ser assaltada todos os dias". Perguntei o porquê e ouvi: "Por que lá tem muita favela e tá cheio de bandidos". Naquele momento o aluno chegou a pronunciar os nomes dos bandidos "mais famosos" veiculados nos noticiários.

Com esta situação fiquei a pensar, como aquele aluno que me disse nunca ter ido ao Rio de Janeiro, falava com tamanha convicção e raciocínio elaborado sobre o tema. Ele trouxe elementos em sua fala associados à mídia, como os nomes dos traficantes e, a partir deles estabeleceu sua associação de violência à cidade que tem favelas. Não posso descartar que isso seja uma forma de experimentar o assunto, afinal, ele viveu imagens através de seus sentidos e construiu um raciocínio e uma concepção temática. Ele se sentiu afetado pelas imagens que tocaram seus sentidos e, assim, foi possível que experimentasse uma noção entre Rio-favela-tráfico. Mas se ele nunca foi aquele lugar, por que temê-lo? Se existiu o temor existiu, também, alguma forma de experimentá-lo.

Aquele incômodo refletia um embate em mim: qual era o conceito de favela? Seria aquele geográfico e categórico ou aquele abordado pelo aluno? Como deveria me comportar como professora de Geografia diante deste questionamento? Por que me sentia tão incomodada com tal situação? Por que sentia que deveria haver pudor para abordar a temática da favela?

Um conceito. Como procurei um conceito único e fechado sobre favela! Acreditava que o encontraria nesta pesquisa! Quantas crenças se ruíram...

A ideia de conceito único também refletia a intenção de um exclusivo olhar geográfico para a realidade a ser investigada. Outra ruína! Diante de tantas geografias como buscar uma favela? Ou diante de tantas favelas como buscar um olhar geográfico?

Nessa ciência do espaço que busca a relação entre Sociedade e Natureza, a favela pode ser vista sob várias perspectivas de acordo com as correntes do pensamento geográfico.

No Mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, acreditava que pesquisaria e falaria sobre o processo de formação das favelas; o que a criança pensa sobre o tema, e ao final, o que o professor faria com tal relação. O que iluminava minhas ideias era pensar no professor de Geografia frente ao conceito de favela!

Nesta perspectiva estava consolidado o pensamento que identifica a carga pragmática que o professor carrega em sua responsabilidade de retorno à sala de aula com respostas para outros professores. O foco de trabalho estava deslocado do aluno como sujeito para o professor como "responsável" por abordar a temática da favela. Ainda não havia compreendido que deveria girar este olhar para compreender o aluno em seu processo de formação como indivíduo.

As dúvidas continuavam justamente pelo caráter da disciplina que me graduou: a Geografia. Esta é a disciplina que tem dirigido meu olhar ao que procurava para a realidade na qual estou inserida. Fui escolhida por uma ciência que se focaliza com múltiplos olhares na relação de mão dupla entre Natureza e Sociedade. Com ela posso abordar seus eixos temáticos e, sobretudo, trabalhar com os alunos o modo como veem tal relação, e principalmente, como se

posicionam diante dela. Muitas disciplinas foram decisivas em minha graduação, no entanto, é necessário destacar a temática que fortemente se relaciona com meu incômodo: o espaço urbano.

Este espaço com suas contradições se apresenta como um tema muito instigante, vivo e desafiador. Um segmento da Geografia que confronta em sala de aula a vivência diária e a construção de conceitos que são, muitas vezes, antagônicos à experiência de vida dos alunos. A maior parte da população vive na cidade, mas como a percebemos? Como tecemos nossas relações a partir de nossas percepções? São perguntas que me acompanham quando me desloco por entre ruas das cidades. Ou seja, busco essa vivacidade da temática no silêncio do conceito. Algo que notoriamente não combinava e precisava ser lapidado...

O Espaço Urbano se apresenta como um lugar de encontro, desencontros, de circulação de pessoas e mercadorias, e também, como espaço de segregação. Toda esta desigualdade em cartaz nas cidades deixa como seqüela uma segregação sócio-espacial que há muito me incomoda e inquieta, e dessa forma, o ensino da Geografia permite-me que possa diagnosticar, prognosticar e propor alternativas diante das situações analisadas. Assim, esta disciplina me permite fazer uma leitura do mundo estando nele inserida.

Já que esta temática é duramente acompanhada pelas desigualdades sociais e, como elas sempre estiveram presentes em minha realidade, não há como fugir desse encontro.

O desejo de buscar a pesquisa foi gerado quando lecionava para alunos de classes sócio-econômicas opostas e dividindo a mesma escola em turnos diferentes. Sentia um forte incômodo com o modo como se viam e se percebiam no mesmo espaço. Além disso, como era difícil abordar as desigualdades do espaço urbano com quem as vivia. No entanto, um tema se despontava como o mais "delicado": as favelas.

Para os alunos da noite, que eram adultos e com baixíssima renda econômica, as favelas por eles eram chamadas de comunidades nas quais possivelmente poderiam viver. Para os alunos do dia, em idade regular e de elevadíssimo poder econômico, as favelas eram lugares de criminosos e fábrica de balas perdidas. Com estes adultos e crianças, também transitei entre classes sociais que ocupavam o mesmo espaço. Mas como me incomodava o uso diferenciado e modo como se percebiam no espaço. Mas onde me encontrava nesse duelo de saberes? Onde a Geografia conceituava tal realidade? Afinal, o que era a favela?

A Geografia que me graduou não me deu o discernimento necessário para que neste ponto eu pudesse transitar entre o saber acadêmico e aquele vivido pelos alunos. Não conseguia visualizar como faria para não "agredir" o conhecimento que sistematizei e nem "calar" aquilo que os alunos viviam e pensavam acerca da favela. Esse confronto interno despertou em mim sentimentos que me levaram a ter receio e "pudor" para tratar o tema. Mas um comentário que ouvi em uma conversa informal merece ser inserido neste momento do texto: "Você fala de favela nas suas aulas?! Mas como pode? Favela e favelado não são coisas, sei lá, um modo de falar dos pobres? Não sei...quase que uma gíria... Como você, professora de Geografia, fala de favela?"

Precisava ou não de "pudor"? A favela faz parte, sim, dos conteúdos abordados pela Geografia, o próprio IBGE, trabalha com a ideia que é um "aglomerado subnormal (favelas e similares) é um conjunto construído por no mínimo 51 unidades habitacionais (barracas, casas...), urbanização e/ou de precariedade de serviços públicos essenciais e muitas outras." Mas de onde vem essa dificuldade de tratar o tema? Por que eu sentia tanto "pudor? Por que as favelas e favelados são associados ao medo? Com as pessoas têm se visto a partir do lugar onde tecem suas relações? Definitivamente, meu receio não era o

enfoque dado pelo IBGE e sim o desejo de falar sobre as relações estabelecidas na favela e a partir dela.

Cheguei ao Mestrado sem entender o porquê de tanto "pudor" geográfico. Esse receio como professora me fez desejar compreender qual deveria ser o papel do professor diante de situações como essa. Essa era minha ideia inicial: saber qual o papel do professor de Geografia frente a estes conceitos: favela, favelados e favelização. Mas tudo se dissolveu....

Em meio a essa liquidez, a rigidez da Geografia da graduação foi se esfacelando aos meus olhos. Mas não para ser abandonada, ao contrário, para ser assumida como pressuposto de trabalho nesta pesquisa. Iniciei o Mestrado acreditando que existe um discurso geográfico oficial que é refletido nos livros e, ao longo do percurso fui percebendo que são inúmeros os modos de se tecer a noção de favela. De que adiantava trabalhar somente a definição do IBGE se o que fica aos alunos é o que vivem ou trazem acerca do tema? Como faria para repensar a categoria Espaço como algo mutável no interior do discurso geográfico?

O primeiro passo foi dado: era necessário um retorno à epistemologia do pensamento geográfico. Ao fazer releituras daquilo que me formou, pude compreender as mudanças e amadurecimentos que vivi neste período. Meu foco de leitura estava na busca de uma Geografia que pudesse abarcar meu desejo de pesquisa. Neste caminhar reencontrei Y-Fu Tuan. Quanta solidez vi em suas palavras na relação com meu tema, era a noção de Topofilia invadindo aquele meu "pudor". Seu pensamento com a Geografia Humanista me fez compreender que existem, sim, diferentes modos de se ver, relacionar e assim, perceber o lugar. Dessa forma, passei a desejar entender como meus sujeitos de pesquisa veem a favela.

Naquele momento identificava a força do movimento que havia feito. Conseguira me afastar e romper com ideias que carregava sobre favela e Geografia e, simultaneamente, estava a me aproximar, ainda mais, da ciência que me graduou. O que saltava aos meus olhos nessa noção de Topofilia era a riqueza e a força da experiência pessoal na visão sobre o lugar. Ou seja, como as experiências do indivíduo interferem na forma como ele percebe um determinado lugar. Sentia-me seduzida pela ideia de vislumbrar a riqueza que se estende na capacidade de perceber o meio a partir dos sentidos. O que pensam e sentem as pessoas sobre as imagens de casas inacabadas, ruas com lixo e cheiro de esgoto? Essas perguntas envolvem sentimentos e sentidos que estão imbuídos de crenças e valores e que se tornaram os óculos para a observação de determinada realidade.

Com essas perguntas, o que busco não é uma Geografia estática e indiferente ao meio, pelo contrário, busco uma que está nele inserida e ao mesmo tempo procura vê-lo de fora. Não é uma Geografia que apenas relata as imagens e impressões de viagens, ela procura conectar pessoas e lugares. Não é uma Geografia que se limita a quantificar as pessoas, seus problemas e lugares, ela procura compreender o que são problemas para aquele grupo de pessoas daquele lugar. Mas ao mesmo tempo todas elas foram necessárias neste processo de distanciamentos e aproximações ou de negações e afirmações geográficas.

A partir da relação entre percepção e topofilia separo-me da busca por um conceito fechado sobre favela e encontro-me na amplitude do reflexo das relações humanas entre si e com o meio. Adjacente a essas relações estão noções e concepções que os sujeitos tecem sobre a noção de favela. Desse modo, não há uma representação conceitual de favela, e sim, a busca pelo encontro de apresentações que os alunos fazem sobre essa noção.

Ao ler e me reencontrar com as grandes correntes geográficas, pude definir com clareza de onde partir. Não para me prender, mas para estar atenta à minhas origens formadoras. Agora compreendo o que ou quem norteava minha fala, mesmo que de modo implícito ou inconsciente desejava estudar a concepção da noção de favela pela criança a partir do olhar da Geografia, porém, focada no papel do professor. De fato precisava me aproximar do pensamento geográfico para reconhecer, identificar e escolher para, então, dos outros, neste momento, me afastar. Hoje, vejo minha aproximação ao geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (nascido na década de 1930 e com vida acadêmica consolidada nos Estados Unidos) e com a Geografia Humanística focalizada na Geografia da Percepção, a partir dos quais continuarei meu texto.

Segundo Christofolletti (1982), a Geografia Humanista teve como base nomes como Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relph e Mercer e Powell, valorizando a experiência vivida do indivíduo. Neste trabalho, como já explicitado, deter-me-ei nas noções de Tuan.

De acordo com Christofolletti, "a Geografia Humanística procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares." (p.22). Com essa valorização, os indícios pelos quais me aproximei dessa Geografia começam a se delinear. Eis um olhar para o indivíduo, seu comportamento e sua relação com o lugar, finalmente uma aproximação com o que busco: o sujeito e não apenas o espaço-favela.

Com a noção de que "para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente" (Christofolletti, 1982, p.22), oriento esse trabalho. Ao valorizar a percepção, atitudes, gostos e particularidades dos lugares, a Geografia Humanista diferencia espaço e lugar, que serão discutidas na relação

com a identidade e comunidade trazidas por Bauman no contexto da modernidade.

Pelo o que descrevo, a favela será utilizada como cenário de aproximação com os sujeitos investigados. Todavia, essa não foi uma escolha simples e precisa ser registrada.

Quantas vezes ficamos horas diante de um papel esperando pelo encontro com as palavras? Quantas vezes o silêncio cala o turbilhão de palavras ao redor? Quantas vezes ouvimos que "uma imagem vale mais do que mil palavras"? Quantas vezes... Mas, em que estas questões se aproximam de minha pesquisa?

Acredito e busco a menor artificialidade possível em uma pesquisa, ainda que não seja na quantidade desejada e mesmo que seja numa porção ínfima do tempo. Quando me refiro à artificialidade, imagino a rigidez e a não espontaneidade pertinentes à pesquisa. Mas, quando me refiro a uma menor artificialidade, estou admitindo sua participação na pesquisa, no entanto, também vejo espaço para alguma metodologia que fuja dos enquadramentos formais e busque o sorriso, a conversa e, desse modo, o encontro com o outro. Poderiam questionar-me dizendo que a formalidade também ofereceria tal encontro, mas, provavelmente sem a leveza do sorrir e, quando destaco o sorrir, estou enfatizando o desejo de que o sujeito seja investigado por sua contribuição oral e, também, pela corporal. Ou seja, se o momento investigativo gera a tensão da artificialidade, então essa tensão refletida no corpo também é passível de ser analisada.

Perante essa procura em adequar o tema favela com os sujeitos da pesquisa - crianças, a solução se deu através da linguagem utilizada. A linguagem está presente no que falamos, escrevemos ou pensamos e, se apresenta como um elo na corrente da comunicação. Dessa forma, o que busco é fazer da linguagem

do instrumento de pesquisa algo que una, que interceda, o pensamento do sujeito e do pesquisador. A linguagem precisou ser um instrumento facilitador e de aproximação entre os indivíduos, para que dessa forma, o objetivo pleiteado possa ser alcançado. Ela permitiu que a multiplicidade de vozes, no sentido bakhtiniano, seja refletida na pesquisa.

Mas para compreender como se deu esse processo em minha pesquisa, é preciso resgatar alguns pontos dessa caminhada...

Certa vez uma professora de artes me procurou na escola para contar-me de um trabalho que seus alunos haviam feito e que talvez tivesse algo para auxiliar minha pesquisa. Foi quando ela revelou: "pedi aos alunos que desenhassem uma favela". Ao ouvir tal frase, no mesmo instante senti uma forte empolgação por conhecer os desenhos sem sequer imaginar que aquele encontro mudaria minha vida!

Apesar de saber que trabalharia com a elaboração de desenhos na pesquisa, o foco estava no ato de desenhar e nos possíveis diálogos que este momento poderiam me proporcionar. Mas como disse, no meio do caminho havia um pacote de desenhos....

Quando entrei em contato com aquele volume de desenhos, 140 para ser mais precisa, me deparei com uma riqueza nas mãos! Via aquilo que deseja ver após o trabalho de campo, porém os vi antes da Qualificação. Dessa forma, escolhi alguns e os coloquei em meu texto para elucidar aquilo que gostaria de trabalhar após aquele momento. Apesar de significarem para mim apenas um anexo a meu texto, comecei a ouvir repetidas vezes e de diferentes pessoas: "como assim, você não irá utilizar esses desenhos?". Com um sorriso encabulado, minha resposta era tímida e simples: "Ué, não!".

Uma resposta tímida saía de mim e já era um sinal de que algo não ia bem... Aquele era o encontro entre minha razão e meu desejo. A primeira me

dizia: "É mesmo! Eles têm razão! De fato tenho um volume e uma riqueza que não posso desperdiçar em minha pesquisa...É verdade! Como não pensei em utilizá-los antes?" Em contra partida, o segundo me angustiava: "Mas e o encontro com as crianças? E o momento da elaboração dos desenhos? E o friozinho na barriga da pesquisa?". E o pior, pensei que estes desenhos deveriam cair num buraco negro sem deixar rastros em minha pesquisa. Só assim poderia continuar a seguir meu caminho....A questão é que não só isso não aconteceu, como também eles ganharam força dentro de mim, digo, de fora para dentro de mim.

E foi o que ocorreu. Passei a acreditar na possibilidade de desejar aqueles desenhos em minha pesquisa. E era um desejo pensado. Analisei e vi que de fato não fazia sentido desperdiçar aqueles desenhos...

Comecei então, o processo de apropriação daquela riqueza. Precisava tomar posse daquilo que preenchia meus pensamentos. Vasculhei os arquivos com as fotografias dos desenhos que na ocasião registrei para guardá-los, procurei os meios legais para utilizá-los.

E no meio do caminho havia um pacote de desenhos. Eles passaram, então, a ser os desenhos de minha pesquisa! Passei a amar a ideia de encontrar alunos que estavam deslocados temporalmente do momento que elaboraram seus desenhos. E a razão e o desejo? Encontraram-se no momento das entrevistas quando me depararei com realidades e sujeitos encantadores! E estes encantos? Ah! Eles estão me levando à dissertação, justamente porque no meio do caminho havia um pacote de desenhos....

Eram desenhos que expressavam aquilo que os alunos conheciam ou imaginavam sobre uma favela. Ora, e o que eu buscava então? Comecei, naquele momento, a amadurecer a ideia que me apontava o desejo de conhecer aqueles autores.

Ao olhar cuidadosamente cada um dos trabalhos, inúmeras foram as questões que surgiam e maior era o desejo de perguntar "o que é isto?" , " por que desenhou isto?", "você já foi a uma favela?". Se meu objetivo era ir a campo para pedir aos alunos que desenhassem o que pensavam de favela, passei a precisar dar oportunidade ao diálogo, uma vez que os desenhos já estavam comigo. Neste sentido, ter um considerável número de desenhos, não significava produzir um trabalho quantitativo onde eu pudesse ter um encontro solitário entre mim e os desenhos. Significava, sim, o aumento do desejo da busca pelo outro.

Encontrar esses alunos e selecioná-los? Como fazer tal recorte para a pesquisa? Se meu intuito era uma aproximação, o primeiro passo portanto, era fazê-la! Pelos desenhos não era possível um reconhecimento imediato dos alunos, tendo em vista que muitos assinavam apelidos ou o deixavam de forma ilegível. Tão pouco poderia buscá-los por turma, uma vez que os alunos já haviam trocado de série e, com isso, havia alterações nas configurações das turmas. Foi então, que com a autorização da escola, passei a frequentar o recreio com os desenhos em mãos...

Quando avistei o primeiro grupo de alunos do 8º ano, me apresentei como professora de Geografia e disse-lhes que estava com os desenhos que elaboraram quando estavam no 7º ano nas aulas de Artes. No momento em que disse isso, as alunas que ali estavam arregalaram os olhos e perguntaram por que aqueles desenhos estavam comigo. Respondi que a professora havia me mostrado, que gostei muito e que gostaria de conhecer seus autores. Ao dizer que gostei, os olhos brilharam e os sorrisos brotaram tão logo a pergunta: "E do meu, você gostou?".

Ao ouvir aquela pergunta comecei a imaginar inúmeras reações de outros alunos. Não poderia escolher este ou aquele desenho. Não queria despertar a

dúvida "por que o meu não foi escolhido". Se queria dar movimento a série para que se lembrassem e conversassem sobre algo que fizeram há um ano, tive uma ideia. Respondi àquela aluna que sim, que havia gostado, e que por isso, gostaria de conversar com ela sobre seu desenho para que eu pudesse desenvolver meu trabalho do mestrado.

Repeti a cena em mais alguns grupos e pedi que aqueles alunos perguntassem em suas turmas se mais alguém gostaria de conversar comigo sobre o trabalho. Disse que voltaria após três dias para anotar os nomes daqueles que deveria procurar depois.

Ao voltar para o recreio percebi que assim que me avistaram os alunos começaram a se movimentar. Apesar de não ter dito que meu trabalho era sobre favela, ouvi "Vamos falar com a Juliana, ela que está fazendo um trabalho de favela para a Universidade." Comecei a anotar os nomes dos voluntários, e enquanto isso, os próprios alunos iam reconhecendo os desenhos e dizendo de quem eram aqueles que eu desconhecia. Essa situação se repetiu mais alguns recreios até que pude confirmar com 22 alunos, apesar de sentir que se tivesse continuado por ali esse número iria aumentar a cada visita. No entanto, era prudente delimitar aquele universo de pesquisa de acordo com o tempo hábil de sua execução.

No entanto, diante deste contexto onde busquei a percepção do sujeito, não podia negar a percepção do pesquisador também ali envolvida. Para melhor canalizar este potencial, escolhi trabalhar com a entrevista semi-estruturada junto ao desenho como instrumento de interlocução e estar atenta à linguagem verbal e não-verbal presentes no momento.

O instrumento de pesquisa adotado foi a entrevista semi-estruturada que permitiu segundo, Menga Luke e Marli André (1986, p.34), uma captação imediata da informação desejada que permite tratar assuntos pessoais e de

natureza complexa relacionados ao tema de investigação. As perguntas serviram de roteiro para facilitar uma interação com o sujeito da pesquisa e para se alcançar os objetivos pré-definidos.

Nesse sentido, no contexto de minha formação, "o geógrafo Humanista deve obviamente ter habilidades linguísticas, deve desenvolver uma sensibilidade para com a linguagem de modo que possa ler, por assim dizer, as entrelinhas de um texto e ouvir o que não foi dito em uma conversação." (Tuan, 1980, p.159). Isso é o que busquei na minha pesquisa através do desenho da criança. Busquei uma alternativa de linguagem que pudesse me permitir ler sua imagem, ouvir seu pensamento e ver sua postura a respeito da favela, uma vez que para o autor, é "através da interpretação da experiência humana ela mostra o lugar pelo sentimento." (p.162)

Com a Coordenação, procurei agendar os melhores horários para os alunos serem entrevistados. No momento oportuno íamos para uma sala que possuía apenas almofadas no chão, onde podíamos sentar com menos formalidade. Para cada aluno, levava seu desenho impresso, para que durante a conversa pudessemos tocar e melhor observar seus detalhes. Neste momento mais individual, explicava-lhes melhor a temática da pesquisa e sobre a necessidade da autorização de seus pais sob os desenhos e suas participações.

Os momentos que antecederiam a pesquisa descreviam o real envolvimento, ansiedade ou despojamento dos alunos que se dispuseram a conversar sobre favela. Alguns se entusiasmavam por estarem fora de sala de aula, outros demonstravam um verdadeiro orgulho na participação da pesquisa, ainda havia aqueles que foram motivados pelo convite e participação dos colegas. Apesar do grau diferenciado de ansiedade de cada um, os alunos não demonstravam medo ou alguma postura agressiva à pesquisa, pelo contrário, à medida que os dias iam passando, os alunos com mais vontade aguardavam sua vez. Essa vontade era

refletida nas perguntas ou comentários que ouvia: "Hoje é o meu dia?"; "Ah que bom! Hoje sou eu"; "Pensei que não fosse mais conversar comigo..."; "Todos os dias eu olhava para a porta para ver se você ia me chamar."

Outro aspecto interessante se dá no ato de lembrar ou esquecer o momento da elaboração ou o próprio desenho. Como eu possuía as fotos dos desenhos, alguns entusiasmados, chegaram a procurá-lo em casa, mas sem a certeza de o terem recebido de volta pela professora. A maioria quando olhava, sorria encabulada por ver aquele desenho feito na série anterior. Outros ainda, diziam nem lembrar mais daquele desenho. Neste sentido, alunos trouxeram detalhes, que foram repetidos por outros colegas, do momento em que elaboravam a atividade, e ainda se recordavam das explicações dadas pela professora. Outros, não lembravam o porquê do desenho nem detalhes daquele dia. Muitos chegaram a descrever o comportamento da turma do momento da tarefa e, ainda, trouxeram comentários feitos por outros colegas na hora da execução. O interessante é que as entrevistas foram feitas individualmente e com grupos de amigos distintos, no entanto, a lembrança dos comentários, da explicação e do comportamento da turma, eram comuns em muitas falas. Existem, portanto, lembranças individuais sobre os motivos que levaram aqueles traços e aquelas que foram construídas na turma através do momento da elaboração. Esse aspecto é importante ser destacado, pois ele será influente na análise dos desenhos por turma, como veremos mais adiante.

Apesar de explicitar a escolha por entrevistar 22 alunos do 8º ano e que elaboraram os desenhos numa série anterior, é preciso destacar quatro pontos: o contexto da elaboração dos desenhos, bem como a descrição dos sujeitos; o aspecto positivo desse deslocamento temporal; a escolha dos desenhos e, em que momento o conjunto dos 140 desenhos foi explorado na pesquisa.

O primeiro ponto a ser explicado está no contexto de elaboração dos desenhos descrito pela professora que conduziu a proposta.

A ideia inicial da professora em propor aos alunos de quatro turmas de 7º ano do Ensino Fundamental, em 2008, a realização de um trabalho de artes sobre as favelas, veio de uma inspiração a partir do pensamento de Lílian Amaral que enfatiza a importância do “praticar o lugar, os diferentes lugares da cidade, vislumbrar frestas, intervalos e ativar potencialidades”.

Tomando como base a arte como experiência, expressão de subjetividade e comunicação, “Interterritorialidade” propôs encontros e leituras: “do eu com o outro”, leituras da cidade/leituras do mundo, compondo e recompondo imaginários urbanos, desde os fragmentos, dos espaços e experiências, aos inúmeros lugares para constituir-se em imagem coletiva do corpo da cidade, inabarcável, mutante, híbrida, transitória.¹ [...] “Interterritorialidade” operou com a ideia de que o papel do artista é criar uma arte que provoca o processo de pensar, de arte comprometida com a criação de uma linguagem da percepção, que permite a flutuação da informação entre sistemas estranhos um ao outro, eliminando fronteiras para provocar novas associações e analogias.²

Diante desta perspectiva houve uma reflexão sobre a possibilidade de sinergia entre a Arte e a Geografia formando um elo de transposição expressiva do repensar do aluno acerca de seu espaço vivencial. Surgiu uma inquietação instigadora quando diante de suas questões, a professora de artes veio ao encontro com o pensamento e consideração do ensino da arte como a articulação de ações do ler, do fazer e do contextualizar diante da realidade sociocultural.

Utilizando a arte como linguagem, no início de uma das aulas da professora, buscando aguçar a sensibilidade, houve uma provocação por parte dela e uma

¹ BARBOSA, Ana Mae.; AMARAL, Lílian (org.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2008. p.52-53.

² BARBOSA, Ana Mae. “*Lilian Amaral e o corpo poético*”. Em BARBOSA, Ana Mae.; AMARAL, Lílian (org.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2008. p.55.

motivação para que estes participassem expondo suas principais ideias a respeito do ambiente.

Após este debate inicial, a professora entregou uma folha de papel canson A4 para que cada aluno criasse uma favela, de acordo com sua visão pessoal. Disponibilizou canetas nanquim (Fine pen) de cores variadas: azul, verde, preta e vermelha, para que escolhessem uma das cores para encobrir os esboços iniciais e promovessem traços simples, cuja técnica específica é o desenho linear, com detalhes e utilização de hachuras e pequenos riscos para valorizar algumas áreas de sombra e contornos.

A professora ainda relatou a riqueza de detalhes, a empolgação dos alunos na realização destes trabalhos, o capricho com que desenvolveram as ideias e, principalmente, a variedade e originalidade dos desenhos.

Logo após, foram montados dois painéis em MDF, recortados em forma de morros, onde foram feitos recortes, a montagem e a colagem de todos os desenhos formando um painel conjunto que participou de uma exposição na escola.

O segundo ponto se dará pela descrição dos sujeitos. Antes de justificar sua escolha, ressalto que suas identidades serão preservadas assim como o nome do colégio que me autorizou a pesquisa e o da professora de Artes que me doou os desenhos. Neste sentido, apresentarei os desenhos e os trechos das entrevistas despojados de quaisquer juízos de valores sobre suas participações. Assim, o sujeito que encontro para iniciar esta busca investigativa é o aluno ao final de sua infância, escolhido por seu olhar e por desejar dar-lhe voz através da pesquisa neste cenário urbano no qual a favela se insere. Encontrei alunos de uma escola particular e que não são moradores de favelas. No entanto, a relação individual que cada um tem com a favela será melhor explicitada ao longo dos capítulos.

A justificativa para a escolha do olhar da fase entre a infância e a adolescência se sobrepõe em uma tripla ideia desse sujeito: Primeiramente porque esse aluno é um ator social inserido em um contexto urbano no qual mantém relações. Portanto, como percebem esse cenário de profundas transformações sociais? O segundo motivo encontra-se com a faixa etária em questão, ou seja, se ele está em fase de formação pessoal e escolar, quais são as representações de favela que têm em sua formação? Quais são hoje as práticas sociais de memória que atravessam o ser criança e a constituição do sujeito que pensa e reflete o mundo? E o terceiro, pouco mais futurista, alcança o crescimento do aluno. Logo, qual o fio formador de identidade? Ele, provavelmente, o tem carregado e o carregará em sua vida?

Dessa maneira, outro ponto que destaco em meu recorte sobre a idade dos sujeitos é o porquê objetivei investigar criança até 12 anos por um critério simples: o de acordo com o conteúdo programático de Geografia, a temática da favela abordada no contexto do espaço urbano na 6ª série ou 7º ano. Se desejo investigar crianças que em tese não estudaram tal conteúdo na escola, devo priorizar esse recorte etário. Quando destaco meu anseio por investigar essa temática antes de ter sido estudada na escola, destaco e valorizo a experiência que a criança tece e acumula em seus espaços e nas relações que estabelece, assim, serão elas meu foco de observação, e não uma discussão conceitual e geográfica sobre a favela. Trabalhar com a faixa etária antes do estudo formal sobre o tema é possibilitar extrair as percepções dos alunos sobre sua realidade urbana sem os meios balizadores dos saberes escolares que não se apresentam nesse foco de análise.

Porém, antes de prosseguir, gostaria de justificar os modos como tenho me referido aos sujeitos de minha pesquisa. Oscilo entre criança e aluno. Ao pensar na criança lembro-me dos sujeitos no momento da elaboração de seus

desenhos ao final de sua infância quando tinham entre 11 e 12 anos. Em contrapartida, sempre penso que esses sujeitos foram entrevistados por estarem inseridos no contexto escolar como estudantes. Portanto ao expressá-los como alunos penso nesses sujeitos que do momento da elaboração dos desenhos à entrevista, possuíam entre 11 e 13 anos.

Com esses sujeitos, a utilização do desenho como uma narração gráfica me permitirá a visualização do que tem sentido e significado para a criança em sua noção de favela, permitindo a compreensão desse espaço aberto e se existe esse distanciamento do conceito fechado de favela que inicialmente procurava. Ao perceber esses sentidos, será possível alcançar quais os valores sociais, históricos e culturais que permeiam o pensamento da criança antes de estudar o tema na escola. Dessa forma, poderá se identificar quais os fios de memória pública que perpassam as relações sociais das crianças sobre a noção de favela.

Já imbuído desse sentido que é despertado pelos valores que são atravessados na formação do sujeito, encontramos o segundo ponto mencionado no início do texto: o aspecto positivo do deslocamento temporal entre a elaboração dos desenhos e a fase das entrevistas.

Apesar da escolha prioritária por uma série na relação com seu conteúdo programático pude, justamente, encontrar alunos distribuídos temporalmente em sua formação pessoal e acadêmica. Pude transitar entre o que acreditavam pensar sobre favela e o que, de fato, pensam atualmente.

Neste sentido, quando os alunos reencontravam seus desenhos muitas foram as reações. Vergonha, risos, vontade de tocar com as mãos, vontade de não olhar para o que tinham produzido e, sempre, muitos olhares de imaginação. Essa imaginação orientou a maior parte da fala dos estudantes. "Será que na hora pensei isso?", "será que era isso que queria dizer", "Por que fiz isso?". Com essas dúvidas foi possível um diálogo entre o que provavelmente pensavam sobre favela

e o que pensavam no momento da entrevista. Esse deslocamento permitiu ver amadurecimento nas falas, na organização do pensamento e as mudanças de uma passagem de série escolar. Além disso, os alunos puderam contrapor valores representados por eles e aquilo em que crêem sobre as favelas e os favelados. Era como se estabelecessem um diálogo interno e outro comigo no ato da entrevista.

Os diálogos com os alunos permitiram analisar o reflexo do mundo externo no interno: interação da criança com a realidade. "Pela interação com 'o outro', cria-se um funcionamento individual de ação, visto que é do plano intersubjetivo que emergem as capacidades que vão sendo internalizadas. Nesse plano, a criança cria a capacidade de ser agente (inter)ativa no processo de aquisição do conhecimento." (Ferreira, 1998, p.51). Se pude conversar com alunos nesta etapa de formação, pude me aproximar da riqueza de sua formação de opinião sobre as favelas.

Essa visão dialógica bakhtiniana me permitiu aplicá-la sob dois aspectos. O primeiro está na pesquisa que possibilitou um encontro com o sujeito através do diálogo. Não por ser uma conversa investigativa, mas por ser um momento em que pude crescer através da visão de mundo de outro indivíduo. Foi a partir desses diálogos que pude compreender as dúvidas que me levaram à pesquisa e tecer meus comentários sobre a temática. O segundo aspecto encontra-se na relação dialógica que este sujeito estabelece com o mundo. A criança a ser investigada ocupa, sob o ponto de vista das relações, um lugar no mundo e, é a partir dele que estabelece diálogos que a formam. Dessa maneira, o sujeito apresenta-se como um cristal que reflete e se refrata sob a luz da realidade. Ou seja, se o sujeito reflete e refrata a luz da realidade, é porque com ela interage, ela o forma e sobre ela o sujeito atuará. Se a favela é uma realidade urbana que está posta e passível de ser percebida, o sujeito através de suas relações,

diretas ou indiretas, irá interagir com este espaço. Essa interação se fará ativa em sua formação pessoal e, a partir deste ponto, o sujeito poderá atuar na realidade com base nas relações que estabeleceu com tal temática, no caso da pesquisa, tecendo suas concepções. Portanto, o diálogo em minha pesquisa tornar-se-á essencial, para a referida síntese dialética de todas as vozes.

Mas, um terceiro aspecto precisa ser contextualizado: a opção pelos desenhos. Diante do cenário da favela no espaço urbano e do desejo de compreender qual a concepção das crianças sobre o tema, surgiu o desafio: como abordar tal assunto com crianças?

Através da linguagem procurei perceber os sentidos atribuídos ao vocábulo "favela" na interação com o outro. O que pretendo na pesquisa é através de um instrumento de linguagem poder compreender qual a percepção da realidade que as crianças possuem, por isso destaco a escolha do instrumento. Neste sentido, busquei por uma linguagem que, em tese, possibilitasse atrair a natureza da criança em seu discurso sobre a realidade. Para tanto, a alternativa metodológica escolhida que pôde aproximar o pesquisador do sujeito e serviu como instrumento de interlocução, foi o desenho infantil.

O desenho foi mesmo uma opção de fuga. Fugir da palavra, seja ela oral ou escrita, como transmissora única de conhecimentos e de informações. Mas também foi uma opção de aproximação. Aproximar de uma linguagem mais própria para a transmissão de conhecimentos acerca do espaço, onde os elementos deste seriam apresentados espacialmente, sem a necessidade de um encadeamento de palavras e expressões. Ao olhar um desenho já se tem uma visão global do mesmo e o podemos "ler" em vários sentidos, a partir de vários pontos. Também é assim com o espaço e com a cidade. (Oliveira JR., 2006, p.4)

Ao ler estas palavras de Wenceslao Oliveira Junior instantaneamente me identifiquei com seu pensamento. De fato em meu trabalho ao enfatizar a busca por uma linguagem, desejo implicitamente, fugir das palavras. Palavras

generalizadas que aprisionam o pensamento e aquelas que impedem a leveza da criança ao fluir sobre um tema, não são objetivos. Posso até encontrá-los na pesquisa, mas não as desejo como produto e, sim, como meio de compreensão da realidade. No entanto, reencontrar palavras durante e após a entrevista sobre os desenhos, muda-se o foco do "ter que responder uma pesquisa". Ao priorizar o desenho também me aproximo da linguagem. Uma linguagem específica e pertinente ao universo da criança. Desse modo, retomo a ideia de que "uma imagem vale mais que mil palavras", todavia, não desejo apenas que o desenho fale por si só, e sim, a partir de um sujeito que é autor e autor de sua realidade, podendo assim, ler este espaço da cidade. Neste sentido, o pensamento é dar voz à criança através e pelo desenho.

O desenho também se apresenta como um importante instrumento na participação da alfabetização cartográfica da criança, neste sentido, ele é um aliado dessa ciência. Para Rosângela Doin (2006), "o desenho de crianças é um sistema de representação. Não é cópia dos objetos, mas uma interpretação do real, feita pela criança, em linguagem gráfica." (p.27). Também como os mapas, os desenhos serão analisados em congruência com o contexto histórico e social em que foram produzidos.

Segundo Vygotsky, "o desenho é uma linguagem gráfica e que surge tendo base a linguagem verbal" (1994, p.149). Com esse ponto, a ideia metodológica foi perceber através das representações dos desenhos como os alunos concebem a ideia de favela.

Essa pesquisa explícita, através do desenho o objetivo de dar voz à criança dentro de seu contexto num cenário de relações sociais que se configuram no espaço urbano, uma vez que, segundo Sueli Ferreira (1998), a imaginação recria nossa experiência guardada. Com isso, será possível ver através da criatividade quais as experiências que configuram o modo como a criança

percebe o mundo. Dessa forma, estou admitindo que o desenho da criança sobre a favela, poderá ser uma representação gráfica daquilo que por ela foi experienciado acerca da temática. Por experiência considero, segundo o dicionário Aurélio, como o conhecimento que nos é transmitido pelos sentidos. Se os sentidos atuam na configuração do conhecimento do indivíduo, reforço a ideia de que a criança pode nunca ter ido à favela, mas pode ter em sua imaginação a noção que foi estabelecida a partir de seus sentidos e que lhe possibilitaram a experiência.

O grafismo da criança é antes de mais "uma semântica aberta" onde cada signo se combina com um outro de maneira sempre complexa. Esta semântica testemunha evidentemente a pessoa, a sua individualidade, o que ela é no momento presente, mas também, sem qualquer espécie de dúvida, um saber coletivo legatário de uma convenção simbólica. Pode pensar-se que, como toda a linguagem, o desenho infantil está profundamente marcado pelos fundamentos essenciais da cultura e reflete de maneira privilegiada os valores que subjazem à comunicação na sociedade. Para lá da dimensão biológica, a elaboração dos signos e a sua reunião são índices de socialização, de aculturação: desenhar é para a criança aprender a utilizar os símbolos e a manipular as relações ou as regras que ligam os significantes aos significados no seu contexto. (Sarmiento, apud Anne Cambier, p.7)

Essa relação do signo com seu tempo e contexto fica explicitada nesta ideia de Sarmiento. Os fios formadores do sujeito que, segundo Bakhtin, refletem e refratam a realidade, nos permite ter essa noção de semântica aberta, ao se entranharem uns aos outros na realidade. Portanto, torna-se inegável que o desenho estabeleça relação com a realidade da criança, seja direta ou indiretamente, clareando, assim, minha busca pelos sentidos e significados sobre a favela criados ou recriados pela criança.

Mantendo a linha dialógica, a relação entre signos é contextual (relação com a realidade). Ou seja, ele se produz e se insere numa realidade através de um diálogo feito na relação entre as pessoas e esta pesquisa pretende

perceber como a criança vê tais relações. Além disso, retratam a variação de tempo e espaço, valores e culturas socialmente inseridos. A criança reflete em seus desenhos todas as esferas sociais a que pertence. "O desenho das crianças é, afinal, o desenho de um mundo." (Sarmiento, p.23). Essa ideia vai, portanto, ao encontro do pensamento de Bakhtin sobre o considerar as esferas sociais no fato linguístico. A linguagem da criança e seu desenho poderão refletir esses caminhos de seu mundo.

Os signos pela criança representados não indicam algo extra-realidade, mas ao contrário, sinalizam suas relações e pensamentos acerca do mundo em que se insere. Segundo Florence de Mèredieu, a criança utiliza um verdadeiro repertório de signos gráficos. "Modo de expressão próprio da criança, o desenho infantil constitui uma língua que possui seu vocabulário." (1974, p.14). Dessa forma, sem a linguagem não se consegue representar e compreender os signos. Portanto o desenho, como texto e mediado por sua linguagem própria, permitirá a identificação da teia de relações sociais em que estão inseridos os sujeitos sociais pesquisados. Ou seja, serão valorizados os sujeitos com sua linguagem e contexto social e, por isso, será preciso articular a fala da criança à sua representação de favela.

Diante de tantas representações, imagens e sentimentos, "a memória é uma função mental mediada por signos. Nesse sentido, podemos considerar o desenho da criança como um signo, uma forma de a criança representar o que tem significado para ela. Ela cria um modo de comunicar seus pensamentos." (Araújo, 2008, p.50). O desenho será compreendido como um signo, ou seja, aquilo que representa outra coisa. Assim, o desenho tenderá a apresentar a realidade conhecida e pensada pela criança através de sua relação.

Não posso mais, assim, conceber o desenho como um simples instrumento. Após as leituras iniciais percebo a riqueza do momento que foi possibilitado com

o encontro do pesquisador e sujeito via linguagem. Encontrei sujeitos carregados de histórias de vidas, imbuídos de sua esfera social e refletindo o mundo em seus pensamentos.

Todavia, diante de tantos desenhos, um outro ponto de explicação tange o início do texto: a exploração dos 140 desenhos, ou seja, e os desenhos que não tiveram seus autores entrevistados?

Esse volume de desenhos possibilitou uma análise mais quantitativa daquilo que os desenhos apresentavam. Foi possível estabelecer um cenário geral de elementos que mais apareciam e seu grau de repetição, e o mesmo foi admissível com o contrário, ou seja, aqueles que se destacam pela ausência de elementos que eram comuns a outros alunos. Com tais aspectos pude elaborar gráficos comparativos que serviram para elucidar e orientar a análise dos dados e elaboração do texto. A divisão dos desenhos por turma permitiu uma análise dos traços comuns entre seus desenhos e as diferenças cabíveis entre as turmas. Dessa forma, tornou-se real a possibilidade de análise entre aquilo que era dito pelos alunos e aquilo que por eles foi representado no ano anterior.

Assim, a proposta metodológica não foi levar as crianças diante de uma favela para que a representem, uma vez que para Vygotsky "elas não desenharam o que vêem e, sim, o que conhecem" (1994, p.148). Elas desenharam de memória sobre o que sabem das coisas, sem ver, apenas com a imaginação. "Al dibujar, El niño lleva AL dibujo todo lo que sabe Del objeto o que representa y no sólo lo que vé." (1987, p.96). Representam o que sabem sem que necessariamente estejam vendo fisicamente o local. Com isso, os desenhos puderam representar o que as crianças sabem sobre as favelas e, desse modo, poderão refletir seus caminhos de apropriação. Assim, a criança não iria desenhar um mundo inventado e sim, aquele apropriado com os valores e significados de seu contexto refletidos, em seus

traços desenhados. Por conseguinte, não serão avaliadas as formas das figuras representadas, os desenhos servirão como elo que iniciará a narrativa da criança.

A linguagem gráfica dos desenhos foi além do simbolismo visual, ela serviu como elo de comunicação para uma compreensão ativa do outro e, dessa forma, ajudou a perceber a realidade refletida e refratada no discurso dos sujeitos. A fala, portanto, mediou todo o processo de interdependência entre o pensamento, a linguagem gráfica e a verbal.

Assim, estou a procurar como em Mario de Andrade, pela sabedoria na sutileza dos desenhos das crianças e a compreensão do espaço favela nas complexas relações sociais entre sujeitos que têm voz e lugar no cenário urbano.

O que me agrada principalmente, na tão complexa natureza do desenho, é o seu caráter infinitamente sutil, de ser ao mesmo tempo uma transitoriedade e uma sabedoria. O desenho fala, chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia, que uma arte plástica.
Mario de Andrade

Nesse sentido, após as entrevistas e a análise dos dados foi possível aliar as duas vertentes de dados que se mostravam: as falas dos alunos e seus desenhos de favela. Este texto pretende apresentar a articulação entre aquilo que pude experimentar ao conversar com os alunos e aquilo que pude observar de seus traços no papel. Os capítulos se apresentarão de acordo com os eixos de análise que foram estabelecidos a partir dos elementos de repetição que serão destacados no próximo capítulo. Afinal, o que desenharam e como foram as conversas?

Nsta leitura apresento dúvidas, afirmações e contradições, que refletem as inúmeras as vozes que aguardam para serem reveladas. Após a apresentação metodológica, partirei para a análise e a elaboração do contexto

gerado pelos 140 desenhos, enfatizarei os 22 alunos entrevistados com seus elementos desenhados.

A partir dos fios que foram sendo indicados com elementos de repetição, farei nos próximos capítulos a exposição sobre as riquezas das conversas que indicaram as singularidades dos alunos. Para isso, o primeiro elemento lembrado por eles, também será o primeiro comentado: a relação de medo e violência. Este medo, porém, não os impediu de ver algo além na vida dos moradores da favela e, falarei também do cotidiano de alegria que os alunos comigo dividiram a respeito dos moradores da favela. Esses dois sentimentos que foram revelando singularidades nas vidas dos alunos em relação a dos moradores da favela, também nos levarão, ao final, a compreendermos a vontade de ajudar demonstrada pelas entrevistas. No desejo de atuar dos alunos que se colocam como protagonistas numa cidade dividida na busca por aproximações do outro.

Através dos sentidos e sentimentos que os alunos demonstraram acerca da favela, conduzirei o final do texto para identificarmos as noções de favelas para os alunos que lá não moram, mas como a percebem no espaço urbano. Aliás, o que perceberam sobre favela?

Geografias e outros saberes diante de um objeto plural

Encontros e desencontros com a Geografia na busca pela relação
Espaço, Lugar e Identidade

*"Para encontrar alguém ou
alguma obra é preciso sair ao
encontro."*

Henri Lefebvre

Neste momento fico a pensar no sentido do vocábulo "encontro" descrito na epígrafe. Se hoje consigo escrever sobre Geografias, no plural, foi porque passei por encontros e desencontros com ela e comigo. Tive muitos desencontros com esta disciplina quando veemente optei por um Programa de Pós-Graduação em Educação. Era difícil diluir a ideia que calaria em mim um conteúdo sistematizado no período da Graduação. Era obscuro imaginar que encontraria alguém que lesse essa disciplina, mesmo estando "fora" dela. Mas hoje vejo que foi preciso sair da Geografia para encontrá-la.

Nestes encontros e desencontros, aqui descritos, procuro transcrever minha experiência em busca das Geografias que poderiam ler meu objeto de pesquisa e que em mim haviam ficado distantes. Pude sair ao encontro do outro na pesquisa, pois sentia que nela me encontrei e sinto que na Geografia me firmei. Uma disciplina que "fixa" meus pés no lugar e abre meu horizonte para contemplar e interagir com o espaço terrestre.

No entanto, trilhar este caminho não foi simples e por um único motivo: o confronto que fui "obrigada" a estabelecer entre o que eu acreditava ser natural no conhecimento Geográfico e o caminho que minha orientadora almejou para mim. Para isso, duas frases ecoaram ruidosamente em meus pensamentos: "Você terá que se afastar da Geografia" e "Você terá que

mergulhar na evolução do pensamento geográfico" (professora-orientadora Dra. Sonia Miranda).

Essas frases aparentemente contraditórias foram a mim dirigidas num intervalo curto de alguns meses no exercício da orientação. Justamente devido a esse tempo cheguei a pensar que uma frase excluiria a outra mas, ainda sim, continuaram a ecoar. Como seria possível me afastar e me aproximar? Muitas pistas me foram dadas ao assistir a uma palestra ministrada pelo professor Wenceslao Machado de Oliveira Jr. Em linhas gerais, o professor relatou suas fugas e aproximações da Geografia a partir das diferentes correntes geográficas. Foi quando uma nova pergunta brotou: devo me afastar de que?

Talvez com essa pergunta eu tenha encontrado o ponto de cruzamento com e entre as perguntas iniciais. Era preciso que eu me (re)-encontrasse com o pensamento geográfico para que assim eu pudesse identificar, com clareza, a corrente geográfica que orientaria minha pesquisa. Naquele momento, então, eu me afastaria de alguma superficialidade geográfica para abarcar outra. Mas quais seriam?

Com essa proposta recorri à referida disciplina e de fato fui ao reencontro da gênese da Geografia. Para tanto, procurei identificar como a temática de minha pesquisa seria tratada nas diversas Geografias e, como hoje, poder-se-ia ler a favela a partir de tais correntes. Desse modo, a Geografia Tradicional será abordada em linhas gerais e a Nova Geografia será contextualizada e co-relacionada ao tema. Já Geografia Humanista será a mais enfatizada por motivos que serão explicitados no corpo do texto.

No entanto, este trabalho não pretende discutir categorias geográficas, sua epistemologia, traçar sua evolução histórica ou analisar seus grandes precursores. Pretende sim, inicialmente, relatar como se deu em mim, o processo de re-construção de uma corrente geográfica que apoiou meus pés na

pesquisa em que me encontro. Para isso, algumas escolas serão ressaltadas a fim de que se conduza o texto à Geografia onde me encontrei. Após este marco, o texto pretenderá discutir a relação espaço, lugar e identidade atravessados pela temática da favela.

"Existem tantas geografias quanto forem os métodos de interpretação; existirão tantas quantas forem os posicionamentos sociais existentes" (Moraes, 1986, p.30). Fiquei a pensar na multiplicidade presente nesta frase ao mesmo tempo ainda ecoava a necessidade de me afastar e de me aproximar da Geografia. Comecei a rememorar as discussões que ocorrem sobre o que é Geografia seus métodos, o seu objeto e sobre as dualidades que essa ciência carrega: geral, regional, física, humana, universal, singular, acadêmica e/ou escolar. A partir dessas dualidades, revi métodos de interpretação da realidade, e, mais do que isso, os sujeitos que a observam a partir de seu ponto de apoio. Não há como negar, hoje, que existe uma interpretação do espaço e que esta é feita por um indivíduo. Essa afirmação balança as estruturas das viagens descritivas sobre a natureza e estremece a certeza dos números dos lugares. Afinal, a pergunta que se perdura por alguns séculos: o que é a Geografia?

Não mergulharei em águas profundas da epistemologia da Geografia, não farei uma descrição do processo histórico dessa disciplina, apenas direcionarei meus pensamentos para encontrar de onde a Geografia me trouxe para novamente girar e identificar para onde me levará. Para isso, procuro olhar para a favela de hoje, com os óculos de como algumas correntes geográficas olhariam no meu entendimento. Mesmo que de modo embaçado, procurei identificar as diferenças de concepção geográfica para que eu pudesse encontrar o ponto de interseção entre o que eu desejo estudar, com o como eu o farei e o partindo de onde.

O encontro da favela e da Geografia Tradicional-Moderna

Segundo Pierre George et alli (1980), a Geografia é uma ciência do espaço mas seus métodos são diferentes daqueles das ciências naturais, contudo, nem sempre foi assim. A Geografia teve forte em sua origem as características do positivismo que afastava homem e espaço para aproximar-se das ciências da natureza. Mesmo com essa aproximação não considerarei nesta pesquisa a delimitação de apenas o viés de Humana para a Geografia. Conforme Lebon (1962), "a Geografia Humana concerne às atividades humanas e ao resultado dessas atividades sobre a superfície terrestre." (p.41). Não desejo, desse modo, uma Geografia de mão única ou natureza ou homem, com cada um atuando sobre o outro, em momentos estanques. Estou a buscar uma relação de duplo sentido para compreender sua origem, manutenção e consequências para ambos os lados.

Retrocedendo no tempo e contextualizando, em linhas gerais, a Geografia, segundo Ruy Moreira (2007), na Antiguidade ela era um registro cartográfico de povos e territórios. A Geografia medieval apresentava-se como uma extensão da Bíblia e o geógrafo como um cartógrafo fantástico. No Renascimento a Geografia estava destinada a ajudar a conceber o mundo como um grande sistema matemático-mecânico e entre o Renascimento e o Iluminismo, o geógrafo era uma mistura de viajante e naturalista. O século XVIII pedia uma Geografia e um geógrafo que mapeassem o mundo com rigor matemático da localização e, então, ela transforma-se na ciência dos grandes espaços e o geógrafo num especialista em localizações. "No século XIX a necessidade de melhor conhecer os povos introduz como discurso o estudo da relação do homem com seu meio como tema central das reflexões do conhecimento." (p.15). No século XX consolidou a Geografia como a ciência do espaço e o geógrafo como seu especialista.

"Em todas as fases de tempo foi, pois, a imagem de uma ciência colada ao espaço e ao mapa que se firmou na mente dos homens como o traço identitário da geografia e do seu profissional." (Moreira, 2007, p.16). No entanto, foi preciso mergulhar por algumas de suas fases para compreender como lidavam com o espaço, a fim de que eu pudesse traçar qual concepção carregou em minha identidade geográfica.

A Geografia Tradicional pode ser lida por sua organização em universidades na Alemanha e na França, e pensada em sua sistematização no século XIX ao enfatizar, em especial, os chamados pais da Geografia: Alexandre Von Humboldt e Carl Ritter. O destaque temporal da Geografia Moderna em relação à Clássica se dá por sua institucionalização acadêmica. Numa Geografia que se consolida no cenário do mundo conhecido e representado, onde os lugares ganhavam força, pois eram passíveis de serem representados e localizados cartograficamente, situados num tempo onde os séculos que antecedem essa sistematização (XVII-XIX) foram marcados pela Revolução Burguesa e Industrial em países como a Inglaterra e a França.

Ruy Moreira (2008) menciona que, "o fulcro condutor da face triunfante é a divisão técnica do trabalho trazida pela segunda Revolução Industrial, que fragmenta o trabalho, o pensamento, a começar pela fragmentação do conhecimento numa diversidade infinita de formas de ciência." (p.16). Essa fragmentação também pode ser percebida com a Ciência Geográfica ao longo de suas fases e focos Global, Regional, Humano ou Físico.

Na Geografia Tradicional é forte a relação com o espaço onde a ele tudo é atribuído, como na premissa de domínio da natureza sobre o homem. Segundo Moraes (1986), a Geografia era "a ciência empírica da observação, descrição, enumeração e classificação dos fatos." (p.22). Observaria, portanto, a favela para descrevê-la, como por exemplo: um lugar estruturado no alto de um

morro, com encostas íngremes e declives acentuados. Um lugar de pouca ou quase inexistente vegetação. Um excesso de sobreposição de casas uma muito junta à outra, com paredes inacabadas e estruturas duvidosas. Este tipo de construção é fruto do relevo onde se encontram. E como reconhecer uma favela? Poderia dizer que uma área é mais favela do que outra pelo relevo, pelo número de casas, pelas condições naturais? Existiria essa enumeração? Seriam conhecidas por qual característica marcante? Neste naturalismo geográfico o homem seria mais um elemento dessa paisagem e não caberiam as relações sociais entre si, então, porque investigaria diferentes concepções de favela? Seria mais coerente estudar a paisagem favela em diferentes lugares, mas esta não é minha busca...

É clara a importância de se observar e descrever, no entanto, não busco uma relação de passividade da sociedade pelo meio. Penso em descrever sim, mas para ir além do que somente os olhos veem.

A Geografia Tradicional com suas dualidades, segundo Moraes (1986), perceberia a Terra como um todo; cada lugar com sua particularidade; a natureza de modo dinâmico; a inter-relação entre os lugares; a comparação entre eles como método e os fenômenos da superfície terrestre delimitados e localizados no espaço.

De acordo com Moraes (1986) o geógrafo de formação o Carl Ritter (1779-1859), considerava o sistema natural como uma área delimitada e dotada de uma individualidade, compará-las seria representar a totalidade dos elementos onde o homem seria seu principal, assim, valorizou a Geografia Antropocêntrica e Regional. Para Andrade (1992), o historiador Ritter fazia do todo igual à soma das partes, como o conjunto das singularidades. Segundo Moreira (2006), Ritter utilizava o método comparativo indutivo-dedutivo no qual ele, por exemplo, escolhia duas individualidades regionais, comparava-as para criar leis gerais e as separava para classificá-las. O centro de seu pensamento

era criar leis gerais para explicar a diversidade natural e para conectá-la aos fatos singulares, priorizava a harmonia homem e natureza.

Ruy Moreira (2008) menciona que o ponto de referência para Ritter é a corografia que vai transformar no método comparativo para tirar a Geografia do estágio descritivo para à condição de ciência com teoria e método através da individualidade regional. Ritter comparava duas paisagens para inferir a ordem geral de classificação.

Este modo de proceder leva à Geografia a abordagem do conceito dado, objetivo e calculável, características estas que há muito me fizeram questionar qual era o conceito fechado de favela.

Ao ler um pouco sobre essas peculiaridades de Ritter, fiquei a pensar como seria a favela vista por essa corrente. Penso que em meu trabalho deveria comparar duas áreas de favela. Dentro deste estudo comparativo, procuraria valorizar as características de cada uma e, assim, tentar generalizar o que seria favela. Dentro na concepção de favela, buscaria classificar seus tipos a partir de suas individualidades para conectá-las ao universo contextual. Dentro da natureza de cada lugar escolhido, como por exemplo, se o local é morro ou plano, tipo climático e tipo de construção, procuraria compreender como o homem se relaciona com os outros elementos de seu meio. No entanto, esta pesquisa não pretende delimitar áreas, compará-las e tecer uma noção de favela. O que busco é na abrangência do espaço aberto, compreender como as pessoas o percebem e estabelecem a ideia, ao invés de fechar o espaço em minha discussão com uma "regra geral". Enfim, procuraria praticar seu método de comparação entre áreas da superfície da Terra, em meu caso, já modificadas pelo homem.

Segundo Ruy Moreira (2008), Humboldt (1769-1859), também utilizou o método da comparação, no entanto, atribuiu sua visão holística da Terra. Com sua origem botânico-naturalista fez das observações de suas viagens um grande

campo de estudos. Para ele, a Geografia sintetizava todas as ciências relativas à Terra. Conforme Moraes (1986), Humboldt contemplava a universalidade das coisas, reconhecia a unidade da variedade dos fenômenos e dessa forma, considerava a relação global como um todo e desse modo, conforme Ruy Moreira (2006), inter-relacionava as partes ao todo através da interação das esferas. Segundo Manuel Correa de Andrade (1992), para Humboldt o homem se organiza devido às condições naturais. Era nítida a relação do homem a partir do espaço com força na síntese superficial da Geografia.

Humboldt "em vez de estudar em si próprios e isoladamente os fenômenos climáticos, botânicos ou geológicos, ele examina-os nas suas relações recíprocas e na sua repartição, isto é, segundo o princípio da coordenação que está na base da investigação geográfica." (Clozier, 1950, p.82). Mesmo com essa inter-relação entre os lugares estudados, o centro de seu pensamento foi o destaque da influência do meio físico no homem.

A favela vista por essa Geografia seria valorizada por condições naturais. Para compor um exemplo, usarei como referência as imagens pertencentes ao senso comum sobre os estereótipos das favelas no Rio de Janeiro. Em geral, procurarei descrever as favelas localizadas em morros desmatados, com alto índice declividade e uso e ocupação do solo. Um lugar marcado pelo calor dos trópicos que influencia o tipo de construções, que gera o cansaço físico e é ressaltado pelas poucas vestimentas de seus moradores que precisam subir e descer para ter acesso à suas moradias. Ao olhar este cenário, em linhas bem gerais, que de modo estático e passivo que apresenta-se fortemente influenciado pelas condições naturais, seria possível identificar e compreender as relações interpessoais? Não gostaria, de submeter minha análise às condições naturais como um gatilho que dispara todas as outras ações em cadeia. Admito sim, esta influência mas não como a decisiva.

Friedrich Ratzel (1844-1904) em sua *Geografia Humana*, sistemática com o cunho de *Geografia Política*, enfatizou no homem a *Antropogeografia*. Segundo Sodré (1989), observou a distribuição do homem pela superfície terrestre determinada pelas forças naturais. O homem pertencente a uma cadeia de evolução relacionada ao meio. Moraes (1986) afirma que Ratzel tornou-se conhecido pelo "manual do imperialismo". Destacou que o homem precisa utilizar os recursos da natureza para ser livre e devido ao contexto do expansionismo alemão, enfatizou a importância de pensar o espaço e da relação homem-espaço-sociedade-território-Estado. Ratzel considerou o espaço como indispensável para a vida humana e este se transformaria em território, por exemplo, através da política.

A favela vista por essa *Geografia* enfocaria, talvez, a concepção da associação entre crime organizado e favela. Penso isso, pois, homens que ocupam um determinado espaço, que se organizam socialmente para ali desenvolverem sua vida em sociedade, que defendem seu território de "inimigos de correntes" do tráfico e, ao mesmo tempo, protegem seu território contra possíveis ameaças ao seu domínio (seja pelo poder legal, seja pelo poder paralelo), pretendem essa tal relação territorial. Desse modo, a partir do olhar dessa corrente, deveria procurar em meu trabalho um caráter mais político e de relação mais direta na organização espacial do homem.

Vidal de La Blache (1845-1918), conhecido representante da escola francesa empírica, descritiva e possibilista, como assegura Sodré (1989), que para Vidal, o homem utilizava e dominava a natureza tirando proveito do meio e, dessa forma, o homem escolhia as oportunidades que a Terra lhe oferecia. Valorizava a geografia das regiões e não a dos homens quando seu objeto era o homem e a natureza, sendo o homem ativo e a natureza como campo de possibilidades para a ação humana, assim, o homem é influenciado pelo meio, mas

também o modifica. Segundo Moraes (1986), no possibilismo o homem é como hóspede do meio e ao modificá-lo revela sua individualidade e avança com aquilo que o meio lhe oferece. Ruy Moreira (2008) confirma que La Blache optou por voltar seus olhos à evolução humana.

Pensar no possibilismo lablachiano e em meu encontro com a favela já me causa um embate: valorizar mais o meio do que o homem sendo que busco a relação de percepção do homem sobre o espaço. A favela vista por essa Geografia traria o morar no morro como a forma de utilização de um meio, aparentemente sem possibilidades a serem oferecidas ao homem. No entanto, é possível extrair dessa condição de moradia algo que seja favorável, mesmo que momentaneamente, ao favelado. Por exemplo, dependendo de onde se mora é possível receber alguma ajuda financeira do governo como amparo social. Para algum morador que deseja se esconder por algum crime cometido, o morro através de sua configuração em ruelas pode-se se apresentar de modo favorável ao meliante. O meio ainda sim é que oferece as possibilidades. Essa Geografia não se preocuparia em compreender as relações entre os conhecidos moradores do morro e os do asfalto e sim, no modo como esses usufruem daquilo que o meio lhes oferece.

A partir destes rasos olhares sobre a favela, o que se sinaliza é a carência de uma relação mais ampla e profunda com outros elementos envolvidos com o processo de favelização. Não basta, hoje para a vigente pesquisa, enfatizar apenas a relação do homem com a natureza sem que as relações sociais, culturais, históricas e econômicas sejam consideradas. Relações essas que se tornam decisivas para a concretização física de uma favela. Não há como destacar somente os aspectos da configuração física do ambiente-favela. Não penso apenas em detalhar o cenário natural, nem tão pouco me prender nas relações de poder e apropriação do homem sobre meio. Os exemplos e descrições

sobre as correntes geográficas foram meramente ilustrativos a fim de que o texto se conduza à Geografia que orientou minha pesquisa.

O encontro da favela e com a Nova Geografia

A Geografia até aqui apresentada possui um foco naturalista, no entanto, a chamada Nova Geografia configura-se por seu enfoque social, ao se afastar da exaustiva descrição e se aproximar da ação. Essa renovação com a Geografia Tradicional busca através de novas linguagens e propostas uma "liberdade maior de reflexão e criação" (Moraes, 1986, p.93). Entretanto, a busca sobre a definição de método e objeto permanece em seus discursos, o fim continua na busca pelo conceito.

Esta Geografia renovada encontrou como Christofolleti (1982) aponta, a Revolução Quantitativa e Teorética; buscou maior rigor para enunciar e verificar hipóteses; desenvolveu teorias, adotou uma abordagem mais sistêmica utilizou a Matemática e a Estática e além disso, também possibilitou o desenvolvimento de geografias alternativas.

Cronologicamente pode-se dizer que a partir da década de 1950 a Geografia Tradicional inicia sua queda com o cume na década de 1970. A unidade que até então se configurava deu lugar a busca de novos caminhos e perspectivas.

Para Moraes (1986), o contexto histórico foi decisivo para essa mudança de concepção. Para o autor, a realidade havia se transformado; o capitalismo já se apresentava de modo complexo e consolidado; o positivismo clássico já não era mais sustentação para as bases geográficas e "a falta de leis, ou de outra forma de generalização, foi uma das maiores razões para a crise da Geografia Tradicional." (p.97). Justificando assim, a busca pelo rigor e pelas teorias.

Desse modo, essa Geografia se renova com amplos e dispersos caminhos de reflexões, em especial, "a divisão do movimento de renovação da Geografia em duas vertentes, a Crítica e a Pragmática, está assentado na polaridade ideológica das propostas efetuadas." (Moraes, 1986, p.99). Portanto, me deterei neste texto, apenas em elucidar essas formas e não outras noções ou alternativas, ressaltando que meu objetivo não é atravessar toda a história do pensamento geográfico e, sim, exemplificar caminhos que em algum momento trilhei e, que hoje, me conduziram ao real encontro com a Geografia.

Neste contexto, a Geografia Crítica se apresenta de modo mais radical no contexto da renovação do pensamento geográfico das geografias vigentes, mas também com seus inúmeros caminhos.

São os autores que se posicionam por uma transformação da realidade social, pensando o seu saber como arma desse processo. É a proposta de uma Geografia militante, que lute por uma sociedade mais justa. São os que pensam a análise geográfica como um instrumento de libertação do homem. (Moraes, 1986, p.112)

Essa corrente ideológica valoriza as relações entre os homens num determinado território a partir do contexto histórico e econômico, podendo-se destacar a Geografia Ativa de Pierre George que buscava não só a descrição de formas, mas sim, a oportunidade de denunciar as relações de contradição contidas no espaço. Assim, o autor baseado no materialismo histórico marxista, discute as relações de produção, na qual o ideário é uma análise e discussão crítica sobre o território em questão.

A Geografia Crítica rompe com a Geografia Tradicional e a Teorética-quantitativa, ela traz um diálogo a partir do materialismo histórico de Marx com as contradições sociais que se configuram no espaço. "Marx não é um geógrafo, mas no marxismo existe também uma Geografia, sempre que por Geografia se

queira entender principalmente a história da conquista cognoscitiva e da elaboração regional da Terra, em função de como veio a se organizar a sociedade" (Quaini, 1979, p.51)

Segundo Soja (1993) a Geografia se ligou aos debates políticos e às teorias contemporâneas. Ao longo de sua configuração ela deu espaço a outras tendências e correntes que não centralizavam o estudo da superfície terrestre. "Na Geografia Crítica o objetivo, afinal é uma Geografia histórica politicamente carregada, uma perspectiva espaço-temporal da sociedade e da vida social, e não a ressurreição do determinismo geográfico." (p.93)

Esse é um interessante destaque: a Geografia hoje carrega consigo seu processo histórico de formação e consolidação de sua sistematização acadêmica, no entanto, essa bagagem não traz a necessidade de ressurgir com pensamentos de outrora. Dessa forma, posso, hoje, me aprofundar em uma determinada corrente de pensamento e, ainda sim, continuar a beber da fonte geográfica.

Nesta concepção, o espaço não era o centro, como Correa (1995) destaca sobre o pensamento de Lefebvre, "o espaço não é nem o ponto de partida (absoluto) nem o de chegada (produto social). É o locus da reprodução das relações sociais de reprodução. Nesta concepção a favela é um espaço que se configura fruto dessas relações de produção. Mas qual é o lugar que seus moradores ocupam na ordem do status social urbano? Quais são suas opções de trabalho? Quais suas oportunidades reais de mobilidade social? A favela seria um produto social que revela tais relações de produção e reprodução social. A favela aqui poderia ser interpretada como um produto de contradições históricas e econômicas construídas ao longo do tempo e de acordo com essa funcionalidade econômica, como os sujeitos ocupam e configuram seu espaço?

"A espacialidade do urbano, a interação entre os processos sociais e as formas espaciais, e a possibilidade de uma dialética sócio-espacial urbana

formadora foram questões fundamentais de debate desde o início e, continuam a ser importantes nos estudos urbanos marxistas contemporâneos." (SOJA, 1993, p.70). Desse modo, esses olhares continuam vivos no vasto campo das geografias.

A Geografia Ativa destaca-se pela voz de Pierre George em um cenário conhecido como 3º Mundo que carrega consigo a timidez dos geógrafos ao estudar Geografia. Essa referida timidez já se apresenta como um link para a palavra forte dessa corrente geográfica: ação. Dessa forma, não basta contextualizar, é preciso ir além, problematizando e propondo diretrizes alternativas. Nesta linha de pensamento, se o geógrafo consegue com seus estudos olhar uma situação, diagnosticar contextualizadamente o problema, também deverá ser capaz de atuar de modo significativo neste cenário.

Essa Geografia permite transitar entre os dados quantitativos e qualitativos sobre a situação estudada, mas sempre enfatizando o caráter da ação ao propor possibilidades ao meio, o que deixa claro a importância do retorno social na procura por soluções para o objeto investigado. É um plano prático que utiliza todos os tipos de fontes e profissionais para compor sua investigação. O raciocínio é diagnosticar e prognosticar a situação para propor as diretrizes alternativas. Para Pierre George et alli (1980), "o geógrafo ativo é tecnicamente indispensável e socialmente útil." (p.279)

Sob esta perspectiva, hoje, compreendo porque buscava uma pesquisa desvelasse o papel do professor de Geografia frente à favela. Estava imbuída da necessidade de ser tecnicamente indispensável, ou seja, precisava abordar um tema que fosse socialmente útil e que pudesse ajudar tecnicamente outros professores de Geografia.

Retomando esse olhar sobre minha temática, a pesquisa poderia ser compreendida da seguinte forma nesta Geografia renovada: ao diagnosticar uma situação puxar-se-ia o fio do novelo do problema e o co-relacionaria com outras

esferas que a permeiam. Através dela seria possível estudar os problemas da organização urbana, frutos diretos da economia e das sociedades industriais. Conforme George (1980), o contexto é da "cidade asfixiada com o crescimento urbano" (p.258), onde a favela é fruto e reflexo dessas relações. Desse modo, contextualizaria os motivos que levaram ao surgimento e a manutenção das favelas no Brasil; realizaria um levantamento da região da favela a ser investigada em termos de números, estrutura da população e problemas; a partir dessa etapa faria uma análise dos dados e uma co-relação com as esferas de estrutura econômica, histórica e social do local; com esse diagnóstico seria possível propor soluções práticas para esses problemas a fim de minimizá-los e ajudar a população a ultrapassá-los para que possam crescer sócio-economicamente.

Favelas verdadeiras localizam-se, geralmente, em terrenos onde não é possível construir normalmente (caminhos abandonados, vertentes muito abruptas, fundos de vales ameaçados por inundações periódicas, descarga de lixos); são constituídas de barracos construídos de materiais exóticos de recuperação. (George, 1980, p. 109)

Ao olhar da Geografia Ativa a favela conceitual se apresenta como um lugar de ausência, como de saneamento, de empregos, de facilidades de acesso às ruas e casas, enfim, um campo aberto para ação efetiva sob a ótica do geógrafo. Esse propósito facilitaria a "organização de novos espaços urbanos e sua integração dentro de um complexo existente." (George, 1980, p. 259)

Diante desse cenário, enquanto relia o texto, pude identificar esses traços da Nova Geografia presentes em alguns livros didáticos, afim de que pudesse como professora identificar traços recorrentes ao que venho, aqui, procurado descrever. Ao final desta pausa sobre o pensamento geográfico, retomarei o meu real encontro com a Geografia.

Neste sentido, recorri e escolhi de modo aleatório sete livros didáticos de Ensino Fundamental e Médio. Dentro de seus conteúdos, procurei identificar tema favela, para que ao final pudesse relacioná-los ao imaginário e ao senso comum deste universo temático e identificar por qual Geografia a favela era tratada, para assim, visualizar a origem de meu incômodo.

Nos livros de 6^a série ou 7^o ano ao ser a temática abordada, a favela se apresenta, em geral, por suas carências e pela definição quantitativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) inserida nos estudos sobre o espaço urbano, bem como seus problemas e consequências.

Igor Moreira (2002) apresenta a definição de favela segundo o IBGE no contexto que elas estão presentes em 80% das metrópoles e continuam a crescer. Neste caso, a falta de moradia leva às favelas que por definição são: "aglomerados que reúnem pelo menos 50 moradores, precariamente construídas, carentes de infra-estrutura urbana e localizadas em terrenos que não pertencem aos seus moradores" (p.129)

Diamantino Pereira, Douglas Santos e Marcus de Carvalho (1998) percebem que as favelas estão ligadas ao processo de industrialização, sendo o único tipo de moradia para a população de baixa renda. Elas possuem forte crescimento no Rio de Janeiro e em São Paulo, no entanto, com a expansão da mancha urbana elas têm se instalado, cada vez mais, em áreas de periferia e as mais baratas da cidade. (p.48-49)

Demétrio Magnoli (2002) destaca que a favela se apresenta como alternativa para a população pobre, sendo caracterizada pela utilização de material de refugo em suas construções. O autor baseia-se de modo implícito na definição do IBGE já apresentada. (p.126). Em sua obra no Ensino Médio (2000) a favela é tratada como um problema urbano, sendo uma das consequências do alto preço do solo urbano. "Não é a pobreza ou aspecto caótico que caracterizam a

favela, mas a ocupação ilegal e precária de terrenos alheios". (p.156). O autor sintetiza a ideia com um quadro comparativo entre os termos em alguns idiomas: favela/faveleiro (Português); bidonvilles (Francês); ranchitos, barriadas, poblacions (Espanhol) e sluns (Inglês).

Prosseguindo no Ensino Médio, em José Willian Vesentini (1997) a favela é tratada como tema integrante da problemática da moradia urbana. É uma realidade diante do dilema entre o salário e o dinheiro disponível para comprar uma moradia no solo urbano cada vez mais dispendioso. (p.120)

Com Elian Lucci, Anselmo Lazaro Branco e Cláudio Mendonça (2005), a favela é tratada pela ótica do valor imobiliário e a renda do cidadão. Abordam dados como o censo de 2000 que calculou cerca de 4000 favelas neste cenário de segregação urbana e desigualdade social. Priorizam através dos dados a dualidade das relações sociais e o uso do solo urbano. (p.457)

Em Eustáquio de Sene e João Carlos Moreira (2004), o tema é tratado a partir de dados da ONU e pela definição: "Cinco características para as favelas: acesso inadequado à água potável; falta de infra-estrutura ou saneamento básico; aglomerado de moradias; estrutura pobre da construção de casas e residências inseguras. São produtos de políticas falidas, mau governo, corrupção, sistema financeiros irresponsáveis e falta de vontade política." (p.477)

Existe um eixo comum entre as obras descritas e as imagens que transmitem de favela: a relação entre o alto valor da parcela do solo urbano que gera a dificuldade de acesso à propriedade e, conseqüentemente, infla o processo de favelização. A base que sustenta tal relação vem da definição conceitual e quantitativa estabelecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ou seja, se o Instituto trabalha com pesquisas demográficas como o Censo que contabiliza pessoas, propriedades e equipamentos urbanos, nada mais

coerente do que dizer o que é a favela pela contagem de moradias e o que nelas falta. No entanto, esta definição traz a sensação de um cenário estático e esquemático, com respostas prontas sobre o problema da moradia urbana. Parece muito simples e concatenado o indivíduo não ter renda suficiente para escolher um local para morar com toda a infra-estrutura que uma cidade possa lhe oferecer. Parece muito óbvio que o lugar do pobre é afastado do acesso às condições básicas da vida na cidade. Parece claro que este cenário faz parte do jargão "sempre foi assim". Parece um raciocínio técnico e matemático. Mas a favela somente precisa ser vista conceitualmente dessa forma? Alunos e professores compartilham dessa concepção? Começo a encontrar os indícios de meu incômodo...

Se inúmeras vezes a mídia é criticada pelas imagens que exibe sobre a favela, se muitas vezes o cidadão é criticado por não filtrar as informações midiáticas, o que dizer sobre a noção escolar sobre a favela? São imagens sob qual ótica? Onde estão as pessoas com suas relações nas definições sobre a favela? Em que se baseiam os alunos para filtrarem tais informações? Essas são perguntas que pretendo colocar para a análise e discussão dos desenhos produzidos pelos alunos.

O que pretendo contrapor nesta reflexão é a experiência vivida pelos alunos, de modo positivo ou negativo, com as definições elaboradas em departamentos. Minha preocupação é com o aluno morador da favela ou aquele que nela tece afetuosas relações, conceber a ideia que canaliza apenas um olhar sobre a favela e os favelados. Minha preocupação é o aluno que nunca viveu ou conviveu com a favela e seus moradores e por isso, apenas a conhece de modo intermediado por imagens e discursos. O que busco é perceber a individualidade do aluno ao olhar para toda essa guerra midiática sobre um lugar onde as pessoas

moram e estabelecem suas relações, independentemente da legalidade ou não que as cercam.

Diante dessa minha busca me aproximo e retomo as reflexões sobre o pensamento geográfico e outra concepção da Nova Geografia: a Geografia Pragmática, uma corrente que transita entre a noção descrita pelos livros didáticos e por meu encontro com a ciência.

A Geografia Pragmática direciona seu primeiro olhar ao futuro em busca da aplicabilidade da Geografia orientada pelo neopositivismo, para o empirismo abstrato e pelo uso da tecnologia e da matemática em seus estudos. Nessa corrente encontra-se a Geografia Quantitativa que exalta os métodos matemáticos para a compreensão dos fenômenos. "Entre as décadas de 50 e 60 passaram a ser comuns as declarações solicitando a quantificação e a matematização em áreas de interesse da Geografia" (Vitte, 2007,p.93). No Brasil, ficou conhecida como Geografia Teorética, onde o espaço não era a chave central de estudo, além disso, a renovação se abriu ao estruturalismo, fenomenologia, neopositivismo e ao marxismo. Com essa abertura, a Pragmática se aproximou, também, com seu segundo olhar, da Psicologia e, apresentou a Geografia Humanista³.

A Geografia da Percepção busca entender como os homens percebem o espaço por eles vivenciado; como se dá sua consciência em relação ao meio que os encerra; como percebem e como reagem frente às condições e aos elementos da natureza ambiente, e como este processo reflete na ação sobre o espaço. (Moraes, 1986, p.106)

A Geografia Humanista permite a inserção da subjetividade na relação com o lugar e o espaço vivido. A ideia é valorizar a experiência do indivíduo em relação aos lugares. Nessa tendência, muito se trabalha as noções de espaço e

³ Este termo pode variar de acordo com alguns autores, como, por exemplo, Antonio Carlos Robert Moraes a descreve como Geografia da Percepção e Antonio Christofolletti como Humanística.

lugar, com especial destaque para Yi-Fu Tuan com a concepção de topofilia que será destacada ao longo do texto. Nesta alternativa geográfica, o foco passa a ser o homem e com ela poderei estabelecer meu foco de descrever os instrumentos e sujeitos de diferentes esferas que auxiliarão minha pesquisa.

O encontro na favela e a Geografia Humanista

Ao ler e me re-encontrar com as grandes correntes geográficas expostas aqui, em linhas gerais, pude definir com clareza onde fixar meus pés. Agora percebo o que ou quem norteava minha fala, mesmo que de modo implícito ou inconsciente me fazia desejar estudar a concepção da noção de favela pela criança a partir do olhar da Geografia e do papel do professor. De fato precisava me aproximar do pensamento geográfico para re-conhecer, identificar e escolher para, então, dos outros me afastar. Hoje, vejo minha aproximação ao geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (nascido na década de 1930 e com vida acadêmica consolidada nos Estados Unidos) e com a Geografia Humanística focalizada na Geografia da Percepção, a partir dos quais continuarei meu texto.

Segundo Christofolletti (1982), a Geografia Humanística teve como base nomes como Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relph e Mercer e Powell, valorizando a experiência vivida do indivíduo. Neste trabalho, como já explicitado, deter-me-ei as noções de Tuan.

De acordo com o Christofolletti, "a Geografia Humanística procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares." (p.22). Com essa valorização, os indícios pelos quais me aproximei dessa Geografia começam a clarear. Eis um olhar para o indivíduo, seu comportamento e

sua relação com o lugar, finalmente uma aproximação com o que busco: o sujeito e não apenas o espaço-favela.

Com a noção que "para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente" (Christofoletti, 1982, p.22), reforço a ideia de investigar a noção de favela em grupos sociais distintos à favela na busca de tentar compreender, justamente, suas atitudes e valores para com o ambiente - favela.

Ao valorizar a percepção, atitudes, gostos e particularidades dos lugares, a Geografia Humanística diferencia espaço e lugar, como serão discutidos ao longo do trabalho. Seu grande diferencial está no foco de trabalho na relação entre o indivíduo e o lugar.

De acordo com Tuan (1982), essa Geografia reflete fenômenos geográficos para melhor entender o homem e sua condição; não focaliza-se no estudo da Terra e entrosas humanidades; busca uma visão mais precisa do mundo humano através dos estudos das relações das pessoas com a natureza, seus sentimentos e ideias a respeito do espaço e lugar. Com este viés, outras correntes também poderiam fazer essa leitura, mas isso reforça a ideia que a Geografia ao se abrir para outros olhares, não se fechou para os pensamentos que orientam sua história e sistematização acadêmica. O diferencial que busco, e encontro, é aceitação e valorização dos sentimentos acerca do lugar.

Para Tuan, "uma pessoa é sua biologia, seu meio ambiente, seu passado, suas influências ancestrais, a maneira como vê o mundo e a maneira pela qual deliberadamente prepara a imagem pública." (1982, p.156). Este pensamento reflete como se dá a formação do sujeito, inclusive a partir de seu meio, e na relação da imagem que o outro dele terá. Se o 'eu' se forma com o outro, o 'eu' é

visto pelo outro e ele se vê e reflete o/no outro, importará ou não a noção de favela do outro? E a sua noção?

Neste instante, em que o "eu", o outro e o meio estão imbricados, para caminhar no pensamento de Tuan, a princípio, é preciso pontuar algumas palavras-chave que para o autor estão interligadas e levam ao entendimento de seu conceito principal: topofilia.

A primeira palavra a ser compreendida é a que caracteriza essa corrente da Geografia: a percepção. Para Tuan (1980) "percepção é tanto a resposta de sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados." (p.4). O foco dessa afirmação está na relação com os sentidos humanos. Dessa forma, o sujeito percebe no espaço determinados elementos e outros não, e como ele sente o que ele percebe? Trabalharei, portanto, com sua noção de percepção; uma percepção ligada aos sentidos, registros de memória e o lembrar ou esquecer sobre os lugares.

Se essa percepção mexe, afeta, o indivíduo, o que ele faz com seus sentidos? A atitude seria a próxima palavra. "Atitude é primariamente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. As atitudes implicam experiência e certa firmeza de interesse e valor." Com essa afirmação fica nítida a metáfora de um novelo de lã, que para conhecê-lo é preciso desenrolá-lo. Para conhecer o olhar pontual de uma criança é necessário identificar o que permeia sua atitude e postura ao falar e desenhar sua noção de favela. Ou seja, quais os valores históricos, sociais e culturais que perpassam as esferas de relações dessas crianças? Quais mediações têm suas percepções? Existe um fio processual que a forma e atua em sua maneira de se afetar pelo mundo, de senti-lo, de agir e de estabelecer sua noção do que seria uma favela. É uma relação

dialógica: mundo a afeta, ela se sente afetada e ao mundo retorna com sua atitude formada pela mediação que a afetou, ou seja, que tocou seus afetos.

Essa esperada atitude é fruto e reflexo da próxima palavra-expressão: valor e visão de mundo. "A visão do mundo é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social. Ela é uma atitude ou um sistema de crenças." (Tuan, 1980, p.5). Essa visão de mundo foi expressa pelos desenhos que as crianças fizeram e, dessa forma, tiveram a tendência em refletir essas crenças que estão intrincadas na formação do sujeito. Por mais limitada - temporalmente, geograficamente- que seja a realidade da criança, não é possível fragmentá-la como se ela não mantivesse relações com o outro em sua formação, portanto, mesmo que ela não tenha, ainda, uma noção mais complexa e profunda da realidade, a pesquisa pretendeu ouvir e perceber como essas crianças a veem, mesmo com seu passado temporalmente curto. Ou seja, ela é passível de ter experiência, no sentido no experienciar, o lugar em questão. A experiência, assim, não foi vista como algo estanque no acúmulo de história, e sim, pelas memórias que os alunos carregam de suas histórias.

A partir da noção das palavras que norteiam a construção conceitual de Tuan, é possível compreender o sentido da utilização em seu grande vocábulo: o termo topofilia. Segundo o autor essa palavra apresenta-se como um neologismo e, em linhas gerais, envolve os laços afetivos do homem com o meio, associando, assim, o sentimento ao destacar o lugar. "Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal." (Tuan, 1980, p.4-5). Este termo, segundo Christofolletti (1982) tem significância ao demonstrar a integração espacial ao campo afetivo e, portanto, da experiência do indivíduo, sem que as relações entre eles sejam excluídas.

O que salta a meus olhos nessa noção de topofilia são a riqueza e a força da experiência pessoal na visão sobre o lugar. Ou seja, o modo como as experiências do indivíduo interferem em sua percepção sobre determinado lugar. A riqueza se estende na capacidade de perceber o meio a partir dos sentidos, o que não seria possível em outras correntes geográficas já citadas. Para Tuan (1983), a experiência é formada de sentimentos e pensamentos e será a esta noção que me deterei.

"A consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar" (Tuan, 1980, p.114). Daí a importância de se perceber quais os valores e o fio formador que permeiam as relações sociais dos alunos. Quais as imagens que constroem essa imagem pública sobre a noção de favela? Tudo isso ajuda a compor esse amor ou não pelo lugar. Além disso, segundo o autor, o sentimento não se prende a nada concretamente geográfico, e, dessa forma, qual será o sentimento que infringe a noção de favela das crianças que estão dela "distante"? Essa é uma noção que deixa claro a existência da distância geográfica que pode ser transposta pela relação de afeição ou não por um lugar.

"Estar junto, estar próximo, não significa a proximidade física, mas o relacionamento afetivo com outra pessoa ou com outro lugar." (CHRISTOFOLETTI, 1982, p.23). O que justifica minha escolha de não ter que ser crianças de favela. Ela está posta a todos - na cidade, na TV, nas conversas;- possível de ser percebida por todos; possível de afetar os sentidos e sentimentos de todos.

Neste contexto, o autor fala da dificuldade de se conhecer de fato a totalidade urbana, o que também não se torna um martírio, uma vez que a Geografia Humanística não busca essa síntese do todo. Ela focaliza-se em permitir o olhar do outro onde esse conhecer ou não, viver ou não, relaciona-se

diretamente com a percepção do lugar, o que pode ser acrescido no desejo de conhecer crianças de realidades sociais distantes à favela.

Em qualquer grande metrópole, as pessoas com rendas e status social diferentes vivem em partes separadas da cidade. Os ricos raramente visitam os distritos mais pobres, exceto, talvez, nas excursões pelas favelas dentro de ônibus com ar condicionado. Eles podem ter claro o mapa mental da cidade, mas é um conhecimento abstrato. Eles conhecem intimamente suas áreas residenciais: os ricos estão isolados pela sua riqueza, em suas mansões exclusivas; quanto os pobres em suas favelas e guetos étnicos. Os pobres, porém, têm uma experiência 'indireta' do mundo exterior. (Tuan, 1980, p.240).

O autor vai exemplificando essa afirmação sobre as "distâncias" com a ida do pobre ao hospital ou para ir trabalhar. Fala sobre a diferenciação dos bairros com suas fronteiras e suas inter-relações. Se este é um quadro que está posto, será que a noção da criança transcende esses limites? O mesmo trecho pode ser lido a partir do aluno que tem sua experiência, indireta e mediada, com o mundo-favela.

A topofilia permite pensar os gostos, cheiros e sensações sobre um lugar, uma vez que "um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos." (Tuan, 1980, p.12). Dessa forma, não é uma Geografia estática e indiferente ao meio, ao contrário, ela está nele inserida e ao mesmo tempo procura vê-lo de fora. Não é uma Geografia que apenas relata as imagens e impressões de viagens, ela procura conectar pessoas e lugares. Não é uma Geografia que se limita a quantificar as pessoas, seus problemas e lugares, ela procura compreender o que são problemas para aquele grupo de pessoas daquele lugar. Ao mesmo tempo, não é uma Geografia fragmentária que se aprisiona no embate do particular e do geral, ela se liberta a entender que um certo ponto faz parte de uma rede que atua em sua formação.

Segundo Luciano Castro Lima (2006), o nosso corpo é nosso primeiro meio, não há como ignorá-lo, muito menos nossos sentidos. Não quero uma Geografia que não vê, não sente, não toca ou não ouve. Quero resgatar no encontro com a criança aquilo que ela transborda: os sentidos. E foram estes os óculos que iluminaram minha pesquisa. Será essa concepção que iluminará minha leitura de mundo.

Pensando nos sentidos e na favela, quais são as imagens que a criança tem? Quais os cheiros que acompanham essas imagens? Quais as sensações corporais lhe vêm? Quais os barulhos e ruídos? Aquele lugar lhe traz algum sabor? Essas perguntas são cabíveis na percepção Geografia Humanista.

Essa Geografia permite a investigação das diferentes sensações que um nativo e um visitante têm sobre um lugar, reforçando a ideia de investigar crianças são de realidades próximas ou distantes de favelas. Para Tuan (1983), o espaço familiar torna-se lugar, neste sentido, a investigação da pesquisa se focará nesta perspectiva.

A partir da relação entre percepção e topofilia perde-se a busca por um conceito fechado sobre favela e encontra-se a amplitude do reflexo das relações humanas entre si e com o meio. Adjacente a essas relações estão as noções e concepções que os sujeitos tecem sobre a noção de favela, no entanto, elas revelam que "os seres humanos persistentemente têm procurado um meio ambiente ideal. Como ele se apresenta, varia de uma cultura para outra, mas a essência parece acarretar duas imagens antípodas" (Tuan, 1980, p.288). Desse modo, não há uma representação conceitual de favela, e sim, a busca pelo encontro das representações que as crianças fazem sobre essa noção.

Meu reencontro com a Geografia

As frases ecoaram. De fato ecoaram inicialmente como um som estridente do badalar de um sino, de um lado para outro. Mas mesmo o mais forte soar em algum momento para e deixa um leve ruído com a mensagem pela qual badalou. Comigo não foi diferente!

O sino bateu forte. Estremeceu-me a ponto de duvidar de minhas origens e desconfiar de meu objetivo. Mas o barulho se fez necessário. A barreira do som atravessou minhas "certezas" ditas naturalizadas e rompeu com minha normalidade geográfica.

É! O mundo não é como pensava. Acreditava ser natural que as favelas tivessem seu modo de ser visto e entendido. Natural no sentido, ué, não é assim?! Não! Por de trás da favela, ou melhor, diante dela encontra-se um sujeito que carrega consigo os óculos de seus valores, crenças, gostos, status social, econômico e cultural. São estes os óculos que direcionam os olhares a partir do lugar de onde seus pés estão fixados. Portanto, não poderei conceber a favela como um retrato já revelado e estático, deverei sim, considerar quem a observou e, principalmente, de onde. Dessa forma, essa tendência caberia em minha Geografia naturalizada?

O sino bateu de um lado ao outro. Encontrei e re-encontrei o discurso geográfico. Mas o que fazer com ele? Descrever o processo histórico? Descrever as características de cada escola? Mas onde este processo me levaria? Foi quando percebi que tratava-se mais um mergulho pessoal nas correntes geográficas do que a produção de um artigo acadêmico discutindo o tema.

Refiro-me a um encontro pessoal, pois precisava, de fato, saber sobre as origens de meus caminhos. Procurei de modo simples e sem profundidade ler

sobre cada escola e enquanto o fazia fui compreendendo que não era tão natural o modo como gostaria de ver a favela. Mas ainda a Geografia parecia distante.

O sino foi diminuindo o ritmo de seu badalar. Enquanto tirava as mãos dos ouvidos e começava a levantar a cabeça, ouvi o sussurrar da Nova Geografia me chamando à percepção e à utilização de meus sentidos.

Com a Nova Geografia fui identificando as características que me formaram, mas que não me alertaram para ouvir o som de outros discursos. Foi nesse instante que o famoso jargão "dar nomes aos bois" se concretizou.

O sino tocava a chamar pelo encontro do pensamento de Tuan e a Geografia da Percepção. Naquele momento foi como se todo o ecoar tivesse se tornado uma melodia doce, porém, firme. Era o encontro do que desejava estudar, com o que ouvia que deveria desejar estudar e a realidade. Parece contraditório, mas a realidade estava ali, simples ao alcance de meus sentidos. De fato foram eles, aliás, ela - a audição - que me levou ao encontro da razão.

O sino apenas balança. O resultado desse trabalho não é o produto e sim o movimento que em mim ele gerou. Trata-se de um ponto de partida e não de chegada. Re-conheci minhas origens e sei onde me apoiar em meu caminhar. Vejo de quais Geografias devo me afastar desde quando vi em qual devo me mirar.

Segundo Tuan (1982), "a oportunidade, para os humanistas, reside na tentativa de entender em profundidade a natureza das crenças, atitudes e conceitos, a força com a qual são mantidas suas ambivalências e contradições inerentes e seus efeitos, tanto diretos como indiretos, sobre as ações." (p.158). E é o que tenho buscado: entender um "conceito" que resvala nas atitudes que são mantidas por suas crenças a respeito da noção de favela. Portanto, perguntarei como, segundo o mesmo autor, um humanista pergunta ao mundo: o que ele significa? Diante desse cenário, concentrarei meu foco na Geografia em que

me reconheci e sobre ela direcionarei minha discussão sobre espaço, lugar e identidade.

No encontro com a Geografia: Espaço, Lugar e Identidade

"As cidades, como um sonho, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa."

Ítalo Calvino

Ao longo da sistematização e da configuração do pensamento geográfico muitos foram os caminhos que conduziram às noções de espaço. Esse objeto da Geografia pauta o cenário de discussões e baliza suas análises, no entanto, como já demonstrado, são muitas as geografias focalizando diversas maneiras de se compreender o espaço. Ou seja, o espaço tem sido explicado no campo geográfico sob muitas perspectivas, mas não caberá a este trabalho uma discussão dessa categoria em tal diversidade. Canalizarei minha reflexão à Geografia em que me encontrei e aos autores que porventura poderão dialogar com essa concepção. Procurarei refletir como as categorias espaço, lugar e identidade atravessam meu objeto de acordo com o recorte e a dimensão dada por Tuan. Dimensão esta que também me apoiarei em seu entendimento por percepção e experiência, como já discutidas na reflexão do pensamento geográfico.

Dessa forma, quando fui instigada a refletir na relação espaço - lugar - identidade fiquei a pensar na possível diferenciação entre espaço e lugar. No

entanto, antes de priorizar um mergulho no debate acadêmico, uma dúvida me angustiava: a qual ideia de espaço e lugar que as pessoas que estão fora desse debate se detêm?

A partir dessa questão recorri à definição segundo o dicionário Aurélio no qual o vocábulo espaço pode ser lido como: "Espaço (p.562): distância entre dois pontos ou área ou volume entre limites determinados." Com esta definição, o objetivo estava posto: se o espaço é considerado uma distância delimitada entre dois pontos- não o lugar apenas como um ponto localizável-, interessar-me-ei, justamente, pelo o que ocorre entre esses pontos. A partir desse viés, procurarei me centralizar nas concepções de espaço e lugar de Yi-Fu Tuan e, a partir dele, dialogar com noções refletidas por Doreen Massey, Ruy Moreira, Ana Fani, Soja, Werther Holzer e Christofolletti, na busca de relacioná-los ao caráter identitário em Bauman.

Segundo Massey (2008), neste intervalo entre pontos, encontra-se a esfera da multiplicidade de elementos, de vozes e do dinamismo das relações que, a partir delas, e com elas, vai se tecendo o espaço como produto de interações. Desse modo, o espaço é configurado por relações ao mesmo tempo em que essas interações existem por estarem situadas no espaço.

Com essa concepção já torna-se claro que o espaço não será apenas considerado como um plano horizontal de superfície lisa e geograficamente cartografado, ele será valorizado pelas relações nele estabelecidas. Um olhar de sentido duplo, seja pelo espaço oportunizando as relações, seja pelas relações configurando o espaço: um encontro entre sociedade e espaço.

"Existe, hoje, um distanciamento em relação àquela imaginação do espaço como uma superfície contínua, que o colonizador, como único agente ativo, atravessa para encontrar aquele a-ser-colonizado, simplesmente 'lá'. Isto seria o espaço, não como uma superfície lisa, mas como a esfera da coexistência de uma multiplicidade de trajetórias." (Massey, 2008, p. 100)

Desse modo, não negarei que existe um espaço-favela delimitado fisicamente, como a referida distância entre dois pontos no contexto urbano, no entanto, valorizarei as relações não pessoais, as interpessoais constituídas a partir dele e com ele. Buscarei perceber como o espaço também possibilita uma relação dupla com a identidade, onde ele pode representá-la e, também, por ela pode ser configurado. Assim, a objetividade do espaço delimitado permitirá que a subjetividade das relações se aflore na pesquisa através da multiplicidade de vozes. Mas a pergunta permanece: qual a relação entre espaço e lugar?

Retomando a definição do dicionário para o vocábulo lugar (p.855): "espaço ocupado; espaço próprio para determinado fim". Este significado já começa a sinalizar a ideia que o lugar não é apenas uma distância entre dois pontos, ele é ocupado, e se o é como se dá esta ocupação? A questão de minha pesquisa está na subjetividade daqueles que ocupam determinado lugar no espaço urbano e na possível influência do lugar na formação da identidade do cidadão, uma vez que estou focalizando os sujeitos e não o processo de formação das favelas. No entanto, essa conceituação ainda deixa o lugar como uma abstração de ideias. É preciso ser mais pontual para estabelecer tal relação entre os termos.

As noções de espaço e lugar são foco de análise geográfica, para Tuan (1980, 1982, 1983), o lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado no qual está integrado pelas relações diretas ou indiretas que estabelece com ele ou a partir dele. Christofolletti (1982), completa que ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições; é o centro de significância. O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas e o estudo do espaço irá procurar analisar seus sentimentos e ideias sobre tal espaço.

Holzer (2003) indica que para Tuan a percepção do espaço é orientada pelo corpo humano aliado às categorias temporais, onde o sujeito o compreende no presente a partir de sua formação passada e tem sua atitude orientada ao futuro com essa experiência vivida.

"Investigados os diversos significados de espaço, Tuan iria se dedicar ao lugar. Ele observa que o lugar, na linguagem coloquial, tem dois significados: posição na sociedade e localização espacial. Mas, além destes, tem outro mais profundo: ele possui 'espírito', 'personalidade', existe um 'sentido do lugar'. Este sentido remete-se à apreciação visual ou estética, e também pela audição, olfato, paladar e tato, que exigem um contato próximo e uma longa associação com o ambiente." (Holzer, 2003, p.120)

Dessa forma, Geografia Humanista, prima à integração espacial mais pela dimensão afetiva que pela métrica. Christofolletti (1982) completa que "estar junto, estar próximo, não significa a proximidade física, mas o relacionamento afetivo com outra pessoa ou com outro lugar." (p.22). Essa variação pode ser entendida quando alternamos a sensação temporal de uma viagem na ida e na volta; quando adultos retornamos a um lugar que quando criança nos parecia enorme; ou quando o amor, por exemplo, a uma pessoa no faz dizer que sua cidade é logo ali e quando a saudade perturba a cidade parece ter ficado mais distante...

Todavia, é plausível esclarecer que esta pesquisa prima por uma entre tantas geografias e, também, por específica noção de espaço e lugar que, perfeitamente, poderia ser considerada de outra forma dentro de outras geografias. Massey (2008) sinaliza que Giddens apontava que nas sociedades "pré-modernas, espaço era tanto local quanto lugar" e com a modernidade veio "a separação dos dois: espaço exterior de um lugar que era específico, conhecido, familiar e delimitado. (p. 104)

Holzer (2003) registra que Tuan "caracteriza o lugar a partir da experiência. O lugar era avaliado como lar, em suas diversas escalas: o próprio lar, a vizinhança, a cidade, a região e ao estado-nação." (p.121). Neste sentido, ao citar o autor, a experiência se dá ao conhecermos o mundo através da sensação (sentimento), percepção e concepção.

Segundo Tuan (1980, 1982, 1983) vivemos no espaço que é liberdade e encontramos a segurança no lugar. Em liberdade compreendo a de ir e vir, de transitar entre lugares e pessoas. Mas essa liberdade nem sempre é sinônimo de segurança. A zona de conforto proporcionada pela segurança é atravessada pela individualidade de um lugar e pela proteção de um lar. Esse tênue limiar entre transitar num espaço de liberdade e encontrar a segurança no lugar da pausa, esbarra no encontro com o outro, e, dessa forma, as relações de alteridade em um espaço de liberdade poderão ser as mais diversas. Se existe a igualdade em direito de "caminhar", como tolero o outro com suas diferenças no mesmo espaço? Nesta linha de raciocínio, como percebo e, também tolero, o espaço que é construído por esse outro?

Esses questionamentos vão ao encontro da pergunta de Tuan (1983, p.4): "O que dá identidade ao lugar? Segundo o autor, os lugares são centros aos quais atribuímos valor, no entanto, se é uma relação de via dupla, os lugares também poderão nos imprimir valores. Nessa atribuição de valor podemos ter um exemplo simples: somos capazes de mudar nossa postura de acordo com o lugar que frequentamos, uma vez que esses lugares carregam em si outras relações que ficam imbricadas naquele ambiente. Essa mudança requer valores previamente percebidos na relação com tal lugar, o que possibilita esse caráter duplo de identidade e lugar. Dessa forma, a partir do modo como as pessoas organizam o espaço e o lugar, elas lhe atribuem significado e valores.

Com esses pensamentos clareia-se o raciocínio que meu objeto temático-favela atravessa todo o eixo de teorização entre espaço-lugar-identidade e, neste sentido, algumas reflexões me acompanham há um tempo...

De acordo com Bauman (2007), o espaço urbano é visto, na modernidade, como um lugar de alta densidade populacional, como lugar de interação e comunicação. Mas para o autor, o espaço urbano também é um lugar de medo; um medo nascido da insegurança. Medo de quê ou de quem? Esse medo por muitos anos levou as cidades a construírem muros de proteção e, hoje, contra o que ou quem são nossos muros de proteção?

Com esse raciocínio, a partir de Bauman, a cidade se apresenta como uma linha de frente entre amigos e inimigos, onde a grande estratégia é separar e manter a distância em prol da liberdade e da segurança. Neste sentido, existem os guetos voluntários, como os condomínios fechados, e os de exclusão, como as áreas de pobreza. Nesta relação de espaço e poder, os espaços tornam-se interditados e desintegradores da vida em comunidade, onde os favorecidos são aqueles que têm condição de mudar de lugar e se afastar do outro que lhe incomoda.

"As cidades são espaços em que estranhos ficam e se movimentam em estreita proximidade uns com os outros." (2007, p.90). Essa proximidade ligada ao individualismo gera o medo e a desconfiança em dividir o espaço com o estranho. O ideal urbano tornou-se o olhar-se no igual e do diferente.

O espaço de liberdade de Tuan (1983) tem se tornado em possibilidade de se libertar de relações diretas com o outro através do fechamento entre iguais. Todavia esta pesquisa investiga, justamente, o olhar do não favelado para um espaço que não é diretamente "seu".

Ao mesmo tempo em que tudo é efêmero e fugaz, as imagens das favelas não se perdem no imaginário urbano e, ainda, se consolidam em sua carga

de repetição. Ao mesmo tempo em que existe um grande fluxo de imagens e notícias que se perdem e viram lixo no chão, em contrapartida, teoricamente, as imagens de favela são abastecidas com tal periodicidade que passamos a crer que são somente espaços de criminalidade. Não nego que também nesses espaços existam crimes e violência, mas não somente. Não estou aqui para levantar a bandeira em defesa da favela da paz, mas para questionar as noções que se tecem sobre o tema na formação da criança.

A preocupação com essa noção de favela transcende o espaço físico delimitado na mancha urbana. Extrapola o modelo de casas ali construídas e ultrapassa a ilegalidade de ações e propriedades inerentes ao lugar. A preocupação se focaliza nas pessoas que nesses espaços habitam e constituem suas relações. No entanto, ao dizer sobre minha preocupação com as pessoas, retomo o embate anterior: no contexto do fortalecimento do individualismo, como pensar as relações de alteridade? Neste sentido, gostaria de esclarecer que considero o outro aquele que está próximo ou não de mim; aquele com quem teço relações de modo direto ou indireto aquele que forma e faz parte da constituição do meu ser. Não necessariamente esse outro é alguém que não tenho identificações, posso sim ter marcas identitárias semelhantes como também poderia não ter. O outro é aquele que não sou na contagem populacional, mas que me forma e me constitui ao deixar marcas em mim de modo subjetivo. Essa relação é vista no sentido bakhtiniano e, conforme Freitas (2008), quando eu/outro é como o encontro de duas consciências. Eu só existe a partir do diálogo com outros eus. O eu precisa da colaboração dos outros para poder definir-se e ser autor de si mesmo. Uma única consciência não pode dar sentido ao seu eu; só uma outra consciência pode dar ao eu um unificado sentido da sua própria personalidade. A existência do eu para Bakhtin é inconcebível sem a existência de um tu, sem um outro. Portanto, trato neste trabalho como "outro" aqueles que

estão próximos ou distantes de minha realidade vivida. Não há como, nesta pesquisa, caracterizar o favelado de modo negativo, num cenário onde este "outro" está tão imbricado em minha realidade.

Diante e nessas relações que tecemos ao longo da vida, neste ponto rememoro meus sentimentos acerca do tema. Vejo-me uma professora cuja disciplina possui um forte caráter social e com grande potencial de olhar sobre a realidade, mas, vejo-me diante de alunos presos em suas teias de relações, impedidos, justamente, de olhar a realidade além daquilo que lhes é oferecido. Vejo-me diante de alunos de classes econômicas opostas e, em comum, o forte e constante olhar para o 'eu'.

Se dentro de sala percebia que o choque de classes fortalecia o posicionamento a favor de si e contrário ao outro, como aconteceriam estas relações no macro espaço urbano? Quando ouvia de alguns alunos que favelado é criminoso e que "riquinho" é "playboy, metido e prepotente", ficava a pensar nesses traços estereotipados e negativos na visão daquele que não o é. Ser de outro grupo social e carregar essas marcas tornou-se naquelas falas algo que afasta e categoriza pessoas. O mesmo pode ser lido a partir dos espaços por eles frequentados e que podem estar demarcados pelas categorias a que "pertencem". Neste sentido, contrariando Bauman em sua descrição da cidade como cenário de espaço dividido com aquele que amedronta, ela não somente assim é. A segurança é sentida na liberdade de ir e vir nos espaços conquistados ou destinados aos grupos. Mesmo que a liberdade entre espaços diferentes fique comprometida, ela não deixou de existir enquanto possibilidade de transitar na cidade e entre os referidos espaços de segurança.

Todavia, o que me toca e faz comungar do pensamento de Jailson de Souza (2003) é que "a associação, por exemplo, entre espaços favelados e violência faz com que - de um modo que beira a morbidez, apenas mais

sofisticada - a pluralidade do cotidiano dos moradores das comunidades populares seja, em geral, ignorado, pelos moradores dos bairros da cidade." (p.23). No entanto, apesar de compartilhar a concepção do autor, a favela não é vista no cenário público apenas como o lugar da barbárie.

"Se a presença das favelas no cenário urbano brasileiro já se estende por um século, longa é, também, sua inscrição na música popular. De fato, ela está perto de completar 70 anos, se tomarmos como um de seus marcos iniciais o samba de Sinhô *A favela vai abaixo*, lançado em 1928." (Jane Oliveira, In Zaluar 2006, p.61)

A favela move melodias, canções, poemas, pinturas e inúmeras demonstrações de uma linguagem multifacetada de uma cultura que mistura as várias faces da vida na favela.

Com será os alunos têm se formado e constituído sua identidade com a força das imagens negativas de favela ou com aquelas que exaltam suas vidas e culturas? Os dois eixos dividem espaço no senso comum sobre as favelas, mas o próprio fato dessa pesquisa trabalhar com as imagens de medo da favela, já sinaliza a força desse eixo na formação do aluno, como os desenhos e as entrevistas apresentarão.

É uma criança que pode viver cotidianamente na favela e outra que pode nunca ter ido a uma, como ficam suas noções sobre o mesmo lugar? De onde veem os fios que compõem sua noção? Poderia desenovelar fios da família, amigos, Igreja, escola, ou da mídia nesta constituição do eu e na noção difundida na coletividade.

Não pretendo um raciocínio lógico de que a criança por estar exposta às referidas imagens terá que necessariamente reproduzi-las em seus desenhos. Assumo que existe uma forte veiculação e, portanto, uma forte influência na constituição da identidade do sujeito, como de outras fontes também. No

entanto, considero que não existem apenas tais imagens na constituição do 'eu' e, assim, considerarei, também, as relações que os sujeitos tecem com as pessoas e os lugares de sua vida cotidiana com suas imagens. Dessa forma, mesmo que a favela seja uma realidade distante, como a criança o concebe em sua formação. Assim, quais seriam os filtros identitários que as crianças carregam ao olhar para a favela? Busco quais foram e como foram as apropriações de memórias e experiências de seus lugares, que poderão nele estar refletidas e refratas. Procuro na criança o seu toque de individualidade em meio à sua construção subjetiva na coletividade de sua realidade vivida. Investigo através do desenho e da fala da criança, o puxar de um emaranhado de fios que permeiam a noção de favela que a tecem.

O que tenho enfatizado até este momento é o que se apresenta de suma importância para a Geografia Humanista: o sujeito. No entanto, para compreender sua relação com o lugar é preciso visualizar este cenário em que se insere. Não posso apenas me deter à discussão entre espaço e lugar e me abster da realidade do sujeito, uma vez que estou acreditando que será ela a fazer a diferença nesta pesquisa. Todavia, outro contexto ainda se faz necessário elucidar: as aulas de Geografia na escola.

Quando volto a me referir na escola com sua relação com a temática favela, recordo-me dos pudores ao abordar tal tema. O incômodo aparecia na linguagem que deveria escolher para abordar o assunto, o que na verdade era uma questão de escolha: falar da favela com eufemismos, destacar as imagens de senso comum ou trabalhá-la pela ótica conceitual do livro didático e seus conceitos geográficos?

Para elucidar as formas de rodeios para mencionar a temática, destaco alguns modos para se referir à favela: lugar de vulnerabilidade social, área de necessidades sociais, área de especial interesse social e o mais utilizado, a

comunidade. Os dois primeiros modos de tratar a favela destacam o lugar da ausência, como alguém de fora da situação identificando a carência de equipamentos urbanos, bem como seu funcionamento. Ao mesmo tempo revelam o lado político camuflado em suas definições. Não é bem vista a cidade com áreas de favelas destacadas em sua paisagem urbana, com isso, nomeá-las dessas formas se induz a identificá-las como áreas que vão receber intervenções políticas. Ou seja, estão nessa condição, mas o poder público as salvará de suas necessidades e vulnerabilidades. No entanto, é preciso mais destaque ao pensar sobre o termo mais proferido por moradores da favela: a comunidade.

Conversei informalmente com algumas pessoas para entender o sentido da palavra. Pude perceber através de seus discursos que hoje não é agradável serem associados como um morador da favela, tendo em vista a noção de favela como um lugar onde faltam as condições básicas para a vida e sobram os espaços de criminalidade. Dessa forma, a palavra favela estaria vinculada ao espaço e a palavra comunidade a grupos de pessoas que ali residem. A ideia seria demonstrar o espírito de cooperação, num caminhar e crescer mútuos, contrapondo a noção de um lugar de malandros e bandidos.

Segundo o Dicionário Aurélio, o vocábulo comunidade pode destacar em seu significado: "estado do que é comum; comunhão. Identidade. Qualquer grupo social cujos membros habitam uma região determinada e estão irmanados por uma mesma herança cultural e histórica, em virtude de aspectos geográficos, econômicos e/ou culturais comuns. Agrupamento que se caracteriza por forte coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos que comungam uma mesma crença ou ideal."

Os sentidos atribuídos ao vocábulo demonstram o caráter de identidade e comunhão a um grupo social, o que equivale ao pensamento de seus moradores ao utilizarem o termo para caracterizar as pessoas que na favela

moram. Desse modo, é possível salientar que o lugar onde tecem suas relações, mesmo sendo mal visto por não-moradores, proporciona o surgimento e a manutenção de laços afetivos entre as pessoas e o lugar, justificando a ideia do sentimento de bairrismo em seus moradores. Esse processo vai ao encontro do pensamento de Tuan (1980) sobre a Topofilia, no qual as pessoas são capazes de estabelecer relações afetuosas com o lugar onde vivenciam suas relações, assim, os moradores não pretendem destacar características físicas do espaço, e sim, as relações que tornam seu lugar familiar.

"A identidade de um lugar é a sua característica física, sua história e como as pessoas fazem uso de seu passado para promover a consciência nacional" (TUAN, 1982, p.156). Em muitas vezes a favela pode ser sim conhecida como "morro", pois de fato ela poderá estar localizada em um. Mas a força dessa imagem associou esta forma de relevo a este modelo de ocupação que não se aplica a todo e qualquer cidade que tenha uma favela.

Para o referido autor, "uma pessoa é sua biologia, seu meio ambiente, seu passado, suas influencias ancestrais, a maneira como vê o mundo e a maneira pela qual deliberadamente prepara a imagem pública." (1982, p.156). Este pensamento reflete como se dá a formação do sujeito, inclusive a partir de seu meio, e na relação da imagem que o outro dele terá. Se o 'eu' se forma com o outro, o 'eu' é visto pelo outro e ele se vê e reflete o/no outro, importará ou não a noção de favela do outro? E a sua noção?

Nesta linha de pensamento o que podemos perceber é uma tênue e áspera divisão nas relações entre os que ali moram e os que não, entre os do morro e os do asfalto, entre os do crime e os da paz, entre os da favela e os da comunidade. Segundo Norbert Elias (2002) nessas dicotomias existe um sentido do lugar para os lá estabelecidos e outro para os outsiders, permitindo assim, sentimentos diferentes para os mesmos espaços. Estes sentimentos variam a

partir da forma como o ator urbano percebe o espaço, podendo declarar uma relação de soberania, exclusão, aceitação ou segregação diante de regras formais ou subjetivas sobre o espaço. Tal diversidade na percepção do outro e do espaço pode ser uma justificativa na forma como a favela é nomeada no cenário urbano.

Se o lugar permite essa variação de sentimentos e atitudes, é real valorizar essa possibilidade de olhar para o espaço. Ou seja, o espaço continua posto, cartografado, localizável, com distância entre dois pontos, mas também com aquilo que nele acontece, que o faz variar pelo modo como o sujeito o percebe. Não estou relativizando o espaço, estou admitindo o olhar do sujeito. Um olhar que parte das dimensões corporais, invade seu intelecto e impulsiona o seu comportamento sobre o espaço. Continuo dessa forma, com o pensamento de Tuan e suas palavras-chave: percepção, visão de mundo, atitude e topofilia.

"O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo." (CARLOS, 1996, p.22). Compartilhando dessa ideia, Ana Fani também pondera que o homem percebe o mundo através de seu corpo e sentido. Com esse canal de percepção, não poderei negar que a criança pode ter seus afetos sensibilizados por imagens ou conversas de outras pessoas que estiveram fisicamente no lugar em questão. Ou seja, a criança pode não ter ido à favela, mas ela também pode ter elementos sensoriais que lhe permitem ter uma visão daquele lugar e, dessa forma, uma atitude para com ele.

Com a concepção de Tuan, o espaço ao se tornar lugar ele traz a possibilidade daquele local não lhe ser mais indiferente. Ou seja, um sujeito com seu olhar para o espaço lhe imprime uma distinção entre os demais locais. Mesmo com o deslocamento temporal com a produção de Tuan, as pessoas contemporâneas continuam a ter a capacidade de se sentirem afetadas pelos lugares e por eles alterarem seus sentimentos.

Retomando a noção de comunidade, Bauman (2003) a percebe como um espaço de segurança, conforto e da sensação de algo conhecido das pessoas. Desse modo, os sujeitos podem dividir o mesmo espaço e vivenciá-lo de maneiras diferentes, fazendo com que seus sentimentos entre elas e pelo lugar também se diversifiquem, possibilitando assim, que familiarizados e "estrangeiros" possam cohabitar o espaço urbano. O autor acredita em duas possibilidades para a comunidade: para os que vivem juntos e pelos que comungam a mesma ideia e valores.

Essa noção de comunidade vai ao encontro do pensamento de Tuan (1980) sobre Topofilia. Em ambas as situações existem um elo afetivo entre a pessoa e o lugar. Na verdade, o que pretendo salientar é este conflito que a criança, em sua formação, poderá estar exposta, no que diz respeito a sua relação de pertencimento ou não com um lugar. Sob este aspecto, pode surgir a identidade/solidariedade pelo outro, como também, a intolerância. Neste sentido, o que atravessa estas questões é a relação da criança com o outro em sua constituição e como ela tem sido mediada no espaço urbano.

Pertinente a estas situações, Bauman relata um cartaz que viu em Berlim no ano de 1954 que dizia: "Seu Cristo é judeu. Seu carro é japonês. Sua pizza, italiana. Sua democracia, grega. Seu café, brasileiro. Seus algarismos, arábicos. Suas letras, latinas. Só o seu vizinho que é estrangeiro." (2005, p.33)

Desde que li sobre este cartaz e todas as vezes que o releio sinto um enorme silêncio ao meu redor, como se tudo parasse para que eu refletisse o peso do que ali estava escrito. Mesmo, neste momento, descartando toda a carga histórica e contextual de onde e quando o cartaz foi lido, o tema continua a pesar. O que focalizo hoje é "Só o seu vizinho que é estrangeiro".

O cartaz está totalmente adequado às justificativas que damos diariamente neste mundo globalizado, onde para o consumo tudo, inclusive o que é

do outro, é permitido. No entanto, quando falamos de relações entre pessoas, independentes do consumo, a estranheza, a desconfiança e medo pairam sob o ar. O que novamente me pergunto, é como as crianças têm lidado com isso? Quando digo lidado, incluo o que elas têm visto e o que elas têm aprendido a ser/fazer...

Resolvi entender o sentido do vocábulo estrangeiro, também segundo Aurélio (1980): "Que é de outra região, de outra parte, ainda que pertencente ao mesmo país; ádvena, forasteiro, estranho. Chegado de fora; intruso. Que está fora do lugar próprio." Este sentido de estrangeiro mostra que o outro podendo ocupar o mesmo espaço, ainda sim, poderá ser de fora, ser intruso. E justamente quem é visto assim pelo cartaz: o outro; o vizinho.

Essas reflexões são puramente pertinentes ao que desejo estudar. No momento em que escolho o espaço-favela como cenário para se estabelecer ou não as relações urbanas, o que passa a ser o foco é o modo como este lugar é visto a partir das relações que a criança pode tecer.

Neste sentido, retomando Tuan, se o lugar é pausa, segurança quando nele me identifico e crio laços afetivos, essa pausa identitária existe porque o lugar possibilitou a segurança que possivelmente não seria encontrada onde o espaço não é o seu. Como Bauman acredita que "o anseio por identidade vem do desejo de segurança." (2005, p.35). Existe uma relação dialética neste pensamento: identifico-me com o outro e tenho segurança; tenho segurança, pois me identifico com o outro; tenho medo do outro com quem não me identifico. E para a criança na temática da favela, ela só se identifica com quem é da favela?

Com estas questões o pensamento de Bauman (2003, 2005, 2007) faz sentido, a comunidade pode ser dos que vivem juntos ou para os que comungam dos mesmos valores. Como é pertinente investigar sujeitos que não necessariamente vivem no espaço-favela.

Existe, portanto, uma afinidade entre espaço, lugar, liberdade, individualidade e percepção. Se para Tuan (1983) "quando o espaço nos torna inteiramente familiar torna-se lugar" (p.83), se evidencia a ideia que as pessoas são livres para transitar entre espaços e à medida que percebem determinados espaços ao seu modo, aos seus valores e à sua identidade, esse espaço, a elas, se apresenta como um lugar. Todavia essa não é uma relação linear, e sim, repleta de conflitos, uma vez que trata-se de uma individualidade inserida num contexto coletivo.

É preciso retomar o ponto sobre o imaginário a partir da concepção de memória comum. Esta memória comum tangencia pessoas diferentes em lugares diferentes mesmo que nunca tenham tido interação. A favela pode ser um elemento dessa memória comum, como a violência também pode ser. As pessoas compartilham imagens que transcendem os grupos a que pertencem. Desse modo, existe uma associação, de senso comum, entre favela e violência. Ou seja, essa associação permite que as pessoas tenham medo da violência. Todavia, o medo é de uma violência "gerada" por moradores das áreas de favela. Logo, a violência passa a ser personificada e condicionada ao lugar por elas habitado e, desse modo, teme-se o outro.

A partir da memória comum existe hoje, um conhecimento sobre os lugares, tanto os lugares pares quanto aqueles que diferem de sua realidade imediata. É neste ponto que se faz necessário compreender como as crianças percebem tais espaços, mesmo que nunca tenham transitado por eles. Com essa noção evoca-se a ideia de Tuan (1983) sobre experiência, sob qual me apoio.

Para o autor, a experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade, passando pelos sentidos, pela simbolização e pelo colorido das emoções. Ela permite a interpretação do lugar. Na relação espaço e lugar, um não se define sem o outro.

Na experiência, o significado de espaço, frequentemente, se funde com o de lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor.

"A experiência está voltada para o mundo exterior. Ver e pensar claramente vai além do eu. O sentimento é por alguma coisa e revela a maneira pela qual o "eu" é afetado." (Tuan, 1983,p.10) A experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência.

Para o "eu" aprender ele precisa sair (ex) que do latim tem a ver com perigo. Ir ao encontro do outro ou apenas sair de si é perigoso. Sair do lar seguro e do lugar é ameaçador. Ir para o espaço de liberdade onde se encontra ou foge do outro é de amedrontar. Mas é preciso ir para construir a própria vivência e a própria identidade.

Ao investigar como as crianças veem a favela, busco o fio que poderá demonstrar pelo o quê e por quem esse "eu" é afetado hoje. De onde partem esses estímulos e quais os símbolos que se configuram hoje e ajudam a formatar essa visão da criança, além de visualizar por onde esses símbolos apontam e o que permeia a experiência da criança com o lugar e as pessoas associadas aquele lugar.

A partir do momento que decidi considerar as concepções e representações que as crianças têm sobre o espaço-favela, acolhi a ideia de que o espaço é aberto. Sendo aberto, é passível de ser percebido de diferentes modos pelo sujeito e, que essa percepção é atravessada pela identidade dele pelo lugar e, do mesmo modo, da maneira como o lugar lhe imprime identidade através de sua experiência.

Sobre essa representação, Ruy Moreira (2007) aponta que, "a ideia não é uma invenção pura e simples de nosso pensamento, uma especulação sem mais nem menos de nosso intelecto. Ela resulta da relação intelectual com a realidade

sensível, o real sensível traduzido como construção do intelecto através do conceito. Daí dizermos que é uma representação." (p.106)

Neste sentido, a noção que temos da realidade será resultado da sensibilidade e do intelecto, ou seja, dos sentidos, da percepção e dos conceitos. Dessa forma, "através da sensibilidade captamos as coisas da realidade circundante e as transportamos na forma de sensações até dentro de nós, à nossa mente. Em nossa mente, essas sensações são reunidas na reprodução dos objetos do mundo externo na forma de imagem. Forma-se, assim, uma primeira síntese da realidade do mundo, que é senso-percepção." (MOREIRA, 2007, p.106)

Com essa noção, posso reforçar o que a Geografia Humanista já descreveu e o que vem sendo enfatizado por Tuan: que a noção do espaço é atravessada pelos sentidos e pela percepção.

Com essa noção, a favela é sim verificável no interior da malha urbana, mas, também se apresenta como lugar que possibilita a experiência de quem lá vive ou de quem lá passa.

Massey (2008) concebe o lugar na relação ao local, cotidiano e de práticas reais. Para a autora, "o espaço não existe antes de identidades; entidades e de suas relações. As identidades e as inter-relações são constituídas juntas nas negociações internas de construção do espaço lugar." (p.30). Dessa forma, o espaço também é real, vivido. Desse modo, a consideração é pelas relações pertinentes à identidade do sujeito e do lugar.

Ruy Moreira (2007) considera o espaço como "uma condição concreta de sua produção social." O caráter social do espaço geográfico decorre do fato simples das necessidades biológicas dos homens. Quando o homem transforma seu meio, se transforma. "Os homens entram em relação com o meio de natural através das relações sociais travadas por eles no processo de produção de bens materiais necessários à existência." (p.65). O espaço permite as interações

homem-meio e homem-homem. Com seu pensamento, não creio que o homem modifique o espaço apenas ao sanar suas necessidades biológicas. O que pontuo, é a importância das relações tanto entre homens quanto com o meio, na constituição do lugar e na configuração do espaço, fazendo sentido ao pensamento de Massey (2008) onde o espaço permite as interações homem-meio e homem-homem, na configuração de identidade e relações para a existência do espaço.

Fico a pensar e recapitular minhas reflexões sobre os muros que separam os condomínios fechados da cidade... Em geral, estes guetos voluntários não utilizam muros entre suas casas, mas o definem em relação àqueles que fora dele estão. Separar de quê ou de quem? O medo do transitar entre espaços e pessoas tem levado o muro a ser objeto de segurança. Em contrapartida, ele é o reflexo explícito do medo. São muitas as dúvidas e questões acerca das relações na modernidade onde o muro apresenta-se como um elemento de espaço, material, objetivo e que determina fluxos e intervalo, impedimento de trânsito.

Em Tuan (1983), o símbolo de liberdade, sugere futuro e convida à ação. Ser aberto e ser livre é estar exposto e vulnerável. O espaço fechado humanizado é lugar; o centro calmo de valores estabelecidos. "Os acontecimentos simples podem com o tempo se transformar em um sentimento profundo pelo lugar.(p.158). "O lugar existe em escalas diferentes.Em um extremo a poltrona preferida, no meio a pátria e no outro toda a Terra." (p.165). Ele funcionaria como um "arquivo de lembranças afetivas" (p.171). "lugar é pausa no fluxo do tempo" (p.219)

Para o autor, a partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice versa. Se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

Isso tudo pode acontecer dentro da cidade que conheço e que desconheço. O espaço cidade está ali configurado, dentro dela os bairros e as favelas também se configuram espacialmente. É possível delimitá-la espacialmente por suas características, mas qual o sentido atribuído aquele espaço? É de lugar de encontro, de segurança ou de medo e fuga?

Portanto, não caberá a este trabalho abarcar a ideia de espaço como uma representação fixa, linear, de quantidade mensurável e que torna invisível o fluxo da vida. Caberá agora, compreender todo esse processo na interação com os sujeitos.

"Lugares muito queridos não são necessariamente visíveis, quer para nós mesmo, quer para os outros. Os lugares podem se fazer visíveis através de inúmeros meios: rivalidade ou conflito com lugares, proeminência visual e poder evocativo da arte, arquitetura, cerimônias e ritos. Os lugares humanos se tornam muito reais pela dramatização das aspirações. Alcança-se a identidade do lugar pela dramatização das aspirações, necessidade e ritmos funcionais da vida pessoal e dos grupos."
(Tuan, 1983, p.197)

Do contexto aos textos: o cenário trazido pelos desenhos

Conversas. Em quantas conversas informais pude me alimentar neste período da pesquisa? Inúmeros foram os sons que por muitas vezes me ensurdecaram e por tantas outras me fizeram cantar. Quantas pessoas encontrei? Quantas vidas se cruzaram com a minha? E como todas me tocaram na presença ou na ausência de interesse sobre o tema de minha investigação. E num ponto todos hão de concordar: todas já ouviram falar em favela.

O simples fato de trazer à pesquisa uma temática que para muitos é "conhecida", gerou nessas conversas informais um conjunto de noções de favela que naquelas pessoas se mostrou bastante consolidado. Quanto mais prestava atenção nas noções que para mim despontavam, mais aumentava em mim o interesse por conhecer o que os alunos apresentariam sobre a favela.

Para minha surpresa, uma nova possibilidade de ampliar este universo gerado pela pesquisa se abriu ao observar cuidadosamente o pacote recebido com 140 desenhos. Passei a ter a oportunidade de tecer um cenário de aspectos comuns entre aquela turma de alunos que por motivo de enfoque não seriam todos entrevistados. Pude buscar os fios comuns entre conversas com amigos e aquelas que os alunos tiveram durante a aula para desenharem suas favelas. Será que existiria algo comum entre conversas estabelecidas na escola e fora dela?

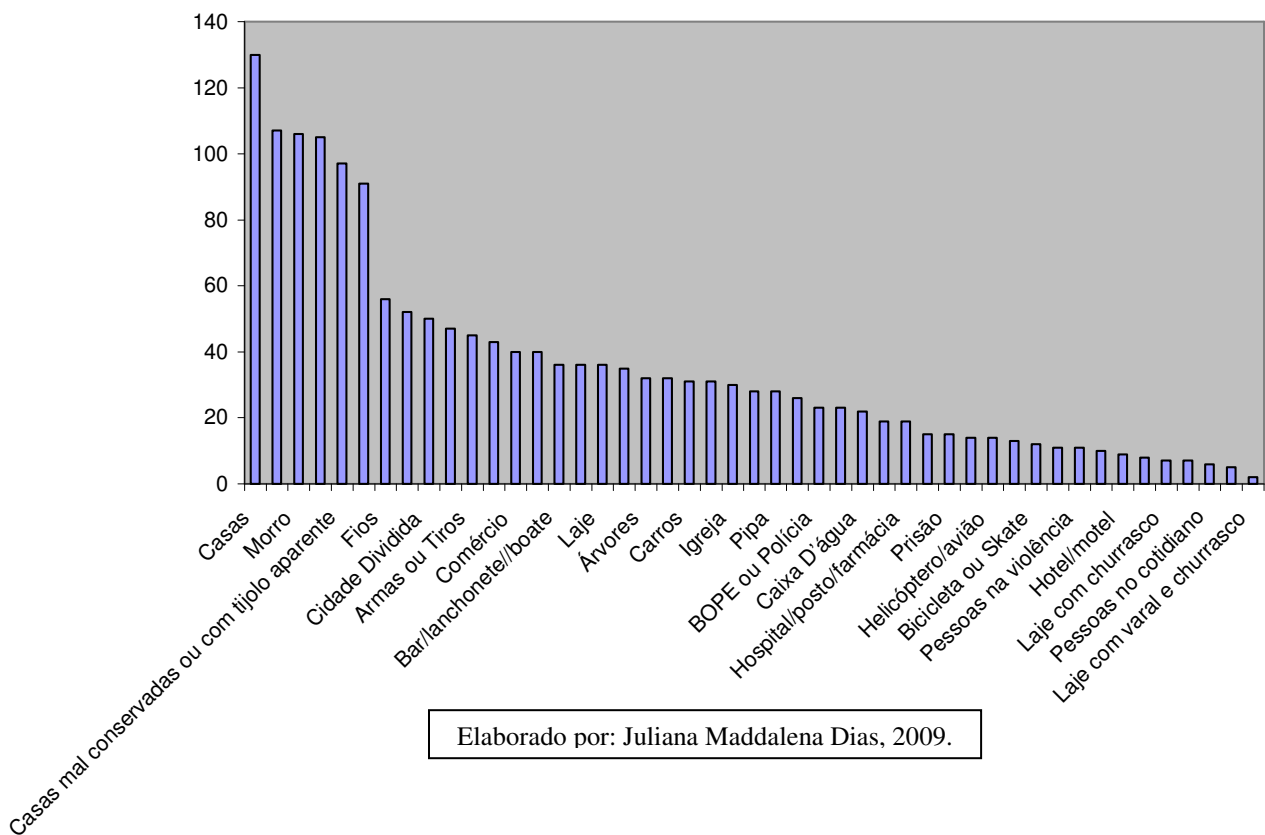
Traduzindo a pergunta e criando um elo com reflexões anteriores, será que existiria algo em comum entre os desenhos, as definições trabalhadas na escola, em grande parte baseadas na delimitação do IBGE e aquelas ditas conversas? Permitam-me justificar que esta pesquisa não trata de conversas informais, mas declaro, que muitas delas é que me ajudaram a compor este objeto de pesquisa. Continuava, portanto, a busca por uma compreensão das noções de favela que os alunos levam para a escola e, não, se a noção da escola é a

correta ou a mais adequada. Persistia a investigação entre as noções de favela e cada vez mais abandonava o conceito que o professor deveria apresentar. Após tecer o cenário geral, poderei especificar os desenhos dos entrevistados para então, adentrar no universo de suas vozes.

Ao observar cada desenho, comecei a listar os elementos que eram comuns e em qual proporção se agrupavam no cenário geral das representações de favela. Além disso, registrei aqueles que em menor quantidade apareciam a fim de enfatizar as singularidades registradas. Visto isso, em que universo as representações dos entrevistados se inserem diante dos elementos trazidos nos 140 desenhos? Esse se tornou o objetivo final da análise de tantas produções que não necessariamente tiveram seus autores entrevistados, dessa forma ao ampliar o universo de produção dos desenhos, pude confirmar e compreender signos que repetidamente foram registrados.

Para visualizarmos os elementos, farei suas apresentações por blocos temáticos que foram divididos ou agrupados com o intuito de dar corpo às repetições. A porcentagem da presença de um determinado elemento em si e frente a outros, mereceu especial atenção na compreensão de como a favela é vista pelos alunos. Logo, os itens foram inseridos em blocos após a leitura do gráfico que se segue:

Elementos dos 140 desenhos



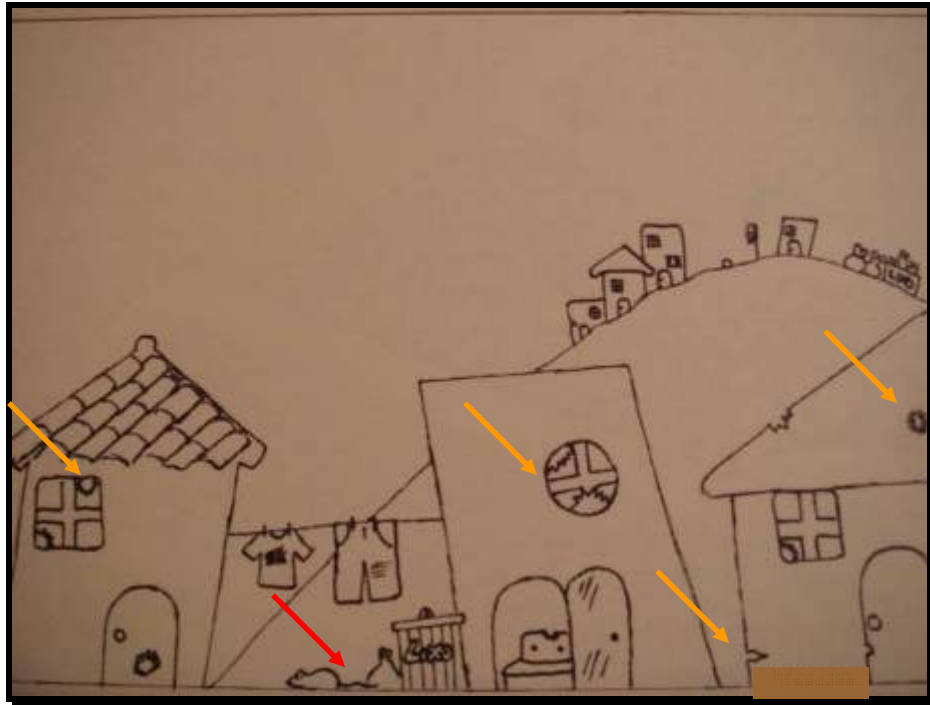
De acordo com o gráfico "Elementos dos 140 desenhos", para a maioria dos alunos, a favela está relacionada aos aspectos de moradia, como as casas e a maneira como são construídas e a localização delas em morros. Contudo, não é exclusivamente o modo como são construídas as habitações que orientam a noção de favela dos alunos. Além de itens de moradia, diversos trazem símbolos de violência, outros pautados em aspectos de lazer e ainda existem os que inserem marcos de assistência ou prestação de serviços para aqueles moradores. De qualquer forma, todos os itens, que estão presentes no gráfico, apresentam-se misturados, enfatizados pela curva descendente de repetições de elementos. Um exemplo sinalizado que se mostra como ponto de observação, se pauta numa simples constatação: apesar das conversas informais a que me referi indicarem a violência como o principal eixo de cruzamento com a noção de favela, este não foi

o maior símbolo apresentado pelos alunos. Nesse caso, a proeminência da moradia é que servirá como origem da análise dos signos mais comuns nos desenhos e que orientará a apreciação das falas dos alunos na busca de uma possível relação entre o que representaram e aquilo que ponderaram nas entrevistas. Os outros aspectos serão considerados em sua diversidade e em seu conjunto, como por exemplo, são muitos os sinais de lazer que serão analisados individualmente como também a noção de diversão apresentada pelos alunos composta por esses sinais.

Desta forma, o primeiro eixo temático a ser enfatizado possui como elo aspectos que dizem respeito à moradia. Neste conjunto, um elemento apresenta-se em quase a totalidade dos desenhos: as casas. No entanto os desenhos também revelam as condições de moradia em que vive aquela população, tendo em vista, que a maior parte dessas casas está caracterizada com algum sinal de má conservação ou em uma situação de não acabamento de sua construção. Se a história da formação das favelas está intimamente ligada à questão da moradia, esse elemento nos desenhos vai ao encontro do processo de favelização.

Neste sentido, aspecto semelhante é abordado pela Geografia escolarizada como destaca Igor Moreira (2002) ao apresentar a definição de favela segundo o IBGE onde descreve que elas estão presentes em 80% das metrópoles e continuam a crescer. Neste caso, a falta de moradia leva às favelas que por definição são: "aglomerados que reúnem pelo menos 50 moradores, precariamente construídas, carentes de infra-estrutura urbana e localizadas em terrenos que não pertencem aos seus moradores" (p.129)

A fragilidade das construções pode ser observada através de sinais como rachaduras, buracos nas paredes, vidros quebrados, tijolos aparentes ou até rabiscos que denunciam alguma forma de abandono ou precária manutenção. Com o objetivo de reconhecer alguns desses símbolos, podemos observar o desenho que se segue.



As setas destacam exemplos da má conservação, ora por vidros ou telhados quebrados, ora por rachaduras nas paredes ou portas. Ao examinar os detalhes, fico a pensar na noção de favela que o desenho nos comunica: em primeiro plano casas que poderiam até nos fazer supor um local sem moradores, o que é imediatamente negado pela presença das roupas no varal. A porta aberta permite a leitura da correria do abandonar a casa, mas também subentende uma noção de segurança e confiança entre os vizinhos, inclusive pela mesma presença do varal na rua. Entretanto, a precariedade na infraestrutura pode ser lida a partir da presença de ratos que rondam o lixo das casas.

Ratos são animais associados a presença de lixo e doenças. Já a combinação desses fatores agrega a ideia de falta de higiene das pessoas. Pelo desenho, a proximidade do animal com roupas limpas e porta aberta, aumenta a imagem de pouca salubridade no local. O agravante que atrai para o morador a responsabilidade dessa situação foi indicado pelo pacote de lixo colocado fora da lixeira.

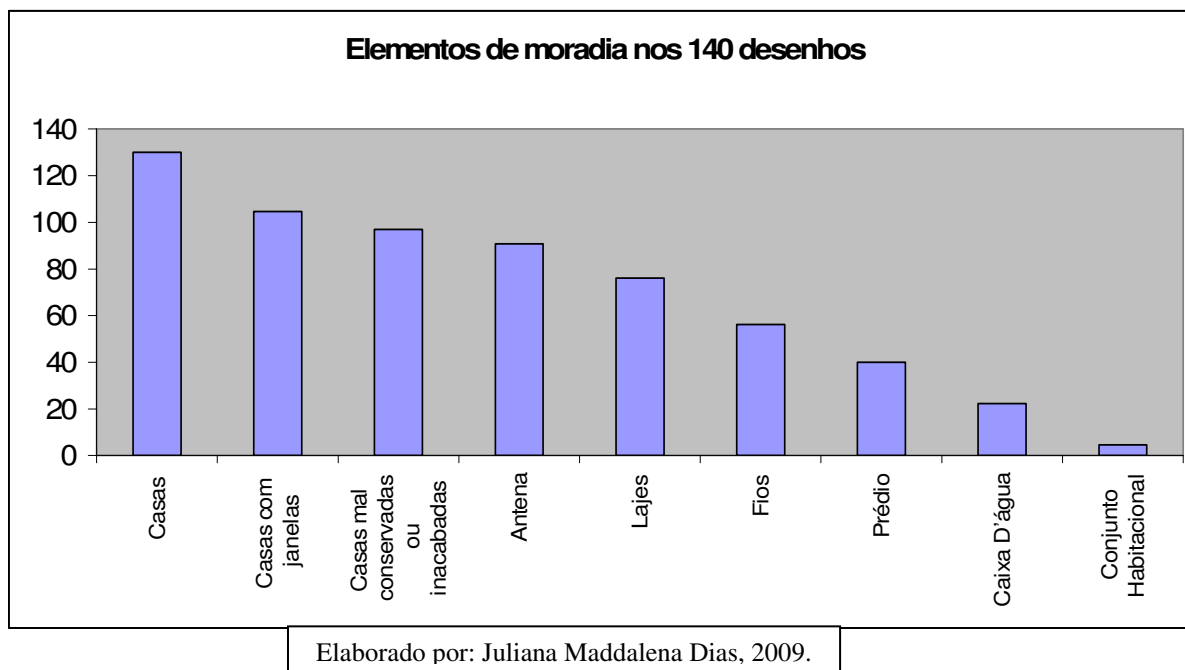
Em segundo plano, a favela possui outras casas e lixos que dão a ideia de repetição do plano já explorado. Ainda sim, destaca o entendimento de favela como pertencente a algum morro. Todavia a ausência de símbolos no terceiro plano deve ser salientada. Por mais que o desenho apresente as divisões estabelecidas por sua autora, o plano mais distante não foi pontuado, por exemplo, com nuvens, sol ou estrelas no céu. Como se a visão da favela fosse de frente e distante; como se não houvesse perspectivas de horizonte por aqueles moradores ou da autora em relação a eles. Era dia? Noite? Chovia? Não há como dizer...A não ser pelas roupas que secam do lado de fora das casas, que aliás, não nos permite compreender se suas janelas estão ou não abertas.

Parece que a relação entre os ambientes internos das casas e seu exterior é marcada por pouca perspectiva de mobilidade. Higiene precária, falta de condições para modificarem suas casas, pouco espaço interno o que os força a estender roupas do lado de fora e a "ausência" do céu, podem ser alguns desses indícios.

Fico a pensar nessa relação de precariedade entre a infraestrutura do local e das casas dos indivíduos. Seria alguma relação de reflexo e refração entre os dois níveis de atuação? Ou seja, existe algo determinante como o morador que não "cuida" de sua casa porque sua favela não é conservada? Ou vice-versa? Também observando, por exemplo, pelo outro extremo, a reforma das casas através de programas sociais alteraria a configuração dos desenhos dos alunos? Estaria consolidada a imagem no senso comum que favela é lugar de casas mal acabadas ou mal conservadas, como nos desenhos?

Então restaria "aos mais pobres (sem instrução, saúde direito à dignidade, enfim sem cidadania) viverem das sobras da sociedade: do espaço ao trabalho?" (Campos, 2005, p.110) Seriam essas as sobras representadas por

casas mal acabadas ou construídas com materiais de demolição? Será que este pensamento perpassa a noção de que as casas da favela podem não ter janelas?



O que se pode constatar é que apesar do alto índice da presença de casas nos desenhos, nem todas tem janelas e um grande número apresenta-se com traços de uma construção inacabada. Em contra partida outros elementos se agregam às moradias revelando uma outra paisagem que, não necessariamente, a favela vista como um lugar de ausência. As lajes, neste sentido, talvez se despontem como um ponto forte de comunicação entre os ambientes internos e externos. Equilibradamente, essa parte das casas é apresentada ora vazia, ora com varal de roupas ou alguma demonstração de churrascos, reforçando essa ideia de diálogo com o meio onde estão inseridos. Seria a laje com seus churrascos uma possibilidade de interação com os outros moradores? O que significa então uma casa sem janelas?

De certa forma, a laje pode ser caracterizada muito além de um ponto inacabado da casa. Ela possibilita um espaço de liberdade diante da sensação de

sufocamento que o amontoado de casas traz pelos desenhos. As lajes trazem individualidade entre casas que se parecem tão iguais. Além disso, traz a opção de uso como uma forma de demonstração de tal individualidade.

O número de roupas que os alunos colocaram representadas nos varais das casas, demonstra um número compatível de moradores daquele lugar. Essa visão também vai ao encontro das definições de favela como aglomerados de casas e pessoas que pode ser refletida através dos elementos como o excesso de roupas nos varais.

Continuando a ler o gráfico sobre os elementos de moradia, uma dupla se despontou nos desenhos: antenas e fios. As antenas eram fáceis de serem visualizadas, já os fios ganhavam destaque por seus emaranhados por entre as casas. Essa dupla sinaliza a presença de energia elétrica e aparelhos televisores, no entanto, a forma emaranhada indica alguma ilegalidade na prestação e distribuição de tal serviço. Todavia, sua presença em grande parte dos desenhos denota uma certa "normalidade" de quem os observa. Uso essa expressão no sentido daquilo que torna-se comum aos olhos, parecendo-se como um padrão para o observador. Como se fosse aceitável que naquele espaço a energia pudesse ser transmitida daquela forma. Será que através dessa imagem comum nos desenhos, os alunos refletiram sobre essa possível ilegalidade ou sobre os riscos às pessoas naquela forma de condução elétrica? Essa é apenas uma questão referente a um elemento de grande repetição e, que justamente por isso, me leva a pensar se a presença de fios emaranhados já foge à reflexão das pessoas que os observam.



O desenho acima exemplifica a favela vista como um morro cheio de casas parecidas, ora com janelas e portas, ora apenas com portas, antenas nos telhados e um nome que caracteriza e diferencia uma favela das demais. Contudo, os fios como elemento em questão, circundam todo o espaço da favela e que não permitem a identificação do início ou o final da rede representada, sendo que em alguns pontos chegam a ser confundidos com os telhados das casas. O interessante é notar que o aluno priorizou este tipo de representação sem inserir em seu desenho pessoas, veículos, atividades comerciais ou de prestação de serviços, sinais de prática cotidiana ou violência, nuvens ou sol como signos que foram fortemente representados pela maioria de seus colegas. A sensação que o desenho me trouxe ao observá-lo foi de dúvida e silêncio, onde estariam as pessoas e o que estariam fazendo? Estariam em casa assistindo TV? Não existiria barulho por entre os becos formados pelas casas? O aluno utilizou uma noção que reflete a favela com casas pequenas; com simplicidade no material de

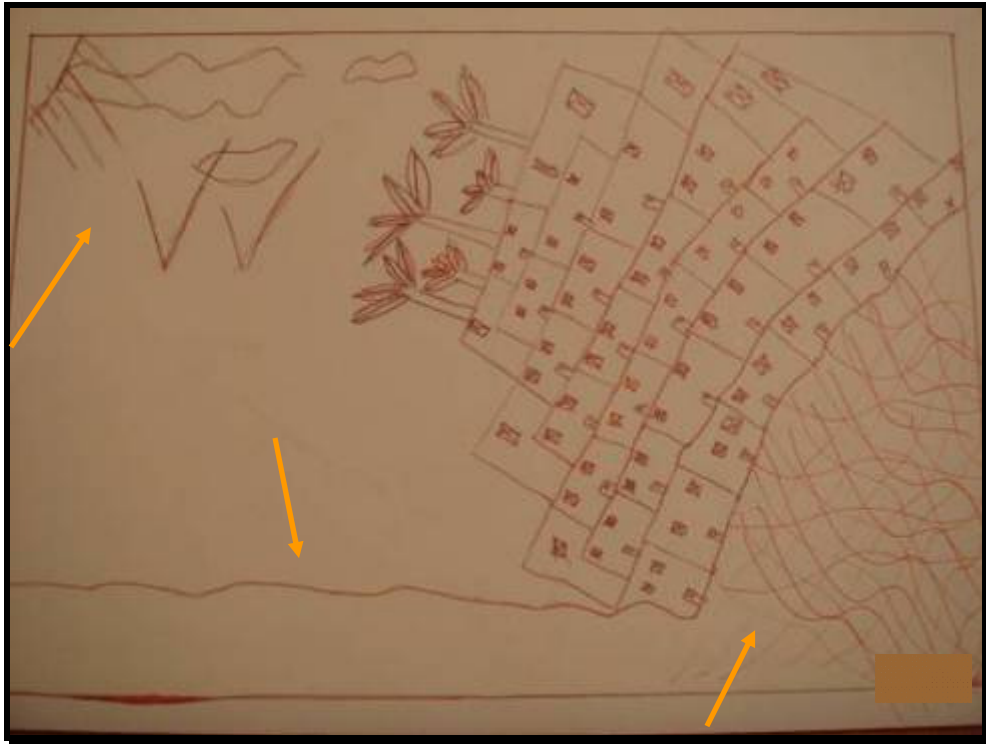
construção; com certo grau de padrão nas formas dadas às casas; com fios que parecem cercar as casas, com nome da favela brilhando naquele plano que poderia ser o céu e com telhados que parecem estar perpendiculares às estruturas das casas.

Não sei o porquê, mas quando crianças fomos "habituaados" a desenhar casas com janelas, porta, telhado e chaminé, num cenário com o sol entre nuvens e pássaros voando. Pelo menos é o que me recordo.... Outro dia, fiz novamente um desenho assim para uma criança que ao final, quando disse que aquela era sua casa, ela observou: "Não, tia Ju, minha casa não tem isso (apontando para a chaminé)". O detalhe é que conheço bem sua casa....

Aquela casa poderia ser de qualquer pessoa ou de nenhuma. Mas é a imagem que guardo sobre casas quando preciso representá-las no papel. O que fico a pensar é nos desenhos de casas que estou analisando. Sinto como se o meu desenho de casa fosse algo fantasioso em relação a realidade que conheço e que as casas desenhadas pelos alunos não mostram essa dita fantasia. Não estou a dizer que eram para trazer. Digo que as casas da favela quebram a "tradição", desencaixam as peças dos lugares e no meio de tanta semelhança entre si, se apresentam como únicas e conhecidas em seu conjunto como favela. A fantasia das casas pré-idealizadas com suas chaminés dá lugar ao inacabado, ao churrasco, à diversão e ao convívio. São casas que, justamente, pela sensação de amontoado e aglomeração, expulsam seus moradores de seus interiores e os levam às partes externas onde seus vizinhos também se enquadram em situações parecidas.

Nesse caso, outros elementos transitam por essa imagem que carregamos, ou carrego, de que alguns símbolos são automaticamente inseridos em representações de casas, por exemplo. Sol, nuvens, pássaros ou árvores parecem pré-requisitos para alguns desenhos, como se fossem ou início de toda representação ou como se pudessem ser o toque final na obra criada. Esses

elementos chegam a sugerir uma divisão subjetiva em alguns desenhos, quando são separados das casas das favelas, por exemplo, como no desenho a seguir.



Este é um desenho que sugere aos olhos do observador um movimento de tombar a cabeça para o lado, procurando ou o sentido das casas ou o sentido do sol. A sensação inicial é de uma praia, com coqueiros, sol, gaivotas e ondas. No entanto, existe em primeiro plano uma rua plana que dá acesso ao morro da favela. O morro, por sua vez, por estar com as casas tombadas parece um navio naufragando, devido as linhas traçadas que parecem fios se rompendo e soltando tudo. Mas na verdade é um morro. As casas apesar de tamanhos variados possuem porta e duas janelas que parecem fechadas por um "X". No alto do morro existem coqueiros e na parte lateral há um sol ladeado por gaivotas voando por entre as nuvens. Além disso, o aluno não insere imagens de pessoas em seu desenho.

O aluno D1 parece deixar os elementos naturais como o sol, as nuvens e os pássaros num plano separado das casas que define como favela. Já as árvores,

não conseguimos distinguir se estão atrás da favela ou próximas aos topos das casas localizadas na parte mais alta do morro, mesmo assim, indicam que seu crescimento tende para o lado onde o sol foi representado ou seja, o oposto da favela. Além dessa linha divisória, outra perpassa o desenho do primeiro plano até o contorno do morro que permite a presença das casas e esconde a sustentação daquela forma de relevo. Mesmo com tudo parecendo estar no seu devido lugar, os traços sugerem que aquela favela está afundando. Sua imagem lembra um navio afundando na praia, o que talvez faça uma alusão às favelas cariocas que se localizam num município banhado pelo mar. Ainda olhando para o sol, este não parece chegar às janelas fechadas da favela que insinuam estar nas sombras de sua inclinação e coqueiros.

Relacionado o desenho de D1 com os demais, menos da metade dos desenhos apresenta elementos como nuvem, sol, pássaros e árvores. Muitas vezes esses elementos, na fantasia de nossos desenhos, nos proporciona tranquilidade com seu tom bucólico. Seguindo esse raciocínio, os desenhos das casas das favelas tendem a se afastar dessa premissa. A sensação é como se esses desenhos não precisassem dos enfeites que colocamos nas tais casinhas fantasiosas a que me referia outrora. Por que o sol ou o céu não estariam representados na mesma proporção que são os morros, por exemplo? Será que contrariando o jargão, o sol não nasce para todos?

Todavia, mesmo que aparentemente, o sol símbolo de muitas metáforas como luz e vida e que não nasça em todos aqueles locais, estes podem existir na condição de lugar para seus moradores conforme Tuan (1983). Se o lugar é pausa, segurança quando nele me identifico e crio laços afetivos, essa pausa identitária existe porque o lugar possibilitou a segurança que possivelmente não seria encontrada onde o espaço não é o seu. Existe, portanto, uma afinidade entre espaço, lugar, liberdade, individualidade e percepção, ainda que o sol possa não

ser representado na visão do outro e compreender aquele lugar como alguém que está fora do nível de relações diretas entre os favelados e suas favelas. Se para Tuan (1983) "quando o espaço nos torna inteiramente familiar torna-se lugar" (p.83), se evidencia a idéia que as pessoas são livres para transitar entre espaços e à medida que percebem determinados espaços ao seu modo, aos seus valores e à sua identidade, esse espaço, a elas, se apresenta como um lugar. O que corrobora com o pensamento de que o espaço pode ser compreendido de diferentes formas a partir das noções que o sujeito carrega em sua formação.

Entretanto, não só os elementos naturais puderam ser acompanhados como signos que representassem ora a favela como fragmento da cidade, ora a favela como pertencente ao espaço urbano. Ainda segundo o gráfico sobre os aspectos de moradia, a parte superior das casas também traz como elemento de repetição a caixa d'água dos moradores. O interessante é que quando outras partes da cidade aparecem no desenho, que não a favela, a caixa de água não se torna aparente, como alguns desenhos mais adiante mostrarão. Existiria alguma relação? Todavia, dentro no cenário de precariedade, este elemento supõe alguma prestação de serviço àqueles moradores. Outras comunidades pobres do país talvez não apresentassem tal recipiente por carecerem de água em suas casas. Ou em outra época talvez os desenhos acompanhassem a música de Luis Antonia e J.Junior que cantavam que Maria subia o morro com sua lata de água na cabeça...

Além dessa associação entre as caixas d'água aparentes e as favelas, outras formas parecem ter se tornado sinônimo de favela. Existe um altíssimo índice de presença de morros nos desenhos juntamente com os traços das ruas das favelas que ali ocuparam com suas escadas permitindo o acesso às subidas e descidas representadas. Estas ruas já demonstram que houve uma ocupação e

transformação daquele espaço natural em espaço geográfico, independente da legalidade, da segurança e da história de formação das favelas.



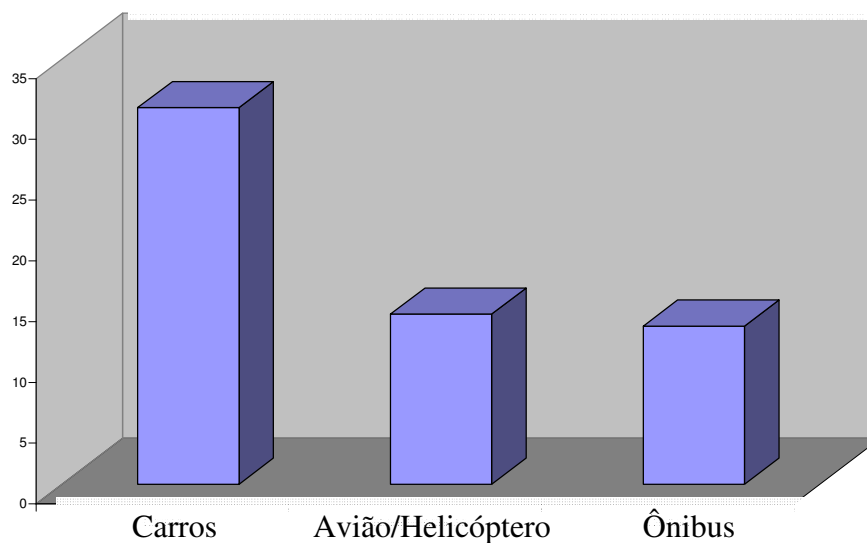
Os dois desenhos acima apresentam sinais muito semelhantes embora seus autores não dividam a mesma classe e, portanto, não elaboraram seus desenhos num mesmo momento. Suas favelas ocupam morros que permitem aos moradores o acesso pelas significativas escadas que aparecem destacadas nas imagens e que parecem ligar a favela a outras partes dessa cidade dividida (setas vermelhas). Essa divisão pode ser visualizada pelos pontos iniciais e finais das escadas e pela presença de prédios, que pelos desenhos não têm sido associados às favelas. Apesar do terceiro plano dos desenhos apresentarem traços comuns, o primeiro desenho parece dar continuidade às casas da favela numa parte mais elevada do morro e, ainda, representa elementos naturais como sol e nuvens, diferenciando-se, assim, do segundo desenho. Este priorizou adotar traços

diferentes para os diferentes espaços da cidade: as casas da favela foram desenhadas com mais leveza e menor precisão nos contornos, o que permite uma sensação de imagem embaçada; o que não ocorre com os traços dos prédios no terceiro plano. Em ambas as expressões, as favelas sugerem estar em espaços delimitados por contornos que as diferem de outros locais da cidade.

Visto isso, novamente penso no que poderia estar refletido a partir dessa simbologia. Nacionalmente a expressão "morar no morro" foi associada às favelas cariocas que, comumente, são as mais exibidas nos noticiários. Não obstante, tal expressão foi agregada à noção de favela, vide os desenhos dos alunos. No entanto, moramos em um município de relevo bem acidentado e, por isso, com significativa presença de morros e ladeiras. Neste sentido é comum ouvirmos que devemos subir ou descer o morro para chegarmos a um determinado local. Ou seja, se na cidade de Juiz de Fora-MG e em tantas outras, não são apenas as favelas que ocupam os morros, os sinônimos permaneceriam? Respostas verbais ou mentais como sim ou não para esta pergunta revelaram sim em quase totalidade os desenhos. Percebo assim, como se a favela, neste caso, fosse algo distante da realidade urbana vivida por estes alunos. As favelas se parecem com imagens assistidas por eles e de um modo tão significativo que mesmo os alunos tendo fios formadores de diferentes origens, existiu um eixo comum entre os desenhos, como os morros.

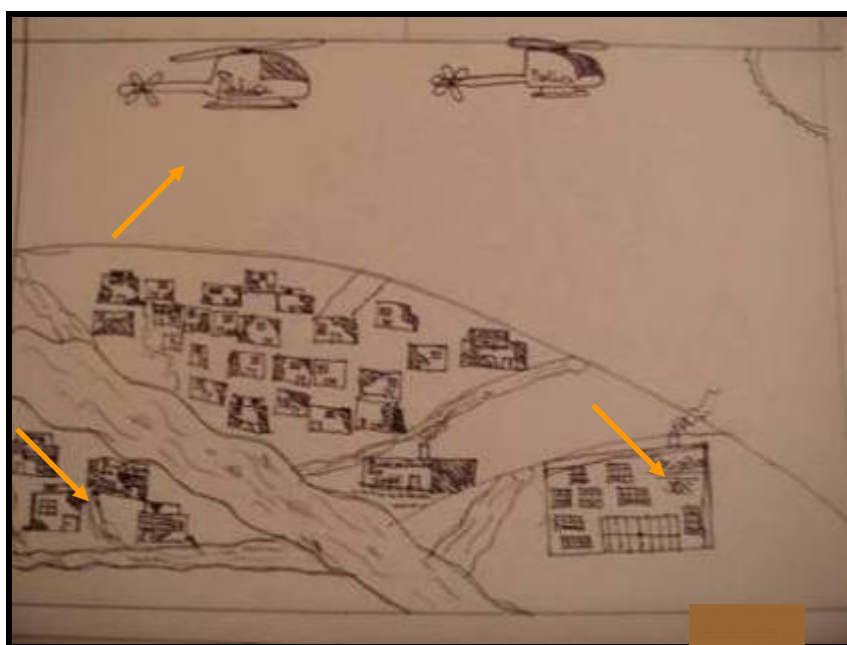
Outro aspecto relevante nos desenhos se refere aos tipos e quantidade de veículos registrados, não pelo número, mas pelo uso que os alunos atribuíram aos transportes como alguns dos desenhos. Mesmo somados, esses não condizem com nem metade dos desenhos. Pouco mais de uma dezena representou o ônibus como transporte coletivo, outros representaram aviões ou helicópteros e um número maior trouxe a presença de carros.

Elementos de Transporte nos desenhos



Elaborado por: Juliana Maddalena Dias, 2009.

Apesar das favelas abrigarem uma população economicamente desfavorecida, o ônibus não foi o mais representado. Todavia, apesar da presença de aeronaves, essas foram associadas nos desenhos à imagem da polícia e não como meio de transporte daquela população.



Neste desenho, não é somente o helicóptero da polícia que se destaca com sua posição de quem sobrevoa, observa e controla aquele espaço. Este meio de transporte é nitidamente associado àquele que está fora da favela ou que dela

se aproxima com o objetivo de exercer alguma forma de dominação daquele território. Sua base de apoio talvez esteja representada pela prisão que se destaca entre as casas da favela, confirmando o controle do primeiro ao terceiro plano da paisagem. Atravessando toda a favela as ruas parecem rios com águas em movimento que perpassam as ruelas formadas por entre as casas, no entanto, apesar dessa sensação de movimento, o único transporte representado está nas mãos daqueles que lá não residem. As ruas aqui não ligam pontos e sim separam territórios de sentidos diferentes

Outro ponto interessante se refere ao modo como os carros se fazem presentes nos trabalhos. Uma parte foi representada subindo ou descendo o morro como transporte daquela população, no entanto, a maioria se localiza em outra faixa da cidade que esta próxima e não na favela. Esse modo de representação já traz consigo outro caráter muito representado através da cidade dividida.

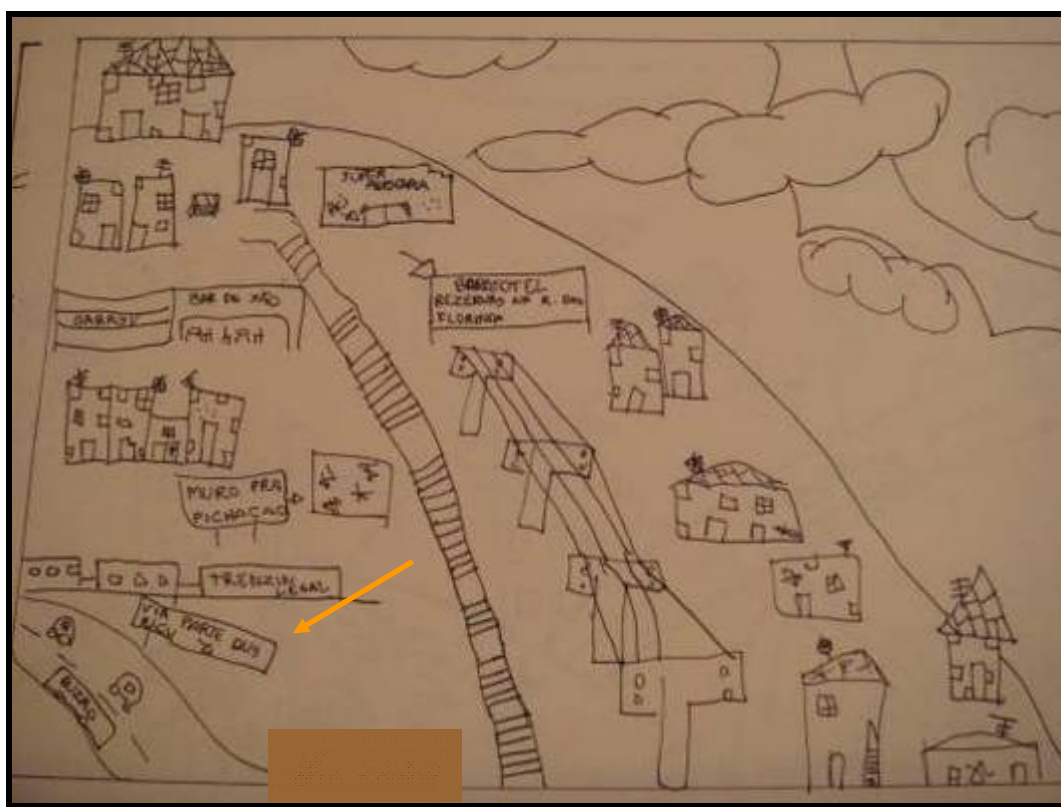


Os dois desenhos apresentam traços semelhantes na representação de favela que seus autores têm, como nas casas com sinais de má conservação, elementos da natureza e vias com veículos. No primeiro o carro e a bicicleta parecem parte integrante da favela, já no segundo, o carro sugere transitar em um ponto distante da favela que está concentrada nos outros planos do desenho.

Este ainda enfatiza o campo de futebol como o grande local de lazer daquela população que também conta com alguns pontos de comércio em sua favela.

A partir da divisão apontada pelo segundo desenho, nesta abordagem, o que se salienta são modos distintos de se conduzir ou de se configurar o espaço do cotidiano desses moradores. Não que nas cidades não existam sub-centros de comércio e serviços, mas nos desenhos parece existir algum outro tipo de diferenciação entre aquilo que é da favela e o que não é.

Cerca da metade dos alunos fez alguma demonstração de divisão entre os usos da cidade. Ora por uma avenida principal de acesso que depois tinha seu formato alterado, ora pela configuração das casas das favelas e os prédios que a circundavam. Além disso, outra divisão foi apresentada de modo mais velado pela forma incorreta da escrita da língua Portuguesa em muitos desenhos. Palavras que notoriamente foram escritas daquele modo para sinalizar a diferença de escrita, no mínimo dos moradores e dos alunos, e até da favela para a macro cidade.



Este desenho traz símbolos comuns a outros desenhos já comentados, como a favela no morro, com imponente escada de acesso dos moradores, casas mal conservadas, antenas, fios, a presença do sol por entre as nuvens e curiosidades como muro para pichação. Mas um detalhe deverá ser o foco de análise neste momento: a cidade dividida.

A seta laranja aponta para uma via com tráfego de carros e ônibus (buzão) com ligação à "parte dos ricu". Essa forma de escrita para o "buzão" e "dos ricu" reflete a partir dessa não formal linguagem, uma divisão subjetiva no modo de agir das pessoas da cidade. A placa sinaliza que ela foi feita por um sujeito da favela se referindo a alguém que fora dela está, como se as vias também fossem diferenciadas pela classe econômica a que pertencem. Neste desenho onde os elementos estão estanques, cada símbolo ocupa seu lugar e não há necessariamente uma nítida interação entre eles, o mesmo pode ser lido a partir dessa via que separa acessos e classes pela cidade, onde pobres e "ricu" não precisam se cruzar.

Diante dessa fragmentação do espaço é possível reler Bauman (1999) que aponta as cidades como "espaços em que estranhos ficam e se movimentam em estranha proximidade uns dos outros" num modo de construir o urbano com espaços interditados e destinados aos guetos, voluntários ou não. Com essa forma de estranha proximidade que distancia sujeitos, perde-se a necessidade de comprometimento com o outro à medida que evitá-lo tornou-se suficiente para o "convívio" harmonioso.

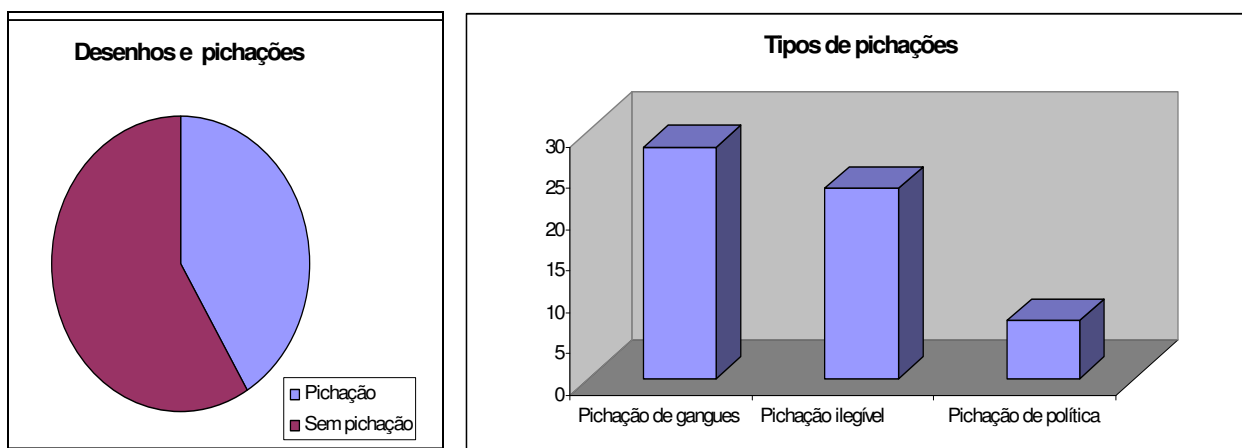
Essa cultura do ilhar-se no igual e se afastar do diferente tem demonstrado através dos desenhos uma certa "naturalidade" e uma passividade diante dessa cidade cheia de rupturas sócio-espaciais. Refiro-me à naturalidade pelo viés que imagens repetidas vão se tornando familiares ao nosso reconhecimento e vão minimizando nossos impactos visuais sobre elas. Como se

fôssemos ficando acostumados a elas. Os desenhos dos alunos que não entrevistei, revelam passividade no sentido que a vida urbana segue seu curso diante das fragmentações e com elas. Ou seja, é possível convivermos com caminhos destinados às classes econômicas de modo diferenciado. O interessante é como no dia a dia essas delimitações territoriais são muitas vezes veladas e subentendidas. Já nos desenhos ela foi marcada de modo mais explícito, como na placa que direcionava a via.

Com esse cenário de "naturalidade" das imagens vistas e reproduzidas, a relação entre a precariedade de infra-estrutura discutida pelo IBGE condiz com as imagens representadas, mas o que dizer dos serviços oferecidos à população, como a educação? Também já se tornou comum a idéia que os favelados escrevem incorretamente? Para quem são os escritos? Pergunto isso, pois alguns alunos escreveram, corretamente, pedidos de paz. De quem para quem? Seria mais uma forma de divisão da cidade? A escrita incorreta também seria um pedido? Essa diferenciação na linguagem de moradores da cidade sugere que a escrita correta, conforme a Língua Portuguesa, seja uma maneira de legitimação da comunicação externa entre morro e asfalto. Já a linguagem fora dos padrões da norma, poderia ser lida como uma alternativa na comunicação entre os moradores "iguais": os da favela.

Diante de tantas dúvidas, o que fica é essa divisão de áreas, pessoas e usos do espaço na própria cidade. Com elas é possível acompanhar as comunicações entre essas áreas, através dos recados escritos nos muros e faixas nas favelas desenhadas.

Além desse tipo de comunicação, um outro modelo se tornou muito comum nos desenhos: a pichação. Esse código foi rerepresentado por três tipos: pichações políticas, ilegíveis ou a maior delas, com nomes de gangues.



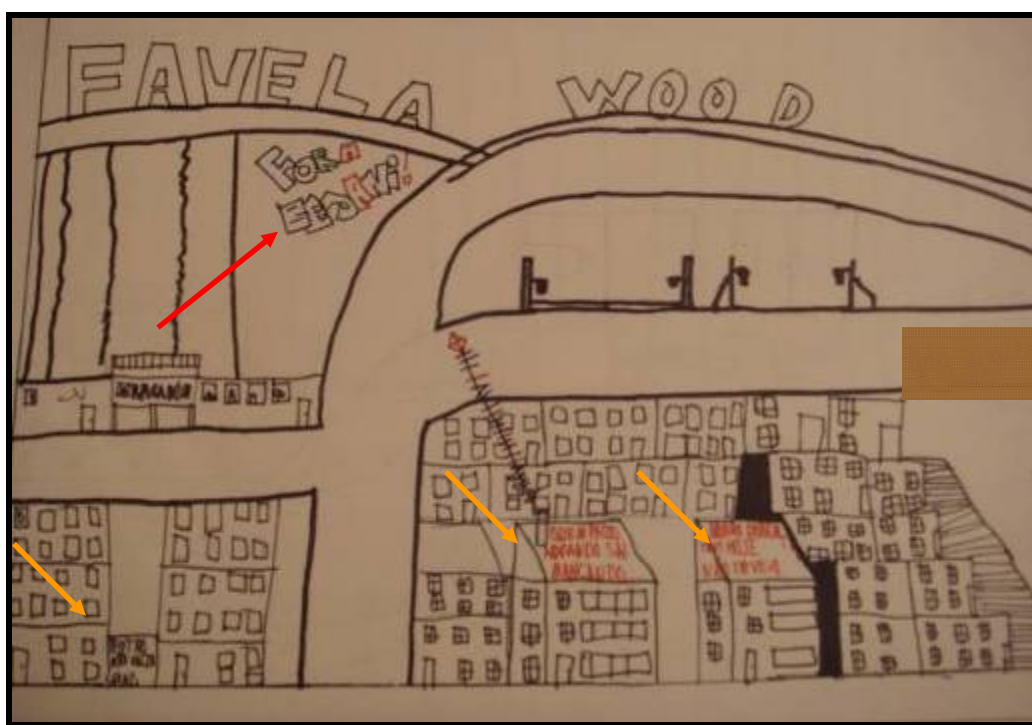
Elaborados por: Juliana Maddalena Dias, 2009.

Essa forma de comunicação apresenta como interlocutores os próprios moradores, os não-favelados e possíveis inimigos na disputa territorial pelo controle de determinadas áreas da cidade, mesmo que na ilegalidade. "Enquanto espaço de poder, o espaço público não está obviamente imune às assimetrias do poder e das desigualdades sociais que perpassam sua construção social." (Leite, p. 23)

As pichações políticas apresentam sinais de descontentamento e indignação com a política local de Juiz de Fora. Acredito que os alunos possam ter se manifestado tendo em vista a época em que elaboraram os desenhos; uma época de corrupção e afastamento do então prefeito. Com estas escritas, a cidade não parece dividida, e sim, demonstra que aquelas reclamações eram de todos e dão aos desenhos a ideia de favelas no próprio município.

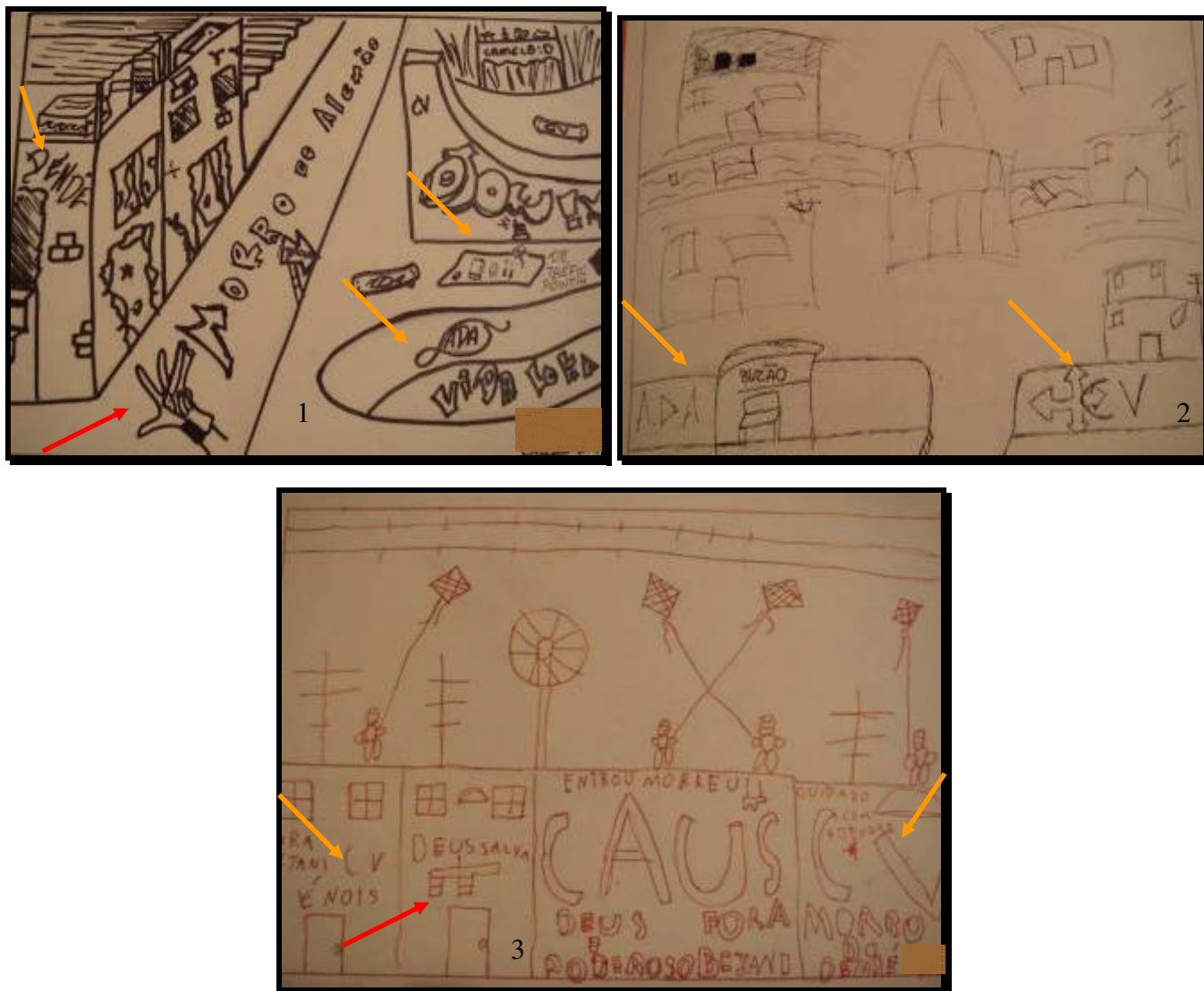
O desenho que se segue demonstra a insatisfação daquela população com o referido governo, como o "Fora Bejani" e, ainda, registra alguns recados para aqueles que de lá não são, como: "Entrou, não volta mais", "Quem passa andando, sai mancando" e "Favela bem te vi, hoje não te vejo", frases podem ser conferidas a partir das setas laranja.

Essas demonstrações taxativas amedrontam as pessoas que não estão envolvidas diretamente na elaboração das ameaças e, ao mesmo tempo, sinalizam o controle daquele espaço; uma favela que apresenta traços comuns a outros desenhos, como moradias, campo de futebol, morro com ruas traçadas, comércio, um nome que a singulariza, pipa e sem a presença direta de pessoas representadas.



Apesar das pichações políticas terem sido associadas ao município de origem dos alunos, as pichações de gangues extrapolam essa territorialidade, uma vez que trazem siglas conhecidas nacionalmente, e, em especial, a partir do cenário carioca. Nomes como "comando vermelho", permitem a interpretação de não pertencer a favelas no município onde residem. Novamente, parecem distantes e assistidas por um observador. A impressão causada pelos desenhos é que pichação política tornou-se um modo de comunicação para fora da favela e a pichação de gangues é específica para determinados grupos envolvidos. Sejam os rivais ou os aliados. Os nomes trazem um território dividido e que silencia os moradores que tem suas paredes pichadas.

Os próximos desenhos enfatizam nomes de traficantes conhecidos pela mídia nacional e apontam para quem ou o quê comanda aquelas favelas. Essas imagens indicam o que Bauman (1999) sinaliza ao afirmar que o "território urbano tornou-se o campo de batalha de uma contínua guerra espacial" que age diretamente na configuração espacial.



As setas indicam os nomes variados ligados ao tráfico e suas gangues, no entanto o cenário onde se inserem essas pichações merece atenção. O desenho chamado de 1 nesta sequência, com seus belos traços, traz uma favela com casas mal conservadas e marcadas pelo tráfico, que delimita sua influência

de violência já no eixo central do desenho ao exibir sua arma. Numa favela de "vida loka", as drogas estão expostas próximas aos pontos de diversão, como na pista de skate. Essa proximidade entre diversão e violência como cenas habituais, pode, também, ser observada no desenho 3 que apresenta crianças com suas pipas nas lajes das casas pichadas e balizadas pela violência. Num cenário de "caus" político, ameaças aos visitantes, influência de gangues e o trânsito de crianças por esses espaços, Deus aparece como o poderoso que os pode salvar. Talvez essa simbologia possa ser lida a partir da presença de uma igreja no centro do desenho 2. Essa localização a coloca frente à entrada da favela por onde os muros de acesso também já foram demarcados por suas gangues.

Com essas observações o território mostra o encontro de dois eixos: espaço e poder. O espaço natural tornou-se espaço de poder quando foi apropriado por um grupo social que delimita e organiza a sua forma de gestão com suas regras, limites e fronteiras.

São muitos os sujeitos que atuam nessa configuração das favelas apresentadas pelos alunos. Esses atores sociais também criam formas de comunicação específicas aos interlocutores e neste ponto o terceiro tipo de pichação traz escritas e símbolos ilegíveis a mim, mas que poderiam ter seu leitor específico, dentro ou fora da favela. Elas possibilitam duas noções ao observá-las: uma que existe descuido e abandono por parte dos moradores em relação a suas casas, e outra, que pode simbolizar alguma forma de comunicação específica do público que a pratica.

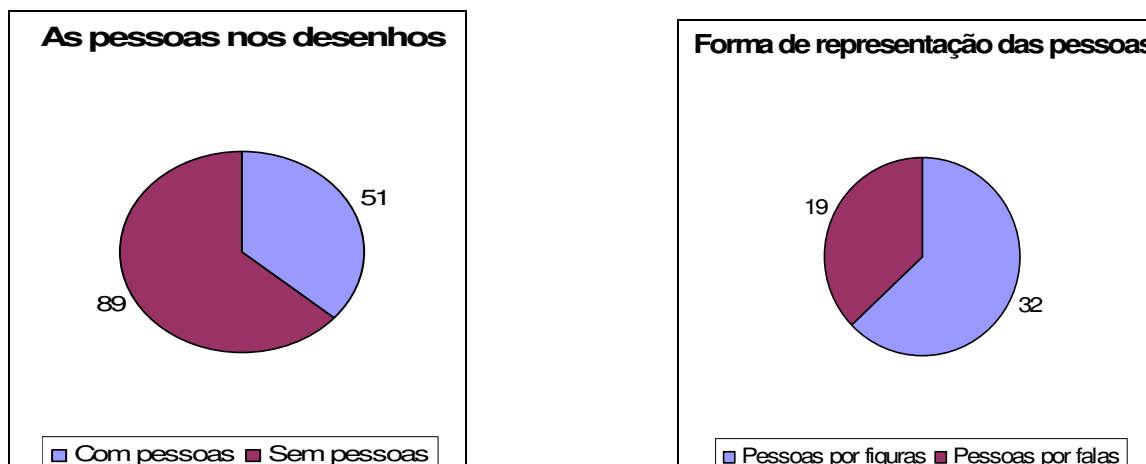


Ao observar esses desenhos que também abordam símbolos já destacados neste texto, como sol, nuvens, caixa d'água, varal, morro, fios, pipa e pichações, o que em mim fica é a dúvida ao tentar decifrar os símbolos que desconheço e sensação de desconforto visual, tendo em vista que em alguns desenhos fica até confuso enxergar as paredes das casas em meio às pichações. O que, novamente, se constata é a quebra da referida fantasia que mencionei ao desenhar casinhas. Existem, claramente, ações de indivíduos que ao atuar no meio representado, o modificam e o configuram ao seu modo. O que difere do referido padrão de desenhos de casas na infância onde aquele padrão de desenho oculta autor e indivíduos possíveis moradores daquelas casinhas que servem para todos e para ninguém especificamente.

Todos e ninguém. Em cada desenho que analisei procurei por sujeitos representados nas favelas. No entanto, as pichações me revelaram uma outra forma de procurar por essas pessoas. As escritas apontam outro aspecto a ser retratado pelos desenhos: a presença ou ausência de pessoas.

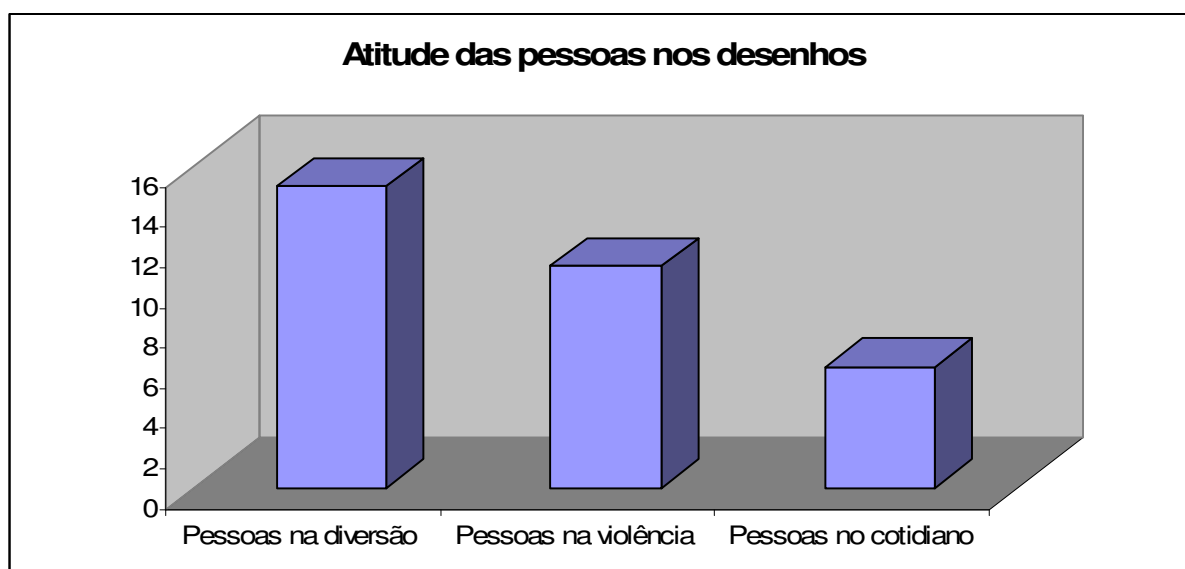
Os desenhos mostram um baixo índice de pessoas diretamente representadas. Os gráficos abaixo, nos sugerem que menos da metade dos 140

desenhos trouxe uma representação humana e quando foram desenhadas, nem sempre eram claramente entendidas, uma vez que poderiam estar indiretamente nas cenas produzidas pelos alunos, como através das falas registradas por eles.



Elaborados por: Juliana Maddalena Dias, 2009.

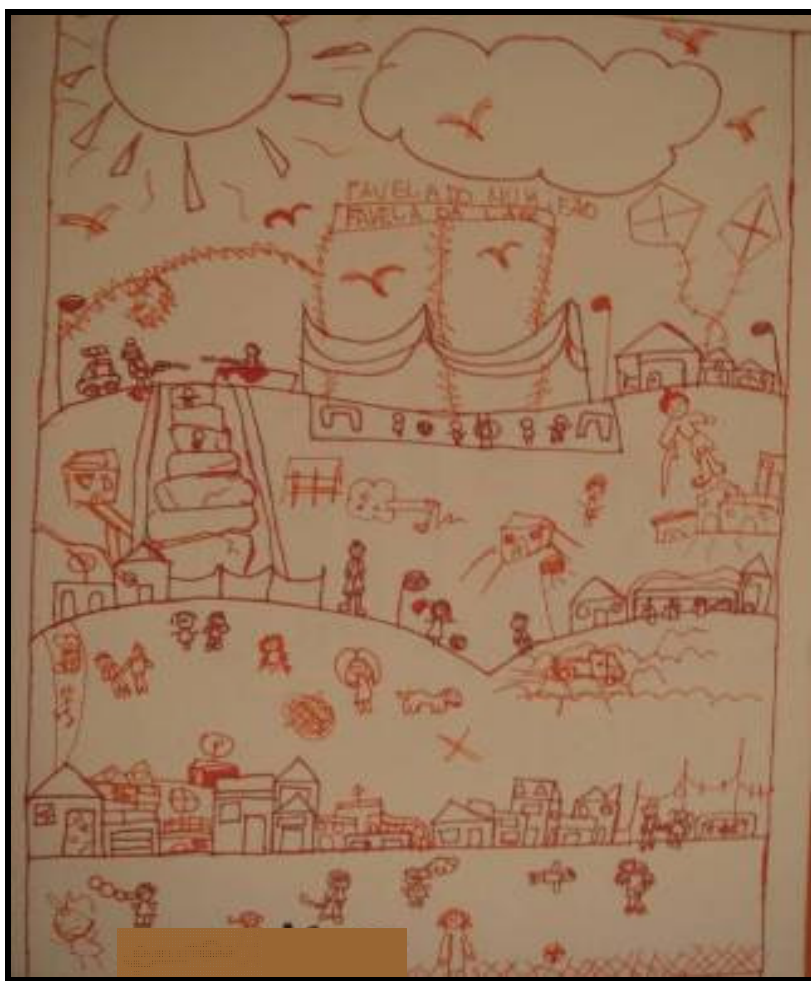
Quando as pessoas apareceram estavam envolvidas em três temas na ordem de repetição: atividade de lazer, atos de violência e prática cotidiana, como segue no gráfico:



Elaborado por: Juliana Maddalena Dias, 2009.

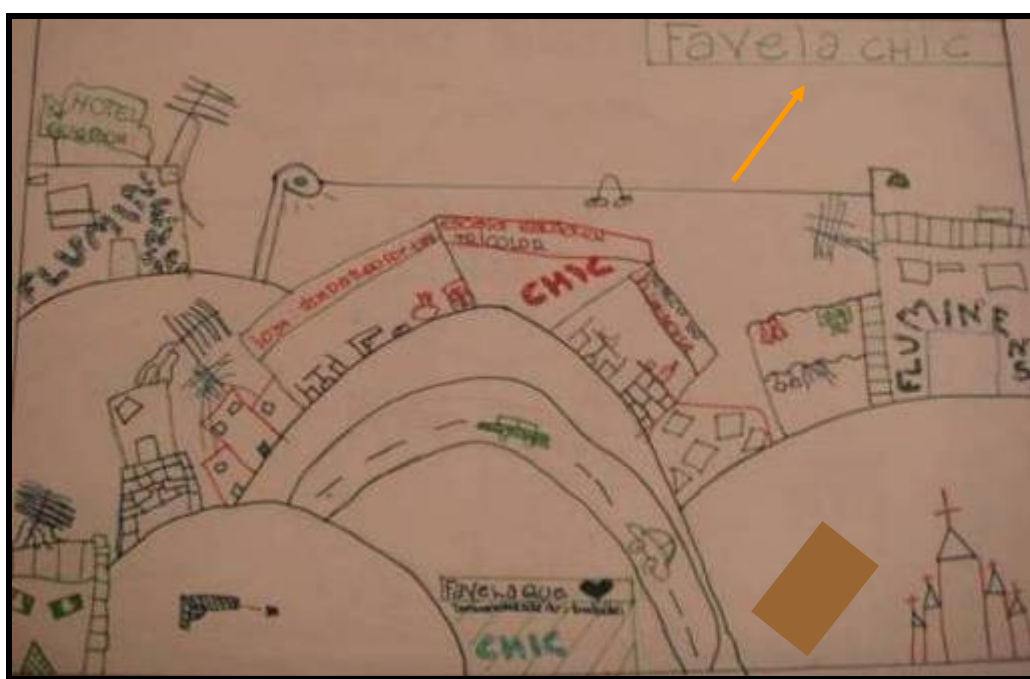
Esse menor número, mesmo que somado e analisado no contexto, é contraditório em relação às formas individualizadas de atuação nos espaços representados.

Se por um lado subentende-se que as pessoas se expressaram através das pichações, por exemplo, por outro não se vê diretamente os autores e suas representações, permitindo a interpretação que a favela seja um espaço cheio de casas, independente das pessoas que ali residem. As pessoas foram representadas de modo indireto através de suas pichações e de balões de diálogos ao longo dos desenhos. Esse tipo de comunicação foi maior que cada um dos temas de representações de pessoas. Com os balões, é possível ler a fala sem identificar os sujeitos, o que permite um tom de impessoalidade ou de não envolvimento daqueles que o fazem.



Este desenho preencheu seus planos com imagens que refletem ações de pessoas na favela, sejam elas do cotidiano, de violência ou de diversão. Esta é uma favela que sugere movimento e o dinamismo da sociedade através de ações simultâneas de seus indivíduos numa representação que não priorizou aspectos de moradias e sim, de atitudes. Como em outros desenhos, este também gera uma estranha proximidade entre gestos de violência e crianças brincando e é justamente essa naturalidade que parece associar a favela ao um espaço de permissividade de gestos que a sociedade do asfalto, teoricamente, não toleraria. Como se o desenho dissesse que aquele é um lugar com suas próprias leis ou até com lei alguma, onde aquelas pessoas parecessem não estar fixadas ao lugar ao mesmo tempo em que dele usufruem em seus costumes.

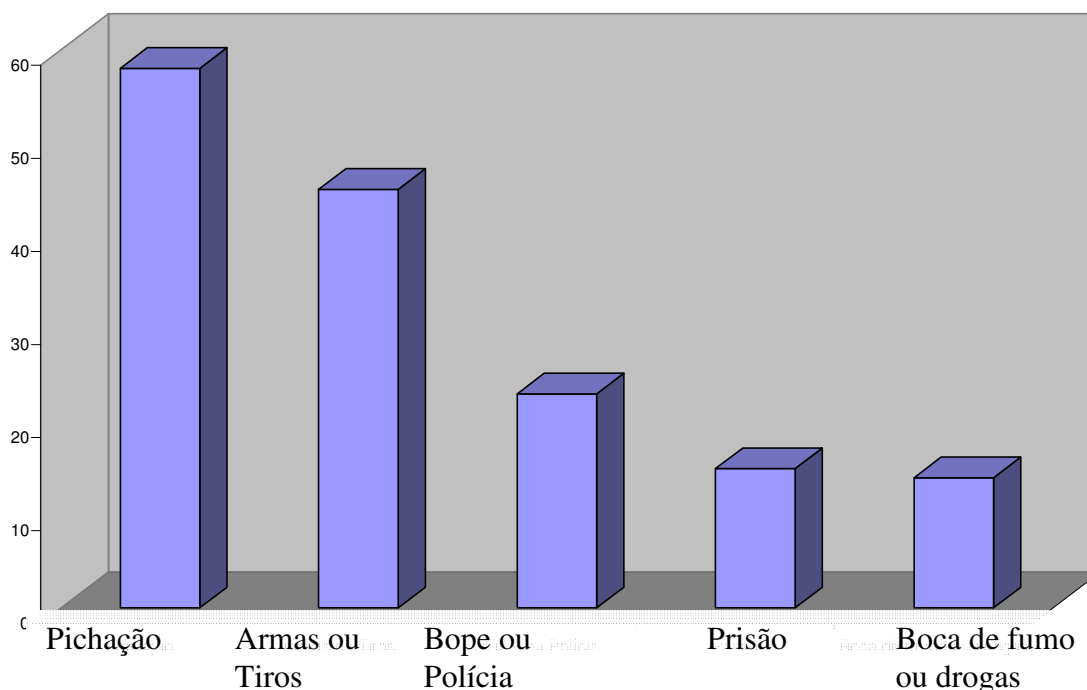
Além da representação direta da presença das pessoas, outra forma bastante expressiva pôde ser percebida através dos nomes dados às favelas. Esses permitiram, novamente, o caráter particular de cada local representado, seja por nomes reais ou pelos criados. Os nomes permitem uma diferenciação entre as favelas e ao mesmo tempo davam o tom ao local nomeado, como "Favela Chic" ou "Morro dús Manús".



O ato de nomear as favelas permite mais do que uma identificação territorial, ele registra uma relação de identidade que se busca, se assume ou se nega por parte dos moradores locais. Elas tornam-se um lugar singular distinto aos demais. Segundo Tuan (1983), os lugares podem nos despertar sentimentos que possivelmente são alterados ao longo de nossas vidas. Se me identifico e assumo um lugar este desperta em mim sentimentos que servirão de óculos para que eu leia e interaja com aquele espaço. Este desenho transmite uma favela "chic" onde convivem desde as lojas que destacam o adjetivo até imagens de armas e violência num cenário com elementos comuns a outros desenhos já apresentados.

Todavia, a presença de pessoas em atos de violência revelou um número ainda maior de objetos ou lugares associados à violência, como em armas, tiros, carros do Bope, em prisões ou bocas de fumo. Esse eixo temático somado representa grande parte dos elementos desenhados.

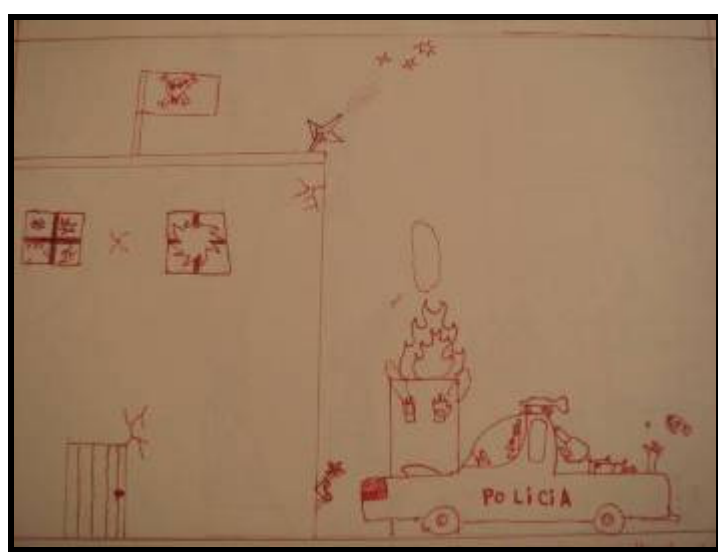
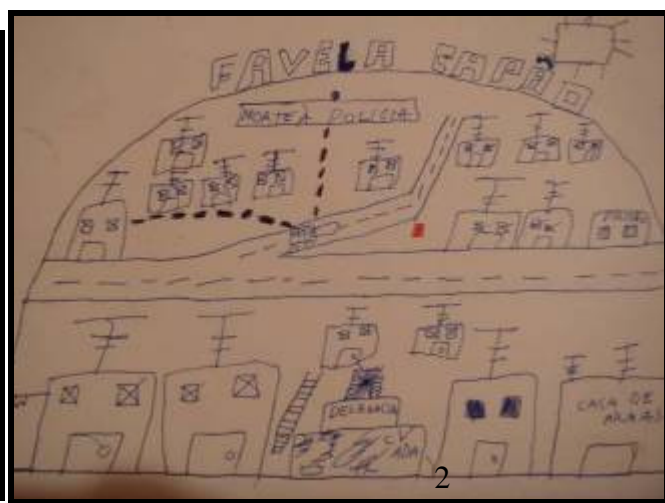
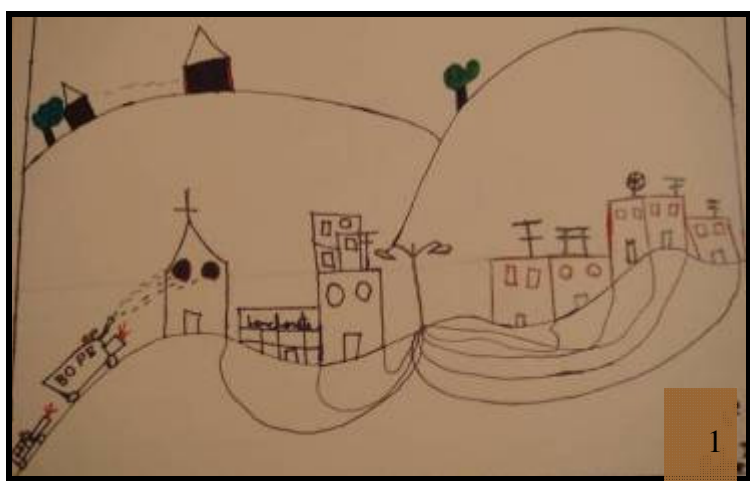
Elementos de Violência



Elaborado por: Juliana Maddalena Dias, 2009.

A polícia, pelos desenhos, não leva, necessariamente, segurança à população, e sim, está envolvida em conflitos com seus moradores ligados à ilegalidade da sociedade. Relaciona-se com a repressão e a violência apresentada no filme em cartaz na época da elaboração dos desenhos: Tropa de Elite. É como se a segurança partisse do ataque e, talvez, por isso, nem tantas pessoas tenham sido desenhadas nas favelas. A presença dos tiros das armas está marcada nas paredes ou era disparada no exato momento da representação entre pessoas. Neste sentido, foi comum encontramos representações de boca de fumo, polícia, tiros e prisão nos desenhos.

Com esta premissa da violência, os próximos três desenhos retratam uma favela longe da harmonia e repleta do silenciamento causado pela violência.



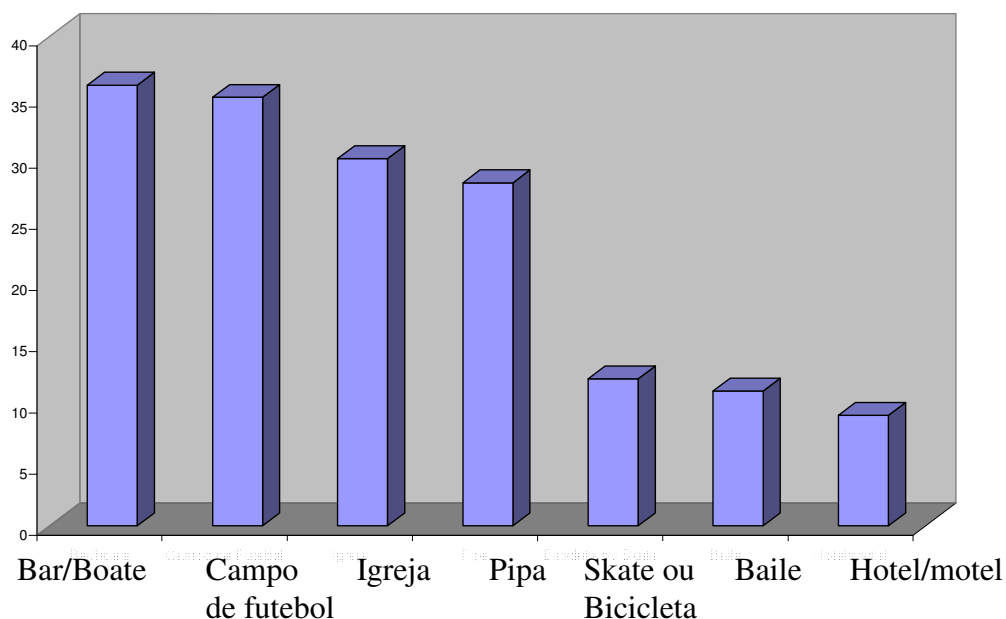
As paredes das casas amontoadas falam pelas marcas de tiros que chegam até a escola no terceiro desenho da sequência. O morro da segunda favela traz além das moradias, uma casa de armas, uma delegacia na parte central inferior e na superior uma ordem de "morte à polícia" numa cena onde o sol nasce quadrado. A primeira imagem parece uma favela de moradores escondidos em suas casas enquanto o Bope atira em tudo e em todos, como no primeiro alvo: a igreja. A quarta imagem aponta cenas de terror com o perigo destacado pela bandeira, a guerra pelas mãos que lançam bomba e o prazer pela fisionomia do motorista num episódio de caos e desordem.

Essa sequência de desenhos induz a uma noção de violência nas favelas onde nada é respeitado pelos disparos de armas de fogo. Instituições como a escola, a igreja e a polícia que possuem uma significativa representação na sociedade, se tornam alvos numa guerra temida pelos moradores do asfalto e vivida pelos do morro, que sejam a favor ou que sejam também os que a temem. Esse modo de ler símbolos sociais dos alunos levam a interpretação de como seria a leitura de um favelado, revela as territorialidades e os valores atribuídos a essas disputas e conquistas. A sensação com esses desenhos é de um território a ser desbravado onde os antigos símbolos são destruídos em prol dos novos poderes locais. Como se aqueles moradores não precisassem ser encarcerados para verem "o sol nascer quadrado", pois eles já estão presos a uma rede de tramas com disputas e conquistas territoriais, onde suas casas são meros pontos de apoio ou obstáculos para os inimigos que desconhecem a leitura daquela paisagem. Em contrapartida, os desenhos são justamente de atores sociais que representam o outro para o espaço-favela, ao mesmo tempo em que retratam com certa propriedade aquilo que "conhecem". O que nossas crianças têm conhecido sobre as favelas e os favelados?

Entretanto, nem só de violência foram os maiores números; significativos também foram os lugares representados como pontos de lazer na favela. A maioria dos elementos está concentrada entre bares, bailes e boates, seguida de campo de futebol, igrejas e pipas. Logo após, foram repetidos elementos como bicicletas, skates, hotéis e motéis.

Os elementos associados à diversão nas favelas também revelam uma cidade dividida onde outros segmentos da sociedade, talvez, buscassem cinemas, shoppings, parques, teatros e restaurantes. Existe, portanto, no imaginário dos alunos uma clara diferenciação entre o tipo de lazer que buscam e, conseqüentemente, as pessoas que eles lá encontrarão. De modo análogo a alguns desenhos vimos ruas especiais para as classes econômicas, o lazer também se desdobra sem a necessidade de integração das classes. Neste sentido, como os lugares parecem categorizados, os eventos como um grande jogo de futebol, show de um famoso grupo ou festas como o carnaval, poderiam sinalizar o encontro dessas diferenças. Os desenhos apontam que pelo lazer, pessoas de diferentes origens econômicas se integram em eventos de massa. Isso sem a necessidade de se encontrarem factualmente, pois o que mais existe hoje são as áreas exclusivas nestes eventos.

Elementos de Diversão



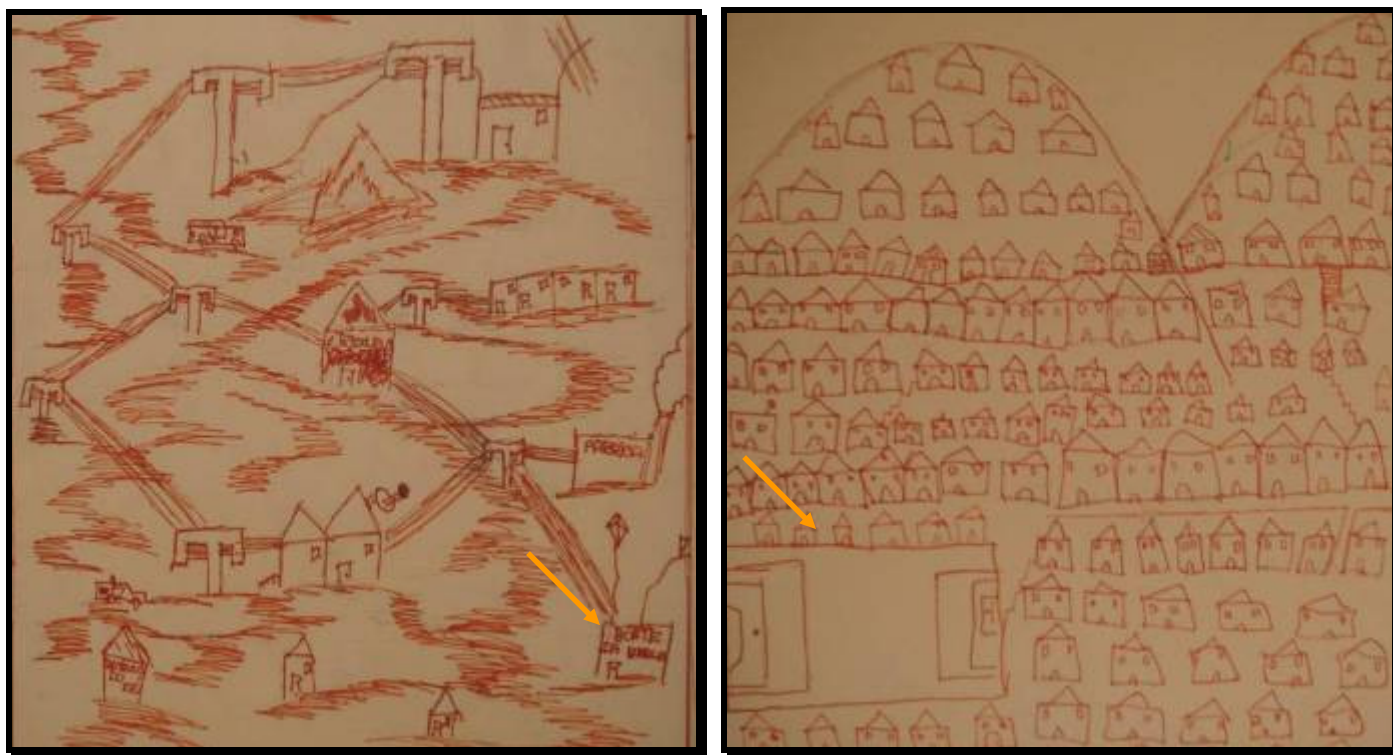
Elaborado por: Juliana Maddalena Dias, 2009.

Em tudo o que a violência silencia os moradores, o lazer os liberta de seus espaços imediatos e os leva ao convívio em outros espaços da favela, sejam eles em demonstrações coletivas ou em atividades individuais. Essa possibilidade de diversão é capaz de resignificar os espaços de violências e é, também, o viés de atuação de poderes oficiais da sociedade nestes espaços onde são comuns as construções de pistas de skate e campos de futebol. O interessante na leitura dos tipos de elementos é que todos poderiam estar em quaisquer pontos da cidade, mas nem todo tipo de lazer urbano "poderia" ser visto na favela.



A forte presença desses elementos amplia a noção de favela como um espaço de violência e suaviza a vida de moradores de faixas precárias de infraestrutura urbana. Enquanto os atos de violência podem ser associados aos favelados e, com isso, segregar mais a cidade, as formas de lazer aproximam as faixas dessa referida cidade dividida dos desenhos. Os pontos de lazer, exemplificados pelo campo de futebol, adquirem nos desenhos um caráter de linguagem universal que mesmo em casas tão parecidas, o campo tem seu lugar de destaque e reconhecimento que independe da origem do observador.



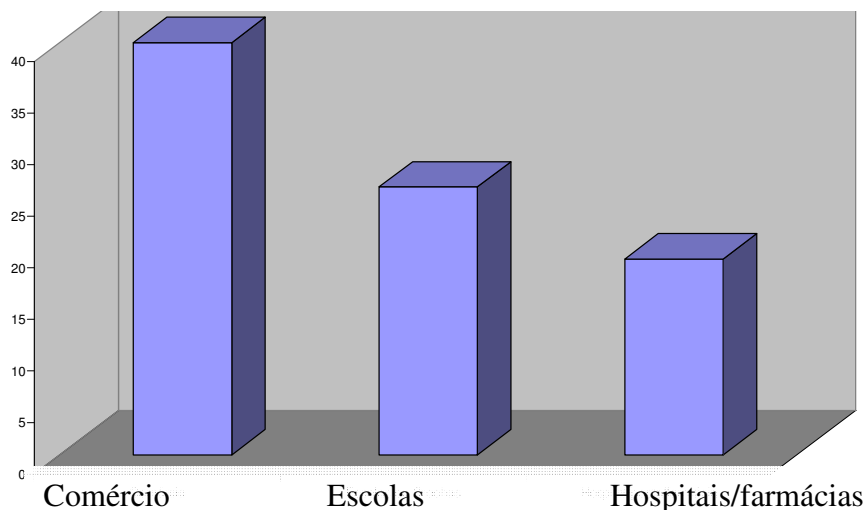


Onde tudo parece igual, o lazer é o destaque! Ora por representações dos símbolos, ora com o nome do local de diversão. São detalhes que revelam que os alunos não veem a favela apenas como um lugar dormitório ou um lugar de medo da violência. A presença da diversão, mesmo que diferenciada, aproxima a realidade dos favelados e dos alunos, afinal, convívio e entretenimento são buscas humanas.

Por entre casas, tiros e lazer, outros elementos dão às favelas a noção de funcionalidade através do comércio, escolas, creches, hospitais, farmácias ou

postos de saúde representados nos desenhos. Mais uma forma de aproximação com outros pontos da cidade.

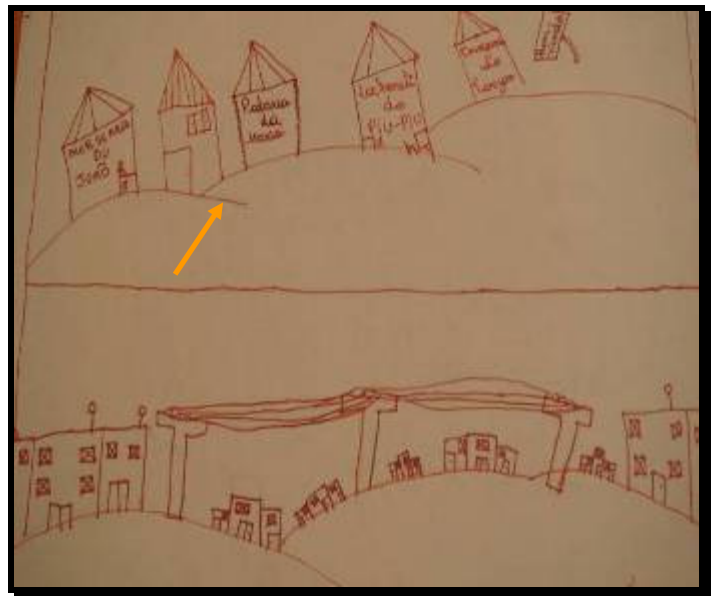
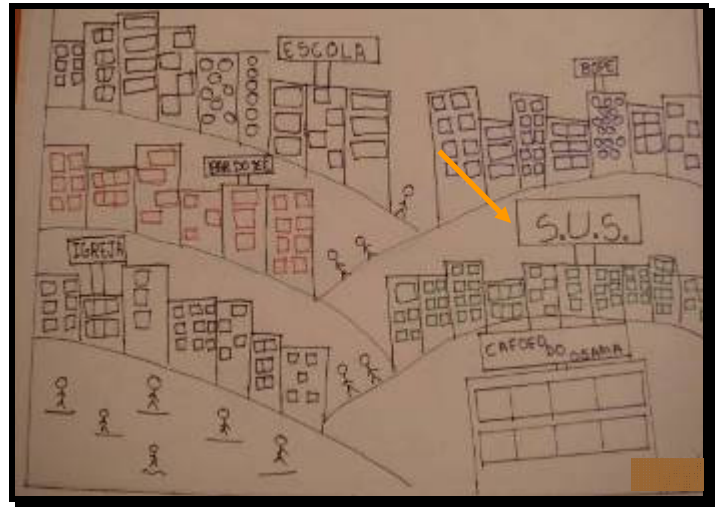
Elementos de prestação de serviços



Elaborado por: Juliana Maddalena Dias, 2009.

Com esses serviços, os moradores, em tese, poderiam estabelecer seu cotidiano próximo à sua casa. Além disso, essa presença de serviços nos desenhos não demonstra tamanho abandono de infra-estrutura em comparação ao modo como as casas foram feitas e mantidas pelos moradores. No entanto, o número menor de hospitais pode sugerir essa carência da população no atendimento à saúde ou aos serviços públicos. Se essa ideia atravessa a noção que os alunos têm de favela, entende-se o que sinaliza com a má conservação das casas, onde não seriam atitudes estanques e sim refletiriam o insuficiente investimento no espaço favela.

Todavia, os desenhos revelam uma perspectiva dessemelhante aos números que parecem abarcar a favela sem dualidades. Porém, como nas formas de lazer, os serviços também foram categorizados à classe da população das favelas.



A prestação de serviços não significou uma forma de aproximação entre as cidades que existem numa cidade. Os postos do SUS, a "iscola dos brodi" e a divisão do quarto desenho entre casas e comércio, sinalizam a manutenção do olhar dividido do outro que se comporta como diferente a essa

realidade. Fico a refletir sobre o que pensou o aluno que imaginou sua favela com uma "iscola", e não porque não sabia a grafia correta, mas sim por entender que as escolas da favela sejam dessa forma. Ou seja, mesmo serviços que se fazem presente em toda a cidade e atendem à todas as classes sociais, são estereotipados de acordo com o local e o público a que se destinam, demonstrando assim, mais uma forma de cidade dividida.

Cidade dividida. Por valores, gostos, localizações, construções, acessos, permissões, proibições, medos e alegrias. Quantos foram os elementos que registraram o dualismo morro e asfalto? Um aglomerado de casas com ou sem janelas, com lajes para o varal e para o churrasco, morros com ruas e escadas que dão acesso às casas, comércio, escolas, postos de saúde, boca de fumo e prisões, pessoas, polícia, lazer, córrego com lixo, sol, dão nome e compõe, em linhas gerais, os 140 desenhos representados pelos alunos. Mas essas são impressões silênciosas de uma observação solitária e cheia de suposições. Afinal, o que pensaram para desenhar suas noções de favela?

Para nos aprofundarmos nesse contexto possibilitado pelos 140 desenhos, farei um recorte para enfatizar os 22 desenhos dos alunos que foram por mim entrevistados a partir de trechos de diálogos com os alunos selecionados.

Todos esses aspectos descritos apesar de gritarem aos meus olhos, continuam mudos aos meus ouvidos. Conversas. Novamente clamo por elas. Porém não mais entre mim e os desenhos, mas com os autores. Muitos foram os sons que estes desenhos ecoaram em minhas reflexões, mas esses ecos não podem se perder nos obstáculos do meu eu, é preciso, e muito, trazer outros sons a estas reflexões.

O eixo central desse trabalho consiste em dar voz aos alunos acerca do que pensam sobre as favelas. Com essa escuta, também foi possível conhecer o

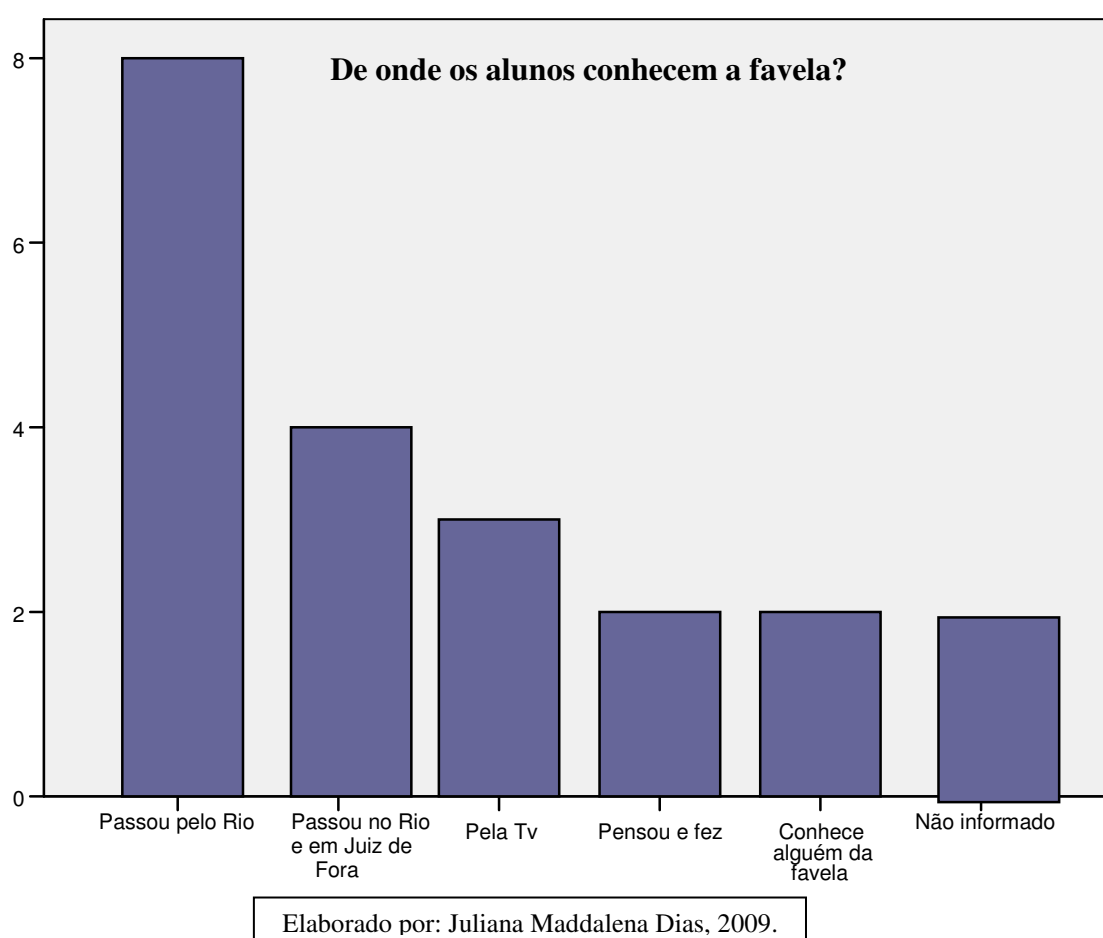
perfil de origem das informações que os alunos utilizaram para elaborar seus desenhos e estabelecer os diálogos da pesquisa. Portanto, antes conhecer suas favelas, é prudente conhecer em que se basearam para tal elaboração.

Para isso, chamarei os alunos entrevistados não por seus nomes, mas por suas iniciais seguidas de número para identificá-los caso exista repetição de letras. Neste sentido, a identidade dos alunos será preservada e o trabalho explicitará suas falas e desenhos devidamente autorizados.

Ao observar os desenhos na relação com os dados que deles surgiram, muitas foram as perguntas que se somaram as que eu já carrego. Como seria viver em casas sem janelas? Como seriam os churrascos nas lajes? Como subir e descer as ruas traçadas pelos morros? Por que os alunos pensam que os favelados escrevem de modo incorreto à norma da língua? Como seria o cheiro que as pessoas ali representadas sentem dos esgotos por entre suas casas? O que sentem aqueles que têm suas casas marcadas por tiros? O que ouvem quando o Bope se faz presente em seus desenhos/vidas? Por que o número de pessoas não é compatível com a quantidade de casas desenhadas? Por que é comum a baixa representação de prestação de serviço nas favelas, como da saúde, por exemplo? Mas não responderei ao volume de perguntas apresentadas, e sim, competirá a mim, compartilhar as respostas trazidas pelos alunos.

Quando estava com os desenhos dos entrevistados diante de meus olhos, imaginava em que tinham se baseado para realizar desenhos tão expressivos e com tantos pontos de diálogos. Idealizava quais seriam os meios e mediações que levaram os alunos a construção de suas noções de favela e se em algum momento haveria alguma interseção entre as falas em si e as falas e os desenhos. Visto isso, apresentarei as origens que motivaram os traços representados.

A ida ao Rio de Janeiro tornou-se a principal fonte de observação dos alunos, acompanhada de uma discreta visão de favela na própria cidade de Juiz de Fora. Se existiu essa noção pela passagem por aquela cidade, também a favela se mostrou aos alunos através da televisão e por depoimentos de pessoas que lá moram, gerando assim, a visão de favela de quem passa e a observa, a visão transmitida pela mídia e visão de alguns moradores.



Pelas respostas apresentadas é possível identificar a visão do estrangeiro para a favela. Os alunos não são favelados e opinam sobre este espaço a partir do olhar de quem fora dele está. Seus traços representados foram construídos através de mediações em uma experiência indireta com esse fragmento urbano. Portanto, não há como negá-las na construção do sujeito, e

assim não acredito apenas na experiência direta com esses lugares daqueles que lá vivem. Acredito em experiências e mediações diferentes para os sujeitos urbanos.

Nesta linha de pensamento o que podemos perceber é uma tênue e áspera divisão nas relações entre os que ali moram e os que não, entre os do morro e os do asfalto, entre os do crime e os da paz, entre os da favela e os da comunidade. Segundo Norbert Elias (2002) nessas dicotomias existe um sentido do lugar para os lá estabelecidos e outro para os outsiders, permitindo assim, sentimentos diferentes para os mesmos espaços. Estes sentimentos variam a partir da forma como o ator urbano percebe o espaço, podendo declarar uma relação de soberania, exclusão, aceitação ou segregação diante de regras formais ou subjetivas sobre o espaço. Tal diversidade na percepção do outro e do espaço pode ser uma justificativa na forma como a favela é nomeada no cenário urbano.

L1: "Nunca fui numa favela, mas já vi. Foi, quando eu fui no aeroporto..., quando eu fui no Rio eu passei em uma, eu não sei o nome dela, mas não foi a Rocinha, eu passei em uma que é tipo, perto de um lago, uma mar, eu não sei onde que era; aí tem várias casas, que as casas não são pintadas é só de tijolo.

XXXXXXXX

B1: "Ela (professora de Artes) pediu pra desenhar uma favela e aí eu, na hora assim, eu procurei pensar o que me vem a cabeça quando eu penso em favela. Aí eu pensei assim: um monte de casa mal construída; assim, sabe, que não é aquela construção muito.....muito boa. Eu pensei aí eu comecei. Aí depois eu fui enfeitando as casinhas; eu pensei "poxa, sempre tem o bar, essas coisas assim", e eu fui fazendo. (...) Eu, já vi favelas várias vezes. Aí, sei lá, eu procurei fazer mesmo a imagem que eu tenho direto, assim, lembrar "favela", aquela coisa mais espontânea, não aquela coisa "a favela tem isso". Não ficar pensando, entendeu? É uma coisa que vem logo na minha cabeça."

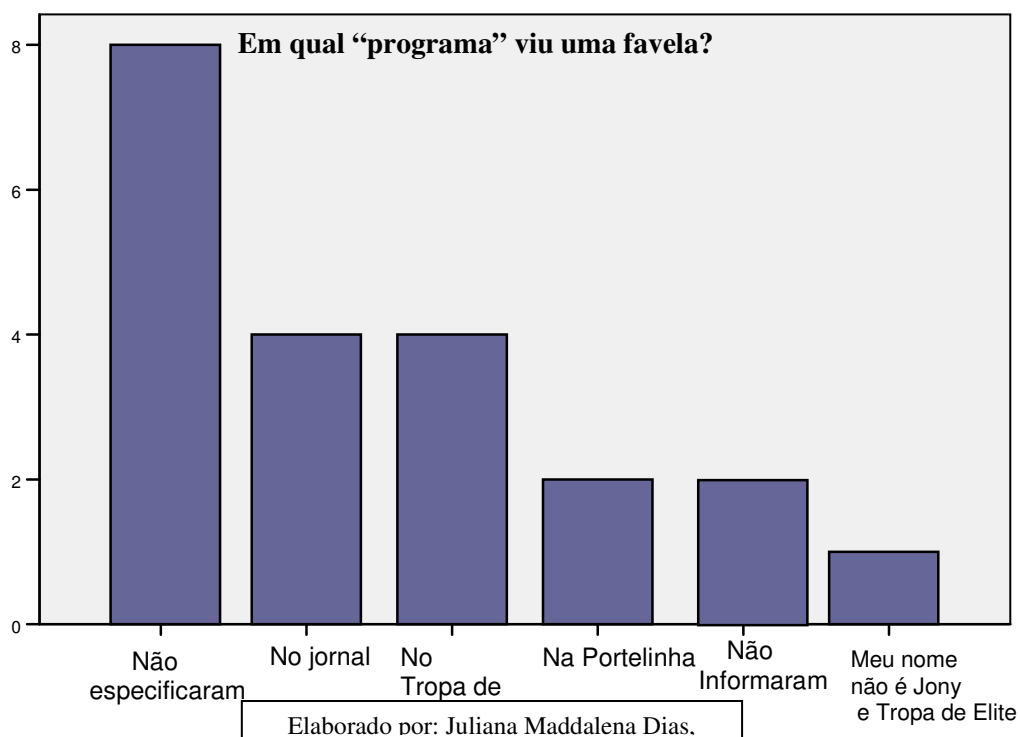
XXXXXXXX

B2: " A gente começou a desenhar na sala. Aí eu pensei assim, "eu vou fazer uma realidade", porque sempre não adianta a gente colocar coisa demais... porque é prisão na favela, as casas com um varalzinho em cima, os muros todos pichados, é coisa na parede da casa, loja vendendo essas coisas de arma, explosivo, gente com droga nas casas. Tem tudo isso..."

XXXXXXXX

Por mais que os alunos afirmem não ter ido a uma favela ou ter usado aquilo que lhes vinham à cabeça, existe uma aproximação entre os trechos no que tange a informações anteriormente recebidas e acumuladas sobre as favelas. Neste caso, ir ao Rio e se lembrar da Rocinha sem nunca ter ido até ela; pensar em elementos que sempre têm na favela, mesmo sem querer pensar; fazer uma realidade (de quem?) e ter certeza disso; são pontos fortes de crenças sobre as imagens das favelas. Mais do que ouvir essas noções, desejo compreender o que as antecede. Existe nessas falas certezas que constroem estereótipos, por exemplo, se nunca fui à favela, como sei que sempre têm bares?

Creio que ainda seja cedo para responder, mas a terceira coluna apresentada no gráfico anterior aponta nos desenhos uma mediação que precisa ser mais clara: a televisão. Essa foi a palavra utilizada pelos alunos para se referir às imagens que assistiram os ajudaram na hora da elaboração de suas favelas.



Perguntei-lhes sobre o que assistiram na TV, então, a programação se diluiu e passou a ser composta por telejornais, filmes até então exibidos no cinema e novelas. Para ser mais específica, a novela descrita não teve seu nome lembrado, mas, a adotaram como a novela da "Portelinha", nome dado à favela que "lá" era gravada. Já o filme campeão de audiência foi o "Tropa de Elite" lançado próximo ao ano em que os alunos elaboraram seus desenhos. Além dessa programação, muitos foram os que responderam TV, mas que não se lembravam do que haviam assistido, ficando, assim, tudo na memória visual que compõe um único acervo de realidade. De qualquer forma, mesmo que a fonte não seja lembrada, existe um eixo entre a programação pelos alunos indicada: a comunicação em massa.

"A presença das massas na cidade foi adquirindo pouco a pouco traços mais nítidos. A quantidade de pessoas começou a significar um enorme déficit de habitação e transporte, além de um novo modo de morar na cidade, andar pelas ruas e comportar-se." (Barbero, p.226)

Essa massa urbana que por seu volume e densidade alterou o modo de ser e agir na cidade também atravessou a produção cultural e passou a ter como realidade a comunicação em massa. Segundo Barbero (2008) "a massificação era de uma só vez, com mesma força, a integração das classes populares à 'sociedade' e a aceitação por parte desta do direito das massas." (p.226). Do mesmo modo que as classes economicamente pobres tiveram que romper barreiras sócio-culturais para se fazerem presentes na "sociedade", a produção midiática passou a se organizar destinada a todas as classes de telespectadores-consumidores. Ou seja, a favela também como este produto passou a reverberar seus sons e imagens desde aos seus iguais/favelados aos alunos entrevistados/elite. Segundo o autor, a massificação, portanto, atingiu a todos.

Após ouvir sobre tal programação, perguntei aos alunos se utilizaram o que viram na TV em seus desenhos e uma curiosa resposta me apresentaram. Apesar da maioria dizer que desenhou a partir do que viram diretamente no Rio de Janeiro, mais da metade dos alunos disse sim ao afirmar que usou o que assistiu na TV. Ou seja, apesar de não ter sido lembrada num primeiro momento, ela foi um dos mediadores mais utilizados pelos alunos. Nesse sentido, reafirmo que o tipo de programação ajudará no sentido que os alunos atribuíram para seus desenhos nesta experiência mediada pela TV.

Juliana: "Ah, tá, no Rio. E aí quando você desenhou essa favela você pensou nessa que você já passou, ou alguma em especial?"

P1: Ah, pensei mais no que mostra mais na televisão....

Juliana: E o que você lembrou que mostra na televisão?

P1: Ah..., o tráfico, violência das notícias".

XXXXXXXXX

Juliana: "E as casas, como é que você escolheu fazer assim?"

D1: É, é porque eu peguei mais a do filme Tropa de Elite, sabe? Lá as casas são tudo uma em cima da outra."

XXXXXXXXX

Juliana: "E aqui você falou do BOPE né?"

Y1: Hamham. Aí eu coloquei, ah, porque eu coloco o negócio do batalhão, na favela quem tem as milícias né....Então aqui eu coloquei o BOPE, do filme, sabe? Coloquei no sentido de defesa dos moradores da favela, segurança, pra combater o crime organizado na favela.

XXXXXXXXX

Um eixo atravessa os trechos acima destacados: "vi, mas não me lembro em que programa". Essa experiência mediada pela TV traz essa sensação de nebulosidade nas fontes, mas não a perda de credibilidade pelo o que se assiste. Quantas vezes ouvimos: "Aconteceu sim. Eu vi na TV".

"O que anima o ritmo e compõe a cena televisiva é o fluxo: esse *continuum* de imagens, que não faz distinção dos programas e constitui a *forma* da tela acesa" (Barbero, 2004, p.36). Independente da produção midiática, a

associação dos alunos é, de fato, com essa tela acesa. Com as falas de P1, D1 e Y1 podemos identificar que a ideia que eles carregam de televisão envolve as reportagens que independem do canal ou da programação e filmes associados pelas cenas e não, necessariamente, pelo título ou tipo de produção.

Essas imagens devem ser consideradas como mediadoras de uma experiência que afeta o telespectador e o faz alterar seu modo de representar a favela. Dessa forma, essas imagens transmitidas ganharam força sobre o que P1 já tinha visto, pessoalmente, com sua ida ao Rio e ainda, permitiram um diálogo com o desenho de Y1 quando o aluno assume colocar um símbolo visto no filme para ajudar na defesa dos moradores na "realidade". Existe aí um trânsito livre em as imagens assistidas e aquelas por eles construídas ou reproduzidas nos desenhos.

No entanto, a força dessas imagens não atingiu apenas os três alunos, e, por isso, mais adiante colocarei os contrapontos trazidos pelos próprios estudantes acerca da programação e imagens a que são submetidos. Esse fio formador merece maior atenção que lhe será dada adiante.

Além desses aspectos, ao observar a repetição de elementos em alguns desenhos, comecei a visualizar as turmas que da entrevista participaram. Apesar da escolha aleatória, mais da metade dos entrevistados se concentra em uma turma da série. O que vai ao encontro de compreender que, embora, a maioria tenha vindo à pesquisa pelo desenho, grande foi o número de alunos que vieram porque outros amigos já tinham vindo participar. O que também se entende pela maioria de participantes ter sido de meninos, ou seja, o tal grupo de amigos. Assim, quando os questionava sobre uma determinada palavra no desenho, muitas vezes ouvi alguém dizendo a palavra em voz alta no momento da produção do desenho, então os outros gostaram e também a colocaram. Dessa forma, mais um mediador se despontou na entrelinhas das falas: os amigos.

A presença da influência ou ajuda dos amigos na hora de tracejar a favela nos apresenta outro fio formador que carrega consigo uma vasta gama de possibilidades na formação desses sujeitos. Ou seja, sugerir o nome de uma gangue requer um conhecimento prévio de quem diz e um também daquele que aceita colocá-la por entender que teria relação com sua favela.

Esse ato de se formar na interação com o outro também pode ser manifestado nas falas dos alunos consigo mesmos quando afirmavam a real possibilidade de alterar seus desenhos ao revê-los após um ano. Essa transformação também pode ser visualizada através das respostas que os alunos admitiram terem dado, mas que há um ano após não fariam, sinalizando esse amadurecimento a cada série escolar.

Juliana: "Se você tivesse que fazer esse desenho hoje de novo, como seria?"

G2: Eu mudaria. Colocaria, tipo, tiraria mais o tiroteio, colocaria mais pessoas tipo alegres, colocaria umas plantas também."

XXXXXX

R2: "Ah, seria mais ou menos o mesmo...sabe? Igualzinho não.... Eu ia por no morro, ia por pessoas, sabe? Gente andando.... as pessoas trabalhadoras de lá..."

XXXXXX

Os alunos G2 e R2 sinalizam que suas mudanças tenderiam a um cotidiano mais leve para os moradores da favela. A impressão é de que com o tempo suas preocupações com o cuidado passaram a ser mais específicas com aquelas pessoas. Como se eles reconhecessem uma realidade de precariedade e se preocupassem com as pessoas que lá estariam sofrendo. Parece haver um deslocamento de foco onde num primeiro momento os alunos olharam bem de fora para o espaço favela e, num segundo momento, aproximaram os olhares para os moradores daquele espaço.

Esse amadurecimento também atravessou o crivo de valores dos alunos que passaram a pensar e repensar elementos de seus desenhos em busca de uma maior seriedade em seus traços.

XXXXXX

B1: Eu acho que seria uma coisa mais madura também, porque eu não colocaria essas coisas assim, de boca de fumo, ou de plantação de maconha, o máximo que eu colocaria era a boca de fumo, mas não tão zuada. Eu acho que eu faria uma coisa mais, como é que eu vou explicar, (silêncio) eu acho que eu faria as escolas, com certeza, mas eu não sei se eu iria colocar coisa errada, não sei porque, mas não iria colocar. E eu acho que teria mais casas também."

XXXXXX

A aluna B1 nitidamente dialoga com seus valores e pensamentos no momento da entrevista chegando a se contradizer diante do turbilhão de exemplos que parece buscar simultaneamente. Ela iria ou não colocar a boca de fumo? O que seriam as coisas erradas? O que a aluna se permite é repetir o elemento de um modo mais sério, como se ela ouvisse que naquela idade ela deveria levar uma vida mais ajuizada.... Paralelamente ela sinaliza que colocaria mais escolas, que podem ser lidas como símbolo de seriedade na sociedade.

Esse embate que dela transparece demonstra um duelo entre o que está acostumada a ver e ouvir sobre favela e aqueles que são seus valores de vida. E mais do que isso, ela reflete sobre o que tem comunicado às pessoas a partir de seus desenhos, como por exemplo, se mantém ou não "coisas erradas" ali representadas.

O ato de piorar ou melhorar o desenho segundo a concepção dos alunos passa pelo crivo do amadurecimento, da experiência que adquiriram com o tempo. Experiências que parece terem sido vividas fora da escola já que seus conteúdos não são destacados pelos alunos. Como se esse conteúdo fosse descolado e forçosamente prestassem atenção aos valores que suas vidas lhes confrontam. Essa noção de bom e ruim, certo e errado foi um forte traço a ser identificado

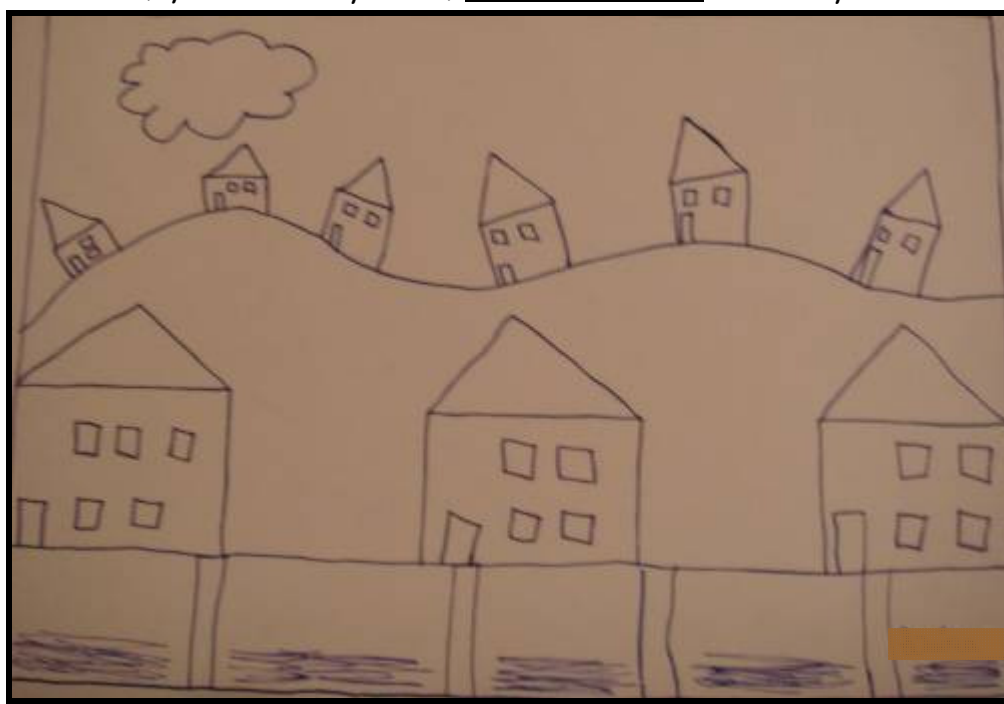
nesse deslocamento temporal entre o momento da elaboração dos desenhos e suas apresentações na entrevista. Ainda sobre as modificações ao longo das séries, neste instante, um outro trecho merece ser visualizado com seu desenho, já que os outros serão apresentados ao longo do texto.

XXXXXX

L2: "Faria. Eu faria bem pior, faria mais construções...as coisas mais precárias. Naquela época eu ainda não sabia o que era direito, eu sabia que era ruim, mas eu já passei no Rio em frente a uma favela, depois disso eu descobri que a favela é bem pior do que eu pensava.

Juliana: E quando você fala "bem pior" o que vem na sua cabeça?

L2: Ah, que não tem prédio, tudo é mal feito... coisas precárias."



L2 durante a entrevista repetiu muitas vezes a noção de coisas precárias associadas à favela. O interessante é a aluna admitir que na época do desenho que não tinha muita noção de favela. E de fato, ao olhar seu desenho tive a sensação de "conto de fadas", cheguei a pensar em sua indiferença com o mundo. Mas em sua fala ela admite sua falta de noção sobre a favela e diz que faria o desenho de outra forma, que não parecesse tão rico. Suas respostas foram curtas, norteadas pelo medo e com frases sem conclusão, que deixava no

ar sua intenção de resposta. Falava e me olhava para conferir se seu daria continuidade à suas frases.

Sua favela está colocada sob duas estruturas: em palafitas e no morro. Suas casas são padronizadas com janelas, porta e telhado. Não existem pessoas, rua ou outros elementos, somente representou os planos: casas de palafitas, casas no morro, céu com nuvem.

Dos desenhos que tenho visto, este foi o que mais me deu a sensação de um desenho infantil. O que destaco é a impressão que este desenho me trouxe ao observá-lo. A primeira coisa que me perguntei: em que mundo essa menina vive? A segunda exclamação foi: Que bom que essa menina vê a favela de um modo tão bonito e tranquilo! Mesmo com essas duas exclamações meus olhos buscavam os elementos que foram tão recorrentes nos 140 desenhos. Aos poucos fui tentando pensar que tipo de informações a aluna tinha para elaborar um desenho que destoasse tanto dos demais num desenho que parece dizer que a favela não é tão ruim quanto os outros pensam.

Mas pelo trecho de sua entrevista, anteriormente destacado, é notório que ela fez uma representação sem "conhecer" e após ter tido uma oportunidade disse que faria pior. Por esse trecho que minha impressão foi que a aluna imaginava algo idealizado que se quebrou ao ver com os próprios olhos aquilo que sua mente achava conhecer. Sua visão continuou de estrangeira que procurava ver elementos de sua realidade, como os prédios, ao mesmo tempo em que assumia que seu novo desenho seria bem pior. Seu desenho não foi da favela que gostaria de ver e, sim, daquela que acreditava existir.

O que tem começado aqui a ser sinalizado é o potencial da experiência do sujeito para elaboração de suas opiniões e seu modo de se posicionar no mundo. Para ilustrar esse raciocínio, recuperarei o dado que indicava que os alunos conheciam favelas por visitarem a cidade do Rio de Janeiro.

Os que se referiram ao Rio de Janeiro discorreram a partir da visão que tiveram de favela por passarem pela cidade em alguma viagem relacionada ao turismo, como para assistir jogos no Maracanã, por exemplo. Dessa forma, quem sai de Juiz de Fora em direção aquele município, passa por favelas em sua chegada, sendo algumas até conhecidas no cenário nacional como as do complexo ou conjunto da Maré. Já dois alunos adotaram como referência o contato direto que tiveram com moradores de favelas cariocas num contato que os possibilitou transformarem sentimentos e percepções após conversas com moradores.

O aluno D2 contou que seu pai já havia trabalhado em uma loja na favela da Rocinha no Rio de Janeiro e, por isso relata as suas duas primeiras idas à loja:

"Ah... a primeira vez eu fui morrendo de medo, na segunda eu já fui com meu pai, aí foi tranquilo. Eu ficava assustado quando eu passava lá no túnel que em cima era a Rocinha, eu ficava assustado. Aí saía assim, olhava pra trás era a rocinha. Depois eu entrei lá."

Juliana: E agora que já entrou na Rocinha, o que você sente?

D2: "Ah, agora mais ou menos, quase nada... mas antes... pô..." eu vou entrar lá e vou morrer", eu pensava assim. Ah, eu pensava que lá só vivia assaltante, quando eu era menor, aí depois que eu fui lá eu vi que não era nada disso. Meu pai disse que não é todo mundo lá que é assim...bandido...., tem muitas pessoas humildes, sabe? Gente fina...lá..."

Essa transformação de sentimentos relatada por D2 também poderá ser visualizada por outros alunos que ao longo do tempo de elaboração dos desenhos e da entrevista, puderam lapidar sentimentos confusos ou reafirmar outros.

Fico a imaginar a cena descrita por D2 e a lembrar de como me contou sua ida à favela. Imagino como se fosse uma pequena criança de mãos dadas com um grande pai a olhar um enorme morro cheio de casinhas vistas de longe. Os

dois vão se aproximando, se aproximando, e, finalmente, o menino lá entra! Aos poucos ele olha para os lados, para todos os lados, e, lentamente, começa a respirar aliviado: ele não havia morrido. No entanto, o medo de morrer de D2 é um medo que não pode ser lido como uma frase qualquer. De onde veio esse medo?

D2 deixa claro em sua fala que sua modificação de sentimentos por aquele lugar veio com sua experiência direta de ir lá e ver como era, e através dos depoimentos de seu pai que descreviam um lugar de pessoas trabalhadoras. Porém, também por sua fala, o aluno deixa transparecer que tinha uma noção anterior que o amedrontava. Novamente me questiono de onde veio esse medo?

Se o lugar permite essa variação de sentimentos e atitudes, como não valorizar tal possibilidade? Ou seja, o espaço continua posto, cartografado, localizável, com distância entre dois pontos, mas também com aquilo que nele acontece, que o faz variar pelo modo como o sujeito o percebe. Não estou relativizando o espaço, estou admitindo o olhar do sujeito. Um olhar que parte das dimensões corporais, invade seu intelecto e impulsiona o seu comportamento sobre o espaço. Continuo dessa forma, com o pensamento de Tuan e suas palavras-chave: percepção, visão de mundo, atitude e topofilia.

Para compreender a atitude dos alunos a partir de suas visões de mundo, procurei diante dos desenhos identificar elementos que pudessem me sinalizar o que percebem na favela para tecerem suas noções sobre aquele espaço.

Casas inacabadas, localizada nos morros, em especial os cariocas, vistos por viagens e, principalmente pela TV. Casas marcadas por tiros, mas com lajes que convidam os moradores aos churrascos; crianças que soltam suas pipas na correria do sobe e desce das escadarias; pichações que sinalizam e marcam o que

sentem ou como vivem aquelas pessoas, drogas; bope; antenas e fios ligam aquelas favelas a uma cidade dividida.

Diante de tantos elementos muitos puderam ser agrupados por suas afinidades temáticas como os elementos de moradia, os que são visíveis nas favelas, os de serviços, transportes, pessoas, diversão e de violência. Este último, no entanto, se despontou como um grande elemento de repetição e que surgiu como ponto certo nas entrevistas com os alunos. Apesar de não ter sido o único, o medo foi um forte sentimento ligado a uma primeira impressão sobre as favelas. Nesse sentido, nosso primeiro eixo de reflexão se deterá ao medo que é associado à violência das favelas. Os entrevistados desenharam ou falaram sobre seus medos? Essa dúvida gerou outro eixo de análise: entre o que traçaram e aquilo que verbalizaram. Mas afinal, os alunos têm medo de quê?

Os sentidos que orientam o sentido: a favela sentida pelos alunos

"A cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem para serem explorados." Kevin Lynch

Desde que li essa frase fiquei a pensar numa possível mudança na ordem de suas palavras. "Os cenários e paisagens podem ser explorados pelas percepções de nossos ouvidos e pelo o que podemos ver com nossos olhos a cada instante ao longo do tempo."

Essa não é uma simples alternância de vocábulos que compõem a estrutura de uma oração; ela é a busca por uma perspectiva de análise do que a frase original propõe: a exploração da paisagem.

Tenho dito que entrevistei alunos que não necessariamente já foram a uma favela, portanto, poderia afirmar que não exploraram o ambiente da favela para conhecê-lo. Se assim o fizesse estaria contradizendo tudo o que tenho discorrido acerca da Geografia Humanista e, este é o ponto de interseção entre a frase de Kevin Lynch e aquilo que me proponho a investigar nos desenhos dos alunos: a exploração de um cenário.

Meu interesse pela favela está justamente naquilo que ela desperta nas pessoas mesmo que lá não tenham ido. Esse despertar ou afetar os sentidos é um modo de conhecer aquele espaço. Claramente não me refiro a conhecer a totalidade de um lugar, o que acredito não ser possível, exatamente pela diferenciação de percepções do indivíduo ao longo de suas experiências com o lugar.

Dessa forma o que ressalto é a real possibilidade de explorar um lugar através de nossos sentidos: tato, olfato, paladar, audição e visão. Ou seja, apesar

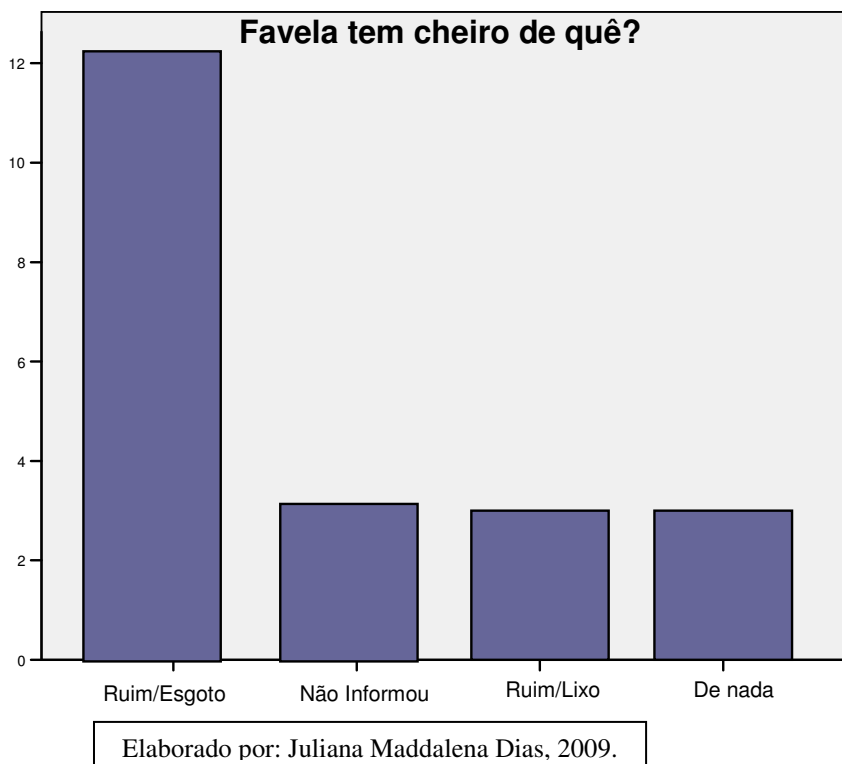
da redundância em ver com olhos, podemos sim, ver a paisagem com a ajuda de outros sentidos. Entretanto, os sentidos despertados em um lugar não silenciam nossas reflexões interiores, mas ao contrário, eles incitam sentimentos pelos espaços explorados sensitivamente.

Ao refazer uma cena mentalmente, o indivíduo tem a capacidade de sentir novamente aquilo que associou ao espaço da cena. Por exemplo, um sujeito que é assaltado próximo a uma favela, pode mentalmente associar este espaço ao medo sentido no momento da ação. O mesmo pode ocorrer quando uma pessoa passa pela favela onde conheceu o grande amor, enfim, o sentimento do amor pode também ser lembrado na relação com tal local.

Além dessas situações, o sentimento pelo lugar pode mudar ao longo das experiências adquiridas pelo sujeito, para tanto, a cada instante um universo de possibilidades de relações com o espaço pode ser ativado pelos sentidos humanos. Logo, é possível valorizar os aspectos subjetivos dos sujeitos nessa relação com sua percepção espacial nesta chave de leitura oferecida pela abordagem humanista.

Visto isso, se as favelas podem aguçar os sentidos e despertar sentimentos, o que sentem, afinal, os alunos quando pensam nesses espaços? Perguntei-lhes sobre cheiros, cores, barulhos e sentimentos. Muitos não informaram o que sentiam devido a dificuldade em dar nomes aos sentimentos ou por "ter" que imaginar o que sentiriam estando na favela. Outros, no entanto, não hesitaram e, as suas maneiras atribuíram nomes ao que sentiam. Neste sentido serei fiel à nomenclatura que conferiram aos termos que gostariam de expressar.

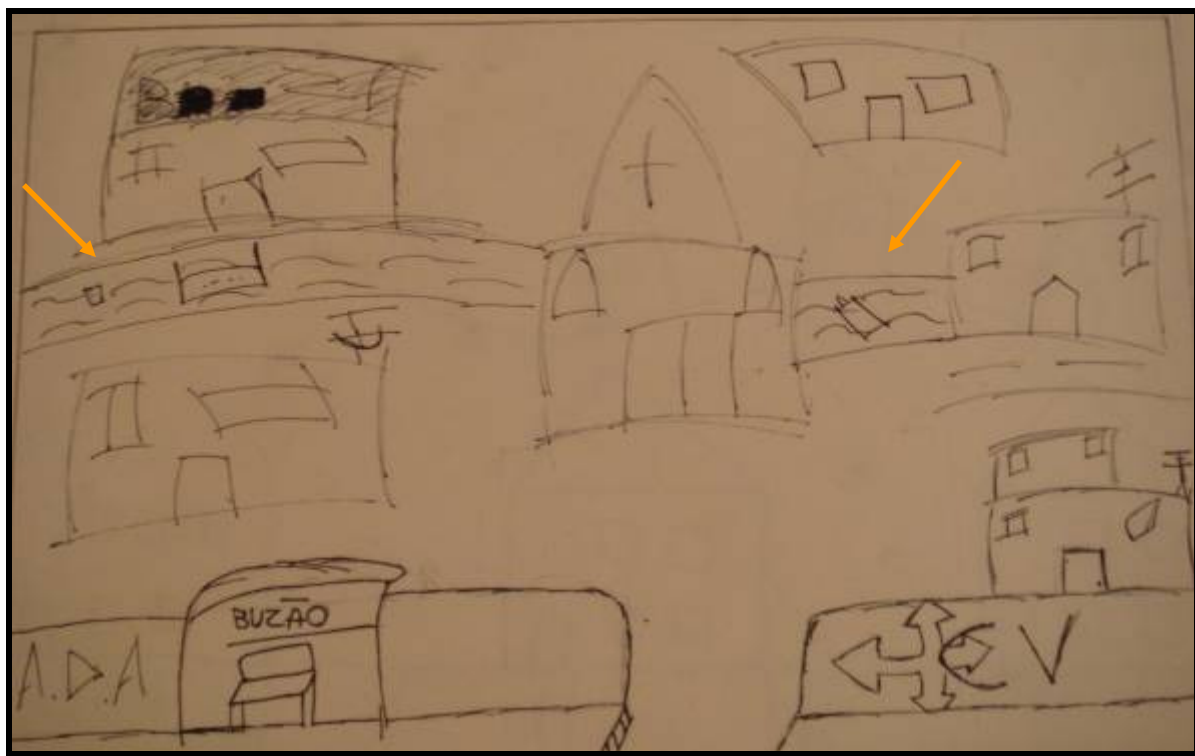
Ao indagar sobre os cheiros da favela não obtive respostas muito variadas ou contraditórias entre si, pelo contrário, a variação se deu apenas no modo de descrever a que cheiro se referiam.



Pelas respostas apresentadas a favela é sentida como um lugar de cheiro não agradável, independentemente, da origem ser dos lixos ou pela presença de córregos por entre as casas. Outro dado pode ser destacado pelo cheiro de "nada". Qual seria esse cheiro ou como seria um lugar com cheiro algum? Neste sentido a leitura pode ser feita pelo viés onde não houve uma associação entre o espaço e o sentido olfativo ou que nenhum cheiro tenha se sobressaído aos demais. Um exemplo para ilustrar o potencial do olfato nessa relação pode ser visto a partir de uma pessoa alérgica que entra em um lugar com "cheiro de mofo", não há como não pensar na força que esse sentido dará na percepção dessa paisagem. Fato esse que se torna dessemelhante à percepção pelo cheiro de "nada".

Mas retomando o cheiro ruim, as formas que o caracterizam agregam à favela um valor de local sem ou com pouquíssima infra-estrutura de serviços de saneamento e limpeza. Segundo Zaluar e Alvito (1998), a favela já foi associada ao imaginário urbano como foco dissipador de epidemias; lugar de malandros e da promiscuidade; cenário para bandidos com sua violência, lugar de ausência do

Estado. Em linhas gerais, as imagens conduzem a uma associação negativa entre o morador e seu lugar, ressaltando que são imagens consolidadas por não-moradores dessas áreas.

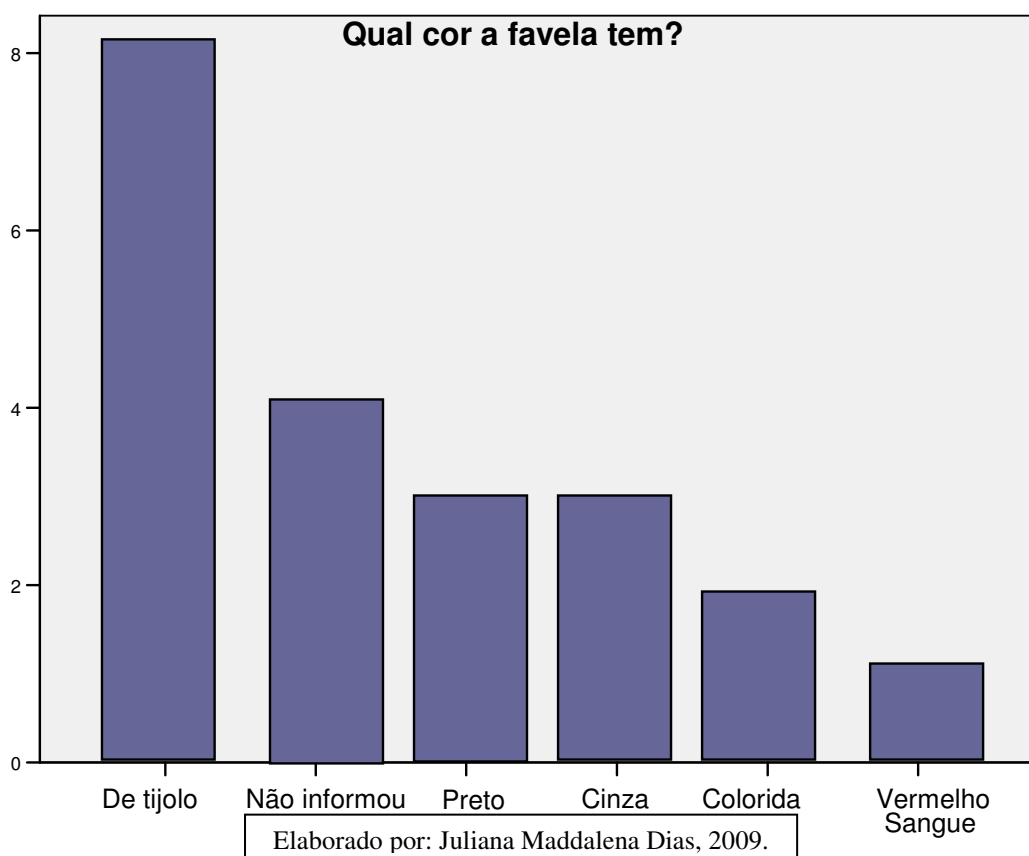


A2 trouxe em seu desenho traços fortes em primeiro plano e bem mais fracos nos outros, dando a sensação de um cansaço ao desenhar. É um desenho que parece ter duas divisões: uma entre a parte inferior com a superior e outra da direita com a esquerda. A primeira dividida por linhas fortes e como se tivesse um caminho de entrada à favela e a segunda dividida por uma igreja no centro com um córrego poluído passando por entre as casas. Independente do modo como o aluno organizou seu desenho, o local destinado ao córrego enfatiza sua presença no cotidiano dos moradores que têm suas casas, frequentam a igreja e, praticamente, o atravessam para chegarem ao ponto de ônibus. Essa assiduidade no trânsito dos moradores próximo ao córrego gerou no aluno, ou por ele foi gerada, uma associação com o cheiro de esgoto:

Juliana: "E se você pudesse pensar num cheiro, que cheiro você acha que teria a favela?"

A2: Ah, acho que de esgoto..."

Se os cheiros não tiveram variações entre os alunos, as cores já as apresentaram. Não somente pelos nomes que as diferem, mas pelo o que sinalizam subjetivamente quando atribuem adjetivos para caracterizarem ou especificarem a que tipo de cor se referem.



A cor predominante - de tijolo - pode ser entendida pelo ponto de vista de que as favelas, apresentadas pelos alunos, possuem traços de casas inacabadas com os tijolos aparentes. O vermelho sangue foi enfatizado pelo aluno já na relação que justifica sua escolha: o sangue da violência.

Juliana: "Se você pudesse pensar numa cor, que cor vem na sua cabeça quando fala em favela?"

P1: Vermelho tipo sangue.

Juliana: Algum motivo especial?

P1: Tipo de tiroteio, sangue...."

Esta é uma cor que cala o cotidiano dos moradores e salienta uma vida de fuga e perseguições que apresentam muito sangue como consequência, ao ponto de ser caracterizada como a cor predominante na percepção do aluno. Em contrapartida há quem veja a favela não como uma cor e, sim, como um espaço colorido que ressalta a individualidade das casas dos moradores. Essa variação entre sujeitos é extremamente pertinente ao olhar da Geografia Humanista que permite e valoriza o modo diferenciado como o sujeito percebe seu ambiente.

As cores pretas e cinza podem ser analisadas simultaneamente e com uma associação à escuridão ou ausência de cor. Essas por sua vez remetem os alunos a símbolos de violência ou de alguma segregação do "mundo colorido".

Juliana: "Uma cor que vem na sua cabeça?"

L2: Preto.

Juliana: Algum motivo especial?

L2: Ah...penso em armas e tráfico de droga..."

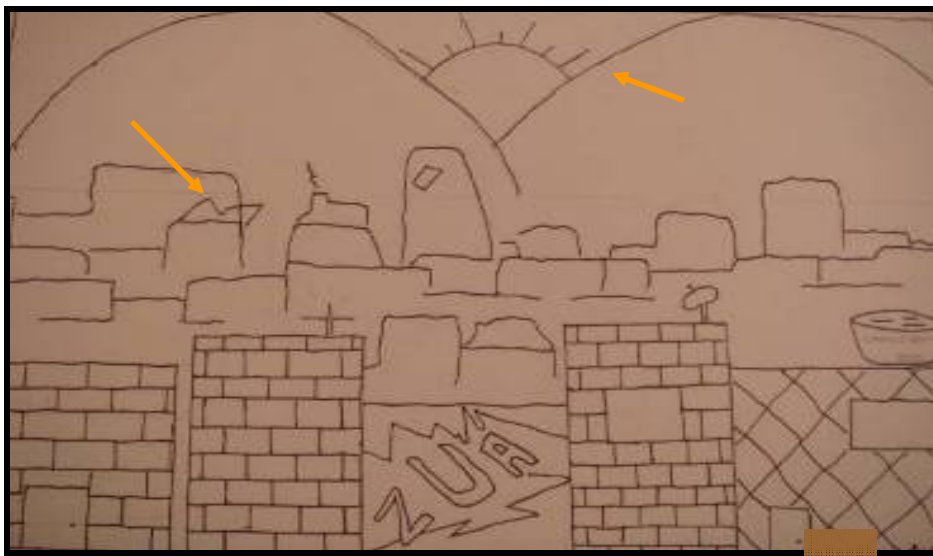
XXXXXXX

R1: "Ah, eu acho que cinza, com algumas coisas de pichação. Sabe? Cinza tipo de poluído....de casa que nunca foi pintada.."

XXXXXXX

V1: "Ah.... (silêncio), é uma favela pouco colorida Ah, por exemplo tipo cinza.."

Existem respostas nos trechos destacados que contradizem outros alunos, como o cinza, sinal de pouca cor ou até de inexistência de pinturas que poderiam deixar as casas coloridas. Mas, no aspecto da violência, o vermelho sangue foi originado na escuridão dos tiroteios.



Juliana: "Se você tivesse que escolher uma cor, qual viria à sua cabeça quando pensa em favela?"

M3: Preto e marrom.

Juliana: Algum motivo especial?

M3: Ah, as construções, os tijolos marrons, de cor meio fechada, e o tempo de escuridão.

Juliana: E aí você fez um sol. E como é que fica essa história da escuridão que mencionou?

M3: É eu fiz um sol! (risos). É, eu fiz aqui pra demonstrar que aqui é a, no primeiro plano aqui, tem casas feias, construções ruins, mal-feitas e tal, e mostrar que em outro patamar da cidade tem construções, aqui é um, eu não coloquei construções, mas tem um clima diferente, tem paisagens bonitas, diferente da favela. (apontando para o desenho)

Juliana: E esse sol chega lá na favela?

M3: Ahhhh.... eu quis demonstrar que não chegava, quis mostrar bem a escuridão.

Juliana: E não ter a janela tem a ver com escuridão?

M3: Às vezes sim. Porque o acabamento, ninguém se preocupa muito com isso..., aí eu penso que as casas devem ser mais frias, escuras, a energia elétrica, não deve ter muita energia e tal, pode ser um fator e, também, por ser escuro.

Juliana: E por que as pessoas têm suas casas assim?

M3: Ah, porque elas não têm apoio de ninguém pra construir, pra morar e tal, e o dinheiro que elas juntaram por algum tempo elas fazem uma construção bem rústica assim....pra não gastar nem muito e ter ali pelo menos um canto pra morar."

M3 o traz de modo mais explícito uma divisão na cidade que vai além do tipo de construção ou da paisagem em questão. O aluno se refere à luz solar e à escuridão.

Para M3, o Sol não acompanha o jargão e, por isso, não nasce para todos. Suas casas apresentam-se sem janelas como uma escolha dos moradores que por terem baixa renda precisam priorizar onde investir o pouco que tem. Todavia, o aluno também ressalta a sensação provocada pela falta de janelas: casas frias e escuras. Essa descrição vai ao encontro do medo que associado à favela gera o medo do escuro naquele espaço.

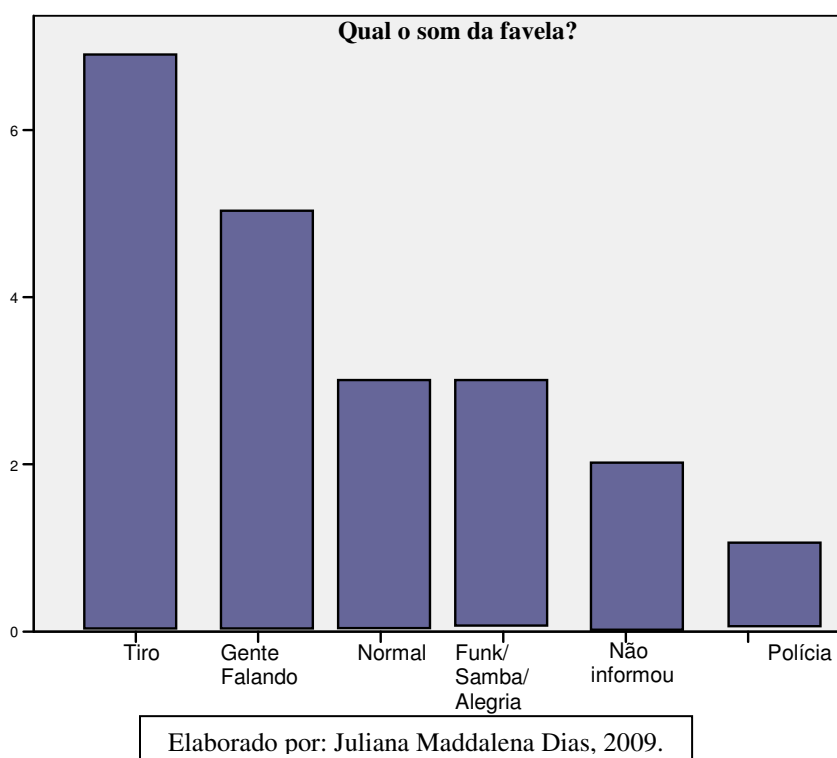
Mas o curioso na fala de M3 é pensar que aquelas casas não se iluminam pelo Sol. Uma luz que atinge outros planos da cidade, mas não o espaço favela. Uma luz que ilumina as paisagens bonitas e escurece seu oposto na favela.

Ao olhar para o desenho de M3 pela primeira vez, tive a sensação de que me deparara com um cemitério. Ao invés de ser uma favela com casas, era um cemitério com túmulos bem contornados. Se o Sol é conhecido por inúmeras metáforas e uma delas é vida proporcionada por sua luz, o desenho de M3 ao negar essa luz para todos, traz mais do que a escuridão dos lugares, traz a ausência de vida para aquelas favelas. O desenho permite o efeito de um lugar frio e escuro.

M3 em seu raciocínio explicou qual a lógica que utilizou para minimizar a chegada de luz àquele lugar. Ao dividir seu desenho em planos deixou claro que existem outros pontos da cidade além da favela representada e que a luz caminha em direção ou a partir do horizonte. Com seu riso tímido, mas coerente ao seu pensamento, o aluno demonstra que a presença do Sol não foi por acaso e, sim, foi desenhado com o intuito de iluminar outras paisagens que não a favela. No entanto, apesar de sua fala categórica sobre o espaço favela, sua noção sobre os

favelados se apresenta de modo bem interessante como poderemos ver mais adiante.

Essas cores e argumentos dos alunos vão tecendo imagens que para eles compõem aquilo que seriam as favelas. Porém, curiosamente, os sons não caminharam somente ao encontro da escuridão gerada pelo medo e pela violência. Os barulhos imaginados pelos alunos sinalizam que existe uma possibilidade de vida e vida atraente nas favelas, o que notoriamente não pode ser entendido pelas cores apresentadas pela maioria dos entrevistados.



O ruído da violência e da perseguição permanece, mas não como único. A presença de "gente falando" ressalta a possibilidade de um cotidiano vivido por seus moradores, como também as consequências do tipo de construções por eles utilizadas.

Juliana: "Como você acha que deve ser o barulho de uma favela?"

M3: Ahhh....., deve serrelativamente grande, porque as casa são muito perto, todo mundo deve escutar o que o outro fala.... quando tem conflito com os policiais....ah...deve se ouvir muitos tiros e tal..., então eu acho que é bastante barulho."

A atribuição de normal ao barulho revela uma forma de aproximação com aquilo que para os alunos soa como familiar. O termo normal foi associado a uma visão daquilo que seria comum a todos da cidade, como barulho de carros, por exemplo. Os alunos indicam um tom de naturalidade a partir da realidade que vivem como se fosse uma forma comum às demais partes da cidade.

G2: Ah, eu acho que é normal...tipo...um barulho de rua...esses que a gente sempre escuta."

Esse tipo sonoro seria uma maneira de suavizar as divisões urbanas apresentadas por outros alunos. O que esses sons têm revelado são modos de afastar: tiros; de aproximar: "normal" e, ainda, aqueles que mexem com a imaginação e o desejo dos alunos em relação a esse outro da favela:

Juliana: "E como é que você acha que deve ser o barulho da favela?"

M1: Ah, eu acho que final de semana assim...eles se reúnem, fazem festa, shows.... fazem churrasco entre eles. Isso deve ser muito legal!"

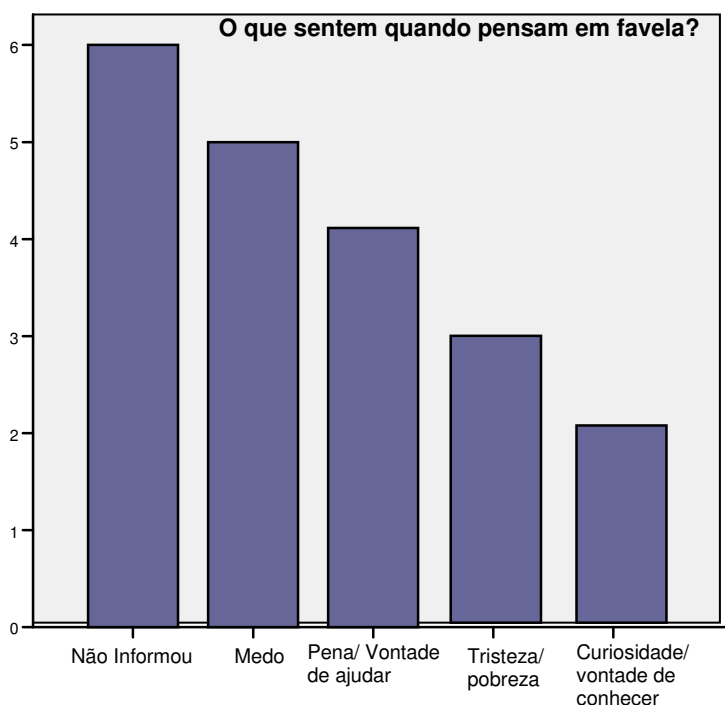
XXXXXXX

Y1: "Algumas favelas tem tiro e outras samba.... Ah, praticamente isso, essas coisas, tiro em certos momentos, samba, alegria nos outros....Parece que é só tiro mas não é. Tem muito samba e gente que canta e dança..."

(...) os geógrafos humanistas argumentam que sua abordagem merece o rótulo de "Humanista", pois estudam os aspectos do homem que são mais distintamente humanos: significações, valores, metas e propósitos. (...). Da valorização da percepção e das atitudes decorre a preocupação de verificar os gostos, as preferências, as características e as particularidades dos lugares. Valoriza-se também o contexto ambiental e os aspectos que redundam no encanto e na magia dos lugares, na sua personalidade e distinção. Há o entrelaçamento entre o grupo e o lugar. (Entrikin apud Rocha, 2007, p.22)

Perceber a alegria dos moradores da favela por seus sons é uma forma, um ponto de vista de alunos que por experiências vividas admiram, hoje, as melodias do samba e do funk. Para os alunos existe uma associação entre essa musicalidade e o grupo de moradores que na favela a apreciam. Esses gostos dos alunos e dos favelados tornaram-se decisivos ao modo de alcançar o sentido produzido por aquele ambiente. Ou seja, nossas experiências adquiridas também são modeladoras de nossos sentidos que podem se aguçar ou se retrair aos estímulos externos. Dessa forma, se não houvesse qualquer identificação dos alunos com essas músicas, eles poderiam se referir a elas de modo pejorativo ou como um ruído que os incomoda, e não como "legal". Para eles, existe uma magia que envolve a favela onde pessoas cantam e dançam em suas demonstrações de alegria.

Conforme Luciano Castro Lima (2006), o nosso corpo é nosso primeiro meio, não há como ignorá-lo. Por esse viés essas percepções sensitivas são válidas para aquilo que Tuan (1983) chama de atitude. O sujeito é levado a ter uma atitude após e baseado naquilo que o afetou; que tocou seus sentidos. Esses afetos despertam sentimentos da pessoa pelo lugar e, que muitas vezes, se transformam em gestos atitudinais do sujeito para com o meio.



Elaborado por: Juliana Maddalena Dias, 2009.

A maioria dos alunos teve dificuldade em dar aos sentimentos um nome específico. No entanto, apesar da presença de quatro "sentimentos" no gráfico, três possuem uma relação direta: pena/vontade de ajudar; tristeza/pobreza e curiosidade/vontade de conhecer.

Juliana: "E quando eu falo favela, o que você sente?"

B1: (silêncio) Eu não diria pena, mas eu diria assim vontade de ajudar, de poder fazer alguma coisa, de você ver que tem gente indo pro mal caminho e você tem vontade de ajudar a pessoa, e assim como tem pessoas querendo chegar a algum lugar e você poder ajudar elas.

Juliana: O que seria esse mal caminho?"

B1: As drogas. Eu acho (risos) muita droga mesmo."

XXXXXXXX

G2: "Ah, eu sinto, tipo pena.... deve ser muito estranho de morar, e não ter segurança, todo tempo tem que ta alerta, você não sabe de onde pode vir bala a qualquer momento em você.... é difícil."

Os alunos descrevem o sentimento de pena ou tristeza associado à pobreza das favelas. Essa tristeza por sua vez despertava nos alunos uma vontade de conhecer e ajudar essas pessoas, sinalizando assim, um eixo comum

entre as respostas apresentadas. Essa vontade de ajudar variou em tirar do mal das drogas as pessoas que com ela se envolveram até às questões de moradia e condições de vida. Existe a presença desse olhar do outro que está fora e, que no pensamento dos alunos, seria o caminho para salvá-los do mal, visto aqui pelas drogas.

R2: "Ah, sei lá, gente em situação muito pobre, que não tem condição de morar em outro lugar, e lá não tem assim, rede de esgoto, nada., sabe? Isso é triste..."

XXXXXXX

M3: "Ah...., tristeza! Ah, de ter pessoas lá na favela, pobres e tal, e por ter muita gente rica, assim, numas condições boas e tal a maioria das pessoas pobres numa condição ruim...sabe? Essa desigualdade e tal."

Novamente as falas revelam uma cidade marcada por uma sociedade dividida onde os pontos de interseção entre suas partes têm se dado ora pelo medo, ora pela vontade de ajudar. Nos dois modos, é forte a mensagem subjetiva de que o "meu" é melhor que o "seu". É intenso o peso do olhar do estrangeiro com a visão de quem conhece o caminho para a vida dos outros se tornar melhor. Segundo Norbert Elias (2002) nessas dicotomias existe um sentido do lugar para os que lá estão estabelecidos e outro para os outsiders, permitindo assim, sentimentos diferentes para os mesmos espaços. Estes sentimentos variam a partir da forma como o ator urbano percebe o espaço, podendo declarar uma relação de soberania, exclusão, aceitação ou segregação diante de regras formais ou subjetivas sobre o espaço. Tal diversidade na percepção do outro e do espaço pode ser uma justificativa na forma como a favela é nomeada no cenário urbano.

Mas um sentimento se destacou no gráfico "O que sentem quando pensam em favela?" e ainda não foi comentado: o medo. Esse sentimento tem orientado alguns pontos de minhas reflexões desde a análise, no capítulo anterior, dos 140 desenhos de favelas. Muitos foram os elementos de violência representados e

agora significativas são as falas sobre os medos que são liberados quando pensam em favela. Então, retomo a questão do final do capítulo: afinal os alunos têm medo de quê?

Portanto, esse capítulo irá apresentar subdivisões que serão orientadas pelos sentimentos e atitudes reveladas nas conversas com os alunos...

"No Rio não pode porque lá tem favela...": os sentidos que despertam os medos.

Outro dia assistia a uma novela em horário nobre que trazia como discussão de cena a visita a uma personagem que havia se mudado para a favela. A personagem principal, uma modelo bem sucedida, contava para seus amigos que sua irmã havia fugido da luxuosa pousada de sua mãe para morar com o namorado em uma favela carioca. Preocupada com o bem-estar de sua irmã, a personagem diz aos amigos que irá à favela. No mesmo instante a fisionomia de espanto toma conta da cena que, imediatamente, dá origem à preocupação com a vida da personagem. Dessa forma, ela foi indagada se sabia dos riscos de subir o morro e se ela saberia chegar lá sem conhecer ninguém. A personagem argumenta que já havia ido lá uma vez, que não teve problemas porque lá é uma comunidade onde a maioria das pessoas é trabalhadora, portanto, se elas sobem e descem o morro, ela também poderia fazê-lo. Os amigos até sinalizam alguma concordância, no entanto, um deles relembra que no dia anterior um grande tiroteio, naquele morro, havia sido manchete nos jornais. Assim, ele, como o único homem da cena, procura em sua agenda alguma disponibilidade para acompanhá-la junto como outra amiga. Após a consulta, ele lamenta ter que deixá-las sozinhas e sem sua proteção. Então, eis que de repente, outro personagem surge recebido com grande alívio pelos amigos. O referido homem da agenda diz ao que chegou que ele é o "cara certo e no local certo". A amiga da personagem explica que seria ótimo um homem para ajudá-las a subir o morro e protegê-las na favela. A personagem principal interrompe e diz que sua irmã mora em uma comunidade e que não vê problema algum em eles irem. Ele, então, diz que iria com o maior prazer e que, por ser fotógrafo, adoraria registrar imagens lá de cima. Assim,

com certa concordância, o trio se despede do amigo e da cena para dar início à subida.

Ora, começar um subcapítulo que anuncia o medo com uma cena de novela? Essa cena não seria uma simples visita à casa de uma irmã? Até poderia ser se não existissem nela tantas entrelinhas que nos enviam mensagens subjetivas sobre todo o cenário que envolve o passeio familiar. E nada mais oportuno do que unir a descrita cena a uma discussão que abrange sentidos e sentimentos por um lugar: a favela. Portanto, não discursarei sobre a técnica, estória ou produção da telenovela, deter-me-ei ao diálogo entre uma cena produzida para a massa televisiva com os sentidos e sentimentos trazidos pelos alunos através dos desenhos e entrevistas.

Se no capítulo anterior tivemos a oportunidade de visualizar a forte influência da mídia na elaboração dos desenhos dos alunos, não há como descartá-la também em suas falas. Todavia, reafirmo que foco permanecerá nos fios que são puxados pelos alunos a partir da mídia como mais uma mediadora de experiência no espaço favela.

Essa cena retoma os pudores que sentia quando precisava trabalhar a temática da favela em sala de aula. Os personagens oscilam o modo de tratar a favela de acordo com o interesse de ir ou não ir ao passeio, como comunidade para quem não vê problemas e morro de tiroteios para quem tem medo de lá subir. Entrelaçando a conversa estão as informações que as personagens receberam da mídia servem como contraponto para aquelas trazidas pela irmã da moradora da favela, ambas com sinal fidedigno. Ao final, nada mais seguro que um homem conhecido para enfrentar o temido, desconhecido ou nebuloso espaço da favela.

Há muito em comum nessa descrição com algumas narrativas que os alunos apresentaram para enfrentar seus medos relacionados à favela. Também

pensam em estratégias, horários menos inoportunos e pessoas como pontos de segurança em meio a um universo de imaginações e certezas.

Com esse raciocínio, a partir de Bauman, a cidade se apresenta como uma linha de frente entre amigos e inimigos, onde a grande estratégia é separar e manter a distância em prol da liberdade e da segurança. Neste sentido, existem os guetos voluntários, como os condomínios fechados, e os de exclusão, como as áreas de pobreza. Nesta relação de espaço e poder, os espaços tornam-se interditados e desintegradores da vida em comunidade, onde os favorecidos são aqueles que têm condição de mudar de lugar e se afastar do outro que lhe incomoda.

Essa relação de medo e estratégias pode ser claramente percebida no trecho destacado por D1, onde o aluno descreve o que faz para evitar uma real situação de insegurança e perigo.

D1: "Porque ali em cima do Bom Pastor tem outras favelas, assim, não é favela, é morro. A Vila Ideal e, ah, não sei o outro.

Juliana: E aí você vê o pessoal?

D1: Ah, de vez em quando eu vejo. Aí eu passo correndo. (risos)

Juliana: E eles te veem?

D1: Veem. Às vezes eles correm atrás de mim.

Juliana: Ah é? E como é que você foge?

D1: Aí eu entro em alguma loja ou até ali no clube.

Juliana: Mas, por exemplo, se você encontra com essas pessoas no centro da cidade?

D1: Ahhhhh!, aí eu chego... Às vezes eu fico do lado de um adulto, aí eles tem medo, eles fogem. Aí dá pra entrar em alguma loja ou ficar do lado de um adulto."

A partir desse trecho com D1 podemos avançar em alguns aspectos dessa reflexão. O aluno aponta estratégias territoriais com as diferentes relações que estabelece na cidade. Seja por seu bairro, seu local seguro ou os bairros daqueles que o amedrontam e até no centro como território neutro e de

fácil proteção. Seu riso é um misto de confirmação de seu ato e uma quebra da seriedade do mesmo. Como se dissesse que isso é uma brincadeira, mas que ele a faz; como se fosse engraçado, mas perigoso; como se brincando pudesse dizer algo sério; como se sem graça pudesse dizer aquilo que com graça faz; como se pudesse rir de nervoso; como pudesse dizer que vence seu medo.

Para Tuan (1983), o "lugar é pausa no fluxo do tempo" (p.219). Neste sentido, se o lugar é pausa, segurança quando nele me identifico e crio laços afetivos, essa pausa identitária existe porque o lugar possibilitou a segurança que possivelmente não seria encontrada onde o espaço não é o seu. E é o que D1 tem relatado com suas alternativas de proteção.

Além disso, D1 cria estratégias de proteção e fuga contra aquilo que o apavora: o medo de ser assaltado. Todavia, o que se apresenta entranhado neste é o medo daquelas pessoas ou daquilo que supostamente poderiam a ele fazer. O que continuo a buscar é a origem desse medo. Um medo que se apresenta personificado, com traços, jeitos e área de atuação. Assim, G1 também apresentou suas estratégias para uma possível visita à favela:

Juliana: "Entendi. Por exemplo, se você tivesse um amigo que morasse na favela, você iria à casa dele?"

G1: Se eu fosse eu iria com muita precaução.

Juliana: Que tipo de precaução?

G1: Eu iria preocupado é....., mas muito, é..... protegido.....

Juliana: Mas assim, protegido como? O que você faria pra se proteger?

G1: Ah, eu tentaria de algum modo passar num horário mais calmo, tipo de dia, que não ocorrem brigas, tiroteio.

Juliana: E se esse amigo tivesse que ir à sua casa, você acha que seria tudo bem dele ir?

G1: Seria sim, seria mais fácil, menos perigoso."

Com a fala de G1 novamente identificamos a proteção e a segurança sugerida pelos lugares que frequentamos no cotidiano. Ir à casa de G1 é menos perigoso que ir à casa de um amigo na favela. Todavia, mesmo com tal insegurança

o aluno afirma que o faria. Durante essa afirmação o aluno mostrou-se firme em sua voz e gestos, inclusive ao admitir seu grau de precaução. Em sua racional justificativa, o aluno propõe a visita em um possível horário sem brigas ou tiros, como durante o dia. Ao tecer sua estratégia, G1 associa a noite com a escuridão e ao medo provocado por brigas e tiros. Noite que traz a sensação do desconhecido, do imprevisível e da ameaça à segurança. Durante toda a entrevista, G1 se colocou de modo firme, racional e coerente com suas afirmações, neste sentido e dentro de sua lógica, o aluno indicou sua ida à favela mantendo seu modo de proceder que é naturalmente muito precavido.

Outras estratégias apareceram como a proposta de M2 que afirma que teria vontade de conhecer uma favela desde que pudesse tomar algumas medidas de cuidado:

Juliana: "Cuidado em relação a que? O que você imagina que pode acontecer?"

M2: Ah, levar um celular pra ligar pra qualquer coisa que for preciso, outras coisas que faria, tipo, não cair nessa de "ah vamos lá " tarde da noite vamos lá em tal beco, eu não iria. Não faria isso nem fora da favela."

O aluno demonstra que sua tática está ligada não só a ida à favela, mas a procedimentos de cuidado que adota em seu dia-a-dia, como não acreditar em convites de pessoas estranhas. Além disso, o celular destaca-se como um aparelho de segurança que o mantém em contato com aqueles que o protegem: os conhecidos. Como G1, o aluno deixa clara a sua associação do medo à escuridão da noite, período este que parece trazer à tona problemas invisíveis a luz do dia. O interessante é pensar que o espaço, como distância entre dois pontos, continua o mesmo entre o dia e a noite, mas as sensações provocadas pelo o que nele ocorrem é que fazem variar as percepções daquele lugar. O medo vai além da favela e encontra-se naquilo que pode acontecer em um lugar escuro, e dentro

dessas possibilidades, os alunos relatam os crimes ou as cenas de violência que comumente tem sido associada à favela, como os tiroteios.

Com esse raciocínio, não é que estes alunos não tenham medo ou só tenham medo da favela, existe nesses exemplos um somatório de variáveis que trazem o medo para a favela. Esta por sinal não se apresentou, para estes alunos, como um local de perigo eminente no período diurno. Ou seja, os tiros em uma noite na favela os amedrontam mais do que pensar uma possível visita à favela no dia de sol, apesar de me referir ao mesmo espaço.

O medo mostrou-se como um sentimento que atravessa respostas diretas ou indiretas dos alunos. Apesar de não tê-lo como maioria dos sentimentos descritos, ele tem seu destaque no imaginário e nas falas dos alunos. Todavia, o aspecto da escuridão se manifestou, também, na forma de construção das casas, ultrapassando a divisão entre dia e noite colocada pelos alunos.

Alguns alunos relataram o medo de pessoas que aparentemente lhe soavam diferentes àquelas que estão acostumadas a se relacionar, ou seja, aos estereótipos de seus cotidianos.

Juliana: "Você disse que sentiu medo quando foi com a empregada doméstica de sua casa ao bairro dela aqui em Juiz de Fora. Foi um medo igual ao que mencionou ter da favela?"

B2: Sim. Deu sim... tinha uns homens esquisitos na rua...

Juliana: Esquisitos?

B2: É.

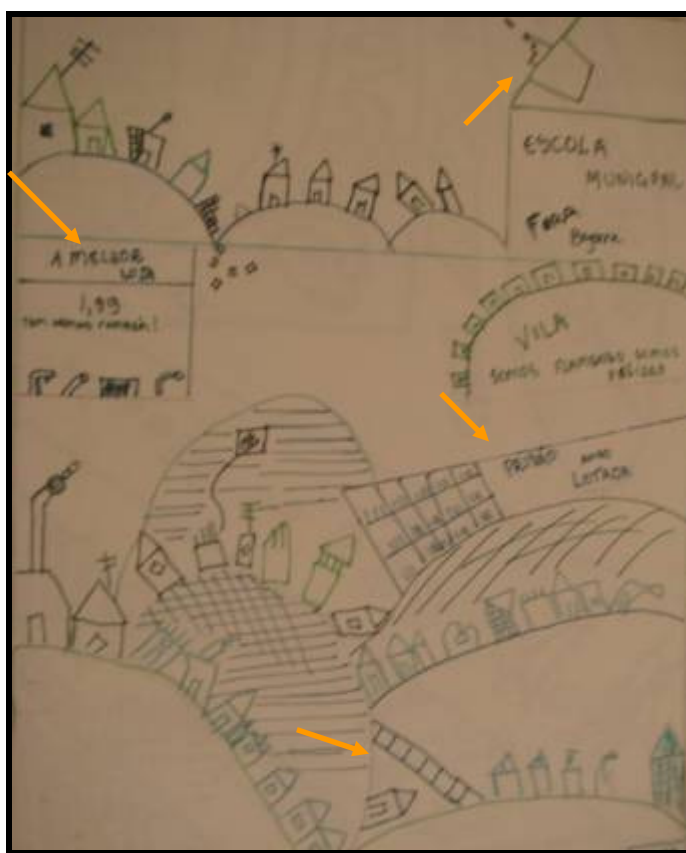
Juliana: Fazendo o que?

B2: Nada, olhando a gente assim. Ai eu fui com ela. Quase morri de medo...Mas quando ela voltou eu fiquei mais calma..."

A aluna B2 relata que sempre visitou a antiga empregada doméstica da família, mas que agora como está crescendo, consegue observar melhor o entorno de tal casa. Por esse motivo, ao observar alguns homens que lá estavam a menina se sente insegura, pois acredita que os mesmos sejam estranhos ou esquisitos.

Todavia, o interessante é observar que mesmo os homens não tendo feito nada contra a aluna, o medo lhe invade a ponto de no momento da entrevista sua fisionomia expressar o medo daquele dia. Ou seja, esta experiência a marcou e, hoje, sua atitude para com aquelas pessoas ou lugar é referente aquilo que vivenciou. No entanto, o que continuo a buscar é qual foi sua base para associar aqueles homens a algo esquisito e que dá medo?

Essa desconfiança narrada por B2 vai enfatizar o pensamento de Bauman sobre os encontros e desencontros que a cidade proporciona entre pessoas próximas e distantes. Encontros estes que são passíveis de gerar desconfiança, medo e fechamento do indivíduo. Porém, outro aspecto na fala de B2 merece ser destacado: o fato da aluna se sentir mais tranquila com o retorno de sua empregada ao local onde a aguardava. Como para ela foi importante estar com uma conhecida num local de desconhecidos!



A aluna também traz em seu desenho esse misto entre o que vê na realidade com o que dela imagina.

B2: "A gente começou a desenhar na sala. Aí eu pensei assim: eu vou fazer uma realidade (...)

Ou seja, do mesmo modo que olha para os homens "esquisitos" e imagina uma série de possibilidades que a amedrontam, ela consegue olhar para a favela e ter a certeza de encontrar elementos que existem em sua percepção.

No plano mais superior existe uma Vila de pessoas felizes que moram em casas como num conjunto habitacional. No mesmo plano a seta indica que existe uma loja "a melhor" loja de armas e com as mais baratas, cerca de R\$1,99. Na parte superior, dividida por um traço, existem mais casas, área de desmoroamento, uma escola municipal com pichação política e, no seu telhado, uma arma apontada para cima e atirando.

Juliana: "E assim, quando eu falo favela, o que você sente?"

B2: Medo. (risos e encolhimento)

Juliana: De que?

B2: Sei lá, de ladrão...de fazer alguma coisa comigo....tem essas coisas de tiro na televisão....

Juliana: E a televisão que você fala, de novela ou de notícia?

B2: Notícia. Que teve tiroteio na favela, parece que foi no Rio de Janeiro(...)

Juliana: (apontando para o desenho) A melhor loja? Um e noventa e nove.

B2: "Tem armas também". Aí aqui uns negócio de maconha. (voz baixa)

Juliana: mas, por exemplo, você acha que existe uma loja na favela que vende essas coisas?

B2: Existe. Eu acho que existe!!! Escondida em algum lugar..

Juliana: Drogas e armas?

B2: Eu acho que existe. Aí aqui é pipa, todo mundo na favela tem pipa. Ah, é o escadão. Toda favela tem um escadão...porque toda favela tem um escadão que fica cheio de gente fumando maconha....(voz baixa)"

A aluna durante a entrevista reforça os elementos que apresenta e ainda com um tom de certeza pela verdade que acredita conhecer, em especial,

pelas reportagens da tv. Apesar de acreditar nessa veiculação pública da temática das drogas na favela, a aluna se sente encabulada de abordar o assunto. Esse contraponto também pode ser visto quando descreve que as lojas de armas existem mesmo escondidas e com preços acessíveis a todos os interessados em adquiri-las.

A partir de suas colocações, seu medo é que toda essa realidade que difere da sua, se aproxime através de pessoas estranhas que possam lhe fazer mal num gesto de violência. Uma violência que por seu desenho parece atingir e envolver a todos, inclusive a escola de sua favela. Suas imagens parecem ter adquirido força com os tiroteios noticiados em outra cidade em relação ao que sua própria empregada contava sobre o lugar. Ou seja, sua experiência mediada pela mídia fortaleceu e lhe ajudou a conceber uma ideia sobre as favelas, e permitiu que se posicionasse com medo e estranhamento diante de pessoas cujos estereótipos pudessem se aproximar daquilo que viu nas reportagens. Neste sentido, "qualquer paisagem é composta não apenas por aquilo que está à frente dos nossos olhos, mas também por aquilo que se esconde em nossas mentes." (Meing, apud Rocha, 2007, p. 23)

Esse sentimento também pode ser compartilhado com a aluna J2 que é sobrinha de uma moça moradora da Zona Sul carioca onde sua casa localiza-se próxima à favela da Rocinha. No entanto, sua noção de favela ganhou força nos diálogos com moradores numa mediação ligada à experiência in loco de pessoas próximas a ela, ou seja, que poderiam receber sua credibilidade.

J2: "A minha tia, às vezes ela tem que passar pela Rocinha, porque tem muito engarrafamento ou tem alguma coisa, mas ela falou que carro só dá pra passar na rua principal e que é uma quantidade de moto assim, inexplicável, que você só vê moto, moto, moto, e que quando você entra na favela você tem que abrir o vidro pra mostrar que você não tá com medo, por exemplo, se você tá com o vidro escuro, todo assim com medo, eles vão ficar assim....sabe? Então sei lá, eu

acho que teria medo de passar, mesmo se fosse assim. E se fosse com a minha tia ou com os empregados dela que moram lá... talvez eu me sentisse mais segura....

Juliana: Segura em relação ao quê?

J2: Ah, tenho medo de ser assaltada, teria medo.

Juliana: E se você tivesse, por exemplo, com essa empregada da casa do seu tio, você subiria com ela?

J2: Acho que seria mais seguro porque eles já conhecem ela.

Juliana: E a sua tia fala que ela tem medo, alguma coisa assim?

J2: Não, minha tia falou que para as ruas assim, que tem que entrar e não pode entrar de carro ela não entraria, ela tem medo, mas só que ela passa assim, ela já passou muitas vezes, mas hoje em dia ela tem mais medo do que ela tinha antigamente.

Juliana: Por que?

J2: Ah, porque cresceu muito, eu acho que antigamente a violência era menor.

Juliana: E por que você acha que tem tanta violência ligada a favela?

J2: Ah, porque eu acho que assim, as pessoas que não tem muita oportunidade que não tem como comprar casa, trabalhar, começam a ir pros lugares mais fáceis, mais baratos, e a favela é um. Então junta, é um aglomerado de pessoas que não vai ter oportunidade, que não vai ter uma casa boa. Então elas vão morar lá. E a violência, tipo assim, como é um lugar mais escondido, mais com muita gente... acaba puxando. Um bandido, tipo assim, puxa os outros, entendeu? Foi assim..."

Novamente podemos identificar as estratégias criadas por pessoas que precisam transitar por áreas que as tiram da zona de conforto. No entanto, J2 relata que sua tia age de modo contrário aquilo que estamos acostumados a presenciar em outros pontos da cidade, como cruzamentos de avenidas, por exemplo. Sua tia abre os vidros, justamente para demonstrar que não teme aquela situação a que se sente exposta. Uma estratégia específica para que ela possa ser reconhecida pelas pessoas que a amedrontam. Todavia, esse ato que, aparentemente, demonstra total despreendimento e abertura ao outro, revela o cumprimento de rotinas traçadas de modo direto ou indireto, na relação de uma política de boa vizinhança. Como se ela dissesse, "eu tenho medo de você, mas faço minha parte ao abrir meus vidros e me identificar. Você faça a sua, me

reconhecendo e não me colocando em situação de perigo." É uma relação de boa vizinhança...

J2 ressalta o volume de motos que a impressiona, veículo este que vai ao encontro daquilo que sua tia diz sobre o acesso restrito de carros para a subida do morro. Ou seja, esta é mais uma estratégia criada pelas pessoas que precisam transitar por entre ruelas que dão acesso à favela que frequentam. Sob este aspecto, a ideia de se observar quem passa de carro pela rua principal faz sentido. Se o grande volume é de moto, quem passaria por ali de carro? Na ótica de proteção do espaço, seja ela por qual for o motivo, o diferente que para a aluna é o excesso de motos, para os moradores da favela já é o carro. Assim, na rua onde essas pessoas transitam em estranha proximidade, como afirma Bauman, elas precisaram criar mecanismos contra seus medos e a favor do convívio seja o medo do assalto a quem passa, seja o medo da invasão do morro para quem vive lá.

Diante de tantos medos, um ponto une as duas realidades: o crescimento da violência. J2 relata a mudança de comportamento de sua tia, e consequentemente, dos moradores da favela, em relação ao aumento da violência. Ambos os lados passaram a adotar outras posturas, como a abertura dos vidros, para se manterem protegidos de uma possível ameaça. E, novamente a curiosidade dos vidros: no asfalto, como é conhecido aquele espaço que não é favela, fecha-se os vidros com medo de pessoas associadas à imagem das favelas; nas favelas, por sua vez, abre-se os vidros para que esse medo seja, aparentemente, neutralizado. No lugar do medo - favela- vidros abertos para a segurança.

Esses exemplos demonstram essa variação de pontos de vistas para o mesmo espaço. Para Rocha (2007), "as pessoas estão diretamente ligadas ao mundo através de sua vivência e de seus sentidos, onde cada indivíduo vê, ou

melhor, percebe a realidade de forma diferente", (p.23). Assim, apesar de estarmos expostos a fatos e espaços comuns, nossas experiências, vivências e memórias individuais é que diversificaram nosso modo de perceber o mundo.

Sobre essas diferentes experiências, J2 apresenta em sua fala, qual seria a justificativa para a presença de bandidos nas favelas. A aluna percebe o espaço como uma oportunidade barata para as pessoas de pouca condição econômica adquirirem uma casa. No entanto, devido à formatação das favelas com ruelas de difícil trânsito, os lugares se tornam mais escondidos o que segundo, J2, proporciona a atração de esconderijos de bandidos, que por sua vez atraem outros bandidos para esses locais. Dentro dessa realidade, a única e ainda duvidosa chance da aluna adentrar por essas ruelas seria com algum dos empregados de sua tia que moram na favela. Assim, mais do que alguém que conheça o caminho, J2 valoriza quem é conhecido pelos outros moradores da favela. O importante, nesta situação de insegurança e medo, é transitar com alguém do próprio local que demonstre essa segurança para quem chega e para quem lá está. Conhecer alguém da favela, neste caso, vale ouro! E ser visto com alguém da favela, lá no asfalto, valeria também? Existe, novamente, uma variação nas relações entre sociedade e espaço, mediadas por valores atribuídos aos usos do espaço.

Essa variação nos usos da cidade também despertou nos alunos um olhar que associa as construções dos empreendimentos urbanos, com os valores sócio-econômicos e possíveis características das pessoas que nesses lugares transitam.

Uma dessas formas de divisão é trazida por D2, onde ele destaca por que seu desenho apresenta uma separação em sua estrutura que foi pensada enquanto elaborava sua favela:

D2: "Ah, porque aqui (apontando para o primeiro plano do desenho) é a parte mais luxuosa, coisas mais chiques, melhor. E aqui é tudo, sei lá..., mais humilde, pra diferenciar um pouco como as coisas são."



Seu desenho é vivo e com muitos elementos a serem observados. Trata-se de uma cidade dividida economicamente e bem delimitada por uma avenida. No primeiro plano onde existem muitos prédios cuidadosamente feitos, com andares, estilos e formas variadas, além de uma loja de roupas e uma propaganda da "Vivo", bem sugestiva pelo local onde foi acoplada.

Na parte superior do desenho, dando a ideia de uma subida de morro, encontra-se a favela. Esta, por sua vez, traz casas parecidas, inacabadas ou mal cuidadas, algumas com telhados e outras não; postes e fios, além de pipas, carros subindo, um bar, uma escola, e uma "peicharia" (propositalmente escrita). Em ambos os locais existem antenas nas moradias, o que demonstra que a TV é algo comum às classes.

O que destaque é a cidade divida, com os tipos de materiais, estilo das construções, a presença comum de antenas. A sensação ao olhar os prédios é de luz, com tudo iluminado, apenas dois postes aparecerem na favela que se apresenta de modo mais nebuloso. Além disso, a divisão sugere que não exista

uma inter-relação entre esses espaços divididos por avenidas e características que marcam as diferenças entre as classes que aqueles espaços ocupam.

Essa variação que relaciona usos e classes sociais numa cidade dividida, também é bem legível no desenho da aluna B1.



B1 apresenta dois tipos de supermercados: "dos rico" no primeiro plano e outro que se subentende que não seria "dos rico" localizado numa parte mais alta do morro. Assim, segundo a aluna, a divisão representaria não só os poderes econômicos diferentes como também os produtos destinados a cada um deles.

Juliana: "E aí como é que são, esses dois mercados?"

B1: Assim, não sei como seria não, mas seria um supermercado, só que eu acho que é diferente, porque tipo assim, pelo público que você vai atingir, os produtos vão ser diferentes, os preços vão ser diferentes."

Este desenho apresenta uma favela com aparência organizada, com um registro estratificado e escadas interligando os andares. As casas não são todas iguais, possuem diferentes telhados, paredes, janelas, portas e tamanhos. Existem escolas estaduais, municipais, creche municipal e posto de atendimento

médico. Além disso, existem dois bares, uma plantação de maconha, uma boca de fumo no alto do morro e um campo no futebol do centro da favela e que dá acesso à plantação. As casas possuem antenas, não são pichadas, algumas têm o aspecto de madeira, tijolo ou não deixam claro. Não existem pessoas desenhadas, inclusive as caixas registradoras do mercado estão vazias. Todas as ruas possuem postes e fios e o que destaco são os elementos de serviço público ali presentes.

A aluna me instigou com seu desenho e raciocínio de uma cidade dividida ao mesmo tempo em que foi uma das poucas que apresentou elementos de serviços públicos em sua favela e um discurso pautado na experiência mediada por sua mãe.

B1: "De que tenho medo? Ah...medo de levar um tiro....é...porque....a favela tem gente que quer alguma coisa, que luta por aquela coisa e tem gente que não, e aí eu acho que criou muito assim, imagem pra favela, de gente que não quer nada com nada, que não tá nem aí e acaba....porque, por exemplo, você vai assistir um jornal, você não vê "tal pessoa nasceu numa favela e agora tá fazendo faculdade de não sei o que", não, você vê o que? "tem um bando de traficante assaltando todo mundo". Aí eu acho que pela mídia você só fica sabendo de coisa ruim da favela, não coisa boa. Então eu acho que tem essa imagem não boa das pessoas sabe, só esse mais de usar droga, essas coisas assim. Só o ruim que passa pra gente.

Juliana: E a sua imagem de favela é só esse lado ruim?

B1: Não.

Juliana: Então me diz esse outro lado.

B1: Então, da minha mãe, de trabalhar de assistente social. Antes ela trabalhava levando assim, cesta básica, até em favela ela trabalhou, ou então em área rural também ela levava; que em área rural não é favela, mas são pessoas mais simples. Aí ela levava cesta básica, fazia trabalho social. Eu conheço uma menina que é uma das pessoas muito esforçadas, e eu brincava com ela de vez em quando."

A aluna apresenta contrapontos em sua noção de favela pontuadas em suas experiências pela mídia audiovisual e pelo trabalho como assistente social de sua mãe.

"Geografia Humanista tem como premissa que cada indivíduo possui uma percepção do mundo que se expressa diretamente por meio de valores e atitudes para com o meio ambiente, ou, em outras palavras, a Geografia Humanista busca a compreensão do contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona." (Rocha, 2007, p.21)

A experiência oportunizada pelo contexto de sua mãe propiciou à aluna elementos que direcionam suas atitudes e visão de mundo a partir de sua percepção. Mesmo neste caso, a experiência indireta com o lugar, que foi mediada pela TV, lhe ofereceu subsídios para temer um possível ato de violência contra sua vida. Ocorre que esta aluna demonstra ser um exemplo para compreendermos as várias possibilidades de mediações na experiência com o espaço que se validam na formação do sujeito e influenciam suas atitudes e visão de mundo. Sua fala relaciona o cotidiano de luta dos moradores à sua mãe o medo da violência atribui à intencionalidade das reportagens da TV, ou seja, ela não sofreu uma violência direta, mas a teme tendo em vista o que foi noticiado por ocorrer com outras pessoas.

Além disso, em mais uma explicação de seu desenho a aluna ressalta a origem de outro elemento: as drogas. Apesar disso, seu contraponto é dado pelo modo como ri para responder a questão.

Juliana: E a boca de fumo? Você imagina um lugar que seja a boca de fumo, igual esse lugar que você fez?

B1: (risos) Não. Assim, eu já vi num filme que é assim, só que tem um cara que vai lá e vende drogas, que é isso.

Essas relações diretas ou indiretas têm trazido à tona o medo a que tenho me referido e, neste cenário, outras demonstrações mais claras e específicas foram abordadas pelos alunos.

Juliana: "Se você tivesse um amigo que morasse lá, você iria na casa dele?"

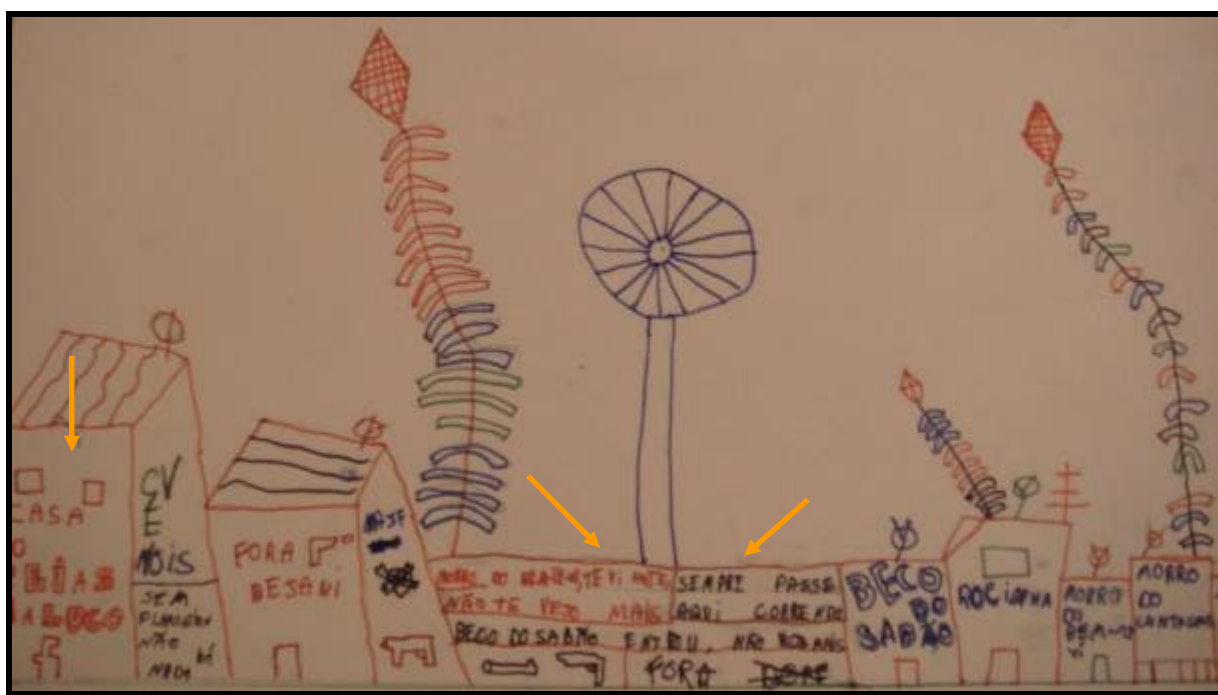
M2: Iria, se ele falasse que era seguro, que não tinha perigo....

Juliana: Que tipo de perigo você teme?

M2: Ah..., bandido, armas, facção assim. Acho que teria cuidado,, eu acho que seria tranquilo eu ir lá, eu ia sem problema, tomava cuidado, é tomava cuidado sempre...só isso...

Juliana: Cuidado em relação a que? O que você imagina que pode...?

M2: Ah, levar um celular pra ligar pra qualquer coisa que for preciso, umas outras coisas, não cair nessa de "ah vamos lá " tarde da noite vamo lá em tal beco, eu não iria."



Este foi um desenho que desde o início fiquei instigada a conhecer o autor. As casas não são padronizadas, no entanto, todas possuem uma pichação que varia entre contestação política (relacionadas ao então prefeito da cidade); armas desenhadas; siglas de gangues; nomes de morros ou favelas do Rio e de Juiz de Fora (Rocinha, Cantagalo e Sabão); nomes de traficantes conhecidos no cenário nacional a partir do Rio de Janeiro; frases envolvendo times de futebol e frases ameaçadoras: "morro do bem te vi, hoje não te vejo mais."; "sempre passe aqui correndo"; "beco do sabão, entrou não sai mais.". Além disso, as casas

possuem antenas, a mais central é a maior e algumas pipas aparecem sobre as casas.

O que destaque são os escritos do desenho. Muitos. Eles vão revelando o pensamento do aluno e as informações que tem recebido sobre a favela. A sensação é de um lugar abandonado de atividades cotidianas e cheio de ameaças e disputa de poder. A antena central lembra uma roda gigante que destoa do tamanho dos demais elementos, ou na verdade estaria muito longe, em um outro plano. As pipas deixam uma dúvida se são um elemento de diversão ou se estão envolvidas nessa guerra de poder. É um desenho que sufoca pela imagem, pelos escritos, pelas armas, e pelo desejo de conversar com o aluno.

Ao mesmo tempo em que teme a violência contra ele, expõe ameaças entre grupos que poderiam ser os mesmos a amedrontá-lo. M2 traz em seu desenho limites e avisos claros aos moradores, transeuntes ou rivais daquele local. Justamente por "conhecer" esses limites, o aluno cria suas próprias estratégias para uma possível visita à favela, ou seja, ele descreve um cenário que teme e deseja conhecer com os mesmos cuidados que teria em outro lugar.

M2 foi um aluno que por toda a entrevista ficou olhando para baixo, sem me olhar, falava e mexia nos tênis e apenas ao final mudou sua expressão, ficou mais aliviado. Sua postura revelava um raciocínio próprio a seguir enquanto parecia desconfiado por relatar aquilo que pensava.

Seguindo sua lógica, o aluno desenha como se estivesse pensando como o morador da favela que apresenta, a mistura das informações que recebeu da mídia e aquelas que ele imagina que possam ocorrer naquele espaço.

Juliana: "Aí aqui tem uma casa do Elias Maluco né? Aí seria o próprio Elias Maluco?"

M2: É(risos). Seria alguém, que eu penso na mentalidade dele, queria ser.

Juliana: Ah, tá. Você já ouviu falar do Elias Maluco? O que você lembra dele?

M2: Que ele é traficante internacional ou nacional, não sei, mas eu não lembro muito dele não, vi em alguma reportagem.

Juliana: E esse cara que mora aqui é traficante também?

M2: Humhum..famoso não...

Juliana: Essa vermelhinha, bem no meio. "Hoje eu te vi, amanhã não te vejo mais", é uma coisa assim?

M2: É uma coisa, aquela rivalidade das favelas, que eles tem muito assim, "a favela é minha, ninguém entra", essa rivalidade, como teve no Rio, acho que foi a favela da Rocinha invadiu outra, não deixava entrar, porque "era minha, só minha" e só os moradores que tinham direito, umas coisas assim.

Juliana: Entendi. Mas por exemplo, você indo lá, teria algum problema ou o problema é só pra quem é de outra facção?

M2: Acho que problema não teria tanto, tem rivalidade mesmo, não sei, da Rocinha e da Maré, chutei."

O aluno descreve relações de poder no uso e ocupação dos espaços da favela. Essas demarcam os territórios de inimigos, aliados e possíveis "desavisados", o que justifica tantos avisos sobre os riscos de lá entrar. Sua noção e medo foram tecidos a partir de imagens e reportagens veiculadas na TV sobre guerras do tráfico no Rio de Janeiro, o que já foi suficiente para criar uma ideia não de favelas, mas da favela.

O aluno M2 apresenta uma interessante combinação entre sua entrevista e seu desenho. Sua fala foi marcada pelo caráter político que misturava informações do Rio de Janeiro e de Juiz de Fora, mas, não no sentido dos lugares e, sim, com o olhar da crítica da população à política. Destaco que ele coloca que na favela não tem luz elétrica e que o governo deveria proporcionar isso para a população. Talvez neste sentido, a teórica escuridão desperte o medo e possibilite tantas ameaças aos que para lá olham.

Esse olhar para a favela despertou medo até de símbolos que poderiam oferecer segurança: a polícia. Ao perguntar o aluno sobre qual seu medo, ele taxativamente envolve policiais e bandidos.

P1: "Ah, medo de tiroteio de polícia, de bandido....de coisa assim...."

Juliana: "E aí quando você desenhou essa favela você pensou nessa que você já passou no Rio, ou alguma em especial?"

P1: Ah, pensei mais no que mostra mais na televisão.....

Juliana: E o que você lembrou que mostra na televisão?"

P1: Ah..., o tráfico, violência.

Juliana: E você imagina que lá tenha assim, um lugar que venda drogas assim?"

P1: Imagino...que sim."



O aluno relata que já viu favelas quando passou pela cidade do Rio de Janeiro, mas sua noção está pautada nas imagens assistidas na televisão. Sua experiência com essas imagens lhe associou a ideia de favela como um espaço

onde existe uma permissividade para as drogas. Suas casas parecem prisões com grades e a ênfase do aluno está, justamente, nos ambientes de drogas cujas mesinhas até parecem pontos de consumo. A escada por mais que ligue os patamares do morro, parece um canal direto entre a escola e a boca de fumo do alto do morro.

O que nos oferece proteção hoje? Os alunos M2 e P1 colocam em questão referências individuais e coletivas sobre segurança. Ambos têm medo das consequências da violência armada e acreditam que o cenário para que elas se realizem seja a favela. Novamente existe a associação de bandidos com aquele espaço, e M2 traz uma "novidade" no armamento utilizado: o facão. Inúmeras vezes ouvimos a expressão "bala perdida", uma forma violenta que atinge o desconhecido, já o facão traz uma noção mais pessoal por ser uma arma utilizada bem próxima à vítima e de modo, inclusive, brutal.

Quando M2 diz que iria à casa de um amigo se ele lhe garantisse segurança, como seria este diálogo: "Olhe, pode vir, hoje não tem ninguém com facão na rua!". O que seria essa segurança esperada? Pergunto isso já pensando no trecho de P1 que garante ter medo de policiais, no caso, envolvidos em tiroteio. Esse medo que iguala bandidos e policiais aponta para uma descrença na segurança pública e, em contrapartida, a crença em pessoas conhecidas se fortalece.

"A atração para uma 'comunidade de iguais' exerce é semelhante à uma apólice de seguro contra riscos que caracterizam a vida cotidiana em um mundo 'multivocal'. Não é capaz de reduzir os riscos e menos ainda de evitá-los. Como qualquer paliativo, nada promete além de uma proteção contra alguns de seus efeitos mais imediatos e temidos." (Bauman, 2009, p.45).

Bauman (2009) aponta que existe uma tendência de ficarmos mais tempo como nossos "iguais" e nos afastarmos ou evitarmos dos "outros". Acreditar na confiança de pessoas conhecidas mesmo num ambiente associado ao

medo é uma demonstração que essas relações pares continuam com uma postura de fuga nos ambientes avessos. Ou seja, elas estão consolidadas na formação do sujeito e independem do meio onde foram estabelecidas.

O medo a que estes alunos se referem é de estar numa favela durante um tiroteio entre policiais e bandidos e, por isso, não terem a quem recorrer para sua proteção. É um sentimento construído fortemente associado às imagens assistidas e pela busca da segurança entre seus pares. Neste sentido chegamos a um ponto importante na busca por um entendimento da possível origem de tanto medo.

Num momento em que tudo é efêmero e fugaz, as imagens das favelas não se perdem no imaginário urbano e, ainda, se consolidam em sua carga de repetição. Ao mesmo tempo em que existe um grande fluxo de imagens e notícias que se desfazem e viram lixo no chão, em contrapartida, teoricamente, as imagens de favela são abastecidas com tal periodicidade que notoriamente levou os alunos a crerem que são espaços de criminalidade. Não nego que também ali existam crimes e violência, mas não somente. Do mesmo modo, não estou aqui para levantar a bandeira em defesa da favela da paz, mas para questionar as noções que se tecem sobre o tema na formação do sujeito.

Nessa constituição, o que me toca e faz comungar do pensamento de Jailson de Souza (2003) é que "a associação, por exemplo, entre espaços favelados e violência faz com que - de um modo que beira a morbidez, apenas mais sofisticada - a pluralidade do cotidiano dos moradores das comunidades populares seja, em geral, ignorado, pelos moradores dos bairros da cidade." (p.23).

No entanto, um fato interessante aparece nas falas dos alunos em contraponto à afirmação de Jailson de Souza. Existe sim o desejo de aproximação dos favelados e a vontade de conhecer áreas de favelas, contudo,

esses desejos são freados em virtude das reflexões que os alunos fazem a partir do medo que sentem da violência associada a estes espaços.

Juliana: "E você teria vontade de conhecer alguma favela?"

A2: Teria.

Juliana: Por que?

A2: Ah, pra ver como é que é, se é como a gente pensa.

Juliana: E o que você pensa que é lá?

A2: Ah, eu penso que é perigoso, mas tem bastante gente boa, só que tem muito crime assim, aí acaba ficando mais pra maldade; As pessoas acham mais que é ruim do que bom; a gente vê muito disso."

XXXXXXX

Juliana: Você falou que já viu muitas imagens de favela na televisão. O que você lembra?

L2: Ah, já vi confronto entre a polícia e os traficantes, gente fugindo com criança no colo, já vi umas coisas assim. Bala perdida acertar gente inocente.

Juliana: E o que você sente quando você vê essas imagens?

L2: Ah, eu me sinto triste e com medo, porque deve ser horrível passar por isso, nossa!"

A partir desses trechos posso começar a sinalizar a influência das imagens assistidas pelos alunos na concepção da ideia de favela. A aluna L2 relata que seu medo e tristeza são frutos de imagens que assim lhe fizeram sentir. Além disso, ela as ultrapassa e se coloca no lugar das vítimas de violência ao imaginar a dificuldade dessas pessoas. Assim, tem seus afetos mexidos através da experiência visual de assistir àquelas imagens. Ou seja, o fio formador que L2 traz com força em sua fala é utilizado por ela com o nome de televisão.

Sem especificar a programação a que se refere, a aluna recorda imagens de violência que vão além daquelas contra os traficantes e invadem o cotidiano de pessoas inocentes que poderiam estar próximas ou distantes dos tiroteios.

Outros alunos também trouxeram essas reflexões para as entrevistas. Nomearam a programação a que se referiam e passaram, então, a ponderar não só

as imagens reproduzidas, como a diferenciação daquelas segundo a programação exibida.

Juliana: "E quando você fala de televisão, você vê o que na televisão sobre a favela?"

J2: Acho que só o lado negativo. Eu acho que raramente vai pro lado positivo da favela. Assim, porque todos os dias tem uma...é... sai uma notícia sobre violência na favela e raramente saem algumas matérias que na favela tem pessoas tipo, que levam uma vida comum, que não é por opção que elas tão lá."

XXXXXXX

Y1: "Hum...Na minha opinião do Jornal Nacional, esses programas exageram muito quando falam da favela. Aí veem....a maioria das pessoas veem o Jornal Nacional e acabam, assim, com essa informação e acabam colocando na cabeça delas, das pessoas, aí vai espalhando, espalhando as coisas erradas da favela."

Os alunos J2 e Y1 apontam a maioria das imagens de favela exibidas na TV como negativas, e por isso, associadas à violência. Eles acreditam que os telespectadores, de um modo geral, se alimentam dessas imagens e, que dessa forma, passam a associar a favela a um espaço de violência e medo. Além disso, Y1 credita um jornal de grande audiência exibido em horário nobre e de comunicação em massa, como o grande produtor dessas imagens, uma vez que ele usa a expressão "*acabam colocando na cabeça delas*". O aluno vai adiante ao dizer que essa noção violenta ultrapassa essa produção e ganha força na reprodução das pessoas que relatam umas às outras aquilo que assistiram.

J2 também salienta que essas reportagens calam o cotidiano de moradores que por motivos maiores moram na favela. Com esse silêncio de imagens, a aluna acredita que o universo dos telespectadores se restringe ou se minimiza com as imagens negativas transmitidas.

Juliana: "Entendi. E quando eu falo favela o que você sente?"

L1: De verdade? (rindo, sem graça) só tem tráfico, é muito perigosa a favela. Igual a gente tá estudando, às vezes a gente generaliza, porque tudo que

a gente vê, a gente não vê uma coisa boa da favela, só vê que tem tráfico, tem tiroteio, a pessoa morre, então o que a gente vai pensar de bom da favela? Vai pensar que só tem tiroteio.

Juliana: E onde você vê essas coisas?

L1: Na TV, ué! E às vezes na rádio também.

Juliana: O que na TV?

L1: Ah, fala que tem tiroteio, tiroteio entre traficante e policial, ou então houve morte no tiroteio, bala perdida, que alguém roubou alguma coisa, sabe? Essas coisas.

Juliana: Mas você fala do jornal, filme, internet?

L1: Não, na internet eu não mexo. É, tipo, o Globo Notícia eu vejo, Jornal Nacional e Jornal...aquele...

Juliana: Que horas?

L1: Antes do Vídeo Show.

Juliana: Jornal Hoje.

L1: Jornal Hoje, Gente eu assisto todo dia o Jornal Hoje! É melhor que o Jornal Nacional porque ele fala, não é daquela maneira pesada, fala que aconteceu um tiroteio, mas não, sabe, fala de outras coisas boas. O Jornal Nacional fala só coisa ruim da favela e o Jornal Hoje busca interagir com as pessoas da favela, vão lá repórteres, falam as coisas, aí o Jornal Hoje não mostra só coisas ruins, mas eu vejo nesses jornais."

Muitos são os elementos trazidos por L1, uma aluna que se mostrou muito solícita desde o início quando soube da pesquisa, apesar de ter sido uma das últimas entrevistadas e, por isso, sempre que me via perguntava de sua vez. Constantemente sorrindo apresentou a mais longa das entrevistas, quando o interessante era sua fisionomia antes de responder e a maneira como me olhava tentando dosar sua resposta. Um exemplo foi neste trecho quando me perguntou se poderia mesmo falar a verdade.

L1 tem medo de favela, sim, e do que pode acontecer com ela, sendo que, ao assumir essa posição, argumenta que seu medo é baseado nas notícias que assiste sobre a favela. Assim, ao tecer sua noção, apresenta apenas traços de favelas cariocas e ressalta que Juiz de Fora não tem favelas e sim vilarejo. Dentro de sua lógica, apresentou seu raciocínio ao longo de suas respostas

durante sua agradável entrevista. Para ela, o vilarejo é um local com casas simples e a favela, além disso, tem drogas e violência.

Desse modo, para compreendermos suas afirmações acreditei ser importante contextualizar a aluna.

L1 transitou entre aquilo que acreditava ser permitido falar e o que imaginasse em ser reprimida. Quando me olhava parecia pedir autorização para falar sobre seus pensamentos e ao perceber que poderia fazê-lo, sorria e me envolvia em sua fala.

Ao responder a primeira pergunta do trecho com outra questão, L1 aparentava que diria o contrário do que afirmou, mas como foi autorizada a dizer a verdade, como perguntou, foi descrevendo seu medo.

L1 é taxativa ao argumentar que na favela só tem tráfico, perigo, tiros, mortes com esse cenário ela acredita que só podemos, então, pensar no lado ruim fruto dos tiroteios. Contudo, aluna relatou nunca ter ido à favela e, que, portanto, como outros alunos, sua concepção está baseada em imagens de TV.

Visto isso, a aluna, então, especificou a programação a que se refere e foi além ao comparar os tipos de reportagens de telejornais. No entanto, apesar de perceber as diferenças nas formas e na abordagem de cada telejornal, e ainda, admitir a existência não só "coisas ruins", a aluna destaca as imagens negativas associadas à violência. Ou seja, mesmo admirando a atitude dos repórteres do jornal vespertino que vão à favela e mostram a vida das pessoas, L1 mantém como referencial as imagens violentas veiculadas no jornal noturno.

Mas do mesmo modo como titubeava em suas caras e respostas, a aluna se colocou em dúvida ao apresentar mais uma possibilidade de exibição de imagens da TV: através de novelas.

Ao ouvir e ler esse paralelo na programação que os alunos trazem, fiquei ensaiando, talvez, uma relação percentual entre aquilo que destacaram

como negativo e aquilo que seria ligado à vida comum daquelas pessoas exibido em tais reportagens. E curiosamente a aluna L1 disse, a seu modo, como seria essa relação.

Juliana: "E aí você falou que a Portelinha só mostrava coisa boa e o Jornal Nacional só coisa ruim?"

L1: É. Não, Não é só....só coisas ruins...

Juliana: E pra você?

L1: Ah, tem coisa boa e coisa ruim, mas a Portelinha buscava mostrar só as coisas boas, que não são mostradas muito nos jornais. E no Jornal Nacional não mostra nada de coisa boa, a cada cem por cento só dá zero vírgula oito, de coisa boa, não fala coisa boa, não tem um por cento..

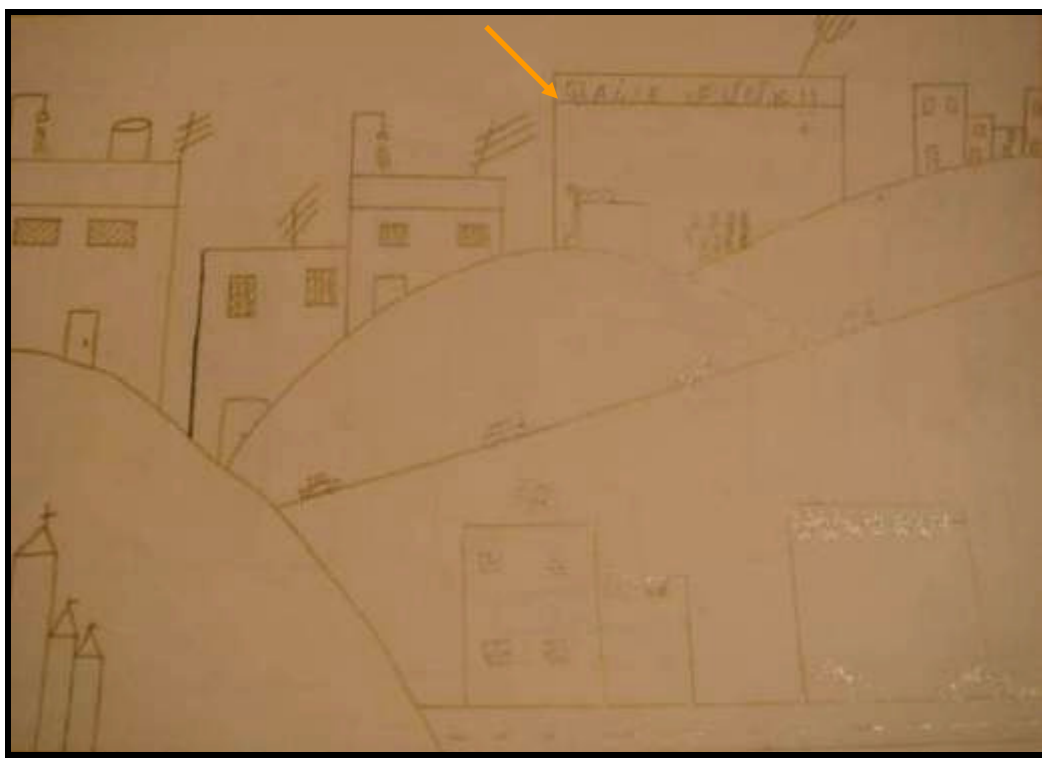
Juliana: E você acha, por exemplo, essas coisas que aparecem na televisão, tipo isso que você falou do jornal, acaba ajudando a pessoa a pensar como é que é a favela, imaginar como é a favela?

L1: Quando passa coisa ruim eu penso igual! Eu penso só coisa ruim. Eu sei que tem coisa boa, mas a gente pensa direto na favela só coisa ruim, tiroteio, essas coisas, porque a gente vê mais TV e não mostra coisa boa na TV; mostra só essas coisas de tiroteio, tráfico, essas coisas, então só pensa coisa ruim..."

Com um diálogo tão intenso consigo mesma, a aluna transita por valores, análises da programação a que assiste, críticas ao que experimenta por imagens de favela, mas, todo esse descortinar só foi possível graças ao encontro permitido pela entrevista. Seu desenho não revela, imediatamente, aquilo que a aluna foi demonstrando em sua fala.

L1 elabora o único desenho que fugiu às instruções do tipo de canetas indicadas na elaboração em sala de aula. Sua favela está no morro e as ruas dão uma noção de continuidade do desenho, uma vez que indicam a passagem por entre os morros. Dessa forma parece que existem três dimensões no desenho: a do primeiro plano com a igreja, a avenida (que passa por trás do morro), um prédio e um varal na rua; no centro por entre os morros, a subida de uma rua com carros; e no terceiro plano, casas com duas janelas, porta, laje, chuveiro, antena

e caixa d'água, além de um baile funk com o DJ e as pessoas dançando, destacadas pela seta.



O que destaco é a sensação de fluidez que o desenho proporciona ao dar essa continuidade da avenida por entre os morros. Além disso, é um espaço aparentemente organizado, sem a sensação de sufocamento. As casas são padronizadas, não existem elementos de violência, apenas os itens que são comuns a outros desenhos, como laje, varal e antenas.

A aluna não apresentou no desenho a violência em que acredita e verbalizou em sua entrevista. Ao final de sua fala admitiu pensar de modo negativo, igualmente ao que assiste em reportagens, mesmo salientando que a favela a que se refere, seja de uma novela exibida em horário nobre, apresente só as coisas boas. Sua concepção se mantém negativa. Para justificar sua visão, a aluna expressa sua estatística ao revelar que quase a totalidade das reportagens do jornal noturno associa a favela ao seu lado negativo. Ou seja, L1 demonstra

que reflete sobre o que assiste, pondera sobre as reportagens, mas ao final abandona aquilo que chama de "coisas boas" e defende a visão da favela como um espaço de acontecimentos negativos. O que há entre sua percepção de imagens e sua escolha de postura reflete sua visão de mundo e os diálogos que estabelece consigo e com os outros na constituição de seu "eu".

É importante também dizer que o que é visto e lido numa imagem não está somente nela, mas também. Tanto nós vemos as imagens como elas nos veem e nossa leitura dessas imagens é tanto delas quanto de nós próprios. Ao falar de uma imagem, o aluno fala de si mesmo, revela seu universo cultural, seu conjunto de experiências e raciocínios com e no mundo. (Oliveira Jr, 2005, p.3)

Estamos expostos a essas imagens, mas também a elas nos expomos com toda nossa carga de formação e olhar direcionado ao espaço da favela. Os relatos da carga de repetição de imagens com cenas violentas no cenário-favela têm invadido nosso cotidiano e por serem exibidas em telejornais ganham uma força de credibilidade pelo tom de veracidade. Já as novelas por mais parecidas que desejam ser com a realidade fora dos estúdios, ilustram, exemplificam, mostram outros lados, mas no caso das favelas, perdem na verdade para as reportagens como L1 relata, embora essa premissa não valha para qualquer temática, como já sinalizada por alguns alunos.

Em sala de aula já me foi possível presenciar diálogos sobre os conteúdos trabalhados na relação com as novelas, e que, por isso, saíram em descrédito diante de tais imagens. "Mas professora, eu vi que na novela não foi assim que aconteceu.....".

O que é pertinente sinalizar é que algumas imagens soam mais reais aos alunos do que outras, sendo que apesar de assistirem a várias novelas, somente algumas são tomadas como referência para suas argumentações. L1 demonstrou em sua fala essa transição daquilo que valoriza ver e do que reproduz em seu

pensamento. Quando começou a falar calorosamente sobre as reportagens do jornal vespertino cheguei a pensar que, então, adotaria aquela noção de favela. O mesmo ocorreu enquanto relembrava as cenas da novela, acreditei que ao final elas se tornariam referência. No entanto, o grande jornal nacionalmente assistido ressurgiu com sua força e nos transborda de imagens que parecem nunca mais serem esquecidas.

Mas o que também o inusitado é que muitas vezes os alunos não se lembram de onde assistiram alguma notícia ou sobre o que ela dizia, mas as imagens vistas já ficaram registradas em suas mentes e se tornam base para experimentarem sensações sobre lugares. Essas, por sua vez, atuam na configuração de nossas atitudes, como o medo que L1 traz oriundo das inúmeras imagens que ingeriu.

Segundo Tuan (1980) a partir do momento em que nossa percepção sobre o lugar afeta nossos sentidos, existe uma relação interna entre o que acabamos de experimentar, logo, passamos a nos posicionar no mundo com a atitude de quem sentiu algo por aquele lugar.

Essa atitude tem sido observada nos trechos das entrevistas e pode ser salientada pelo modo como M3 percebe a favela.

Ao longo dos trechos das entrevistas apesar do medo ter sido colocado como eixo central desse capítulo, a origem dele tem falado mais alto em minhas reflexões, em especial, as imagens que os alunos reproduziram em seus discursos ou desenhos. Neste sentido, tenho buscado desenovelar os fios que os alunos foram trazendo para a construção dessa grande colcha de retalhos. Com esses fios, alguns alunos relataram o que viam nas cenas de violência, como pessoas correndo, tiros, policiais, bandidos e pichações. Esse último elemento foi comentado, muitas vezes, de forma precisa e com detalhes que a uma primeira vista, nos fogem aos olhos.

Juliana: "O que é "ADA"?"

G2: É "a, dê, a". É uma gang.... tipo "CV" é inimigo do "ADA", sabe? Aí sempre tem confronto lá.

Juliana: Aqui em Juiz de Fora?

G2: Não. É no Brasil inteiro, tipo, "Amigos dos amigos" e "Comando vermelho", "CV".

Juliana: Ah, então não é de Juiz de Fora?

G2: Não, tem em todos os lugares. Aqui também tem.

Juliana: Mas aí, por exemplo, o Comando vermelho de outro lugar é o mesmo daqui?

G2: É.

Juliana: Ah é?

G2: Mas aí tipo, tem um cara que comanda mesmo e tem tipo o comando da cidade, assim.

Juliana: Aí como você sabe disso?

G2: Ah, não sei.

Juliana: Alguém te contou?

G2: É, tipo, é tipo...é.... eu tenho uns amigos, não que tipo.., mas que moram em bairros mais pobres.

Juliana: Aí eles te contaram?

G2: É."

XXXXXXXX

R2: "Terceiro comando..."

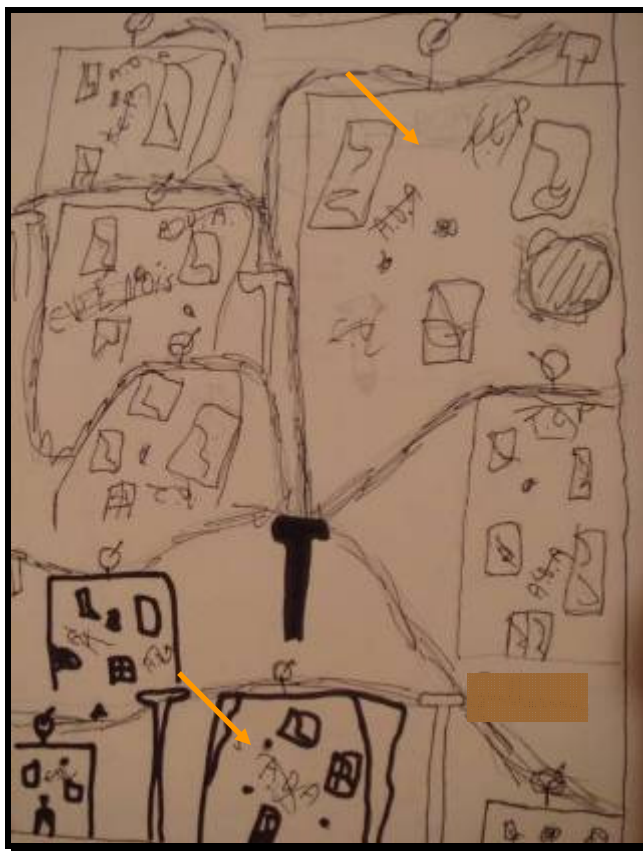
Juliana: Terceiro comando de quê?

R2: do Mário...(risos) é lá do meu bairro....que tem uns negócio desses...risos

Juliana: Também tem pichado lá?

R2: è...fica no muro...mas o ADA risca o CV e põe ADA...porque eles são rivais...."

G2 desde o início mostrou-se muito interessado em participar da pesquisa. Fez sua entrevista de modo tranquilo e com sorriso no rosto. Naturalmente, usou muitas gírias que em alguns momentos deixavam em aberto a conclusão de seu pensamento. Em seu desenho, também, mistura elementos de Juiz de Fora, como as gangues e outros da TV. Por isso, explica como seria a rede de gangues do Brasil a partir de conversas com alguns amigos de bairros pobres.



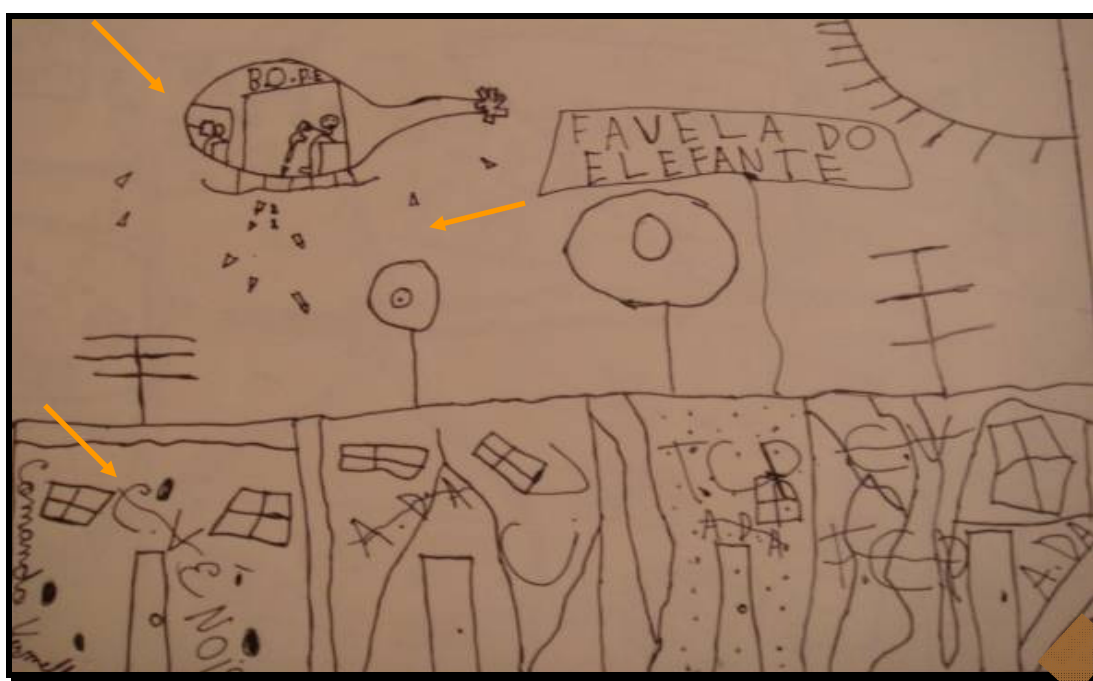
Curiosamente, seu desenho se mostrou estranho num primeiro momento! Confuso, embaraçado, com muitos rabiscos e traços disformes. Talvez para o aluno essa confusão seja a favela!

No centro do desenho existe um poste que distribui os fios para as demais ruas e postes espalhados no desenho. As casas apesar da aparente diferenciação são bem semelhantes com duas ou três janelas e uma porta, marcas de tiros, marcas de má conservação, pichações de gangues que muitas vezes fazem as rivais picharem por cima; antenas nas casas e uma sensação de confusão, abafamento, abandono, perigo e nebulosidade.

Apesar de não ter desenhado pessoas, as que ali estiveram degradaram aquele espaço, pelo menos visualmente. Ou como relatou, as pichações além de definirem relações de poder entre grupos rivais, também poderiam sinalizar um pedido de atenção dos moradores àquela situação.

O aluno relata sentir tristeza pela insegurança das pessoas que moram na favela, como por exemplo, com bala perdida. Diz que iria à favela só com seus familiares, mas não para ficar lá. O que deixa a entender é a importância da segurança de pessoas conhecidas ou mais do que isso, de familiares. Para ele as pessoas estavam escondidas no desenho pelo tiroteio que também teme presenciar.

O espaço, pela descrição das gangues se revela como um palco para batalhas e conquistas territoriais em nome da identidade dos grupos, bem como suas áreas de atuação. De acordo com Bauman (2009), "para aqueles que vivem num gueto voluntário, os outros guetos são espaços 'nos quais não entrarão jamais'. Para aqueles que estão nos guetos involuntários, a área a que estão confinados (excluído de qualquer outro lugar) é um espaço 'do qual não lhes é permitido sair'". Assim, com tantas barreiras ditas e não ditas pela cidade, os grupos se organizam e transmitem suas mensagens aos outros, como o aluno que captou a rivalidade territorial entre gangues. Neste sentido, estar de fora também é passível de sentir medo, mesmo que não se faça parte dos grupos pichados, os alunos indicaram essa violência implícita em tais demonstrações.



Já o desenho e o trecho destacado por R2 apontam semelhanças em alguns aspectos. O aluno demonstrou ao longo da entrevista momentos de timidez e alegria em participar através de seu sorriso e olhar, no entanto, suas respostas foram em tons baixos, abafados e com muitos "ah". Parecia que ele sabia muito mais sobre o que dizia, tendo em vista que suas informações envolviam até ex-amigos usuários de drogas ou pertencentes a gangues. Neste sentido, destaco o trecho: *"Juliana: Mas não chega a ser favela ali onde ele mora, é isso que disse?; R2: É...Não, mas lá tem um monte de gente que usa droga."* que demonstra sua noção de favela associada à droga, assim, por mais que falasse das casas e das pessoas, o forte é sua experiência com amigos que se envolveram com drogas. Apesar de sua vivência in loco, seus relatos se esquivaram disso e se focalizaram em noções do BOPE.

Seu desenho parece trazer uma favela num local plano com casas construídas umas junto as outras, mal conservadas, com tiros nas paredes, muitas pichações de gangues rivais, rachaduras nas paredes, construções tortuosas e antenas no topo das casas que não possuem telhados. Além disso, a favela é chamada como "do elefante", traz um sol no canto esquerdo e um helicóptero do Bope atirando para a favela.

Juliana: "E este helicóptero?"

R2: Tá atirando pra baixo.

Juliana: Ah, isso é tiro?"

R2: É.

Juliana: Ah, é do BOPE?"

R2: Esse daqui é do BOPE e essa é do pessoal da favela. (apontando outros tiros no desenho)

Juliana: Ah tá. De onde tá vindo?"

R2: Ah, de um lugar, da favela."

O que destaco é a sensação de sombra, apesar da presença do sol. Parece um local abandonado, devastado, violento e ameaçador. A única pessoa do

desenho sobrevoa e atira na favela. A sensação é de medo desse lugar. Um lugar que reflete a violência que sobrevoa e também parte da vizinhança, o que gera a dúvida: em quem confiar? Talvez isso se relacione com sua história ao indicar que se afastou de amigos nos quais confiava, porque se envolveram com gangues e drogas. O sol parece não ser suficiente para iluminar um cenário de escuridão e violência numa favela que parece calar e esconder seus moradores.

Juliana: "Quando eu falo favela o que você sente?"

R2: Ah, sei lá, gente em situação muito pobre, que não tem condição de morar em outro lugar, e lá não tem assim, rede de esgoto, nada., sabe?"

Juliana: Ah, tá...você falou que conhece gente de lá né... O que você lembra?"

R2: Ah, eu lembro que não tem condições pra dar uma moradia boa, as pessoas que moram lá, lá o esgoto fica a céu aberto, água também não tem...

Juliana: Lá perto dessa favela que você falou, você chegou algum dia a escutar barulho de tiro como esses do desenho?"

R2: Barulho não. Só dá pra ver... assim...marca...não ouvi não.... Eu coloquei mais porque lá no Rio de Janeiro, quando passa no Jornal aparece bastante....por isso que eu coloquei....

Juliana: E o que você sente sobre isso?"

R2: Sinto que esse é só o lado ruim. O bom não mostra....

Juliana: E o que você acha que é o bom?"

R2: Ah, as pessoas que trabalham pra fazer um mundo melhor lá.....isso não dá medo...mas os tiros dão..."

O aluno focaliza sua fala na vida que as pessoas levam e em que condições de infra-estrutura estão inseridas. Sua preocupação é que não assistimos pela programação da TV algo que nos demonstre que existe um lado bom na favela. Lado este que R2 conhece por sua experiência através dos amigos. Ou seja, existe em sua fala um contraponto entre sua experiência na favela e aquela mediada pela TV. A primeira lhe revela o cotidiano da vida e a segunda nos revela a violência como ativadora do medo.

Com a Geografia Humanista, este trabalho pode considerar situações como a descrita por R2 em que sua experiência foi apresentada de acordo com o

sentido que atribui à sua existência. Esse apontamento sobre sua visão de favela revelou sua preocupação e seu cuidado com as pessoas ligadas à favela, o que dessa forma sinalizou sua visão de mundo e atitude como indicada por Tuan.

Contudo, notoriamente o aluno não apresentou graficamente a favela que parece já ter convivido e priorizou aquela como símbolo do medo gerado pela violência.

"A construção da imagem é bilateral entre o observador e seu ambiente. Este último sugere especificidades e relações, e o observador - com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios objetivos - seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê. A imagem assim desenvolvida limita e enfatiza aquilo que é visto, enquanto a imagem em si é testada, num processo constante de interação, contra a informação perceptiva filtrada. Desse modo, a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes." (Lynch, 1997,p.7)

Nestes modos de ver e compreender o espaço, a apresentação ou a representação dele também pode variar de acordo com o interlocutor. R2 antepôs uma imagem aos seus colegas, não-favelados, de um lugar semelhante aos que eles representavam. Com essa escolha, o aluno se sentiu e mostrou-se próximo daqueles que com ele estudam ao silenciar sua experiência mais próxima da favela. Visto isso, o medo dos tiros e da violência se sobressaiu aos outros sentimentos por ele já experimentados. Certificando Lynch (1997), o estudante selecionou e conferiu significado aquilo que viu a partir dos valores das relações que o formam.

Com tantos sentidos e sentimentos o medo tem seu destaque nas noções de favela que os alunos apresentaram. O temor relatado fortifica-se e é enraizado em imagens assistidas, em especial, através de reportagens jornalísticas.

Susan Sotang (2003) aponta como traço da modernidade a oferta de imagens de horrores ocorridos no mundo e que podem ser assistidas dentro de nossas casas. Apesar de focalizar as guerras, a violência gerada pela guerra urbana (assim nomeada por alguns), faz da favela um cenário para o encontro das imagens dos horrores urbanos. "Agora, guerras são também sons na sala de estar. As informações sobre o que se passa longe de casa, chamadas de 'notícias', sublinham conflito e violência." (p.20)

Essa violência noticiada, vista e consumida dentro das casas ganha força na mediação dos alunos com o mundo em que vivem. Orientada por essa preocupação encontro em Bauman (2009) a ideia que na atualidade vivemos com a forte tendência a sentir medo e ficamos obsessivos por segurança, frutos de uma insegurança que nos aponta o perigo em todos os lugares.

De acordo com Lynch (1997), "na maioria das vezes nossa percepção de cidade não é abrangente, mas antes parcial, fragmentária, misturada com considerações de outra natureza. Quase todos os sentidos estão em operação, e a imagem é uma combinação de todos eles." (p.2). É o medo sentido como um propulsor de combinação de signos revelados nas imagens de favela.

Hoje, grande é o medo de se encontrar na favela o terror da insegurança gerada pela violência que se espalha nos centros urbanos. Faz sentido, nesta ótica, o aluno dizer que no Rio de Janeiro não pode isso ou aquilo porque lá tem favela. Se a favela é lugar do medo, logo o Rio também o é! As noções vão se consolidando e agrupando outros fios na noção de favela dos alunos.

No entanto, também grande foi o olhar humanizado que os alunos lançaram para o cotidiano na favela. Ou seja, falo de alunos com realidade econômicas diferentes dos favelados, que reconhecem e assumem o medo da violência, que ponderam as imagens que os têm orientado, que admitem suas

influências e que refletem sobre a vida daquelas pessoas deles distantes. Neste caso, o medo não os paralisou e, pelo contrário, os motivou a trazer às suas vidas, como seria a vida de outras pessoas. Afinal, como será essa vida por eles imaginada? O que existe além do medo?

"Ah! Na favela tem muita festa": os sentidos da alegria no cotidiano da favela.

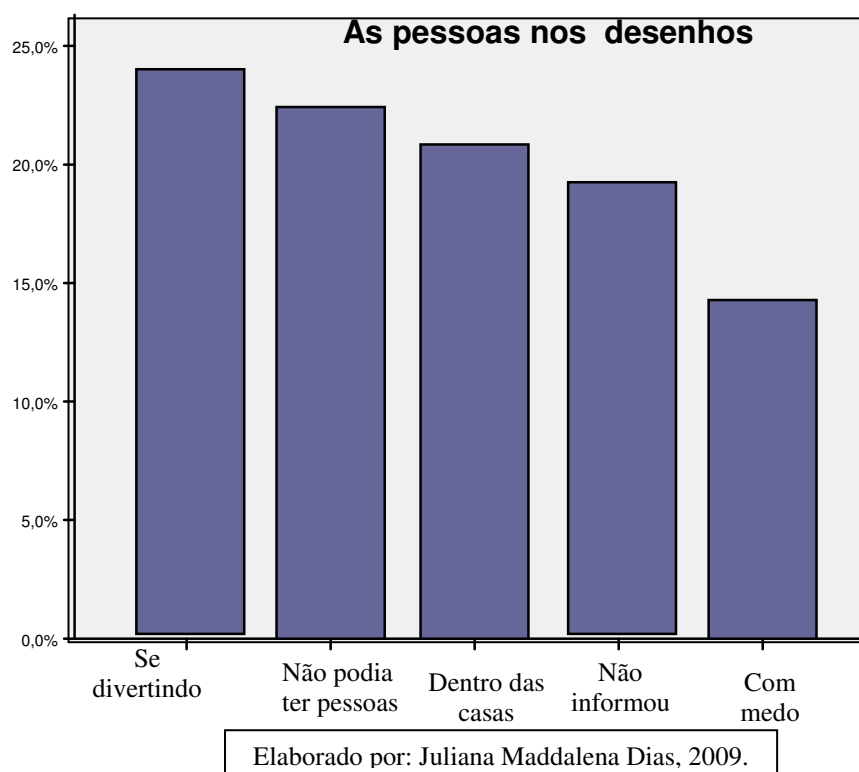
Ao conversar, informalmente, com algumas pessoas, ouvi que alguns de seus medos eram aqueles associados a algum trauma vivido. É claro que existem inúmeras causas para os medos que carregamos, e não cabe uma discussão neste trabalho para sabermos quais seriam, tampouco discorreria sobre traumas. No entanto, ao ouvir as descrições dos medos dos alunos em nenhum momento presenciei alguma exposição de situação de violência vivida por eles. Portanto, digo que seus medos não foram criados, necessariamente, por experiências diretas com a violência de alguma favela. Seus relatos foram relacionados a situações mediadas por outras pessoas ou pela mídia. Nessas relações, os alunos de algum modo se sentiram afetados ou tocados por várias circunstâncias que os fizeram experimentar sensações, onde uma delas foi o medo.

Mas este medo não os paralisou. Os alunos foram além do que sentiam para imaginar como aquelas pessoas se sentem em seus dia a dia. Esse gesto, nada simples, de se colocar no lugar do outro, revelou significantes observações e desejos que os alunos carregam ao longo de suas vidas.

Vidas. Quantas foram reveladas ao longo dos diálogos! Os estudantes sinalizaram o cotidiano dos moradores visto a partir dos lugares que ocupam na cidade que não são as referidas favelas. Um cotidiano que revelou valores, sentimentos, desejos e nos levará as atitudes que são frutos das experiências vividas pelos alunos através de sua formação familiar, escolar, social e religiosa.

Pessoas. A elas me refiro o texto inteiro, mas onde estariam nos desenhos dos alunos? A grande ausência daquilo que mais procurava serviu como um importante ponto para os diálogos das entrevistas na busca pela localização das pessoas nos desenhos.

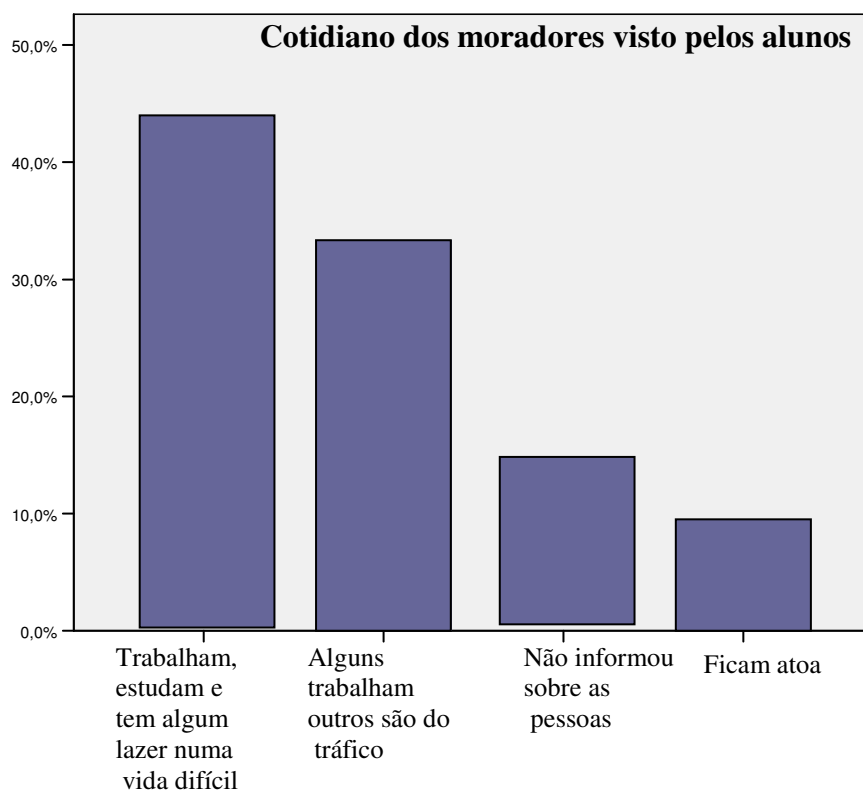
Muitos alunos responderam que não era "permitido" ter pessoas nos desenhos ou não se lembravam dessa instrução, no entanto, quando conversávamos, aguçava-os com a pergunta de onde estariam e, então, passaram a imaginar e responder. A minoria estaria com medo, um segundo grupo estaria dentro de casa em suas atividades e o maior grupo respondeu que estariam se divertindo em algum lugar da favela.



Com essas respostas vejo que apesar da força do discurso do medo e da pouca presença de pessoas nos desenhos, a imaginação dos alunos, no momento da entrevista, caminhou para a diversão no espaço da favela. Além disso, o cotidiano dos moradores pôde ser descrito mesmo que não diretamente representado.

De acordo com os dados, três eixos de respostas foram associados ao cotidiano dos moradores, dos quais a minoria acredita que os favelados fiquem sem qualquer compromisso ou afazeres em seu dia-a-dia; um segundo grupo acredita que alguns moradores trabalham e outros sejam do tráfico e, um

terceiro e maior grupo acredita que os moradores da favela trabalham, estudam e se divertem numa vida de muitas dificuldades.



Elaborado por: Juliana Maddalena Dias, 2009.

Com os eixos de respostas apresentadas existe ao mesmo tempo uma aproximação dos sujeitos em relação à vida dos favelados e um afastamento dessas vidas a partir de pontos incomuns. A aproximação pode ser vista na descrição de um cotidiano de trabalho, estudo e lazer, mesmo numa vida de dificuldades. O afastamento pode ser compreendido no modo como a associação favela, tráfico e violência é fruto da combinação daquilo que lhes gera o medo. Todavia, mesmo com a semelhança no dia-a-dia o adjetivo difícil proporciona uma diferenciação nas condições de vida nesta cidade dividida. O eixo de resposta que acredita que os moradores fiquem "à toa" mistura certo grau do imaginário cujas cenas são de pessoas desempregadas conversando nas portas de suas casas, segundo as descrições dos alunos.

Juliana: "E o que você acha que as pessoas fazem lá durante o dia?"

D1: "Ah..., eu acho que é..., assim, tem pessoas na favela que são trabalhadoras, se esforçam pra ajudar a família, mas também a favela tem muito bandido."

XXXXXXXX

R2: Ah, tem umas que trabalham e tem outras que tãõ no tráfico...ficam lá...

Juliana: E um menino da sua idade, por exemplo?

R2: Sei lá, ele pode usar droga, não sei...pode....mas ele estuda... mas vai repetir de ano...eu conheci um assim...ele parou de ir na escola e foi trabalhar."

Pelo tom que R2 atribui ao ato de usar drogas, parece que seria tolerável um grau de permissividade a esse gesto na favela. Algo que o aluno já traz como consequências, como ser reprovado na escola, abandoná-la e ser inserido no mercado de trabalho ainda na idade escolar. Uma realidade diferente da sua, uma vez que o aluno já havia relatado anteriormente o afastamento desses amigos devido ao envolvimento com drogas. Por sua fala, trabalhadores e traficantes dividem espaço com certa naturalidade. Além disso, nos dois trechos o caráter de luta pela vida fica evidente nos pensamentos de alunos e, é justamente esse ponto que tem se mostrado como a característica que os alunos ressaltam e admiram nas favelas.

J2: "Eu acho que tem muita gente que leva uma vida mais normal na favela. As empregadas da minha tia, o motorista da minha tia...todos eles são da favela, da Rocinha. Aí, tipo assim, eles falam que é normal, eu acho que eles convivem com isso bem, é uma coisa do dia-a-dia. Então eu acho que eles vão pra trabalhar, às vezes alguns dentro da favela, alguns fora, vão normal, só que eu acho que tem muita gente que vive lá escondendo do perigo, assim, dessas coisas."

A aluna vem reforçar o ponto de aproximação com a vida dos moradores ao atribuir a conotação de normal para aquela. Para ela, normal seria o que com sua vida se parece ou o que acredita ser comum a todas as pessoas. Nessa

compreensão, o olhar para o outro parte do seu “eu” e, portanto, de seu ambiente, suas relações e sua percepção de mundo. A aluna com esse trecho sinaliza uma íntima relação com aquilo que expressou em seu desenho.



Seus elementos se concentraram na concepção que dividiu com os empregados de sua tia. Uma noção da favela como um espaço que funciona com uma “vida própria”, ou seja, onde os moradores podem até trabalhar por lá mesmo sem que tenham que, necessariamente, sair da favela para estarem inseridos em alguma atividade econômica.

J2 apresenta um desenho onde os elementos inclinados dão a noção de uma subida de morro que possui seu contorno ao fundo e são interligados por escadas. Este desenho possui poucas casas e muitos elementos públicos ou de uso coletivo, como igreja, creche, boate, bar, posto policial, pista de skate e bicicleta, espaço para shows e funk, xerox, motel e pontos para estacionamento. Além disso, são muitos os carros, um churrasco numa laje e varal de roupas na rua.

O que destaque é que não é um desenho que traz a sensação de sufoco, pelo contrário, é um desenho leve e com elementos públicos que valorizam o lazer das pessoas. Com seus elementos, a aluna deixa transparecer a favela como um espaço de interação entre as pessoas que lá frequentam. Além disso, curiosamente, apesar de relatar que pessoas se escondam do perigo, a aluna deixa um varalzinho de roupas próximo à rua, senão nela. Ou seja, os moradores deixam seus pertences íntimos de modo que, muito provavelmente, moradores de outras áreas da cidade não deixariam. Portanto, a tal periculosidade abordada possui uma escala de variação onde os alunos se atentaram para crimes relacionados ao tráfico com armas e não aqueles relacionados ao cotidiano.

Para retomar esse cotidiano, J2 não se deteve a elaborar um desenho com muitas casas, passando a focalizar em elementos de diversão. Segundo ela, os moradores se divertem de modo seguro, pois aquele posto policial assim permite. Segundo a normalidade que aponta, percebo que esta seria devido a possibilidade de ir e vir dentro da favela. Esse trânsito livre que apresenta, dá acesso a lugares de diversão bem variada. Assim, o modo como elaborou seu desenho parece convidar a nos divertir naquela favela de clima descontraído e com livre acesso.

A entrevista de J2 refletiu o modo como foi elaborando suas ideias sobre favelas. Ela foi bem articulada para falar e com sorriso no rosto sempre perguntava e ria sobre sua participação na pesquisa, ao mesmo tempo em que me questionava o porquê daquilo que eu fazia. Ela não lembrava com precisão o ano que havia feito o trabalho, mas recordava os motivos que a levaram a representar aqueles elementos, como a creche que ela diz ser mantida pelo governo já que a população não conseguiria pagar o alto valor das creches particulares.

Essa ideia de que os moradores da favela têm uma vida normal se repetiu em algumas entrevistas e sugere que o adjetivo se aproxime da realidade

vivida por estes alunos que não são moradores de favelas. Essa aproximação sugere um cotidiano de pais que trabalham, filhos que estudam e que todos se divertem mesmo com uma vida difícil. O que os diferenciam dessa realidade é imaginar que os filhos também trabalham para ajudar os pais.

J1: "Acho mesmo que a pessoa normal tem que viver lá na favela e todo mundo acha que quem mora na favela é criminoso.

Juliana: E você acha que quem vive na favela tem uma vida como?

J1: Difícil.

Juliana: Como é que seria a vida de um menino da sua idade?

J1: Tem que ajudar os pais a trabalhar, não pode estudar, mas ele pode se divertir também".

J1 trouxe uma entrevista interessante marcada por sua origem européia. Ao olhar seu desenho e relacioná-lo com essa informação, o primeiro pensamento que tive foi que o aluno não conhecia as mesmas favelas que seus colegas.



A impressão é que seu desenho aparenta ser uma fazenda com cercas que circundam as casas enquanto as crianças se divertem soltando pipas num dia

de sol. O que destaque é a sensação bucólica que o desenho traz, até pela semelhança com uma fazenda. No entanto, após a entrevista percebo que são fios e postes!

Na comparação com seu país, J1 relata que desconhecia essa realidade que teve contato somente aqui no Brasil. Para ele os favelados têm uma vida difícil e não mereciam estar nessa situação. O aluno explica que está no Brasil por um período que já se estende por todo ensino fundamental e, portanto, sua noção foi tecida através da convivência com amigos que lhe demonstravam como era uma vida simples economicamente. Em sua fala não aparece a questão do tráfico ou da polícia, apenas o tiroteio foi citado associado a imagem da TV. O aluno entende a violência como atitudes de pessoas que precisam alimentar sua família.

J1: "A favela é um lugar onde pessoas vivem, pessoas que não tem dinheiro, mas não quer dizer que sejam criminosos. Só alguns são porque roubam pra poder alimentar a família."

A favela em sua noção não é um lugar de medo e violência. Seu desenho permite essa sensação de tranquilidade proporcionado por elementos como o sol, nuvens e pássaros ladeados por pipas de crianças. Sua ideia de diversão e tranquilidade vem da convivência com amigos que lhe ensinaram a soltar pipas e a partir disso, passou a ver a vida dessas pessoas como algo difícil e que, nem por isso, deixaram de serem pessoas boas. Ou seja, o aluno acredita que as pessoas sejam boas mesmo que estejam envolvidas em atos que o amedrontam. Seu contato com classes econômicas diferentes o levou a uma atitude e visão de mundo frutos de sua experiência com essas pessoas, o que segundo Tuan, foi permitido por seus afetos que foram tocados nessas relações estabelecidas nos lugares do outro. Neste sentido sua vivência pôde novamente ser destacada a partir do trecho que se segue:

Juliana: "E você teria vontade de conhecer a favela?"

J1: É...(silêncio), eu já fui amigo de dois meninos que eram da favela e eles eram maior legal, eu ficava soltando pipa com eles, mas agora se mudaram.

Juliana: Era perto da sua casa?

J1: Era.

Juliana: Você foi a casa deles?

J1: Fui e eles na minha. A gente brincava muito e eu aprendi um monte de coisas legais!".

Essa noção trazida por J1 que ressalta o trabalho dos filhos no intuito de ajudar no sustento na casa também pode ser observada com outros alunos como relata G1:

Juliana: "E essas pessoas aqui, durante o dia como é que você imagina que deve ser a vida delas?"

G1: É, tem uma vida muito difícil, muito rígida, trabalham, ganham pouco e possuem poucos jeitos de poderem se sustentar.

Juliana: E, por exemplo, um adolescente da sua idade, você acha que estuda, faz o que lá?

G1: É..., teria assim, muitos gostariam de estudar, mas tem uns que não estudam por causa da renda familiar, tem uns que tem que ajudar a família por causa da renda baixa, aí eles acabam parando de estudar ir trabalhar".

O aluno ao dividir as funções domésticas demonstra uma economia fracionada na sociedade onde ele pode estudar enquanto seus pais sustentam sua casa através de seus trabalhos, já um menino de sua idade e morador da favela tem que, talvez, deixar de estudar para ampliar a remuneração da casa. Neste sentido, o aluno percebe como seria difícil a vida na favela, não pela violência, e sim, pela organização familiar e econômica.

Apesar dos alunos terem demonstrado sentimentos de compaixão - no sentido daquele que se coloca e sente pelo outro - um comentário associado a seu desenho despertou atenção. O aluno R1, mesmo se aproximando dos comentários de G1, traz em sua entrevista uma discrepância maior entre as atitudes que

poderiam ou não ser comuns entre ele e um garoto da favela nesta cidade dividida em que se inserem.

R1: "Ah, eu acho que pelas favelas serem mais distantes, devem pegar vários ônibus pra ir pro centro da cidade, acho que talvez muitas pessoas cuidam só da casa, outras mulheres são faxineiras, e os homens devem ser motoristas de ônibus.

Juliana: E um menino, por exemplo, da sua idade, o que você acha que ele faz lá?

R1: Ah, talvez de manhã estude, aí depois de tarde ele ajude a mãe nas tarefas e brinque sempre.

Juliana: Você ajuda que a sua mãe tem tarefas?

R1: Não.....(estranheza)

Juliana: Ah, tá, só esse menino aqui. É que eu pensei que fosse pela idade.

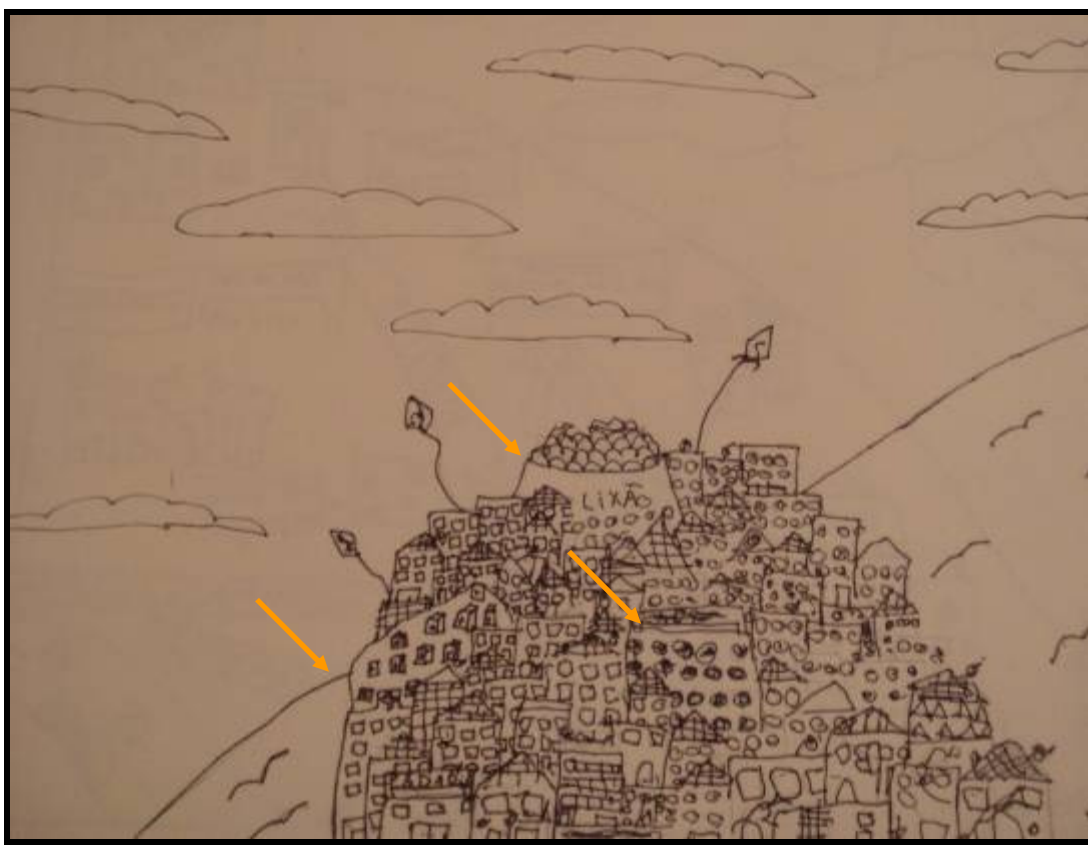
R1: Ah, eu arrumo minha cama às vezes".

O aluno apesar de poucas palavras foi bem objetivo e apresentou um raciocínio bem dentro de sua lógica. Suas respostas foram organizadas e justificadas. A noção é pelo o que vê ao passar ou por TV. Disse sobre o medo de ladrões e relacionou isso a favela. Oscilava nervosismo, ansiedade e pressa pelos gestos e voz para expressar o que pensava.

R1 demonstrou em sua fala uma linha de imaginação para a vida da favela que envolve a dificuldade que aquele público tem no acesso ao transporte urbano, indo além, destacando o alto custo de tempo e dinheiro que gastariam de casa ao trabalho. Já este mercado em nenhuma das entrevistas se mostrou fechado aos favelados, o que R1 destaca em sua fala é que existem tendências profissionais associada àqueles moradores.

O aluno ao estar focado em responder sobre a favela, falou de si mesmo pelas entrelinhas de nosso diálogo. Para ele, é natural que um garoto de sua idade ajude à sua mãe nas tarefas de casa, no entanto, com risos e estranheza, deixou claro que não seja esta a sua realidade, apesar de, ao final, dizer que ele de vez em quando o faz.

Seu desenho foi um que desde o início me interessou. A favela encontra-se no centro do desenho de um morro que está rodeado por nuvens ao fundo. A favela em si é um amontoado de casas que, apesar de bem diferentes entre si, é difícil identificá-las no corpo da favela. São casas que vão se misturando umas as outras e com elas existem algumas pipas que sobrevoam o local além de pichações indefinidas nas casas. No entanto, alguns elementos se destacam por seu tamanho: um lixão no topo do morro; um cemitério e um hotel no centro da favela, embora não haja pessoas representadas no desenho.



O que destaque é a impressão de amontoado e sufocamento que o desenho traz. E a intenção era preencher os outros lados do morro da mesma forma! É um desenho que não nos permite identificar a diversidade, mesmo sem a padronização das casas. A sensação é de confusão, calor, barulho, dificuldade para chegar ao lixão, por exemplo. E ao mesmo tempo existe curiosamente um

hotel no centro da favela e um cemitério. É um desenho que aguça a vontade de ficar olhando para ver o que tem, desperta a sensação de surpresa e curiosidade.

O "lixão" é um elemento que nos salta aos olhos quando observamos seu desenho. Curiosamente, este não foi o primeiro signo representado pelo aluno e, sim, o último.

Juliana: E aí você colocou o lixão no topo do morro né?

R1: É, porque eu tinha esquecido...depois que eu tava acabando que eu lembrei.

Juliana: Ah, tá. Não foi seu pensamento inicial colocar ele lá em cima?

R1: Não.

Juliana: Ele teve um destaque aqui. Foi sua intenção dar esse destaque a ele?

R1: É, acho que procurei deixar ele bem grande pra mostrar mesmo que lá na favela tem muito lixo.

Juliana: E esse lixão é do pessoal da favela, ou por exemplo, o pessoal de toda a cidade usa?

R1: Não, só da favela.

Juliana: Quem leva esse lixo pra lá?

R1: É... ai... (silêncio) Ah, talvez fossem os moradores mesmo, a favela é muito grande.

O aluno traz dualidades entre sua fala, desenho e escolha dos elementos que representassem sua favela. Ao mesmo tempo em que idealiza um depósito de lixo na parte mais alta de sua favela, imagina um hotel como ponto atrativo para aquele espaço. Ou seja, ele expõe um ponto de insalubridade e mau cheiro simultaneamente a um lugar para encantar quem vem de fora para na favela se hospedar.

Visto isso, diante de tantos elementos, muitos até repetidos por outros alunos, um merece destaque por sua singularidade: o hotel! Segundo R1, ele representou esse elemento pensando nas pessoas que desejam visitar parentes na favela; nas que desejam conhecer a favela e para incentivar a economia

através do turismo. Ao questioná-lo sobre conhecer uma favela, ele respondeu que iria e ainda ficaria lá hospedado.

Juliana: "E aqui, o que é esse maior aqui?"

R1: Pelo que eu lembro acho que isso aí é um hotel.

Juliana: Pras pessoas da favela?

R1: É, pras pessoas que vem pra favela olhar.

Juliana: Turistas?

R1: É... (duvida) Ah, talvez amigos das pessoas da favela.

Juliana: E você, teria vontade de ir a uma favela?

R1: Ah, eu teria vontade de ir conhecer, ver como é a rotina das pessoas, conhecer melhores lugares, visitar as casas, pra ver as coisas que tem dentro.

Juliana: Você ficaria hospedado nesse hotel?

R1: Ah, ficaria."

A partir do hotel o aluno destacou que apesar dos filhos terem que ajudar em casa, a favela permite que eles possam brincar na rua, e ele no caso não pôde; destaca também que lá naquele emaranhado de casas deve se ouvir muitas vozes de pessoas que ficam conversando e se distraindo; outra ênfase foi dada ao cemitério para que as pessoas de lá possam ser enterradas lá mesmo porque senão elas gastariam muito dinheiro com todo esse transporte (como no dia-a-dia), por fim, enfatiza que o hotel tem um ponto privilegiado pela vista que o morro lhe proporciona. Ou seja, apesar das sensações do desenho, o raciocínio de investimento e diversão que o aluno apresenta funcionaria como discurso de guia de turismo para um atrativo da cidade e não como um ponto de terror.

Mesmo com a separação de valores e atitudes atribuídos por R1 às classes sociais, essas diferenças poderiam se encontrar e conviver através de elementos de diversão que foram destacados na fala do aluno.

R1 traz a possibilidade de aproximação com os sujeitos da favela pelo viés do turismo, no qual o indivíduo é passageiro no referido lugar. Sua percepção

do espaço favela traz o caos na configuração das casas ao lixão, no entanto, seu pensamento em relação às pessoas é de aproximação.

Juliana: "E barulho? Você acha que teria qual barulho?"

R1: Ah, acho que teria muitos risos....

Juliana: Como assim?

R1: Ah! Eu imagino na favela as pessoas rindo...sei lá...conversando e se divertindo. Acho que o pessoal que mora perto é mais amigo, sabe? Seus filhos devem ficar brincando....não sei...imagino..."

Os alunos não têm especificado quais seriam as brincadeiras a que se referem, dando a noção de que elas não seriam tão diferentes em relação às que eles têm. O que vem pontuando bem essa diferença social é que as crianças da favela, segundo os alunos, brincam na rua e elas em casas ou condomínios reservados. Curiosamente, pelos trechos que temos lido, a favela seria considerada muito mais perigosa do que outras áreas da cidade e, no entanto, as suas ruas que acolhem a simplicidade das brincadeiras de crianças. Ruas essas que parecem atrair os moradores ao convívio, segundo a percepção dos alunos entrevistados. Ou seja, existe um movimento interno nesses estudantes que coloca em paralelo o medo da violência e transforma em algo que desperte admiração em relação a vivência no espaço da favela.

Bauman (2009) acredita que as casas servem para proteger aqueles que nelas habitam. Neste sentido, seu foco não está na integração entre esses moradores e suas comunidades. No entanto, o que tenho visto com os alunos é que na favela existe uma forte interação entre os moradores vizinhos, seja pelos churrascos, pelas lajes abertas, pelos balões de diálogo entre casas ou pelas brincadeiras na rua. Suas casas não vistas como um fim, aonde o morador chega e se tranca, ao contrário é vista como um elo que une a vizinhança em suas dificuldades e diversões. Neste sentido, mesmo quando os alunos abordam a presença do tráfico nas favelas, nenhum relatou como a única atividade que lá

ocorra, sinalizando que também existam associações entre os iguais, como traficantes de um lado, trabalhadores de outro, ou se misturando, convivendo com suas leis que dividem o território de atuação.

Juliana: "E essas pessoas aqui, o que você acha que elas fazem durante o dia?"

G2: Eu acho que a maioria trabalha na comunidade ou fora também, trabalham dignamente para ganhar a vida... e sei que tem tráfico de drogas também....

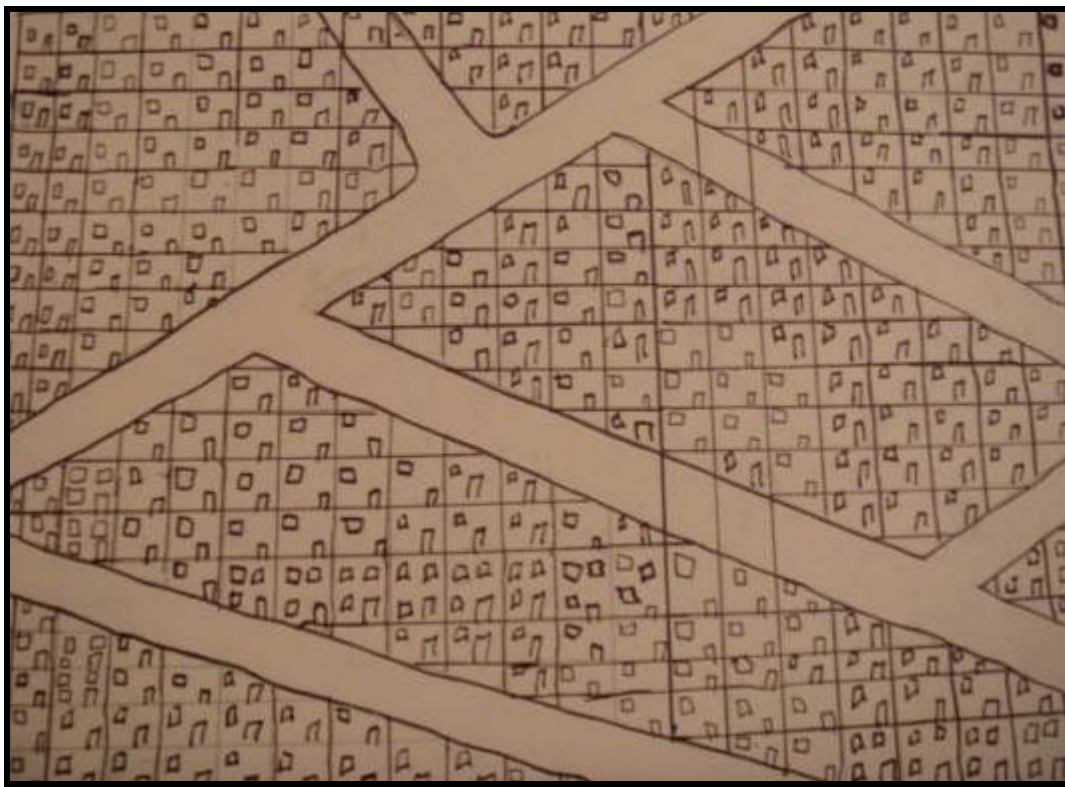
Juliana: Você falou em comunidade. O que é comunidade?

G2: Eu acho que toda favela é uma comunidade, que tem tipo um grupo recluso ali, que se encontrava todo dia...acaba apresentando uma amizade...."

O aluno demonstra em seu raciocínio que o termo comunidade deve ser utilizado para se referir à favela, mas, acredita que as comunidades existam pela força dos laços de amizades estabelecidos por esses moradores.

Essa noção de comunidade vai ao encontro do pensamento de Tuan (1980) sobre Topofilia. Em ambas as situações existe um elo afetivo entre a pessoa e o lugar. Neste sentido, de acordo com o autor, se o lugar é pausa e segurança, quando nele me identifico e crio laços afetivos, essa pausa identitária existe porque o lugar possibilitou a segurança que possivelmente não seria encontrada onde o espaço não é o seu. Como Bauman acredita que "o anseio por identidade vem do desejo de segurança." (2005, p.35). Com estas questões e o pensamento de Bauman, a comunidade pode ser dos que vivem juntos ou para os que comungam dos mesmos valores. Algo admirado pelos alunos que estão de fora dessas comunidades.

Diante deste cenário de vocábulos como admiração, comunidade e favela, um desenho, seguido da entrevista com seu autor, se destacou como objeto de análise.



O desenho apresenta ruas com traçados destacados que ocupa todo o espaço, suas casas padronizadas com uma, duas ou três janelas, porta e, tamanho reduzido. A impressão é que este seja um tabuleiro quadriculado.

Destaco o silêncio que esse desenho proporciona. Um olhar que procura e não sabe o que busca. Uma pausa que espera algo acontecer. Busca por um movimento. Uma interrogação que procura imaginar o que existe por trás das inúmeras portas e janelas. Uma estranheza que nos faz olhar para os lados sem compreender; o inesperado; o incomum; e ao mesmo tempo os gritos desse desenho silencioso. É um desenho que suscita interrogações!

T2: "Eu quis pegar o ponto da superlotação das favelas. E mostrar também que não tinha muita infra-estrutura, as casas são mais ou menos, são muito ruins mesmo....e... são quase sempre iguais, mais ou menos.

Juliana: Você já foi em alguma?

T2: Já. Eu já fui muito porque eu tenho parentes que moram em favela, aqui em Juiz de Fora e eu vou quase sempre lá.

Juliana: E o que você sente quando vai lá?

T2: Ah, eu não sinto insegurança não, porque eu nunca escutei nada de errado e tal. Sempre normal quando eu fui lá.

Juliana: E aonde estariam as pessoas nessa sua favela?

T2: Dentro das casas. Fugindo do tráfico.

Juliana: E como é a vida na favela?

T2: Imagino que a vida seja harmoniosa, porque as pessoas, a vizinhança é muito forte na comunidade aí as pessoas têm um pouco mais de companhia, mas na favela o problema mesmo é o tráfico, e a comunidade ajuda a acalmar isso. Eu sinto que nessas comunidades tem muita união nas famílias....Eu acho legal. Normalmente as pessoas que passam mais dificuldades são mais unidas com a família do que as que não tem dificuldade...."

O aluno T2 foi além dos laços de amizade e atribuiu às comunidades uma ideia de famílias unidas. Essa união é refletida em interação entre os moradores e acolimento contra as dificuldades. T2 destaca em sua fala um sentimento que talvez seja o que procura em sua vida, tendo em vista que é criado por sua avó e, um pouco distante de seus outros parentes. Com isso, seu modo de ver a favela revela uma admiração pela maneira como aqueles moradores conduzem seu dia-a-dia. Uma admiração que o faz as dificuldades como mais uma chance da comunidade se unir.

Seu discurso transita por entre aspectos físicos da favela e a subjetividade das relações estabelecidas entre os moradores. Sua vivência naquele espaço e a convivência com os moradores lhe permitiram uma experiência in loco com uma percepção focada no sentimento das pessoas. Apesar disso, é notório que o aluno também considera a noção de favela daquele que fora dela está.

Ao dizer que não se sente inseguro, já admite haver quem se sinta. Descrever como normal, acredito não ser o mesmo sentido atribuído por alunos aqui discutidos anteriormente. Seu sentido induz a uma noção daquilo que seria normal, padrão ou comum dentro da favela, como as pessoas fugirem do tráfico e se unirem em prol da comunidade. Com essa "normalidade" de fuga e aproximações, o aluno revela que a vida dos favelados tenha um caráter dinâmico

que sinalize a insatisfação com a violência e a solidariedade advinda do encontro com o outro. Em contrapartida, o aluno altera o foco de olhar para aquela realidade. Seu ponto de vista passa a ser da favela para a sua vida, e não o contrário como outros alunos demonstraram. Assim, quando diz que admira a união das famílias e ainda atribui isso ao fator econômico, o aluno indica sua condição de desejar viver essa união e ressalta que é criado por sua avó. Sua visão de quem convive com amigos de alto poder aquisitivo aponta para um cenário de diferenciação de valores, onde o seu ideal seria aquele de famílias unidas em si e através de comunidades de vizinhança. Mas, retomo, o que seria uma comunidade?

Conversando com algumas pessoas para entender o sentido da palavra, pude perceber através de seus discursos que hoje não é agradável ser associado a um morador da favela, tendo em vista a noção de favela como um lugar onde faltam as condições básicas para a vida e sobram os espaços de criminalidade. Dessa forma, a palavra favela estaria vinculada ao espaço e a palavra comunidade às pessoas que ali residem. A ideia seria demonstrar o espírito de cooperação de bairros populares, num caminhar e crescer mútuos, contrapondo a ideia de um lugar de malandros e bandidos.

Os sentidos atribuídos ao vocábulo demonstram o caráter de identidade e comunhão a um grupo social, o que equivale ao pensamento de seus moradores ao utilizarem o termo para caracterizar as pessoas que na favela moram. Desse modo, é possível salientar que o lugar onde tecem suas relações, mesmo sendo mal visto por não-moradores, proporciona o surgimento e a manutenção de laços afetivos entre as pessoas e o lugar, justificando a ideia do sentimento de bairrismo em seus moradores. Esse processo vai ao encontro do pensamento de Tuan (1980) sobre a Topofilia, no qual as pessoas são capazes de estabelecer relações afetuosas com o lugar onde vivenciam suas relações, assim,

os moradores não pretendem destacar características físicas do espaço, e sim, as relações que tornam seu lugar familiar.

"A identidade de um lugar é a sua característica física, sua história e como as pessoas fazem uso de seu passado" (Tuan, 1982, p.156).

Nesta linha de pensamento o que podemos perceber é uma tênue e áspera divisão nas relações entre os que ali moram e os que não, entre os do morro e os do asfalto, entre os do crime e os da paz, entre os da favela e os da comunidade. Segundo Norbert Elias (2002) nessas dicotomias existe um sentido do lugar para os lá estabelecidos e outro para os que lá não estabelecem suas relações, permitindo assim, sentimentos diferentes para os mesmos espaços. Estes sentimentos variam a partir da forma como o ator urbano percebe o espaço, podendo declarar uma relação de soberania, exclusão, aceitação ou segregação diante de regras formais ou subjetivas sobre o espaço. Tal diversidade na percepção do outro e do espaço pode ser uma justificativa na forma como a favela é nomeada no cenário urbano.

Retomando a noção de comunidade, Bauman (2003) a percebe como um espaço de segurança, conforto e da sensação de algo conhecido das pessoas. Desse modo, os sujeitos podem dividir o mesmo espaço e vivenciá-lo de maneiras diferentes, fazendo com que seus sentimentos entre elas e pelo lugar também se diversifiquem, possibilitando assim, que familiarizados e "estrangeiros" possam coabitar o espaço urbano. O autor acredita em duas possibilidades para a comunidade: para os que vivem juntos e pelos que comungam a mesma ideia e valores.

Com essa reflexão faz sentido o modo como T2 admira a união das pessoas que moram na favela e o modo como essa identificação suaviza o medo da favela que ele conhece estando fora dela.

Desse modo, o que podemos acompanhar neste capítulo que apesar da visão que circunda o imaginário coletivo associando a favela à violência, os alunos quando têm a oportunidade de imaginar a vida das pessoas o fazem tendendo ao trabalho, à família e à diversão. Com essa visão, o que ocorre é uma aproximação e um encurtamento das distâncias que separam mundos numa mesma cidade.

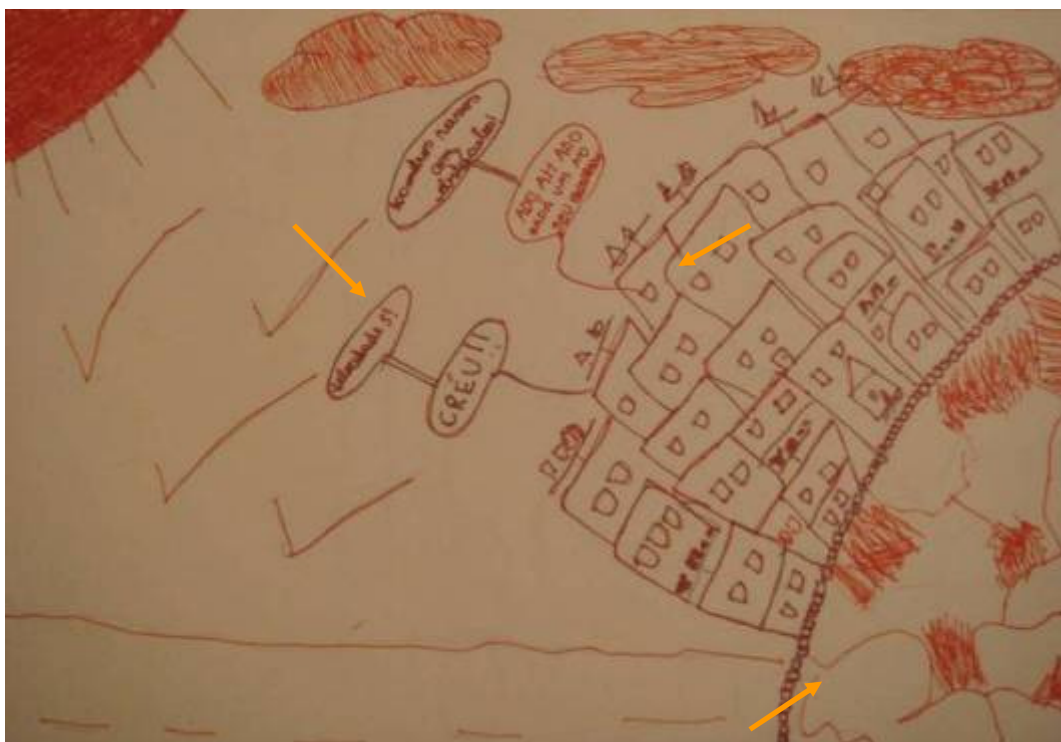
Neste sentido esse pensamento deve ser refletido pelas inúmeras lajes que aparecem, pelos churrascos que convidavam os vizinhos e pelas pipas colorindo o céu e levando mais luz àquelas crianças que miram o horizonte para se divertir.

Juliana: "E esses balões de diálogos?"

M1: É, porque eu tenho uma noção de que esse pessoal da favela, eles são muito agitados, gostam de funk, aí como era no momento assim... eu desenhei. Eu coloquei como se fossem eles cantando, como se fosse uma festa na laje. Como se fosse uma laje e eles fazendo um churrasquinho...uma festa assim...

Juliana: Você gosta de funk?"

M1: Gosto."



O morro apresentado por M1 lembra uma bola de futebol com seus gomos e costuras, as casas são padronizadas e com pouquíssimas diferenças entre si, com destaque para as casas que estão no topo do morro que apresentam antenas e caixas de diálogos saindo das janelas que dão a entender que as pessoas estão se divertindo ao ouvir e cantar funk. O que destaco no desenho é a sensação que está tudo caindo do morro para a avenida ao mesmo tempo em que as pessoas cantam de suas casas ou lajes que parecem iluminadas pelo sol.

O aluno se aproxima da favela pelo canal da música que atrai não somente ele, como os vizinhos que escutam o alto som na favela. Essa percepção faz com que M1 acredite que a favela seja um lugar de diversão.

Juliana: "E como que você acha que deve ser o barulho da favela?"

M1: Ah, eu acho que final de semana assim...eles se reúnem, fazem festa, shows.... fazem churrasco entre eles. Sabe? Deve ser muito legal chegar no final de semana e ter um churrasquinho com os amigos, os vizinhos. Ah, quando eu penso em favela imagino diversão, o pessoal vem no final de semana, ai fica todo mundo conversando."

Quando os alunos relatam ter medo da favela, associam este sentimento as imagens assistidas na TV. Todavia, quando descrevem cenas em que imaginam a alegria dos moradores da favela essa associação não aparece. Na verdade o que eles têm sinalizado é um misto de desejo e admiração para aquele modo de vida idealizado como diversão entre amigos. Existe um fio nessas percepções que demonstra alegria em cenários de dor e violência. Algo que aponta para sinais de vida em palcos devastados por tiros apresentados pelos alunos. Visualiza-se um campo de esperança na vida de pessoas que também padecem com a violência do tráfico como os alunos entrevistados sofrem. Essa semelhança se apresenta como um encontro em potencial para aqueles que inicialmente pareciam tão diferentes.

O que os moradores das favelas fazem para ultrapassar o medo e conviver com os vizinhos, tem sido real ponto de aproximação entre sujeitos que coabitam as cidades divididas.



Este texto tem trazido desenhos e trechos que se fundamentam em refletir as impressões dos alunos desde o cotidiano nas favelas aos sentimentos que eles compreendem que existam nessas atividades. O desenho de Y1 vai além de percepções imediatas e faz uma suntuosa aproximação com sua vida. Sua visão de mundo e modo como nele se posiciona ficaram refletidos em suas palavras e traços acerca das favelas.

Este desenho com seus muitos andares dão a sensação de grande verticalidade no morro onde a favela se configura. São muitas casas padronizadas com duas janelas, porta e dois canais de fumaças que representam os churrascos feitos nas lajes pelos moradores. A favela possui um nome associado ao "bem

vindo", contrariando outros desenhos que de antemão já avisava aos visitantes sobre os riscos que lá correriam. Existem alguns pontos de acesso à favela com nomes de avenidas do Rio de Janeiro e os escritos em faixas demonstram felicidade e paz dos moradores. Além desses elementos, existe um batalhão do Bope do alto do morro que segundo o aluno serve para garantir *"a, segurança dos moradores da favela e pra combater o crime organizado na favela."*

Y1 apresenta um desenho que comunica e dialoga com o leitor a partir de sua visão de favela num modo como se desejasse que outras pessoas também vissem aquele espaço com paz e alegria associadas aos moradores. O que destaque é a impressão que o aluno tem uma enorme vontade em transmitir alegria, paz e acolhimento aos moradores e a quem vê o desenho. Uma elaboração que convida ao churrasco em qualquer uma das casas representadas numa comunidade que sugere ter laços comuns, diversão e um plano de paz. É um desenho que traz a sensação de leveza e divertimento com seus detalhes e miniaturas, num conjunto que parece sorrir para quem o observa.

O aluno descreveu que sua experiência com a favela se deve ao fato de jogar futebol com alunos oriundos desses espaços, sendo que ao final das partidas, era uma prática comum os amigos irem às casas uns dos outros. Com ele não foi diferente! Seu encontro com realidades econômicas distintas foi oportunizado pelo campo do lazer que uniu classes, aproximou valores e despertou olhares comuns para uma cidade dividida.

Juliana: (apontando para o desenho) "O que são essas "coisinhas" nas casas?"

Y1: Ah, eu coloquei isso como mais ou menos chaminés assim, só pra dizer assim, a maioria das pessoas está fazendo churrasco, ou aquelas bandeirinhas do Brasil, nem lembro se eu coloquei a bandeira do Flamengo (Risos). Ah, não sei, eu coloquei, logo em cima uma faixa pra simbolizar os churrascos. Essa faixa ta convidando todo mundo pra subir pro churrasco!

Juliana: Tem muito churrasco aí? Você imagina que o pessoal lá faz churrasco como é?

Y1: Principalmente nas lajes o pessoal faz churrasco. Aí eles se reúnem para se divertir um pouco e tem churrasco."

Essa alegria que o aluno acredita ser o sentimento que une os moradores da favela parece motivá-lo a fazer com que outras pessoas dele compartilhem. Essa é uma forma de admitir a força do medo gerado pela violência vinculada às favelas e, que por ele, precisa ser minimizado à medida que os churrascos se fortalecem. Além disso, o churrasco em si é um acontecimento que ultrapassa as classes sociais e se coloca como mais um ponto de atração entre as possíveis diferenças entre as conhecidas "pessoas do morro e do asfalto." Mas, o aluno vai além, ele deixa claro seu pedido de paz:

Juliana: "O que você quis dizer com essa PAZ aí escrita?

Y1: É, que muitos moradores colocavam o símbolo da paz na casa deles, pra simbolizar, pras pessoas verem, quando passa na avenida Brasil, pra que vissem que na favela não tinha só traficante mas tinha pessoas que tão querendo paz, não só na favela, mas também no Rio todo.

Juliana: Entendi. Então é um aviso pra quem não mora na favela?

Y1: É. E também pros traficantes, que existem pra eles tentarem parar também..."

Ao longo do texto foi possível ver como algumas pichações denegriam a favela e amedrontavam quem as lia. Y1 vem ao contrário dessa ideia, trazer casas com símbolos, demonstrações e pedidos de paz. Essa se tornou uma forma clara de comunicação entre os moradores da favela e os demais cidadãos do Rio de Janeiro. O aluno encontrou uma possibilidade de chamar a atenção para as pessoas que, como ele, acreditam na paz. Ou seja, novamente é possível admitir a violência pelo pedido de paz, mas num movimento que vai além de se fechar contra a realidade vivida por outras pessoas. Para Tuan (1980) essa seria uma forma de encontrar suas palavras-chaves na relação com a topofilia. Existe a percepção do aluno sobre a favela, que lhe tocou, afetou seus sentidos, o levou a

reflexão e a construir uma visão de mundo. Essa visão, por sua vez, proporcionou sua atitude e postura no mundo que vive e percebe.

Juliana: "E como você acha que as pessoas veem a favela?"

Y1: Eu acho que as pessoas têm uma visão equivocada da favela. Pensam daquela maneira, tráfico, com medo de entrar, pessoas ruins, essas coisas.

Juliana: E de onde você acha que elas tiram isso?"

Y1: Hum....Na minha opinião do Jornal Nacional, esses programas exageram muito quando falam da favela. Aí veem, a maioria das pessoas veem Jornal Nacional e acabam, assim, colocando essa informação na cabeça delas, das pessoas, aí vai espalhando, espalhando as coisas erradas.

Juliana: E quando eu falo favela o que você sente?"

Y1: (silêncio). O povo unido, comunidade unida. A alegria.

Juliana: Alegria do churrasco?"

Y1: É. Lá o povo não é todo ruim. Não são como nos apartamentos que os vizinhos, brigam, é claro que tem briga, mas são mais humildes, cada um conhece o outro. Não tem esse preconceito, entendeu? Acho que lembra alegria e união."

O aluno apresenta neste trecho uma série de ponderações e contraposições sobre as experiências que as pessoas têm ou poderiam ter com/ou na favela. Existe para ele aquilo que seria o certo e errado nas imagens que construímos sobre as favelas. As certas seriam frutos de experiências diretas e in loco, onde o sujeito poderia refletir e concluir seus pensamentos sobre aquele espaço. As erradas seriam aquelas concebidas a partir de mediações de jornais televisivos que priorizam, segundo ele, imagens de violência e tráfico, gerando medo nos telespectadores. Simultaneamente a esta proliferação do que chama de imagens equivocadas, existem os consumidores desses jornais que também serviriam como dissipadores, interlocutores e mediadores da noção de favela a outras pessoas. Ou seja, as informações se fortalecem quando assistidas e comentadas entre o público, que por ele, não conhece a realidade da favela.

"Imagens e sons são simulações do real, que se tornam reais devido a suas identificações coma oralidade da fala, com a simultaneidade dos tempos do espectador e das imagens, naquela continuidade e sequencialidade sem retorno em que o significado

vai se fazendo como na cadeia sonora da fala. A diferença fundamental, que caracteriza o poder e persuasão dos meios de comunicação em imagens e sons, é que entre estes e os espectadores não se estabelece nenhum diálogo, não há possibilidade de divergência e intervenção no discurso do outro, há somente a possibilidade de uma fala-reflexão *após* sua exibição, e sem sua presença." (Almeida, 2004, p.45-46)

A partir das reflexões de Milton José de Almeida é possível compreender o contraponto trazido por Y1 que sugere as reportagens de comunicação em massa como foco de dispersão das ideias de favelas associadas ao medo. Retomando ainda o trecho do aluno, ao ler a favela a partir de sua realidade de condomínio fechado, Y1 coloca sua admiração pela união das famílias e vizinhos que convivem em clima de amizade, algo que parece desejar aos seus, quando reafirma vocábulos como alegria e união das pessoas humildes e sem preconceito da favela. Nesta linha de aproximação e admiração por aquelas pessoas, o aluno reflete sobre os costumes desses grupos em mais uma demonstração de entusiasmo pelo local:

Juliana: "E que barulho você acha que tem na favela?"

Y1: Algumas favelas têm tiro e outras samba.... Ah, praticamente isso, essas coisas, tiro em certos momentos, mas muito samba, alegria, sabe?"

Com as entrevistas foi possível entender o título proposto para esse sub-capítulo. A percepção dos alunos foi aguçada por sentidos que leram a paisagem pela ótica da alegria. Foram inúmeras as vezes que esse vocábulo foi pronunciado, e sempre acompanhado de sorrisos nos rostos que imaginavam cenas de pessoas unidas na diversão vivida na favela. Construir a ideia de alegria ultrapassa as barreiras de afastamento e cria a possibilidade da admiração. Se a favela fosse apenas vista pelo olhar do medo, essa aproximação, mesmo na imaginação, não seria possível. Desejar a alegria do outro! Uma alegria revelada

nas entrelinhas das atividades cotidianas de moradores de um espaço encarado, por muitos, como de ausência.

Quantos sentidos e sentimentos! A Geografia Humanista permite essa inserção da subjetividade na relação com o lugar e o espaço vivido. A ideia de valorizar a experiência do indivíduo em relação aos lugares atribui reflexões inerentes e pertinentes ao espaço. No entanto, não posso falar apenas em experiências *in loco* para a construção de noções acerca do espaço. Os alunos têm sinalizado a força das mídias não só pelo medo das imagens, como no contraponto de outros sentimentos muitas vezes a elas opostos.

Hoje, é preciso pensar em espectadores, "em consumidores de imagens e sons, pessoas que formam sua inteligibilidade do mundo a partir das informações dos meios de comunicação de massas, das informações que lhes vêm por imagens e sons." (Almeida, 2004, p.45)

Esse consumo tem mostrado sua força, todavia, entre os alunos ele não veio como algo silenciador e abstraído de reflexões. Além dos contrapontos já apresentados sobre aquilo que os estudantes assistem, muitos alunos ultrapassaram a crítica à estética da programação e caminharam rumo a uma ponderação interna acerca dos valores veiculados.

Mas como o pensamento de Tuan já havia sinalizado, essas reflexões levaram os alunos a se posicionarem e a desejarem uma atitude frente ao mundo em que vivem. E que atitude poderiam tomar? Como se posicionaram alunos de 12-13 anos de uma escola de alto poder aquisitivo?

"Fico triste e tenho vontade de ajudar essas pessoas": os sentimentos pela favela que levam os sujeitos à atitude.

Durante o texto enfatizei a ideia de Y-Fu Tuan que considera que a percepção do lugar atua na formação do sujeito, bem como em sua visão de mundo e o modo como nele se posiciona. Baseado naquele autor, Rocha (2007) corrobora com sua ponderação sobre percepção:

"como uma atividade mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que ocorre através de mecanismos perceptivos (visão, audição, tato, olfato e paladar) e cognitivos (que envolvem a inteligência, incluindo como motivações humores, conhecimentos prévios, valores, expectativas)." (p.24)

Essa atividade que envolve sensações, cognição, avaliação e postura diante do mundo, está intimamente ligada ao processo de formação do sujeito, bem como o modo como ele vai se constituindo ao longo de suas experiências. Com a temática da favela não tem sido diferente. Os alunos a partir de seus fios formadores têm sinalizado o modo como concebem a noção de favela que estão a construir. Além disso, os estudantes, a partir de reflexões internas, apontam caminhos de atuação que desejam consolidar ao longo de suas trajetórias de vida. Neste sentido, não obtive qualquer resposta que fosse atravessada por uma compreensão de favela como um espaço a ser abandonado e não refletido pela sociedade. Ao contrário, as entrevistas indicam intenções, desejos e ações que buscam integrar pessoas "separadas" por uma cidade dividida.

As intenções foram colocadas e associadas a um momento posterior de vida quando imaginam que ao se tornarem adultos poderão atuar de modo mais significativo nas áreas de favela. As ações se manifestaram nas sutilezas de oportunidades de aproximação de cidadãos de classes econômicas distintas, como, por exemplo, nas atividades de lazer comuns aos grupos. Já os desejos

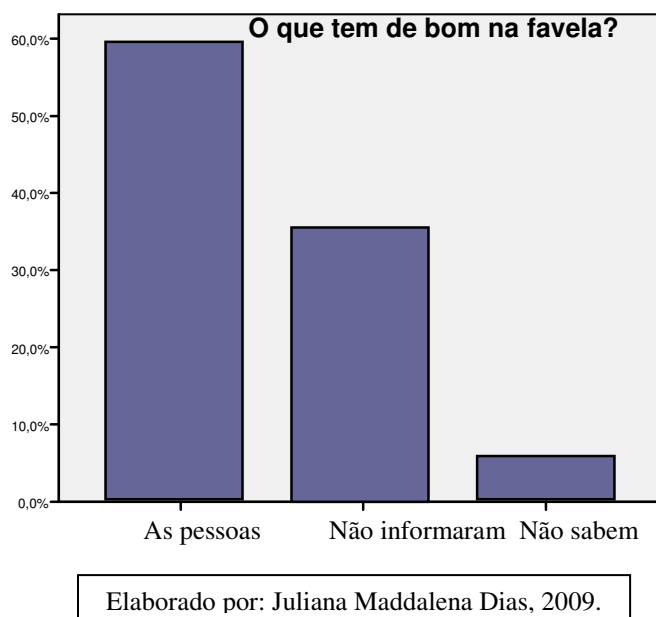
parecem refletir embates interiores entre o que estão vendo no mundo e aquilo que gostariam de ver. Neste sentido, essa última parte do capítulo irá caminhar pelos sentimentos que os alunos tiveram na relação com as atitudes que têm ou imaginam que terão para com as favelas e seus moradores.

"Toda população moradora de favelas passou a ser vista como composta por bandidos ou quase bandidos, em razão da minoria que integra os bandos armados. Emparedada, vive uma vida sob cerco. De um lado, pela violência criminal e policial que desestabiliza a sociabilidade em seus territórios de moradia e dificulta o prosseguimento regular das interações nas diferentes localidades. De outro lado, o medo e a desconfiança generalizados das camadas mais abastadas da cidade obrigam os moradores de favelas a um esforço prévio de demonstrarem ser 'pessoas de bem', a fim de ganhar a confiança do Outro." (Silva, 2008, p.14)

Ao longo da pesquisa compreendi o senso comum das favelas como este espaço citado por Luiz Antonio Silva que revela palavras como violência, medo e desconfiança. Essa tríade se une numa ideia de afastamento entre pessoas que temem e aquelas que, teoricamente, geram a violência. No entanto, o autor traz o outro lado vivido por aqueles que se esforçam em se mostrar "do bem". Nessas tentativas sempre estiveram minhas inquietações que, como professora, temia o modo de falar sobre a temática com aqueles que poderiam estar dos dois lados da favela/violência. Estava, também, envolvida com a noção do senso comum. Ultrapassando, portanto, essa noção, o que os alunos veem de bom na favela?

Juliana: "E o que você acha que tem de bom lá?"

A2: Ah, as pessoas que são mais humildes de dinheiro"



As pessoas. A maioria dos entrevistados acredita que o lado bom da favela esteja nas pessoas. Curiosamente, a violência parece não ser provocada por moradores da favela e sim, por pessoas que usam daqueles espaços para se esconderem da legalidade.

Juliana: "E assim, o que você sente quando eu falo a palavra "favela"?"

J2: Vem um pouco de medo por causa dessa coisa de violência, mas também vem pena, porque muita gente que tá lá não tem nada a ver com a violência e muitas vezes sofre por causa disso, acho que é a maioria. Os bandidos se escondem lá porque tem muita ruazinha apertada, sabe? Aí os moradores também sofrem com isso..."

Existe uma noção de que o espaço da favela possibilita a violência, mas que não são todos que a ela aderem. Forte é a compreensão de favela como um espaço alheio às relações que nela e a partir dela se estabelecem, o que possa justificar a pouca presença de pessoas nos desenhos, apesar da maioria acreditar que, justamente, as pessoas sejam o que há de bom nas favelas. Contraditória essa noção. Talvez seja mesmo este Outro citado por Silva (2008) que busca seu voto de credibilidade.



O desenho de T1 traz uma ideia de miniatura, de aperto, de padrão e de um brinquedo com trilhos que ligam as casas como se fosse um teleférico. Algo frágil, que se quebra, um mundo em miniatura que desperta a vontade de ficar olhando os detalhes. Foi um desenho feito com muito cuidado e paciência. Um desenho que aguça a vontade de tocar e descobrir os caminhos. Um desenho calmo com um som que ilumina os detalhes com seus ruídos.

Ao olhar este desenho que parece uma favela vista de frente e à distância procurei imediatamente as pessoas. Não compreendia como havia sido elaborado com tanto cuidado, sem sinais aparentes de violência e ainda sim, estava sem pessoas. Mas os signos revelam as reais motivações dos seus autores e com T1 não foi diferente:

Juliana: "E como você imagina que seja a vida numa favela?"

T1: Ah, depende, porque a pessoa se sente triste por morar lá, pode ter muita violência, mas se ela tiver uma família lá, se ela tiver alegre lá com ela, na casa dela ou perto, ela vai se sentir bem lá...mesmo com essas casinhas bem pequenininhas.

Juliana: E esse Sol, por que você fez um Sol aqui?"

T1: Pra mostrar assim, que qualquer um pode ter um pouco de felicidade porque o sol pra mim é uma coisa de felicidade. Pra mostrar que não tem só tristeza na favela."

O modo como o aluno percebe a favela é atravessado pelas relações que valoriza em sua vida. A família e os vizinhos são possibilidades de alegria num campo de violência descrito por muitos. A forma que encontrou para expressar essa alegria compartilhada foi na sutileza da presença do sol em seu desenho.

Esses símbolos não foram escolhidos de modo aleatório, e sim através dos valores com o que os alunos estão sendo formados na sociedade onde estão inseridos. Essa formação também envolve imaginação sobre a realidade vivida pelo outro.

Juliana: "E o que você acha que as pessoas fazem lá durante o dia?"

V1: Ah, eu acho que... as pessoas trabalham. Eu acho que elas têm uma vida mais dura do que a nossa. Então eu acho que elas trabalham, ou tem as favelas com tráfico, não sei se isso tem em todas... Ah, eu acho que eles têm uma vida mais dura, eu acho. Mas também acho que mesmo com essa vida dura eles têm amigos, devem brincar...."

A aluna coloca essa diferença que percebe em seu ritmo e as oportunidades de sua vida na comparação com a vida de uma menina da favela. Ela reconhece aquilo que tem de bom e se coloca no lugar de outra menina que passa por dificuldades em relação a ela.



V1 traz um desenho em perspectiva que combina cores e sombras. Um desenho com três faixas: um campo de futebol, um caminho que leva a uma porta ao fundo e que dá acesso à favela "dús mano", um paredão com uma casa, uma loja de conserto de bicicleta e uma parede com porta. A casa possui janela, rachaduras, tijolo aparente e pichações com o nome "Zé dú morro". A loja parece uma garagem entreaberta com o anúncio do conserto, rachadura, um varal e bicicletas. A terceira parede é destacada pelo tijolo e uma pichação que se repete em outras paredes. A favela encontra-se num local plano. O que destaque é a forma do desenho em perspectiva que dá a noção de continuidade entre os elementos assinalados.

A aluna identifica uma cidade dividida, seja pelo cotidiano que difere do seu; pela relação que estabelece com seu colégio particular; pela noção de diferenciação de bairros na cidade segundo poder econômico; pela diferenciação no transporte utilizado; pelo modo como representa a escrita na favela, pela porta que permite ou não o acesso à favela ou à cidade e pela maneira como foi conduzindo sua fala com paralelos entre a favela e o asfalto. Para ela, existem valores que vão sendo construídos diferentemente nos dois espaços, como no caso do conserto das bicicletas; vivemos num tempo de culto ao consumismo e onde algo estragado é sinal de comprar outro. Quando coloca uma loja de consertos aponta que é possível arrumar ou aproveitar aquilo que para uns seria o fim. Muitos alunos indicaram que as casas nas favelas poderiam ser feitas, no sentido que imaginam que sejam de materiais reaproveitados da "cidade". Para essa noção de que a sobra de uns é o sustento de outros.

Juliana: "O que você pensa dessa diferença que você falou, do mundo que você vive e o mundo que eles vivem?"

V1: É, porque assim, eu e as pessoas aqui do colégio todo, lá do centro da cidade, tem condições de vida melhores, porque a gente teve oportunidade....

Agora as pessoas que moram na favela elas, sei lá, elas não tiveram essa mesma oportunidade, elas já vem da roça, do êxodo e tudo... não tiveram oportunidade de estudo e de ter uma vida melhor. Então eu acho que lá eles têm menos condição de vida.... E tipo, tem menos espaço pra lazer, então parece que eles vão inventando sei lá...coisas e lugares pra brincar..é.. se divertir."

Assumidamente V1 acredita em cidades dentro da cidade. Diferenças fruto de oportunidades sociais a que pessoas podem ou não ter acesso. Mas, para ela, todas sempre buscam melhores condições de vida, mesmo com o êxodo rural e a formação de favelas. Ou seja, apesar das pessoas procurarem nas cidades por melhores condições de vida, muitas vezes ou na maioria delas o que encontram são espaços carentes de estrutura para acompanhar a idealização de morar em uma boa cidade.

Todavia, nos dois trechos a aluna aborda a brincadeira e a diversão num cenário onde ela reconhece a dificuldade cotidiana e a luta por oportunidades na cidade. V1 imagina que a diversão não se cala frente aos lamentos da vida e, mais do que isso, ela é recriada pelos moradores que reinventam modos e espaços que permitam o sorriso e a descontração.

Essa cidade dividida apontada por V1 também pode ser compreendida na fala de Y1 que chega a demonstrar o seu modo de se aproximar de realidades aparentemente distintas da sua.

Juliana: "E para você, o que é a favela?"

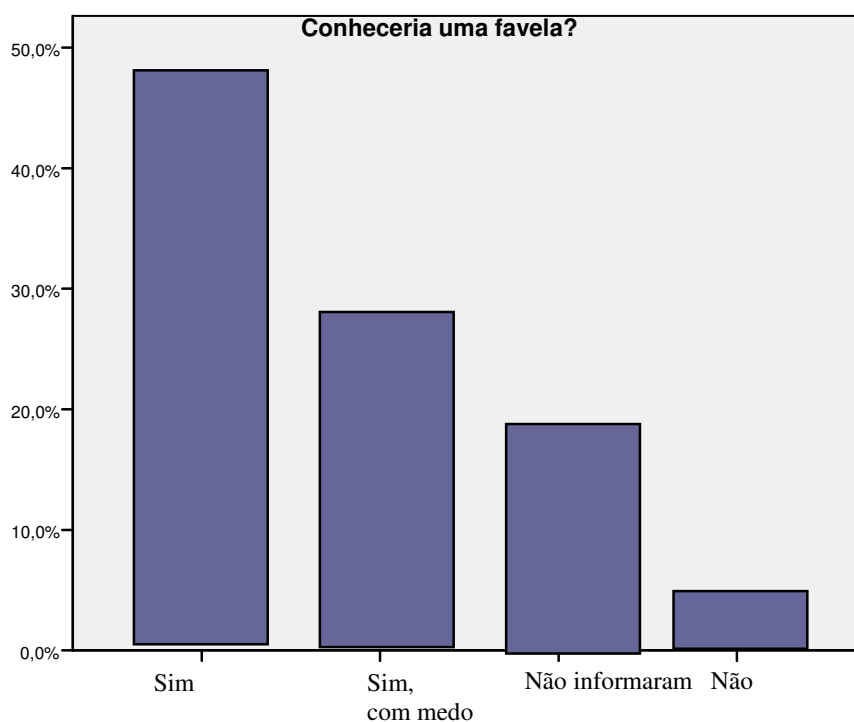
Y1: Favela? Um lugar onde as pessoas ficam na comunidade e gostam de viver sua vida, sempre unidas na mesma classe, com os mesmo costumes, mesmas brincadeiras, e, principalmente, um lugar onde tem união, brincadeiras, amigos, essas coisas....

Juliana: Quando você fala dos mesmos costumes, você acha que você tem os mesmo costumes que eles?"

Y1: Não e sim...mais ou menos. Acho que sim, a maioria das vezes que eu vou lá jogar bola, eu gosto também, mas eu também não ligo de ir lá e sujar o pé, entendeu? Aqui a gente sempre fica "arrumadinho", sabe? E eu gosto de jogar bola..."

A atitude de Y1 de ir ao encontro do outro é manifestada nesse andar descalço e sujar os pés. Ao se despir das roupas que o deixam "arrumadinho" ele se coloca próximo daqueles que não circulam, teoricamente, com as mesmas marcas de suas roupas. Já na favela, a ideia do brincar sem essas amarras o seduz e faz com que o modo de ver aquele espaço seja pelos óculos da diversão. O lazer ou o momento em que ele é proporcionado tem se despontado como uma forma que rompe barreiras urbanas e aproxima classes. O ato de querer fazer parte e compartilhar brincadeiras é um modo de se posicionar diante das diferenças. Uma visão pré-conceituosa afastaria essa possibilidade ou minimizaria a oportunidade de retorno às comunidades mencionadas pelo aluno.

Enquanto ouvia os alunos descreverem sentimentos e intenções de aproximação com os moradores da favela, lhes perguntei se conheceriam uma:



Elaborado por: Juliana Maddalena Dias, 2009.

Existe sim a vontade de conhecer uma favela. Com medo ou não o desejo existe. Esse desejo se torna o pressuposto de uma aproximação com um outro que no início do trabalho parecia tão distante. Um desejo que vem

acompanhado de "garantias" de segurança como ir à favela junto com os pais. Um desejo que desestabiliza possíveis certezas de afastamentos sociais. Um desejo que mesmo intimamente rompe com barreiras sociais na busca de um conhecimento do outro. Outro este que de temido a admirado afetou os sentidos dos alunos e os levou a uma reflexão de mundo.

Juliana: "E você teria vontade de conhecer alguma favela?"

A2: Teria.

Juliana: Por quê?

A2: Ah, pra ver como é que é, se é como a gente pensa.

Juliana: E o que você pensa de lá?

A2: Ah, eu penso que é perigoso pelas coisas que vejo, mas tem bastante gente boa, só que a gente não fica vendo isso...só que tem muito crime assim, aí acaba ficando mais pra, as pessoas acham mais que é ruim do que bom."

XXXXXXX

L1: "Ah, às vezes, não sei, porque igual eu vi na reportagem, que às vezes muita gente pensa que a favela é, como é, como que fala, só tem traficantes, essas coisas, mas muitas pessoas são honestas e trabalham, mas outras aí roubam."

XXXXXXX

Juliana: "E você disse que já viu e ouviu sobre favela na televisão. Você se lembra o que era?"

L2: Ah, já vi confronto entre a polícia e os traficantes, gente fugindo com criança no colo, já vi umas coisas assim. Bala perdida acertar gente inocente.

Juliana: E o que você sente quando você vê essas reportagens?

L2: Ah, eu me sinto triste, porque deve ser horrível passar por isso, nossa! Sem falar que essas pessoas já moram numa condição ruim de casa."

Os alunos A2, L2 e L1 indicam algo que os impede de ir além nessa atitude de encontro. Existe em suas falas um conflito entre o que imaginam que há de bom e aquilo a que assistem. Assim, as cenas exibidas ganharam força nas entrevistas que descrevem a dúvida: acreditar no que sinto ou no que me mostram?

Juliana: E quando eu falo favela, o que você sente?

M1: Pobreza.

Juliana: É um sentimento que você teria?

M1: Pena, ver as pessoas ali passando por essas situações em termos de conforto...eu tenho vontade de ajudar, sabe?Acho que ainda não tenho idade para ir e fazer alguma coisa e tal...mas tenho essa vontade...

M1: .Favela? (Silêncio.) Ah, quando eu penso em favela em diversão, o pessoal vem no final de semana, conversando... Mas quando tem filme, reportagem, assim... Eu já penso mais em pessoa com arma lá dentro, aí eu já não sei como é...se é esse clima de alegria ou se é essa violência...assim...que a gente vê"

A dúvida de M1 é categórica: o aluno não sabe se a favela é o que sente ou o que assiste. As imagens da televisão têm um potencial de força na formação dos sujeitos tão intenso que desloca outros fios formadores. Ao se envolver com as cenas "uma veracidade se instala, as palavras são sons de uma discussão verdadeira, indiscutivelmente real." (Almeida, 2004, p.42). Esse tom de verdade atribuído às cenas televisivas ficou claro ao longo das entrevistas quando os alunos admitiam ter conhecido as favelas com base em tais imagens.

No entanto, os estudantes têm demonstrado algo que vai além de consumir reportagens. Pelas entrelinhas das entrevistas foi possível perceber a existência de uma reflexão acerca das imagens recebidas. Essa é uma forma de se posicionar no mundo percebido, ou seja, a reflexão que poderá tender a ação.

M3: "Ah, já vi muito naquele Jornal Nacional, essas coisas, os assaltos que tem, os tiros nas casas, mas só vi mesmo.

Juliana: É o que você sente?

M3: Ah..., tristeza!

Juliana: Tristeza de que?

M3: Ah, de ter pessoas lá na favela, pobres e tal, e por ter muita gente rica, assim, numa condições boas e tal a maioria das pessoas pobres numa condição ruim...sabe? Essa desigualdade e tal.

Juliana: Você falou de conflitos, falou da maldade e tal, e você falou que nunca foi na favela. Então de onde vem essa história?

M3: Vem da televisão, que eu vivo assistindo só notícias ruins da favela, aí quando vem essas notícias eu reparo as construções, as pessoas com medo do

tirroteio e tal, aí eu tenho essa impressão. Mas eu nunca vi pelo lado bom da favela."

O aluno reforça a ideia do contraponto das imagens associadas aos grandes jornais destinados à massa, mostra suas intenções de compaixão para aqueles desfavorecidos com a desigualdade social e ainda deixa claro que as imagens boas não foram, por ele, assistidas.

"Para grupos grandes, massas de consumidores, a produção é mais simples, estereotipada, sem dificuldades intelectuais que não ser solucionadas, sem questionamentos morais conflituosos que não possam ser dicotomizados; enfim, a cultura para as massas, segundo os produtores, é uma produção que segue objetivos bem definidos, fins a serem alcançados, hábitos comportamentais a serem modificados e hábitos intelectuais a serem conservados." (Almeida, 2004, p.14).

O autor foi taxativo ao dizer sobre hábitos e categórico nas intenções da produção para as massas. Todavia, o que este texto vem sinalizando é a capacidade que os alunos como telespectadores e, portanto, consumidores dessas mídias, têm de refletir, questionar e repensar aquilo que estão tecendo sobre as favelas.

Juliana: "Quando eu falo favela o que você sente?"

R2: Ah, sei lá, gente em situação muito pobre, que não tem condição de morar em outro lugar, e lá não tem assim, rede de esgoto, nada, sabe?"

Juliana: E em que se baseou?"

R2: Porque lá no Rio de Janeiro, quando passa no Jornal aparece bastante...por isso que eu coloquei..."

Juliana: E você lembra o que assistiu?"

R2: É, só o lado ruim. O bom não mostrava.

Juliana: E o que você acha que é o bom?"

R2: Ah, as pessoas que trabalham pra fazer um mundo melhor...."

O aluno R2 além de confirmar o que outros alunos já indicavam, ele expressa sua crença em um mundo melhor que não é construído só pelo meio que

frequenta, como também pelos moradores da favela. Algo que pelos alunos não tem sido veiculado nas reportagens sobre esses espaços.

B1: "O que eu sinto? Eu não diria pena, mas eu diria assim vontade de ajudar, de poder fazer alguma coisa, de você ver que tem gente que precisa de ajuda e de assistência e você tem vontade de ajudar a pessoa, e assim como tem pessoas querendo chegar a algum lugar e você poder ajudar elas."

Esse protagonismo que os alunos apontam é fruto de seus fios formadores que atuam na constituição dos seus "eus". Esse "eu" que é formado a partir e nas relações que estabelece com outros "eus", mas sempre como outros. Os estudantes se colocam abertos na interação com os outros da favela a partir daquilo que neste momento têm a oferecer: os recursos de sua condição social. Logo, se a favela é, por muitos, conhecida como o lugar da ausência, existe uma coerência de pensamento em ajudar com aquilo que é presença em outras classes. O olhar de quem está de fora tem variado desde estes recursos até o se divertir junto como já relatado. Independentemente da forma da aproximação ou da ajuda, os sentimentos refletem algo que ultrapassam as condições físicas do lugar e beiram as condições humanas (ou sub-humanas) às quais os moradores estão vulneráveis.

Se um dos objetivos da pesquisa era identificar a vivência do sujeito na sua relação com o tema, o trecho que se segue traz o raciocínio que a aluna traça para contrapor as imagens a que assiste, os comentários que ouve e seu desejo de conhecer in loco uma favela.

V1: "Assim, eu não sei, eu nunca fui na favela então eu não sei se é igual ao que eu penso."

Juliana: E assim, quando eu falo favela o que você sente?

V1: Ah, favela tem um monte de favelas de tipo de diferente, e eu nunca tive oportunidade de passar numa favela, então eu não posso ter uma ideia assim, correta, mas é um lugar onde as pessoas tipo, cada favela é um, é... tudo

mais pobre, baixa qualidade, baixas condições, é isso. Que essas pessoas podiam ter mais condição de vida.

Juliana: E aí você falou dos tipos de favela. Como assim?

V1: É, porque assim, tem a favela dos tiroteios e tal, essas coisas, mas também assim, não são todas, porque também tem as pessoas que trabalham mesmo, tentam melhorar de vida...

Juliana: Entendi. E por exemplo, de onde vem essa noção de favela que você tem?

V1: Ah, é mais de ouvir falar, o que eu vejo na TV, jornal, essas coisas.

Juliana: E você acha que o que passa na TV, no jornal, influencia no que as pessoas pensam sobre o que é a favela, ou não?

V1: Ah, eu acho que pode influenciar sim de certa forma, porque muitas pessoas veem TV; eu não vejo muito, mas assim, muitas pessoas veem. Então, a TV sempre influencia. Tipo assim porque sempre fala do tráfico, tiroteio, essas coisas, e falar que a favela é ruim, só tem coisa ruim, a maioria das pessoas que não conhecem vão pensar que a favela é ruim, mas se tipo, falar que também é um lugar onde as pessoas trabalham e tudo, isso é melhor, eu acho que as pessoas podem imaginar que.... é diferente, porque é assim que eu sei, que eu nunca fui na favela.

Juliana: Entendi. Você teria vontade de conhecer uma favela?

V1: Claro! Acho que seria interessante.

Juliana: Por que?

V1: Porque aí a gente fica sabendo uma coisa pela gente mesmo... não fica pelo o que as pessoas falam com a gente, a gente descobre, e também a gente não fica só onde a gente vive, na nossa casa, no colégio, a gente descobre outras coisas. Acho que seria muito interessante.

Juliana: O que você acha que poderia acontecer se você fosse numa favela?

V1: Ah, eu acho que assim, mais do que tudo eu ia descobrir, ter uma percepção maior dessas coisas, coisas que são diferentes do meu mundo, onde eu vivo, e eu acho que seria bom, uma experiência boa.

Juliana: O que você pensa dessa diferença que você falou, do mundo que você vive e o mundo que eles vivem?

V1: É, porque assim, eu e as pessoas aqui do colégio tudo, lá do centro da cidade, tem condições de vida melhores, porque a gente teve oportunidade.... Agora as pessoas que moram na favela elas, sei lá, elas não tiveram essa mesma oportunidade, elas já vem da roça e tudo... não tiveram oportunidade de estudo e de ter uma vida melhor. Então eu acho que lá eles têm menos condição de vida....

Experiência direta. Eis o que a aluna busca na sua intenção em contrapor visões de favela. Ou melhor, favelas. V1 vem ao encontro dos questionamentos do primeiro capítulo e suas muitas geografias. Na busca inicial por um conceito fechado de favela, encontro uma aluna que admite a pluralidade das favelas e a vivência do espaço como mais uma forma de percebê-lo. Além das favelas, a aluna transita pelos valores e pelas diferenças que entende existir entre classes sócio-econômicas. Um trânsito que ao invés de paralisá-la em seu meio a motivou a ir ao encontro da realidade do outro. Uma atitude desejada a partir de sua visão de mundo construída pela maneira como percebe o espaço em questão.

Esse modo de compreender a cidade dividida também balizou a leitura de mundo que Y1 apresenta no trecho que se segue:

Juliana: "E você teria vontade conhecer uma favela?"

Y1: Tenho.

Juliana: O que você teria vontade de ver?"

Y1: Ah, não sei, a vida que eles levam, como são as casas, ver mais de perto a pobreza, e também conhecer as pessoas boas, que a maioria não é assassino, traficante, a maioria que mora na favela são pessoas boas, mas apenas cinco por cento mais ou menos são traficantes. Eu tenho vontade sim de conhecer essas pessoas. Eu lembro que já estudei a desigualdade social que mostra a diferença. Eu já estudei tipo assim, o lado social, tem uma favela, aí logo do lado tem um bairro rico Zona Sul, Aí fico pensando nas coisas que a gente aprende aqui no colégio. Se eu tô nessa classe melhor e vejo isso, sabe? Essa desigualdade, sabe? Eu não posso estudar, ver isso e ficar quieto...eu sei que posso ajudar com alguma coisa..."

O aluno em sua fala reconhece a cidade dividida, as desigualdades sociais, o valor social de seu estudo e ainda se cobra uma postura diante de tudo isso. A favela como imagem foi vista e reconhecida pelo aluno que lhe atribuiu valores a partir dos sentidos percebidos naquele espaço. Nitidamente Y1 teve seus afetos tocados pela realidade que circunda suas relações. Os sentimentos

gerados fizeram que ele se cobrasse a fazer algo pelo outro. Seus saberes escolares que estão preenchidos de valores têm lhe servido de óculos para enxergar a realidade que o incomoda: favela e zona Sul ocupando áreas vizinhas e com realidades tão distintas no Rio de Janeiro.

Se a epígrafe do capítulo dizia que *"a cada instante, há mais do que o olho pode ver, mais do que o ouvido pode perceber, um cenário ou uma paisagem para serem explorados."*, o desenrolar deste texto foi demonstrando isso. Se dizia que meu interesse pela favela está naquilo que ela desperta nas pessoas, pude compreender que o conhecido medo da favela não está posto como o fim de um modo de senti-la. O medo pelo espaço se transforma em admiração pela alegria entendida como o modo de se viver na favela. Essa inquietude de sentimentos que em momento algum foram descritos como indiferença, gerou desejos de aproximação e atuação neste meio. Emoções essas que por mais que ainda não estejam concretizadas em projetos e planos de ações, sinalizam os fios que os alunos levam para as próximas etapas de suas vidas. Etapas e sujeitos que sempre irão sentir e perceber os espaços e lugares de modos diferenciados e diretamente ligados à suas histórias e experiências de vida.

"O olhar para as cidades pode dar um prazer especial, por mais comum que possa ser o panorama. Com a obra arquitetônica, a cidade é uma construção no espaço, mas uma construção em grande escala; uma coisa só percebida no decorrer de longos períodos de tempo. O design de uma cidade é, portanto, uma arte temporal, mas raramente pode usar sequências controladas e limitadas de outras artes temporais, como a música, por exemplo. Em ocasiões diferentes e para pessoas diferentes, as sequências são invertidas, interrompidas, abandonadas e atravessadas. A cidade é vista sob todas as luzes e condições atmosféricas possíveis." (Lynch, 1997, p.1)

Ao final, algumas considerações...

Diante desse capítulo fiquei muito tempo a pensar: como começar a escrever o final? Mas imediatamente a próxima indagação foi: Final?! Como poderia dizer que este tema ou trabalho chegou ao final se não é o que acredito? Posso sim, compartilhar minhas considerações neste momento de encerramento dessa dissertação. Todavia, já me antecipo a dizer que muitas outras questões nasceram dessa pesquisa e que, portanto, já indico não haver o final.

Ao rever esta caminhada e, em especial, o processo de construção desse texto, pude compreender que neste exercício da escrita, o escrever é como montar um grande quebra-cabeça onde as peças são as ideias e os encaixes são as palavras.

Diante de uma peça encontrada em minha prática de sala de aula passei a desejar a pesquisa. Estar atenta aos questionamentos trazidos pelos alunos foi o diferencial para buscar o campo de investigação. Ou seja, existiu uma íntima relação entre o lecionar e o pesquisar!

O fato dos alunos associarem cidades violentas à presença de favelas desestabilizou a Geografia que me formou; gerou "pudores" na abordagem do tema, inquietou minhas percepções em sala de aula e aguçou meu olhar para a busca da compreensão daquela realidade que a mim se apresentava. Foi preciso construir grandes reposicionamentos...

Na busca por entender qual seria o papel do professor de Geografia diante de tantos melindres para falar de favela, acabei por desvelar minhas crenças geográficas. Era compreensível que buscasse esse olhar já que acreditava ser esse um dos papéis dessa disciplina, ou seja, a temática a ser investigada deveria ser, conforme Pierre George et alli (1980), tecnicamente e

socialmente útil a outros professores de Geografia. Apesar desse enfoque ter orientado minhas falas, não era o que me seduzia...

Nesses encontros e desencontros com a Geografia tive meu primeiro grande reposicionamento na pesquisa. Na verdade, encontrei Geografias! Essa pluralidade de correntes se abriu como um vasto campo de investigação. Poderia ter me apoiado em diversas possibilidades de leituras de favelas respaldadas em diferentes Geografias. Mas uma se destacou em minha busca: A Geografia Humanista.

A força dessa Geografia e seu modo de compreender a realidade podem ser apontados como mais um reposicionamento. Não só meu olhar na disciplina se alterou como a busca pelo meu sujeito de pesquisa foi induzida a ser repensada. Ora, não caberia mais um discurso focado no papel do professor e, sim, pertenceria a essa investigação a necessidade de compreender os sujeitos que despertaram em mim todas essas inquietações: os alunos.

O potencial de investigação que encontrei nos alunos revelou encontros, desenhos e entrevistas memoráveis. Esse potencial salientou olhares para esses alunos no intuito de conhecer suas realidades, pensamentos e percepções sobre as favelas. E que alunos! Alunos que se mostraram extremamente receptivos e interessados em contribuir com a pesquisa. Famílias que em nenhum momento se negaram a autorizar a participação e a divulgação dos desenhos de seus filhos. Escola que desde o início abriu suas portas para eu conhecer a riqueza que estava ali sendo formada, como, também, a professora que carinhosamente me doou o presente que mudou o rumo de minha pesquisa.

Os encontros com esses alunos bem como suas percepções de favela despertaram em mim outras maneiras de compreensão da realidade. Se no princípio estava focada em um único conceito de favela, ao longo da pesquisa precisei desconfigurar aquela certeza. Como que diante de sujeitos com

formações e percepções diferentes poderia, ainda, insistir em uma prescrição aos professores de Geografia do que seria o conceito de favela? Com a discussão sobre espaço e lugar a partir da Geografia Humanista passei a admitir o modo diferenciado como o sujeito se relaciona e percebe o espaço. Dessa forma, o espaço-favela também se configurou como cenário para essa possibilidade de olhares dos sujeitos. Ao compreender que geograficamente os alunos continuavam imbuídos de uma análise espacial tive mais um reposicionamento: não se tratava de falar em favela e, sim, em favelas.

A pluralidade das favelas foi apresentada pelos alunos a partir de seus sentidos e sentimentos por esses lugares. Suas percepções foram aguçadas por experiências diretas ou mediadas com as favelas. Com essa ideia, ao conversar com algumas pessoas sobre a pesquisa, muitas acreditavam que um sentimento fosse sobressair: o medo da favela.

"Os medos são experimentados por indivíduos e, nesse sentido, são subjetivos; alguns, no entanto, são, sem dúvida, produzidos por um meio ambiente ameaçador." (Tuan, 2005, p.7). Não discuti tipo de medos nem aspectos psicológicos nesse trabalho. Todavia, não podia me silenciar diante de desenhos que evidenciavam símbolos de violência como armas e tiros. Houve sim, um grande número de elementos que remetiam às favelas apresentadas aos lugares ameaçadores e geradores de medo. No entanto, curiosamente, ter medo não significou já ter ido a uma favela e lá ter vivido alguma situação que lhes despertasse o medo. Digo curiosamente, pois as associações de medo e favela não foram vista neste trabalho como um fruto de traumas vividos em favelas. O que na verdade sinalizo é que com a força desse sentimento no discurso dos alunos precisei considerar o peso de relações estabelecidas com as favelas sem que nunca tenham ido a uma delas. Não caberia mais nessa pesquisa considerar apenas

a experiência direta e in loco. A busca passou a se concentrar no entendimento daquilo que gerava ou reforçava a força desse sentimento expressado.

Nessa busca algumas mediações foram destacadas durante as entrevistas como da família, escola ou amigos. No entanto, uma não só foi apresentada como discutida pelos alunos: a mediação pela mídia televisiva.

Os alunos relataram inúmeras vezes que imagens que se recordam de favelas são aquelas onde as favelas são palcos de violência. Com fugas, perseguições, tiros e mortes a favela foi descrita como um lugar onde, verdadeiramente, essas cenas se repetem. O que se pode constatar é que além das imagens que vão se consolidando no senso comum, forte, também é, a ideia de que essas sejam as verdadeiras imagens das favelas.

Com as falas e descrições sobre as favelas foi possível notar que "uma veracidade se instala, as palavras são sons de uma discussão verdadeira, indiscutivelmente real." (Almeida, 2004, p.42). Além disso, quanto maior o peso do telejornal no cenário nacional, maior foi o voto de confiança e crença em suas imagens. Apesar disso, os alunos analisam que somente, segundo eles, imagens de violência são atribuídas ao espaço das favelas o que justifica, também segundo eles, que suas percepções e visões sejam aquelas veiculadas.

"A televisão constitui hoje, simultaneamente, o mais sofisticado dispositivo de moldagem e deformação do cotidiano e dos gostos populares e uma das mediações históricas mais expressivas de matrizes narrativas, gestuais e cenográficas do mundo cultural popular." (Barbero, 2004, p.26)

Esse dispositivo de moldagem, deformação e apresentação do cotidiano das favelas ao público em massa tem contribuído para uma noção de favela baseada em imagens de violência. Todavia, neste trabalho, elas não demonstraram ser o fim de um modo de se pensar esse espaço. O medo, não foi relatado pelos alunos como um sentimento único tampouco algo que seja uma barreira

intransponível no convívio entre moradores e não-moradores de favelas. Ao contrário, o medo suscitou dúvidas em relação à programação assistida e permitiu uma abertura para o encontro com o outro nessas cidades divididas.

Nessa possibilidade de saírem de suas realidades de não-moradores de favelas e irem ao encontro desse outro, um sentimento foi fortemente associado à imaginação dos alunos e suas percepções acerca do cotidiano naquele espaço. Refiro-me a alegria!

Inúmeras vezes esse vocábulo foi repetido nas entrevistas e em suas demonstrações nos desenhos. Os alunos acreditam que as favelas sejam espaços de alegria, convivência e diversão. E todas as vezes que assim se referiam, deixaram claro a ideia de pessoas que se reúnem para se divertir. Algo que, segundo alguns alunos, seria o ideal em suas vidas onde estão ladeados por vizinhos que não se falam. Essa admiração se tornou uma forma de aproximação de realidades geográficas distintas e sinalizou percepções que vão além daquelas trazidas pelas reportagens discutidas pelos alunos.

Imaginar que os vizinhos se reúnem em churrascos abertos à comunidade onde as pessoas cantam em suas casas e as crianças brincam nas ruas, foi o modo que os alunos encontram para descrever a alegria vivida no cotidiano das favelas. Esse compartilhar espaços e vivências pelos moradores nas favelas se apresentou como o grande atrativo aos alunos para suas realidades. Por muitos momentos, desejavam viver essa dinâmica em suas vidas...

Para Tuan (1980,1983), a percepção dos espaços e lugares levam os sujeitos à reflexão e à suas visões de mundo. Essa visão, por sua vez, os impulsiona a uma atitude de acordo com as referidas percepções. Esse modo do autor ler o mundo pôde ser entendido a partir do que essa visão de alegria gerou nos alunos. Esse sentimento com um misto de admiração levou os entrevistados a ponderarem as imagens assistidas de violência e a traçarem possíveis planos de

ação em suas vidas. Neste sentido, a supremacia da violência foi colocada em dúvida diante de sentimentos também trazidos pelos estudantes. Suas dúvidas sinalizaram essa capacidade de leitura do mundo, inclusive, das fortes mediações que relataram. Esse ato de duvidar que as favelas não sejam tão ruins e violentas como apresentadas gerou uma nova possibilidade: ir ao encontro do outro na favela.

Essa atitude pretendida reflete a intenção dos alunos de perceberem em in loco aquilo que para eles seria viver numa favela. Eles acreditam que assim poderão ver se a favela se aproxima mais daquilo que imaginam ou daquilo que assistem. Independente desse contraponto o que orienta esse pensamento é a vontade do aluno de se colocar como protagonista de suas reflexões e ações. Esse desejo de ir a estes encontros revelou noções que transcenderam a curiosidade pelo local e caminharam no sentido de uma responsabilidade social.

O raciocínio exposto pelos alunos foi: se eles vivem numa classe favorecida economicamente, estudam as desigualdades sociais e as percebem nas cidades, se cobram, portanto, que façam algo para minimizar tal desigualdade ou para ajudar àqueles que são desfavorecidos economicamente. Essa é uma visão de quem está de fora de uma determinada realidade e nela tem vontade de se inserir a partir da ajuda às pessoas. Nesse sentido, eles poderiam ajudar a quaisquer indivíduos em lugares e situações completamente diferentes das descritas, no entanto, suas percepções e reflexões sobre as favelas os impulsionaram ao próprio ambiente em questão. Ou seja, a favela não se tornou sinônimo de um lugar de repulsa e fuga para os alunos que lá não moram.

Essa escuta dos alunos me levou a ressignificar aquilo que pensava sobre favelas. Nessa escuta pude conhecer as vozes incríveis de alunos que se abriram para que eu pudesse me aproximar de seus mundos com o intuito de

conhecer suas favelas. Sim! Favelas no plural. E quantas conheci! Quantas linhas foram traçando relações entre espaços, lugares e identidades!

Busquei um conceito definido de favela e, no entanto, nenhuma conversa revelou que a favela para os alunos sejam o conceito do IBGE ou de livros didáticos. As favelas foram definidas pelos alunos a partir de percepções e repletas de experiências por entre espaços e lugares.

G2: "Favela é um lugar, uma comunidade que haveria os moradores do bem mesmo... que queriam ganhar a vida dignamente, tipo uma vida normal, mas que pela falta de escolaridade e tudo mais, alguns acabam indo pro mundo do crime, que deixa a favela com essas coisas assim...de violência."

XXXXXXX

L1: "Ah, é um conjunto habitacional onde as pessoas vivem muito precariamente, que não tem muita condição porque não tem saneamento, não tem água encanada, esgoto ao ar livre, a Prefeitura não dá muita importância, e é onde as pessoas moram em morro, morro assim que pode deslizar, porque não tem nenhum arquiteto que vai lá, aí pode saturar o solo, aí cai, aí pode deslizar, ter erosão; aí se cai um morro pode cair o outro, vai caindo várias casas, aí é onde as pessoas ficam sem lugar pra morar. Então é isso, as pessoas não terminam as casas, as pessoas não tem um aspecto que a gente vê muito bom, que as pessoas não pintam as casas, a gente não vê as casas por dentro, mas tem pessoas que são muito caprichosas e cuidam da casa, mas as vezes você não entra na casa da pessoa, então só vê por fora, você generaliza e pensa que a favela é só coisa ruim".

M1: "Favela? Silêncio. Ah, quando eu penso em favela em diversão, o pessoal vem no final de semana, conversando... mas quando tem filme, reportagem, assim... eu já penso mais em pessoa com arma lá dentro, aí eu já não sei como é...se é esse clima de alegria ou se é essa violência...assim..."

XXXXXXX

M2: "É um lugar, um conjunto de pessoas, de condição baixa, que a maioria é boa gente, mas uma minoria influente, principalmente por causa do tráfico de drogas causam uma má impressão... Mas não aconteceria se o governo desse uma luz elétrica, um esgoto mais bem tratado."

XXXXXXX

R1: "Acho que um lugar onde mora gente mais pobre, que o governo não ajuda muito, é uma concentração de pessoas num lugar muito pequeno. Ah, deve ser muito ruim morar lá porque é isso que quem não mora lá pensa."

XXXXXXX

T2: "Uma favela? Um lugar onde vivem pessoas que não tem muitos recursos financeiros e querem ter uma vida melhor como todo mundo da cidade."

XXXXXXX

V2: "Ah, eu diria que tipo, favela é um lugar onde as pessoas, em qualquer tipo de favela..., elas não tem tanta oportunidade igual a gente e que favela seria um lugar que tem...mais pobres...e tudo... é muito diferente do que a gente vive, e que, eu acho que todas as pessoas que vivem na favela tinham que ter oportunidade de mudar..."

XXXXXXX

Y1: "Favela? Um lugar onde as pessoas ficam na comunidade e gostam de viver sua vida, sempre unidas na mesma classe, com os mesmo costumes, mesmas brincadeiras, e principalmente um lugar onde tem união, brincadeiras, amigos, essas coisas..."

Esses reposicionamentos e ressignificações encontradas nessa pesquisa me levaram a uma nova prática pedagógica. Por mais que buscasse o papel do professor, os alunos se revelaram como as peças principais nesse quebra-cabeça de ideias. Nessa escuta do outro a favela tornou-se favelas diante de tantas percepções apresentadas. Percepções essas que em nenhum momento registraram a definição conceitual que imaginava ser a balizadora do ensino de Geografia.

Essa pluralidade de favelas vai ao encontro de uma disciplina de leitura e posicionamento de mundo, no entanto, como elas têm sido abordadas? Os alunos não se detiveram aos saberes escolares para relatarem suas experiências e noções de favelas e, nesse sentido, como o ensino de Geografia pode acolher essa pluralidade? A questão novamente retorna ao professor que em sala de aula está

diante de outros saberes que podem estar sendo silenciados em nome do saber, dito, científico.

As favelas desenhadas e apresentadas demonstraram algo mais do que os saberes escolarizados. Elas sinalizaram a força da experiência e das mediações nas construções das noções daqueles espaços. Força essa alimentada, principalmente, pelo destaque da mídia televisiva num processo de apresentar aos telespectadores imagens em reportagens, novelas, filmes ou em publicidade.

Todavia, mesmo diante dessa intensidade, os alunos demonstraram ultrapassar seus padrões de consumo televisivo. Ao imaginarem a favela como um lugar de alegria, eles transcendem a força das imagens de medo ao desejarem ir ao encontro do outro. Nessa ótica, o medo consumido por essa programação é quebrado e ponderado num cenário de experiências e percepções de favelas.

Nesse sentido, os alunos apontam nas entrelinhas um desejo de ir e vir nas cidades. Algo que não os restrinja entre colégio e condomínios num percurso feito com automóveis. Se o medo separa realidades sócio-econômicas distintas, a alegria de um possível cotidiano pode os aproximar e permitir as rupturas de fronteiras. E, novamente, como a Geografia tem abarcado essas situações?

Com tantas possibilidades de olhar para a realidade a partir da Geografia, não há como silenciar tantos saberes. E para não silenciá-los, essas escutas revelaram muitas buscas...

Busquei um olhar de quem se vê no outro, de quem o respeita e com ele interage. Encontrei nesse olhar do aluno essa visão de mundo que reflete e refrata a realidade focalizada a partir de seu lugar. Investiguei a favela não como um objeto a ser dessecado, mas como um cenário para que eu pudesse olhar pessoas! Um objeto fruto de um incômodo pessoal, nascido de uma atividade profissional e que reflete meu cuidado e carinho com este outro. Um outro que pode estar perto ou distante de mim, mas sempre alguém que me forma! Busquei

na escola um campo de pesquisa que me permitiu o encontro com sujeitos de lugares e formações diferentes ocupando o mesmo espaço. Encontrei na discussão sobre espaço a força da individualidade de cada lugar como mais um formador do sujeito. Uma pesquisa cheia de sujeitos-vida...

Hoje não mais compreendo a favela como um espaço único e fechado. Hoje não mais sinto pudores para abordar a temática que invadiu minha identidade e a constituição do meu ser. Hoje busco na escuta dos alunos compreender suas visões de mundo a partir de suas experiências vividas diretamente e aquelas mediadas por outros fios formadores. Hoje entendo o desenho como uma grande linguagem de aproximação aos alunos e uma rica fonte de apresentação de seus pensamentos sobre a realidade. Hoje vejo a pesquisa como um caminho entre as questões nascidas em sala de aula para a busca do entendimento daquelas inquietações. Hoje compreendo a pluralidade das favelas a partir de percepções de alunos que a partir de suas experiências e mediações apresentaram os muitos sentidos de favela. Hoje vejo que essas inquietações são constantes e que já carrego novas perguntas para as próximas pesquisas.... Afinal, os professores de Geografia, o que pensam sobre as favelas? E os moradores das favelas, como percebem seus espaços e lugares?

Teu corpo é paisagem
Surpresa
É síntese de múltiplas cores
formas
volumes
sabores
Teu corpo é movimento
Sinuosa
Nas tuas curvas habitam
labirintos
segredos
prazeres
Teu corpo é um continente
Mergulho livre das franjas das encostas
sonhos
rumores
odores
Nome adotado
Memória souvenir
Passando num filme antigo
Às vezes em asas
para estar em todos os lugares.
Onde não imaginamos,
aparece alinhada ao céu
ágil
rápida
instante
Perto das estrelas se faz eterna
E na Cidade, secular, apenas.
Visível e invisível
FAVELA

(In Favela: Alegria e dor na cidade)

Referências:

ALMEIDA, Milton José de. Imagens e sons: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 2004. 110p.

ALMEIDA, Rosângela Doin. Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola. São Paulo: Contexto, 2006.115p.

ANDRADE, Manuel Correa. Geografia: Ciência da Sociedade. Uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1992. 143p.

ARAÚJO, Vivian de Carvalho. A brincadeira na Instituição de Educação Infantil em Tempo Integral: o que dizem as crianças?.2008.138f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV) Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2006. 12.ed

BARBERO, Jesús Martin. Dos meios às mediações. Comunicação, cultura e hegemonia.Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008. 360p. 5ª ed.

BARBERO, Jesús Martin & REY, Germán. Os exercícios do ver.Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: Senac São Paulo, 2004. 182p. 2ª ed.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003. 141p.

_____. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.110p.

_____. Fora de alcance juntos. IN:Tempos Líquidos.Rio de Janeiro: Jorge Zahar,2007.

_____.Globalização: As consequências humanas.Rio de Janeiro: Jorge Zahar,1999.

_____. Confiança e medo na cidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 94p.

BEARD, Ruth Mary. Como a criança pensa. São Paulo: Ibrasa, 1978. 5ªed. 249p.

Cardoso, Cristiane. Do espaço concebido ao espaço vivido: um estudo de caso sobre as representações espaciais e identidades na Favela da Maré, RJ / Cristiane Cardoso. Niterói: [s.n.], 2006. 208 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal Fluminense, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996.150p.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. 318p.

CLOZIER, René. As etapas da Geografia. Lisboa: Europa-América, 1950.115p.

COELHO, Glaucineide do Nascimento. ESPAÇO VIVIDO FAVELA: brincadeiras infantis nos espaços livres da Rocinha Dissertação de Mestrado (Mestrado em Arquitetura) do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

_____. Brincadeiras na Favela: a constituição da infância na interação com o ambiente. IN: VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de & Sarmento, Manuel Jacinto (orgs). *Infância (In)visível*. Araraquara: Junqueira e Marin Editores, 2007. 173-203.

CORREA, Roberto Lobato (org.) Geografia Conceitos e Temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.

ELIAS, Norbert. Os Estabelecidos e os Outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.224p.

FERREIRA, Sueli. Imaginação e Linguagem no desenho da criança. Campinas-SP: Papyrus, 1998. 111p.

FREITAS, Maria Teresa. Bakhtin e a Linguagem. IN: Vygotsky e Bakhtin - Psicologia e Educação: um intertexto. São Paulo: Ática, 1999. p.131-141.

_____. Processos de Pensamento e Linguagem: disciplina do PPGE-UFJF. 1º semestre de 21008. Notas de Aula. Expositiva.

GEORGE, Pierre et al. A Geografia ativa. São Paulo: Difel, 1980. 3ªed. 354p.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista do Brasil: apontamentos para uma epistemologia. In: Anais do I Colóquio Nacional de História do Pensamento Geográfico, 2008. Uberlândia - MG: Núcleo Geografia e Memória/UFU, 2008. p. 1-15

_____. O conceito de lugar na Geografia Cultural- Humanista: uma contribuição para a Geografia contemporânea. GEOgraphia, Rio de Janeiro, ano V, n.10, p.113-123, 2003.

LEBON, J.H.G. Introdução à Geografia Humana. Rio de Janeiro: Zahar, 1962. 2ªed. 210p.

LEITE, Rogério Proença. Contra-Usos da cidade. Lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. 2ªed. 375p.

LIMA, Luciano Castro. O sentido é o meio. IN: PONTUHSCHKA, Níbia Nacib & OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino (orgs.). Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2006.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 227p.

LUCCI, Elian Alabi. Território e sociedade no mundo globalizado: Geografia geral e do Brasil: ensino médio - volume único. São Paulo: Saraiva, 2005. 1ªed.

LUDKE, Menga & ANDRÉ, Marli E. D. A. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. 99p.

LYNCH, Kevin. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 227p.

MAGNOLI, Demétrio. Geia: fundamentos da Geografia. São Paulo: Moderna, 2002. 1ªed.

_____. Projeto de ensino de Geografia: natureza, tecnologias, sociedade. Geografia Geral. São Paulo: Moderna, 2000

MASSEY, Doreen. Pelo Espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.

MÈREDIEU, Florence. O desenho infantil. São Paulo: Cultrix, 1974. 116p.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Geografia pequena história crítica. São Paulo: Hucitec, 1986. 138p. 5ªed.

MOREIRA, Igor. Construindo o espaço brasileiro. São Paulo: Ática, 2002.

MOREIRA, João Carlo & SENE, Eustáquio. Geografia geral e do Brasil: espaço geográfico e globalização. São Paulo: Scipione, 2004.

MOREIRA, Ruy. Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia científica. São Paulo: Contexto, 2006. 191p.

_____. O pensamento Geográfico brasileiro: as matrizes clássicas originárias. Volume I. São Paulo: Contexto, 2008. 190p.

MOSCOVICI, Serge. Representações Sociais. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ : Vozes, 2003. 404p.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de. Desenhos e escutas. In: 29ª reunião da Anped. GT 12: Caxambu, 2006. 15p.

_____. A produção da escuta a partir de imagens. In: 8 Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia., 2005, Dourados-

MS. Anais do 8 Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 2005. p. 1-25.

ONU. Slums-Favela. In: Fórum Urbano Mundial da Organização das Nações Unidas. Nairobi, 2002.

Ortiz, Renato. Tempo e Espaço. IN: Cultura e modernidade. São Paulo: Brasiliense, 1991. p.189-268.

PAGANELLI, Tomoko Lyda. Reflexões sobre categorias, conceitos e conteúdos geográficos: seleção e organização. IN: PONTUHSCHKA, Níbia Nacib & OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino (orgs.). Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Diamantino Alves Correia. Um lugar chamado Brasil. São Paulo: Atual, 1998.

QUAINI, Massimo. Marxismo e Geografia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. 2ed. 155p.

ROCHA, Alexandre Samir. Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. RA´E GA, n.13, p.19-27, 2007.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1984. 2 ed. 115p.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. 25p. Trabalho não publicado.

SILVA, Luiz Antonio Machado da (org.) Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 316p.

SILVA, Jailson de Souza. Por que uns e não outros? Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. 168 p.

_____ & BARBOSA, Jorge Luiz. Favela: alegria e dor na cidade. Rio de Janeiro: Editora SENAC Rio e X Brasil, 2005, 232p.

SILVA, Silvia Maria Cintra de. A Constituição social do desenho da criança. Campinas: Mercado de Letras, 2002. 135p.

SODRÉ, Nelson Werneck. Introdução à Geografia. Petrópolis: Vozes, 1989. 7ªed. 135p.

SOJA, Edward W. Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 324p.

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras: 2003. 107p.

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar - a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Rio Claro: Difel, 1983. 250p.

_____. Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980. 288p.

_____. Geografia Humanística. IN: CHRISTOFOLETTI, Antonio. Perspectivas da Geografia. São Paulo: Difel, 1982. p.143-164.

_____. Paisagens do Medo. São Paulo: UNESP, 2005. 374p.

VESENTINI, José Willian. Brasil sociedade e espaço. São Paulo: Ática, 1997

VITTE, Antonio Carlos (org.). Contribuições à história e à epistemologia da Geografia. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. 294p.

VOGEL, Arno ; LEITÃO, G. E. A. ; VOGEL, V. L. O. . Como as Crianças Veem A Cidade. 1. ed. Rio de Janeiro: PALLAS; FLACSO; UNICEF, 1995. v. 1. 150 p.

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social Da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1994. 5ªed. 151p.

_____. La imaginacion y El arte em La infância. Mexico: Hispanicas, 1987. 122p.

_____. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 135p.

ZALUAR, Alba & ALVITO, Marcos (orgs). Um século de Favela. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. 372p.